

OS PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

OU

HISTORIA CHRONOLOGICA

DOS

**Descobrimentos, Navegações, Viagens e Conquistas
dos Portuguezes**

NOS

PAIZES ULTRAMARINOS

Desde o principio da Monarchia até ao seculo actual

OBRA CLASSICA E ORNADA DE ESTAMPAS

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO III

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50 — Rua Augusta — 52

1877

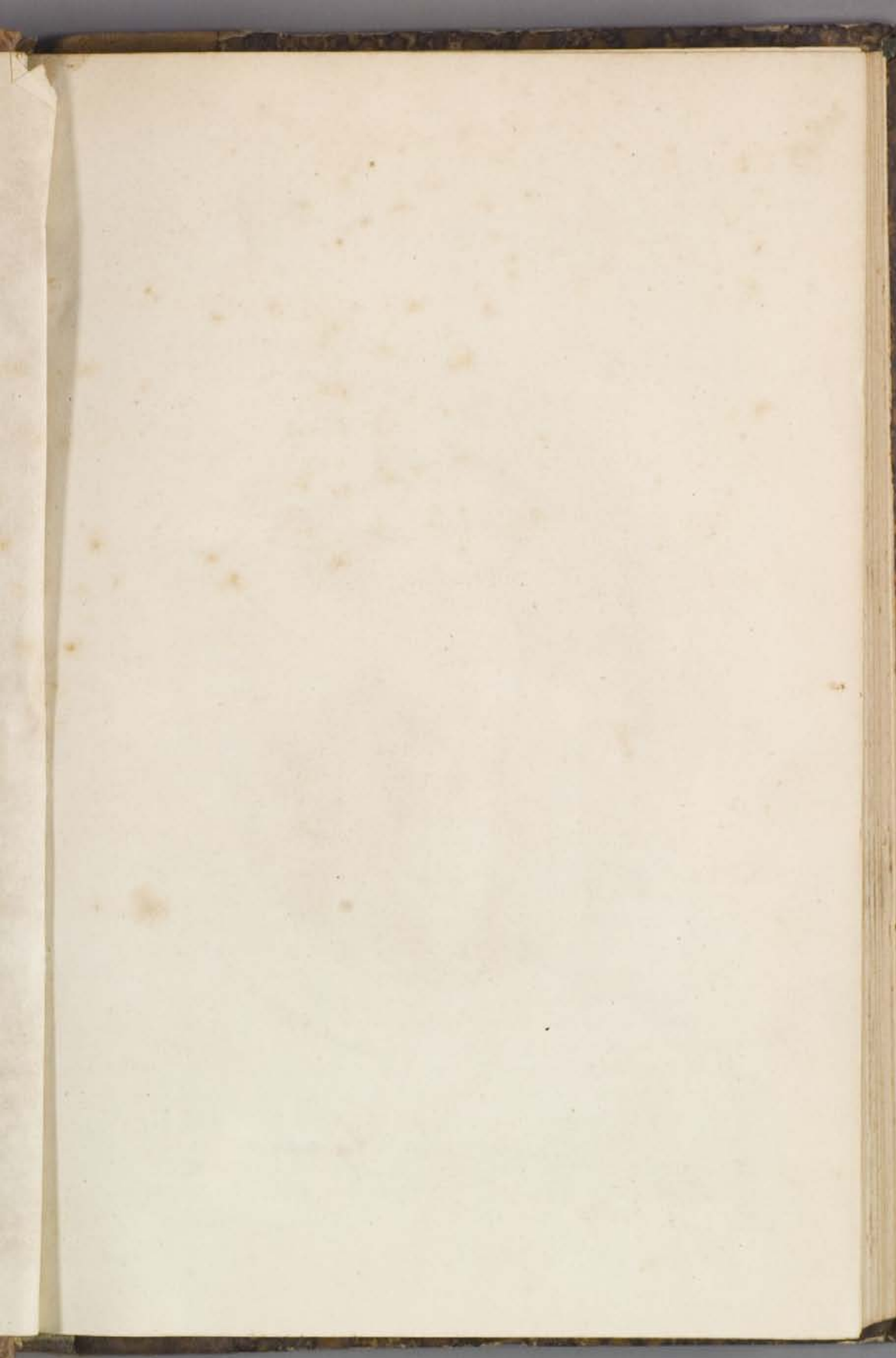
1296

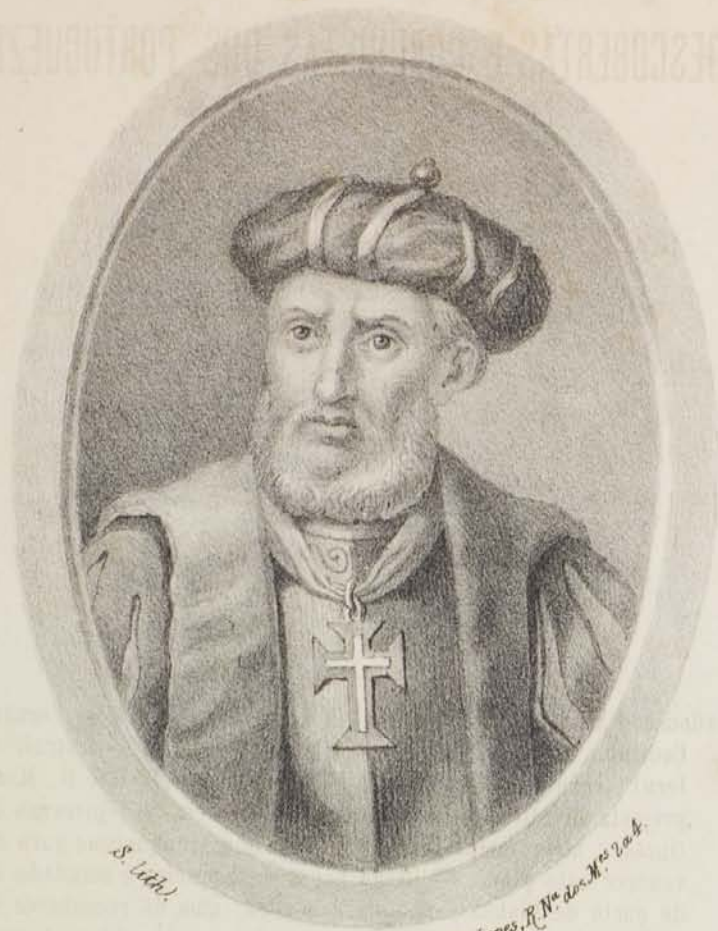
AMERICA ASIA AFRICA

AMERICA ASIA AFRICA

AMERICA ASIA AFRICA

AMERICA ASIA AFRICA





S. lith.

Lith. Lopes, R. No. dos. Mes. 2.º de 4.

Vasco da Gama

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

Na Africa, Asia, America e Oceania

CAPITULO I

ANNOS DE 1509 E 1510

Afonso d'Albuquerque, Governador Geral da India e D. Fernando Coutinho, marechal de Portugal, decidem-se a ir destruir Calicut; resultado d'esta infeliz expedição. — El-Rei D. Manoel projecta dividir o Governo Geral da India em tres governos distinctos; meios empregados por Afonso d'Albuquerque para desvanecer este plano. — Diogo Lopes de Sequeira é mandado sair do porto de Lisboa com uma esquadra, afim de reconhecer Malaca; em sua derrota toca em Çamatra, onde obtem levantar um padrão com as armás portuguezas. — Descrição d'esta ilha. — Diogo Lopes de Sequeira parte d'alli para Malaca, onde é bem recebido por Mahamud, Rei d'esta Ilha. — Celebra com este um tratado de paz e amizade, e obtem o estabelecimento de uma feitoria de que é encarregado Ruy d'Araujo. — Intrigas dos mouros de Malaca contra Diogo Lopes de Sequei-

ra. — Projecta-se uma traição contra os portuguezes, que é descoberta. — Diogo Lopes de Sequeira parte de Malaca, e toca em Travancor, onde sabe que Affonso d'Albuquerque é Governador Geral das Indias. — Desgostoso por ter seguido o partido do Vice-Rei contra elle, dá á vella para Portugal.

El-Rei D. Manoel exasperado contra o Çamorim pela guerra acintosa que elle sempre fizera aos portuguezes, resolveu mandar destruir a sua capital, e para esse fim armou essa esquadra de quinze vellas com tres mil homens de desembarque, de que já fallamos; apesar do motivo apparente d'este armamento ter sido combater a frota do Soldão do Egypto, o plano d'El-Rei era todavia destruir Calecut.

D. Fernando Coutinho, marechal de Portugal, homem emprehendedor e amante da gloria, pediu o commando d'esta expedição, e El-Rei que muito o estimava, de bom grado lhe concedeu esta mercê, e lhe fez expedir as ordens que elle desejou, tornando-o independente do Vice-Rei, e de qualquer que a este succedesse no Governo Geral das Indias, a fim de que somente a elle coubesse toda a gloria d'esta empreza.

Logo que D. Francisco d'Almeida sahiu para a Europa, o marechal fez sabedor a Affonso d'Albuquerque da commissão de que ia encarregado, e lhe mostrou que desejava para si toda a gloria da conquista de Calecut. As obrigações que Affonso d'Albuquerque devia ao marechal eram

grandes e mui recentes; pelo que condescenden com esta pretensão do seu amigo.

O rei de Cochim, a quem communicára o projecto, não deixou de o approvar; era porém de opinião que, antes de se lhe dar execução, seria conveniente pedir informações a Coge-Bequi, antigo e fiel amigo dos portuguezes, pelo qual se poderia saber exactamente o estado em que se achava Calecut. Effectivamente por este se soube que o Çamorim se achava então ausente da cõrte, occupado nas fronteiras em fazer a guerra a certo Principe alliado do Rei de Cochim; que na cidade haviam poucos Naires, em comparação do grande numero que sempre allí se achava; e que estava indefesa da parte do Norte, mas mui bem defendida pela do Sul, onde havia um palacio de recreio do Çamorim por nome o *Cerâme*, bem murado e defendido por um forte entrincheiramento guarnecido de artilheria: finalmente, que poderia dar-se no inimigo um grande golpe, queimando-lhe vinte navios novos, que estavam nos estaleiros, destinados para a viagem de Meca.

Á vista d'estas informações, tendo-se decidido dar principio á expedição, fizeram-se com a possivel diligencia todos os preparativos; mas para se occultar o designio, espalhou-se o boato, de que estes arranjos sómente tinham por fim a carregação de alguns navios que se intentava fazer partir para Portugal.

Achando-se tudo prompto, a esquadra formando duas divisões, uma denominada de Portugal, commandada pelo marechal, e outra das Indias, sob o commando do governador geral, compostas na sua totalidade de trinta vellas, partiu de Cochim no ultimo de Dezembro de 1509, e chegou ás aguas de Calecut em 2 de janeiro de 1510.

A cidade parecia tranquilla, ainda que trinta mil Naires occupavam os postos principaes. O marechal recordou a Afonso d'Albuquerque a promessa que lhe havia feito de ce-

der-lhe o posto de honra; este sem retractar-se, fez as suas disposições de tal maneira, que sempre se achasse perto do seu amigo. Um velho guerreiro, Manuel Pessanha, disse então, que elle nada esperava bom de um corpo que tinha duas cabeças, e accrescentou que depois de haver perdido nas Indias quatro dos seus filhos pelo serviço d'El-Rei, consentiria voluntariamente n'esta occasião que a sua vida fosse sacrificada. Tinha enviado seu quinto filho para Portugal com a intenção de o subtrahir á morte, que esperava encontrar bem depressa nos combates.

Reinava muito pouca intelligencia entre os officiaes das duas esquadras. A mal entendida emolucão foi causa que uns e outros se embarcaram nos bateis em a mesma noite que precedeu o combate; resultando que de manhã, elles se achavam extremamente abatidos, e muito pouco em circumstancias de sustentar as fadigas da acção, que teve lugar em 3 de janeiro de 1510

A resaca do mar e a artilheria de uma casa de recreio do Çamorim, chamada o Cerâmé, fizeram grande opposição ao desembarque. Affonso d'Albuquerque, para dividir o fogo dos inimigos, mandou dizer ao marechal que fizesse separar as duas esquadrihas compostas de embarcações miudas. Resultou que o governador geral pôz pé em terra primeiro, e depois de uma ligeira resistencia apossou-se do Cerâmé, que logo mandou incendiar. O marechal vendo isto, gritou que estava atraçoado; depois, por um excesso de colera arrojou longe de si o capacete e as armas, tomando em seu logar um barrete e uma canna, e fez as mais acerbas queixas ao seu amigo, que vinha reunir-se: «Quereis, lhe diz elle, participar a El-Rei que entraste primeiro em Calecut: mas eu lhe farei saber o que são estes «fracos e miseraveis Indios, que de longe representaes como terriveis. Elle julgará perfeitamente esta vil canalha, «quando eu lhe tiver participado que entrei nesta cidade

«sem outras armas mais do que uma canna.» Affonso d'Albuquerque, sempre grato ás obrigações que lhe devia tratou de o acalmar; porém fallava a um homem fóra d'estado de o ouvir, e por momentos houve receio que o marechal praticasse algum insulto.

O marechal chamando então o guia, que conhecia o paiz lhe perguntou onde estava o palacio que o Rei habitava, e lhe ordenou de o conduzir aonde podesse achar homens que combater; pois que, dizia elle, não se podiam chamar assim os que com tanta facilidade se renderam. O interprete lhe mostrou o palacio do cimo d'uma pequena altura, o qual ficava na distancia de meia legua. O marechal tendo determinado ir alli, ordenou a Pedro Affonso de Aguiar, seu lugar tenente, de tomar duas pequenas peças de campanha, e marchar com oitocentos homens na direcção do palacio, tendo feito dizer ao governador geral que o podia seguir ou fazer o que lhe agradasse, pois que lhe não daria isso o menor cuidado.

Estes repetidos ultrajes não fecharam comtudo os olhos de Affonso d'Albuquerque sobre os perigos a que se expunha o seu amigo, marchou immediatamente em seguimento d'elle com seiscentos Portuguezes e os alliados de Cochim, e deu além d'isso ordens muito prudentes sobre a maneira de effectuar a retirada em caso necessario. O palacio foi abandonado e o marechal continuou mais do que d'antes a olhar os inimigos como em demasia cobardes. Em vão o velho Manuel Pessanha lhe aconselhou de não consentir que se dispersasse a sua tropa, e de se retirar logo que incendiasse o palacio: a sua extrema fadiga o obrigou a sentar-se em quanto os portuguezes saqueavam os aposentós. Era isto que os Naires esperavam, deram os seus gritos de guerra, e de todas as partes se juntaram. Duas vezes Affonso d'Albuquerque fez dizer ao marechal que devia sair logo do palacio, este respondeu que não partiria sem

que fosse testemunha do progresso do incendio. Sahiu com effeito, mas já tarde: perseguido pelos Naires, elle os atacou sómente com trinta homens; todos os esforços que se fizeram para conseguir salvá-o foram inutilizados: ferido ao principio em uma perna, bem depressa foi depois cortado por muitos golpes, e expirou alli com treze officiaes, entre os quaes se achava tambem Manuel Pessanha.

Affonso d'Albuquerque empregou todos os meios a seu alcance para socorrer o marechal, porém apertado em um profundo desfiladeiro por grande numero d'inimigos, nada pôde conseguir. Tres settas o feriram, e uma grande pedra o fez cahir sem sentidos; e se Gonçalo Queimado, seu Porta-Estandarte, não se batesse até expirar junto a seu lado, se Fernando de Beja não o fizesse conduzir aos bates, elle teria a sorte do imprudente marechal.

A derrota dos portuguezes foi então geral, todos fugiam e lançavam por terra as suas armas para melhor correrem. Os Naires que iam em seu alcance, mataram grande numero d'elles, até que chegando de uma parte Diogo Mendes de Vasconcellos e Simão de Andrade, e de outra D. Antonio de Noronha e Rodrigo Rebello, que vinham em auxilio dos fugitivos, os Naires foram obrigados a parar; sem embargo era tão grande o terror que se apoderára de todos que a maior parte ainda largavam as armas, para se salvarem nas lanchas, posto que ninguem já os perseguisse.

Os portuguezes tiveram 80 mortos, (entrando n'este numero o marechal, e varios officiaes de distincção), e 300 feridos, entre estes muitos officiaes e o bravo Affonso de Albuquerque, cuja existencia esteve duvidosa por algum tempo.

A esquadra levantou ferro e retirou para Cochim indo todos na maior consternação.

O inimigo, apesar da victoria, não tinha motivo para se

alegrar, porque lhe morreram n'este dia em Calecut, pelo ferro ou pelo incendio, perto de duas mil pessoas, em cujo numero se contaram o Governador da cidade e dois Cai-mães. Arderam muitas casas, alguns templos, o palacio do Rei, e foram incendiados todos os navios que existiam no porto.

O Çamorim recebeu a noticia d'estes successos quando fazia a guerra em paiz inimigo. Ao primeiro aviso levantou o campo, sem toque algum de trombeta, durante a noite, a fim de não fazer perceber ao inimigo a sua retirada; e chegou a Calecut no quarto dia depois da partida de Affonso d'Albuquerque. O primeiro aspecto que a cidade offerecia depois do fogo que a desfigurara, o poz fóra de si; mas logo que se lhe contou o detalhe da acção, e que houvera tão pequeno numero de portuguezes mortos, possuiu-se de tal indignação contra a cobardia dos Naires, e principalmente contra os mouros estabelecidos na cidade, que havendo-os reunido chegou a ameaçal-os de os expulsar de seus estados. Com effeito deve confessar-se que Calecut se defendeu mal, e que á excepção de seus Naires, que perseguiram os portuguezes em sua retirada, todos os outros haviam até áquelle ponto cumprido muito mal os seus deveres. Affonso d'Albuquerque foi o unico que lucrou muito n'esta desgraçada expedição. O favor que o marechal gosava na côrte, lhe dava no futuro um inimigo perigoso, além de que o governador geral não teria ousado, para a execução de seus vastissimos projectos, dispôr da esquadra commandada pelo seu amigo, quando pela morte d'este a reuniu com a do seu immediato em commando, ficando assim habilitado para levar a effeito os seus vastos planos.

El-Rei D. Manoel nomeando Affonso d'Albuquerque Governador Geral da India, não lhe conferiu os amplos poderes de que se achava revestido D. Francisco d'Almeida:

porque, reflectindo que um homem só não podia vigiar como lhe cumpria sobre a immensa extensão do paiz entre o Cabo da Boa Esperança e as extremidades das Indias, tinha resolvido repartil-o em differentes governos parciaes e independentes. O objecto que mais reclamava a sua solitudine era anniquilar o commercio dos mouros pelo mar Roxo; quiz para alli applicar as principaes forças, e para esse fim creou um governo particular, que se extendia desde Çofala até Cambaia, para o qual nomeou Jorge d'Aguiar, que para alli enviou com uma esquadra; e persuadido que o Governador das Indias teria pouco que fazer, principalmente depois da destruição de Calecut, lhe ordenou que enviasse a Jorge de Aguiar as galeras e bergantins que se haviam construido em Anchediva, e que se destinavam a cruzar na costa do Malabar: El-Rei enviou tambem outra esquadra para Malaca, sob o commando de Diogo Lopes de Sequeira, a fim d'alli estabelecer um governo distincto. D'esta forma o Governador da India ficava limitado sómente ao Indostão.

Affonso d'Albuquerque, porém, que sabia aproveitar-se do tempo, serviu-se muito a proposito de sua fortuna, e de sua politica, para fazer abortar estes projectos. Elle começou por Pedro Affonso d'Aguiar, Lugar Tenente do marechal D. Fernando Coutinho, fazendo-lhe ensinar que na situação em que os negocios portuguezes se achavam nas Indias não convinha que saísse toda a frota para Portugal; que depois do desastre acontecido em Calecut, havia o perigo de que o Çamorim, reduzido á desesperação, procurasse sublevar os principes da India, tanto amigos como inimigos dos portuguezes, não deixando de se aproveitar d'esta occasião para os perder. Como Aguiar não annuisse aos desejos do Governador Geral, este enfadado mudou de tom, e lhe disse claramente, que, já que se obstinava em querer prejudicar o serviço d'El-Rei, elle

officiaria para a côrte, e fazia que se lhe pedisse contas das duas peças de campanha, que o marechal lhe confiára, e que elle tão cobardemente abandonára em Calecut. Aguiar compromettido por aquella falta, ficou aterrado quando ouviu tal ameaça, e logo annui a tudo que d'elle exigiu o Governador Geral, que em poucos dias o mandou sair só com tres navios para Portugal, deixando doze nas Indias.

Affonso d'Albuquerque teria maior difficuldade em tornar as disposições d'El-Rei ácerca do governo do mar Roxo, se um acaso o não tivesse coadjuvado. A esquadra de doze vellas, que D. Manoel para allí mandava, tendo sido dispersada por uma furiosa tempestade, Jorge de Aguiar que a commandava, foi perecer nas Ilhas de Tristão da Cunha. Os navios seguiram diversos rumos, e se apresentaram pela maior parte nas Indias. Duarte de Lemos, sobrinho de Aguiar, a quem succedia no commando, tendo debalde esperado em Moçambique a fim de os reunir, não pôde recolher mais do que um pequeno numero d'elles, com os quaes passou a invernar em Melinde, de onde saiu depois para Socotorá, em cuja Ilha não pôde tocar, o que o obrigou a continuar sua derrota para Ormuz. Alli arranjou tambem todos os seus negocios, obrigou Coge-Atar a pagar-lhe o tributo annual, que se havia estipulado com Affonso d'Albuquerque, porém não pôde obter que este ministro lhe restituísse a cidadella, nem que lhe permittisse estabelecer uma feitoria.

Duarte de Lemos estando perto de dois mezes nas aguas d'Ormuz, vivendo em boa harmonia, e com bastante segurança, com os mouros, partiu d'aqui para tomar Socotorá, e de Mascate despachou Nuno Vaz da Silveira para o Governador Geral da India, a reclamar as galeras que El-Rei pozera á sua disposição. Chegou Nuno Vaz da Silveira justamente quando o marechal e o Governador Ge-

ral se dispunham para a empreza de Calecut, e não houve difficuldade alguma em o persuadir que era necessario esperar as consequencias d'esta expedição, na qual elle desejava ter parte, e onde soube sustentar a alta idéa, que da sua coragem se fazia, pois que morreu no campo da honra, quando voava a soccorrer o marechal, tendo morto ás lançadas tres Naires.

Depois da morte de Nuno Vaz da Silveira, o Governador Geral fez partir no navio que aquelle commandava a Antonio Nogueira, com provisões para Socotorá, e uma carta para Duarte de Lemos, em que Affonso d'Albuquerque dizia: «que a situação dos negocios não permittia enviar-lhe maior soccorro; mas promettia, logo que a sua esquadra se achasse em estado de navegar, que elle proprio iria reunir-se a elle, e então lhe entregaria as galeas e os bergantins, na conformidade das instrucções que recebêra da côrte; entretanto lhe rogava quizesse enviar-lhe D. Affonso de Noronha seu sobrinho, que El-Rei nomeára Governador da fortaleza de Cananor.»

Passado algum tempo, Affonso d'Albuquerque enviou-lhe ainda outro navio carregado de provisões, sob o commando de Francisco Pantoja, com uma carta mui affavel, mas cheia de iguaes desculpas para justificar sua demora. Duarte de Lemos, a quem nenhuma d'estas cousas satisfazia, tendo perdido quasi toda a sua gente por doenças, e vendo-se obrigado a ir a Melinde restabelecer a sua saúde, decidiu-se por ultimo a partir para as Indias, a fim de pessoalmente solicitar o que se lhe não podia recusar, sem a contravenção das ordens da côrte. Affonso d'Albuquerque que desejava dar-lhe alguma satisfação, recebeu-o cordealmente, e lhe fez os maiores obsequios. Como estava proxima a expedição contra Goa, de que nos vamos occupar, o Governador Geral propoz a Diogo de Lemos acompanhal-o, accrescentando que depois iriam ambos ao mar

Roxo debellar os inimigos: n'este estado ficaram as cousas, conseguindo o governador geral o seu fim, que era entreter na India os navios para ficarem á sua disposição, até que Duarte de Lemos, tendo novas instrucções da corte, partiu para Portugal.

Diogo Lopes de Sequeira saíra de Lisboa com quatro embarcações para ir estabelecer uma fortaleza em Malaca, levando instrucções para, de passagem, reconhecer a Ilha de Madagascar ou de S. Lourenço. Chegou a esta Ilha a 4 de Agosto de 1508. A 10 avistou na parte oriental um Cabo a que poz o nome de *S. Lourenço*. Tocou algumas Ilhas, aonde achou portuguezes que alli tinham naufragado. Entrou no porto de Turumbaia, onde fallou com o Senhor da terra, e achou outro portuguez. D'aqui navegou a outras Ilhas, que denominou de *Santa Clara*, e n'ellas fez provisões. Passou ao reino de Matatana, aonde saltou em terra, e chegando ao rio que tem o mesmo nome, tambem ahi achou portuguezes. Correu ainda ao longo da costa, por onde viu muitas povoações, até chegar a uma grande bahia, que denominou de *S. Sebastião*, pela ter descoberto a 20 de janeiro de 1509. D'aqui partiu para a India, e chegou a Cochim a 21 de abril de 1509, depois de ter empregado mais de um anno n'esta navegação.

O Vice-Rei D. Francisco de Almeida o recebeu muito bem, e vindo no conhecimento da natureza de sua commissão, lhe deu um navio de reforço com sessenta homens. Com estas cinco vellas partiu Diogo Lopes de Sequeira de Cochim em 19 de Agosto de 1509, e tendo reconhecido a ilha de Ceilão no terceiro dia da sua viagem, atravessou o golfo de Bengala, tomando rumo para a Ilha de Çamatra; costeou de passagem as Ilhas de Nicóar, e aportou em Pedir, depois de alguns dias de bom tempo.

A Ilha de Çamatra,¹ a maior das de Sonda, estava distribuida em diversos reinos, cujos habitantes eram tão barbaros que se sustentavam da carne de seus inimigos. Era rica em especiarias, pedras preciosas, minas de ouro, de cobre, de estanho, e de ferro, e em mercadorias de toda a especie. O centro da Ilha era occupado por altas montanhas, uma das quaes tinha um vulcão celebre, que lança fogo como o Etna, e o Vesuvio na Italia, mas nas suas encostas havia bellos campos mui fertéis, e cobertos de arvoredos de toda a sorte. Entre estas arvores observa-se uma, que era notavel; chamavam-lhe os portuguezes a *triste arvore do dia*, porque durante este apparecia despida de flôr, e apenas se punha o sol os tenros botões começavam a abrir, espalhando um agradável aroma, que se dissipava apenas rompia a aurora. A Ilha é quasi cortada ao meio pelo Equador, e d'aqui vêm ser sujeita a grandes calores, e segundo affirmam o clima é doentio para os estrangeiros. É objecto de controversia saber-se se esta Ilha é a que os antigos chamavam Taprobana ou se era a de Ceilão.

Diogo Lopes de Sequeira como fosse o primeiro portuguez que aportára a esta Ilha, e julgasse que podia considerar-se como uma nova descoberta dos portuguezes, obteve dos reis de Pedir e Pacem a permissão de levantar um padrão com as armas de Portugal, como haviam praticado os primeiros descobridores portuguezes: mas como não tivesse intenção de alli ficar, saiu poucos dias depois d'esta Ilha para Malaca, onde chegou a 11 de setembro de 1509.

Era então Malaca uma das mais ricas e aprasiveis cidades do Oriente, situada além do golfo de Bengala sobre a ponta da celebre península tida pela Aurea Cherso-

¹ Hoje conhecida pelo nome de Sumatra.

neso dos antigos, e na borda do estreito, que a separa da Ilha de Çamatra, ella parecia ter sido alli collocada para ser o centro do commercio da Arabia e do Indostão, da China, do Japão, das Philippinas e das outras Ilhas de Sonda. Não continha mais de trinta mil fogos. O rio em cuja foz ella estava situada dividia-se pelo meio, formando como duas mui longas e estreitas cidades, unidas por uma unica ponte de madeira. Os habitantes eram quasi todos mahometanos, tanto na origem como na religião, vivos, espirituosos, amantes dos prazeres, e ali passavam uma vida mui conforme ás idéas de sua seita. A abundancia dos paizes circumvisinhos subministrando-lhes todas as delicias, contribuia para a sua vida voluptuosa, tanto como para a sua grande opulencia. Esta Ilha havia anteriormente sido da dependencia do reino de Siam; mas Mahamud, que então alli reinava, havia sacudido o jugo, e de tal sorte dirigia a sua politica para com os principes visinhos, e os proprios ministros de seu legitimo soberano, que este poderoso monarcha não ousava tratar de o reduzir á sua obediencia.

Mahamud informado dos motivos da vinda de Diogo Lopes de Sequeira, lhe deu audiencia com a pompa usada pelos reis do Oriente. Celebrou-se de parte a parte um tratado de commercio, e prestou-se o juramento sobre a Lei de Moysés, e os Santos Evangelhos. Depois o rei mandou subministrar a Diogo Lopes de Sequeira uma habitação na cidade, commoda e conveniente para servir de Feitoria, da qual tomou posse Ruy d'Araujo, como seu Feitor, e desde esse momento os portuguezes se confiaram tanto nos agrados e civilidades do principe e do *Bandára*, seu tio, que divagavam pela cidade sem cautela alguma. Entretanto os mouros do Indostão estabelecidos em Malaca, inimigos jurados dos portuguezes, e naturalmente ciosos de um tratado que devia prejudicar seus interes-

ses, pozeram em pratica todas aquellas manobras por seus correligionarios empregados n'outros logares, a fim de des-acreditarem os novos hospedes, e para os tornarem odiosos, elles não deixaram de suscitar tudo o que haviam praticado em Quilôa, em Ormuz, e no Malabar. Os factos eram representados com tal calor, e expostos com tão vivas côres que produziram desde logo o desejado effeito; os mouros encontraram maior facilidade para seus perniciosos projectos, quando souberam pôr á sua frente dois homens dos mais acreditados; era o primeiro um certo Vtemutis de nação Java, a que davam o titulo de rajá, de que usam todos os pequenos regulos do Malabar, o qual era tão poderoso em Malaca, que se lhe contavam seis mil escravos; o segundo era um mouro de Guzarate, que exercia as funcções de Sabamdar, ou de consul da sua nação. Estes tendo intrigado os portuguezes com o rei, decidiu-se n'um conselho secreto do principe, que se procurasse attrahir estes estrangeiros a um laço, a fim de se livrarem de todos elles ao mesmo tempo. Tomou-se esta resolução, contra o parecer do Almirante e do Thesoureiro geral das finanças, que não poderam approvar semelhante traição; entretanto não se omittia cousa alguma, que podesse trazer descuidados os portuguezes, e ao mesmo tempo occultar os atrozes projectos que se haviam concebido contra elles; porém como desejassem apoderar-se da pessoa do general, e dos principaes officiaes, e fosse difficil attrahil-os a terra, o rei para melhor os illudir fez publicamente todos os preparativos para um magnifico banquete, que dizia querer dar-lhes, e para o qual fez construir uma barraca de madeira pegada com a ponte que communicava com a cidade.

Havia n'este porto, quando Diogo Lopes de Sequeira alli entrou, quatro juncos chinezes, cujos capitães foram immediatamente cumprimentar o general, o qual lhes pa-

gon a visita, e de tal sorte manteve com elles amisade, que continuou sempre uma mutua correspondencia com os mesmos. Estes capitães, tendo percebido a confiança cega que Diogo Lopes do Sequeira depositava no rei e a liberdade que elle dava á sua gente para andar pela cidade, resolveram advertil-o, como amigos, que se não fiasse n'uma nação, naturalmente perfida, e o avisaram da traição que se lhe preparava. Diogo Lopes de Sequeira não fez caso d'estas advertencias.

Uma mulher persa, que tinha na cidade casa de hospedaria, em que alojava um portuguez, que sabia a lingua persa, vindo no conhecimento da conspiração, fez por via d'este dizer ao general que lhe desejava fallar em particular, e que para esse fim iria a bordo de noite, para que a sua visita não fosse percebida. Diogo Lopes de Sequeira mofou de semelhante entrevista, e por trez vezes regeitou tal proposição; porém a mulher apesar da obstinação do general, tendo ido a bordo da capitania, e communicado todo o segredo, sómente pôde conseguir que elle pretextasse qualquer incommodo para não concorrer ao banquete que se lhe destinava, e d'esta fórma fez abortar as medidas tomadas para o surprehenderem no dito banquete. Tendo falhado este golpe recorreu Mahamud a outro artificio; fez dizer a Diogo Lopes de Sequeira, que em consequencia de se achar já muito adiantada a monção desejava preferil-o aos outros estrangeiros que se achavam n'aquelle porto, a fim de proseguir em sua viagem; que para esse fim enviasse elle para terra todas as suas lanchas, no dia designado, no qual lhe forneceria a sua carregação. Ao mesmo tempo Bandára fez preparar uma grande quantidade de fustas, conservando-as occultas até ao momento em que deviam a certo signal descarregar o golpe, e começar o assassinio geral dos portuguezes.

Diogo Lopes de Sequeira, apesar dos avisos, nada sus-

peitou, e no dia aprasado, mandou para terra todas as suas lanchas e canôas, á excepção d'uma unica que se estava calafetando, e que podia ser necessaria para entreter a communicacão com as outras. No mesmo instante Bandára fez partir as fustas que estavam cheias d'armas, soldados vestidos á paisana, parecendo não pretenderem mais do que levar provisões e refrescos á esquadra portugueza.

Para melhor descuidar o general, o filho do Rajá Vtemutis, que se encarregára de o assassinar, e o Sabandar acompanhados unicamente de umas sete ou oito pessoas, vieram a bordo da capitania como para lhe fazer visita. Jogava então Diogo Lopes de Sequeira o xadrez, e entretanto os navios iam-se enchendo d'aquelles fementidos negociantes. Garcia de Sousa, capitão de um dos cinco navios que alli se achavam, foi o primeiro que notou o perigo a que se expunham, e tendo gritado á sua guarnição que fizesse sair toda aquella gente, mandou por Fernão de Magalhães, tão conhecido por esse famoso estreito a que elle poz o seu nome, advertir Diogo Lopes de Sequeira para tomar medidas de precaução. N'esta mesma occasião o contra-mestre da capitania que subira ao cesto da gavea, percebeu estar por detraz de Diogo Lopes de Sequeira o filho de Vtemutis, que esperando com impaciencia o signal, levava de quando em quando a mão a um punhal que tirava até ao meio, e com o qual o devia traspasar. Horrorisado com tal descoberta dá um grande grito que espanta tudo, e com elle adverte o general, que avisado por este bulicio, e ignorando ainda o que fôra, levanta-se com precipitação, pede as suas armas, e manda jogar a artilheria. O filho do Rajá e os demais que com elle se achavam, não tiveram coragem de effectuarem seu designio, e se lançaram ao mar, para ganharem os seus pequenos botes, e o mesmo fizeram todos os que se achavam nos outros navios, que este subito terror salvou; po-

rém como então se fizesse o signal, começou na cidade o massacre dos portuguezes do qual sómente uns vinte poderam escapar fugindo para a Feitoria onde immediatamente se pozeram em defeza. Diogo Lopes de Sequeira reuniu seus capitães em conselho, alguns foram de parecer que se devia tomar vingança d'esta traição, queimando todos os navios que se achavam no porto, á excepção d'aquelles dos chinezes de quem recebera sempre bons conselhos; mas como não tivessem lanchas, Diogo Lopes de Sequeira tornando-se mais circumspecto pelo perigo, que acabava de correr, julgou conveniente fazer algumas tentativas para haver os portuguezes que se achavam em terra, e retirar-se.

O Rei, vendo o mau exito da sua traição, correu á Feitoria, em que os vinte portuguezes se defendiam, e tendo feito retirar os sitiadores, desculpou-se o melhor que pôde, dizendo que não tivera parte alguma n'aquella desordem; e restabelecida a tranquillidade mandou tambem desculpar-se para com o general, exhortando-o a confiar-se d'elle, podendo andar livremente pela cidade, e promettendo entregar os portuguezes, e todos os seus effectos; mas o general, passando do excesso de confiança ao extremo opposto, não querendo mais fiar-se em sua palavra, e julgando por mais rasoavel arriscar a vida de alguns individuos, do que a segurança da esquadra, lhe mandou dizer: «que conservasse cuidadosamente os penhores que «tinha em seu poder; que não tardaria que pessoalmente «viesses buscar-os com força armada, e fazer-lhe pagar «bem cara a violação do direito das gentes.» Em seguida saiu de Malaca, queimou na derrota dois dos seus navios, por não haver gente sufficiente para os manobrar. Chegando a Tavancor, e sabendo ahi que Affonso de Albuquerque estava governador geral das Indias, lembrando-se do desprazer que elle lhe motivára declarando-se aber-

tamente, por comprazer ao Vice-Rei, um de seus adversarios, e receiando vêr-se exposto ao seu resentimento, contentou-se em o avisar dos acontecimentos de Malaca, e enviar-lhe outros dois navios de sua esquadra, que elle não podia levar comsigo por fazerem agua; depois do que partiu para Portugal, levando a mesma derrota que trouxera para as Indias. Affonso d'Albuquerque não deixou de sentir o mau resultado da expedição de Diogo Lopes de Sequeira, e a parcialidade que abraçara; porque, alem de terem sido amigos, penalisava-o ter perdido em sua pessoa um optimo official, com o qual teria podido renovar a sua antiga amisade.

CAPITULO II

ANNO DE 1510

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque, restabelecido das feridas que recebêra em Calecut, projecta ir atacar Gôa; sendo coadjuvado n'esta empresa pelo Rei de Onor, e Timoja, ministro d'este soberano.— Desereve-se Gôa e as circumstancias do seu chefe o Sabaio ou Hidalcão.— Sae a esquadra de Cochim, espalhando-se o boato de que ella se destinava ao mar Roxo, e depois á conquista de Ormuz.— Affonso d'Albuquerque accomette Gôa, fôrça, e ganha as fortificações exteriores da cidade.— Faz a seus habitantes propostas vantajosas, do que por fim resulta elles entregarem-se aos portuguezes.— Artilheria, munições de guerra, de bocca, e navios que ahi se encontram.— Affonso d'Albuquerque contrahe alliança offensiva e defensiva com os reis de Narsinga e de Vengapor, inimigos do Hidalcão.— Propõe ao rei de Ormuz e ao Sophi da Persia a unirem-se-lhe contra o Califa.— Conspira o Hidalcão com outros principes, inimigos dos por-

tuguezes, a fim de recuperar Goa, — Maquinações de Timoja contra alguns officiaes portuguezes. — Goa é atacada pelo Hídalcão; Affonso d'Albuquerque defende-se corajosamente, até que a final retira-se, e embarca com as suas forças. — Os portuguezes tornam a ganhar as fortificações exteriores da cidade, cuja artilheria e viveres são transportados para bordo. — Intenta o Hídalcão incendiar a frota portugueza; porque meios se evita este projecto. — Affonso d'Albuquerque vê-se obrigado a desistir da nova conquista de Goa; parte para Cananor, e em seguida vae para Cochim, aonde acontecimentos graves reclamam a sua presença.

Affonso d'Albuquerque conheceu a necessidade que tinha a Metropole de um ponto de facil defeza, mas que ao mesmo tempo fosse abundante em viveres, que tivesse um porto de facil accesso e salubre, onde em fim os portuguezes cheios de fadiga pelas viagens da Europa ás Indias, podessem repousar: nenhum local lhe pareceu mais asado do que Goa, collocada no meio do Malabar (dezeseis graus de latitude ao norte) assente n'uma circumferencia, formada pela confluencia de dois rios, que nascendo do Gate, vão desembocar ao mar, tres leguas distante da cidade. De tempo immemorial esta grande povoação tinha feito parte do reino de Decan. O rei d'este paiz, a quem os principaes senhores de seus estados não haviam permitido mais do que uma sombra de auctoridade, tinha-a confiado ao poder de um de seus officiaes, mouro de origem e de religião, por nome Adil-Can, e por corrupção Hídalcão, a quem os portuguezes continuaram a chamar

Sabaio; o qual aproveitando-se da fraqueza do seu governo, não tardou em usurpar Goa ao seu legitimo soberano, assumindo o titulo e as regalias de principe independente.

A importancia da praça forçosamente havia de dar na vista ao seu antigo senhor, bem como podia excitar a ambição dos principes visinhos. O usurpador julgou-se ao abrigo de todos os riscos cercando-a de um muro espesso, de torres judiciosamente collocadas, de obras então conhecidas n'esta parte da Asia, e fortificando com o mesmo cuidado, e com a mesma intelligencia as passagens, pelas quaes se poderia entrar n'aquella ilha. Eram precauções necessarias, mas insufficientes sem defensores capazes; e os fracos indianos, os perfidos arabes, que formavam a população do Estado, não o eram. Mamelucos, persas, turcos foram convocados. Esta tropa inspirou a confiança aos povos circumvisinhos, que se apressaram em collocar a sua industria e capitaes debaixo de uma protecção de que não haviam gozado em sua patria. As esperanças que lhes facilitava o novo soberano, a belleza do paiz, que provia largamente ás necessidades, e mesmo ás delicias da existencia, eram ainda motivos que attrahiam alli os estrangeiros.

Tal era o estado das cousas, quando Affonso d'Albuquerque, sem declarar o seu verdadeiro projecto, sahio de Cochim com vinte embarcações, em que iam perto de dois mil portuguezes e alguns malabares, fazendo circular o boato de que esta expedição se destinava ao mar Roxo, apparelhando-se para a conquista de Ormuz. Em Cananor recolheu o resto das equipagens de dois navios naufragados, reforçando-se com quatorze fustas commandadas por Timoja, que portenciam ao rei d'Onor, alliado dos portuguezes. Affonso d'Albuquerque, chegadas as cousas a este ponto, rasgou o veu do mysterio, e declarou abertamente

que as suas intenções eram de ir sobre Goa, fazendo assignar aos seus officiaes um acto, pelo qual, se elle morresse, se obrigavam a reconhecer por governador D. Antonio de Noronha, seu sobrinho.

No dia 28 de fevereiro de 1510 mandou Affonso d'Albuquerque a seu sobrinho D. Antonio de Noronha e a Timoja, que fossem sondar a barra ¹ e ordenou que o primeiro logo em continente atacasse o forte de Pangim, que existe na ilha, em quanto Timoja deveria apresentar-se em frente d'outro forte chamado de Bardés. Estas duas fortalezas tinham sido estabelecidas pelo Sabaio, para defeza da barra. D. Antonio de Noronha seria sustentado n'esta manobra pela nau de Simão d'Andrade, pelo bergantim de Simão Martins, e as lanchas de Jorge Fugaça, Jeronymo Teixeira, Jorge da Silveira, João Nunes e Garcia de Sousa, sendo tudo seguido pelas fustas de Timoja.

Melique Çufergugi, governador de Goa, saiu a este tempo com grande força, a fim de defender os pontos atacados, e combateu com todas as forças para obstar ao desembarque dos portuguezes; mas sendo-lhe uma mão trespassada por uma frecha, tão dolorosa se lhe tornou a ferida, que o obrigou a retirar para o forte de Pangim, de onde pouco depois voltou para a cidade. Suas tropas vendo-se sem chefe, entraram apressadamente no forte: mas Noronha tendo feito jogar contra elles as primeiras bandas de artilheria, as quaes não lhe causaram damno algum, os perseguiu tão vivamente, que os portuguezes entraram no mesmo forte ² d'envolta com os fugitivos. Timoja não tendo encontrado mais resistencia do outro lado, os dois fortes foram tomados sem difficuldade, e os inimigos fugiram de toda a parte. Affonso d'Albuquerque ven-

¹ Commentarios de Affonso de Albuquerque.

² Em 29 de fevereiro de 1510.—Vide Commentarios de Affonso de Albuquerque.

do a consternação de que este primeiro acontecimento feria os habitantes, lhes fez constar que não vinha alli attentar contra a sua liberdade, mas sim livral-os de um jugo barbaro; que assegurava a cada um o exercicio da sua religião, e diminuia a terça parte dos tributos que elles pagavam até alli a seu senhor. Foi ouvido favoravelmente e Melique Çufergugi teve o desgosto de ser obrigado a ir, com um pequeno numero de soldados, annunciar a seu amo a entrega d'aquella praça. Affonso d'Albuquerque admirado ainda de tão facil triumpho, e mal o podendo acreditar, fez a sua entrada publica em Goa: montando em um magnifico cavallo da Persia, ia precedido do Estandarte da Cruz, e da grande bandeira de Portugal. As suas tropas o seguiam em muito boa ordem; a multidão do povo applaudia o vencedor, que se dirigiu ao palacio do Hidalcão, e deu graças a Deus, vertendo lagrimas de prazer.

O vencedor mandou deitar um bando, em que prohibia, com as mais severas penas, que se maltratassem os habitantes, ou se lhes tirasse sua fazenda. Os indios que ficaram foram bem tratados, e os mouros fugiram para a terra firme pelos vãos; e como a maré se achava alta muitos morreram afogados. Encontraram-se na cidade quarenta peças de artilheria de grosso calibre, cincoenta e cinco falcões, muita polvora, grande quantidade de balas, granadas, e toda a sorte de armas e de munições de guerra. Nos estaleiros contaram-se até quarenta vasos de diferentes grandezas, entre os quaes haviam dezeseite fustas, tendo os competentes aparelhos nos armazens. As cavallariças do Hidalcão tinham cento e setenta cavallos da Persia.

Affonso d'Albuquerque projectando fazer de Goa a Metropole das possessões portuguezas nas Indias, começou por declarar a seus officiaes a resolução em que estava de pas-

sar alli o inverno, e empregou todos seus cuidados nos meios de se manter.

Nomeou seu sobrinho D. Antonio de Noronha governador da cidade, Gaspar de Paiva Castellão, major da praça, e Francisco Corvinel, Feitor de Goa. Tendo depois tomado informações ácerca do rendimento das alfandegas, tanto da cidade como das ilhas circumvisinhas, estabeleceu rendeiros particulares, que fez dependentes d'um rendeiro geral, para cujo cargo nomeou Timoja, conferindo-lhe igualmente o posto de Sargento-Mór do Estado de Goa. Reparou os fortes de Pangim e Bardez, que estavam arruinados; addicionou novas obras de fortificação á cidadella, a fim de poder retirar-se para ella, se fosse necessario, e providenciou igualmente sobre as passagens da ilha, collocando em cada uma d'ellas officiaes subordinados a D. Antonio de Noronha, que devia vigiar tudo fazendo o giro da ilha, e acudir com os soccorros onde estes se fizessem necessarios.

Dada esta primeira fórma ao governo interior, Affonso d'Albuquerque convocou os enviados dos principes estrangeiros que estavam em Goa, e depois de se ter informado do objecto da legação de cada um d'elles, expediu logo os reis de Narsinga, e de Vengapor, fazendo-os acompanhar por Gaspar Chanoco, e frei Luiz, franciscano, como embaixadores, encarregados de negociarem uma liga offensiva e defensiva com estes principes, inimigos do Hidalcão, e de obterem do primeiro a permissão de se construir uma fortaleza em Baticála. Ouvindo depois os enviados d'Ormuz, e do Sophi da Persia, elle os despachou da mesma forma, juntando-lhes, na qualidade de embaixador, Ruy Gomes.

Ismael, Schah ou Sophi da Persia, era então um dos mais poderosos monarchas do Oriente, e adquiria grande fama por duas assignaladas victorias alcançadas sobre os

exercitos do Gran-Senhor. Nada ha mais bello do que a carta que Affonso d'Albuquerque lhe escreveu e as instrucções dadas a Ruy Gomes. ¹ O projecto de alliança que elle propunha a este principe, para destruir o Califa, mostra bem a extensão de seu genio, a nobreza de seus sentimentos, a grandeza de sua coragem, e a solidez de suas vistas. Esta embaixada porém não teve effeito. Coge-Atar, sempre inimigo dos portuguezes, depois de ter feito os maiores obsequios a Ruy Gomes, mandou-o envenenar em Ormuz.

O Hidalcão não se deixou abater pelo infortunio, intentou retomar Goa, e começou de prevenção propondo a paz a muitos reis seus inimigos. Elles pensaram ser-lhes mais vantajoso existir Goa em seu poder, que na mão dos portuguezes, e determinaram por isso o auxiliá-lo. Os habitantes tiveram vergonha de tão mal se haverem defendido, e obrigaram-se em segredo a coadjuvar a empreza do seu preterito senhor.

Alguns officiaes de Affonso d'Albuquerque eram comtudo os seus mais perigosos inimigos; elles obstavam á rapidez dos seus planos. Timoja não se achava satisfeito: esperava que se lhe dêsse a possessão de Goa debaixo da soberania d'El-Rei de Portugal, cumprindo-lhe defendel-a com as suas proprias tropas. Affonso d'Albuquerque tratou com desprezo semelhantes pretensões; mas foram protegidas por differentes chefes. Bem depressa se soube que o Hidalcão, em paz com os seus inimigos, avançava á testa de quarenta mil homens de infantaria, e cinco mil de cavallo. Recomeçaram os murmúrios, e pretendia-se que se deixasse a Timoja o cuidado da defeza de Goa, e que se marchasse a outras expedições muito mais proveitosa^s

¹ A integra d'estes documentos pode ser lida pelos curiosos nos Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

aos officiaes de terra e mar; emfim, apesar da prudencia de Affonso d'Albuquerque, rebellou-se contra elle um partido poderoso. As traições urdiam-se com actividade, e o governador geral não ousava castigal-as. Tomou para defender as entradas da ilha todas as disposições, que se podiam esperar de um tão habil general; mas foi traido pelo Commissario da Marinha, que enviou todos os bateis aos inimigos. Affonso d'Albuquerque mandou-o logo justicar.

Camalcão, não podendo illudir a vigilancia das tropas portuguezas, resolveu-se escolher uma noite escura e chuvosa para conseguir entrar na ilha. Foi esta a de 17 de maio de 1510. O inverno começava então n'este paiz, e o seu projecto teve o desejado effeito. Forças numerosas haviam já desembarcado antes que os portuguezes tivessem dado por tal, e estes viram-se obrigados a acolher-se á cidade.

A vanguarda do exercito inimigo, commandada por Camalcão, avançou sobre a cidade e ao mesmo tempo este chefe mandou dizer a Affonso d'Albuquerque que se não podia sustentar com tão diminutas tropas, pela maior parte descontentes da sua auctoridade, em uma consideravel cidade prompta a sublevar-se, e contra um exercito de forças tão superiores; e lhe fez constar mais, que se elle não capitulava, mal se poderia retirar na aproximação do inverno.

Affonso d'Albuquerque não desanimou. Desconfiava dos principaes habitantes, e de Timoja. Fingiu carecer dos conselhos d'este contra os projectos d'aquelles. «Obrigai-os, lhe disse este chefe indiano, de vos entregar na fortaleza, em penhor, suas mulheres e seus filhos.» Muito bem! lhe respondeu Affonso d'Albuquerque, dê-se-lhe pois um exemplo; ninguém o pode fazer como vós. Timoja foi obrigado a consentir em tal proposição, e de contribuir a que os outros executassem o que elle proprio havia aconselhado.

Affonso d'Albuquerque soube que as tropas de Timoja se haviam reunido aos inimigos; fez comtudo partir a encontral-os o que lhe restava de soldados indianos, bem certo que era melhor consideral-os inimigos declarados, que ter de os vigiar no interior de Goa. Mandou desde logo executar em segredo alguns traidores; mas o maior numero dos habitantes não se mostraram por isso com menos disposição para se sublevarem. O inimigo ataca, estes o auxiliam, e os portuguezes foram obrigados a irem refugiar-se na fortaleza. Timoja não tinha imitado a deserção da sua gente.

Affonso d'Albuquerque mandou pedir soccorros a Cochim, mas Teixeira e Silveira não executaram á risca as suas determinações. D'outro lado Camalcão nada poupava a fim de occasionar a divisão entre as tropas portuguezas. O Hidalcão veio reunir-se-lhe, e entrou na cidade com o resto das suas tropas. O seu primeiro objecto foi metter a pique duas embarcações no rio, para impedir que a esquadra portugueza podesse sair, e dar-lhe fogo por meio de jangadas cheias de materias inflammaveis. Para salvar os seus navios, não restava algum outro partido a Affonso d'Albuquerque senão abandonar a fortaleza.

As immensas e repentinas chuyas remediaram um pouco a sua perplexidade, consentindo que a esquadra passasse ao lado dos navios encalhados. O governador geral mandou matar cento e cincoenta refens, e para se acautelar da fome, ordenou que os cavallos do Hidalcão, que estavam em seu poder, fossem mortos e salgados. Fez depois d'isto a sua retirada, abandonando a fortaleza em uma noite escura; porem Noronha tendo imprudentemente incendiado um armazem aos inimigos, estes o atacaram, e Affonso d'Albuquerque esteve a ponto de succumbir.

O Hidalcão entrando na cidadella, teve de ver o espectáculo de tantas cabeças cortadas, de presenciar os gri-

tos e lamentos dos parentes dos mortos, que sendo todos dos principaes da cidade, pertenciam a numerosas familias, que se encheram de luto. Durante este tempo Affonso d'Albuquerque navega a todo o panno, e foi fundear n'uma espaçosa caldeira, entre a lingua de terra de Rebandar, a barra, e os fortes de Pangim e de Bardez. O Hidalção que o fez seguir por um bergantim, lhe enviou Machado, afim de o entreter fazendo-lhe proposições de paz. Os capitães portuguezes queriam absolutamente obrigar Affonso d'Albuquerque a sair a barra, e posto que tal pretensão fosse contraria ao parecer de todos os pilotos, elles não cederam, senão quando viram naufragar o navio S. João, commandado por Fernando Peres de Andrade, a quem o governador geral deu licença para tentar a saida. A tripulação d'este navio salvou-se a custo nas lanchas, que foram em seu auxilio.

Vendo o Hidalção, que o governador geral não accetava as propostas de paz, mandou romper o fogo de artilleria dos fortes de Pangim e Bardez. Os navios da esquadra soffreram bastante damno, e a muito custo conseguiram achar abrigo. As desgraças ainda não tinham chegado ao seu termo; bem depressa as provisões foram faltando; e os portuguezes viram-se reduzidos ao desespero da miseria e da fome. Tres dos capitães portuguezes renderam-se ao Hidalção, e participaram-lhe a falta de viveres em que se achava a esquadra. O principe indiano tomou um partido, que parecerá extraordinario: enviou uma embarcação cheia de mantimentos ao general portuguez; mandando-lhe dizer que pretendia vencer os seus inimigos pelas armas, e nunca pela fome. Este rasgo de generosidade podia occultar o desejo de saber exactamente se Affonso de Albuquerque estava em uma privação absoluta. Este o pensou pelo menos, e tendo até feito pôr na tolda do navio o pouco vinho e biscoito que conservava para os doen-

tes, como se cada um dos seus guerreiros tivesse em abundancia d'estas provisões, reenviou o presente: «Dizei a vosso amo, respondeu elle ao official do Hidalcão, que «muito lhe agradeço, mas que não receberei dadivas suas «em quanto não formos amigos.»

Como a esquadra continuasse a soffrer muito da artilheria dos fortes de Pangim e de Bardez, Affonso d'Albuquerque resolveu tirar-se d'este incommodo, tentando tomar de viva força os mencionados fortes. A empreza era não só temeraria, mas ainda atrevida. Pela indisposição de animo em que se achavam os officiaes, viu Affonso d'Albuquerque que não conseguiria resolvel-os a consentir n'ella, quando elle a propozesse em conselho: por este motivo tendo-os reunido lhes manifestou, que estava resolvido a atacar o inimigo; que não pretendia obrigar ninguem a segui-lo, mas que se poria á testa dos que de bom grado lhe obedecessem. Esta maneira de propôr o negocio produziu o desejado effeito. Não houve um só que se recusasse á empreza, e todos convieram n'ella.

O Hidalcão que fôra avisado d'este projecto por um desertor portuguez, havia reforçado a guarnição dos fortes; apesar d'isso o ataque foi dirigido não só contra os fortes, mas contra o campo do mesmo Camalcão; e sendo feito de noite, os indianos surprehendidos tiveram uma perda assaz consideravel. Affonso d'Albuquerque fez transportar com toda a pressa á sua esquadra a artilheria, que lhe havia sido tão funesta, e os viveres de que tinha tão grande necessidade.

Perden o Hidalcão tres de seus capitães, cento e cincoenta Rumes, e cem indios mortos. Elle ficou tão aterrado, que temendo que os vencedores viessem sitiá-lo na cidade, saiu d'ella e fez ainda novas propostas de paz; vendo frustrados seus planos intentou incendiar a esquadra portugueza, e para conseguir esse fim, mandou apromptar grande quan-

tidade de jangadas carregadas de materias inflammaveis, que deviam ser seguidas e sustentadas por oitenta botes guarnecidos de tropa, cujo destino era destruir os portuguezes, que se lançassem ao mar, quando os navios estivessem em chamma.

Não ignorava Affonso d'Albuquerque este projecto, e reflectindo, julgou mais acertado prevenir o golpe, e ir incendiar as jangadas, antes que o inimigo fizesse uso d'ellas. Encarregou d'esta commissão a D. Antonio de Noronha, seu sobrinho, a quem deu trezentos homens escolhidos repartidos pelas lanchas, as quaes deviam ser precedidas de uma fusta, de um parau, e das caravellas de Fernando de Beja, e de Antonio de Almeida. Ordenou a estes ultimos que pozessem alguma gente em terra, para apprehenderem algum, que os pudesse informar da situação dos inimigos; mas não tendo visto pessoa alguma de que podessem saber o que desejavam, e enfatiados de esperarem debalde, foram fundear na distancia de um tiro de canhão da cidade; e n'esta occasião Gonçalo de Castello Branco teve a intrepidez de ir com uma só lancha (apesar do fogo violento que lhe era dirigido) reconhecer o inimigo.

No momento do ataque, Noronha viu avançar para elle, do lado de uma pequena ilha, trinta embarcações indianas que o iam metter entre dois fogos; dividiu então suas forças em duas esquadrihas. A sua bravura, e a da sua gente foram coroadas pela victoria, sendo queimadas as jangadas: porém Noronha e alguns outros guerreiros correram os mais eminentes perigos. Elle ia saltar em uma embarcação, aonde já tinham entrado cinco portuguezes, quando foi gravemente ferido, e caiu na sua lancha. Esforços heroicos salvaram estes intrepidos guerreiros, e sómente um succumbio no meio dos indios.

Já se tem visto que o Hidalcão tinha um caracter do-

tado d'essa generosidade cavalheiresca, de que os mouros frequentemente se queixavam. Testemunha do valor dos cinco bravos portuguezes, entre os quaes mais se distinguiram os dois irmãos Andrades, elle mandou cumprimentar estes ultimos, e dizer-lhes, que se fosse auxiliado por elles, tinha a certeza de subjugar bem depressa toda a India. Concebeu mesmo o projecto de lhes enviar um presente; mas absteve-se persuadido de que o não acceitariam.

A satisfação que Affonso d'Albuquerque teve por esta victoria foi cruelmente alterada pela morte de D. Antonio de Noronha. Elle derramava lagrimas pela perda d'este sobrinho, quando soube que um outro, D. Affonso de Noronha, acabava de naufragar sobre a costa de Cambaya, morrendo elle com muitos portuguezes, e ficando captivos os poucos que poderam salvar-se na costa. Esta nova desgraça redobrou o seu desgosto.

Por sua firmeza, que algumas vezes chegou a severidade, o governador geral apaziguou novos tumultos; e como D. Antonio de Noronha, cujo espirito conciliador muitas vezes o tinha modificado, já não podia diminuir a sua colera, elle a exerceu mandando até enforcar um moço voluntario. Os dois Andrades, que intentaram defendel-o, foram privados dos commandos das suas embarcações.

Fatigado dos obstaculos que os officiaes oppunham aos seus projectos, Affonso d'Albuquerque determinou-se em fim a deixar Goa, deu á vella em 15 de agosto de 1510, e no mesmo dia teve a satisfação de avistar quatro navios chegados de Portugal, debaixo do commando de Diogo Mendés de Vasconcellos. Dirigiu-se a Cananor, aonde o Rei se havia de novo declarado pelos portuguezes; e foi depois a Cochim, aonde por causa de algumas desordens, a sua presença se tornava indispensavel.

CAPITULO III

ANNO DE 1510

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque, tendo o maior empenho em reconquistar Gôa, e vendo-se reforçado com duas frotas chegadas de Portugal, resolve levar a effeito esta empreza. — Chega a esquadra a Gôa; os inimigos são atacados, e Affonso d'Albuquerque tem o prazer de ver cair em seu poder os fortes de Bardez e Pangim. — Os portuguezes accommettem a cidade, aonde penetram; os habitantes lhes oppõem de todos os lados a maior resistencia. — A entrada no palacio do Hidalcão é disputada com vigor, e ultimamente forçada. — Os inimigos abandonam a cidade. — Sofrem uma perda horrorosa. — A cidade é saqueada e seus arrabaldes incendiados. — Medidas adoptadas por Affonso d'Al-

buquerque, afim de conservar Gôa.—Quasi todos os soberanos da India lhe enviam embaixadores para felicital-o pela sua nova conquista, e solicitar a sua alliança.

El-Rei D. Manoel fez partir, no principio do anno de 1540, trez esquadras com os seguintes destinos: uma de quatro embarcações, commandada por Diogo Mendes de Vasconcellos, devia dirigir-se a Malaca; a segunda de sete navios, sob o commando de Gonçalo de Sequeira, era destinada para a India; a terceira de tres vellas, ás ordens de João Serrão, destinava-se a fazer o reconhecimento exacto de Madagascar, e das vantagens que podiam colher-se d'esta ilha. Serrão perdendo muito tempo em percorrer de porto em porto esta ilha, sem que fosse mais feliz que os outros exploradores que o precederam, continuou a sua derrota para as Indias.

A vinda de todas estas forças maritimas causou excessivo prazer a Affonso d'Albuquerque, que desde logo resolveu ir reconquistar Gôa; porém, desconfiando com razão dos seus officiaes, submetteu-lhes o projecto de renovar aquella expedição, e teve o jubilo de ver que elles o approvavam. Para mais os ligar, fez que assignassem por escripto o seu consentimento. Alguns, comtudo, lhe suscitaram duvidas; mas a final em principio de novembro de 1540 saiu a esquadra de Cananor, e foi surgir em Onor, que então festejava o casamento de Timoja, que esposava a filha da rainha de Gozampa.

Affonso d'Albuquerque quiz honrar estas nupcias com a sua presença, e terminadas as festas saiu d'Onor com uma armada de 23 vellas (além de mais tres que Timoja lhe ajuntou), 2:000 portuguezes, e alguns malabares.¹ Timoja deixando alli sua esposa, reuniu tres mil homens de suas tropas para se apresentar em frente de Gôa.

N'esta cidade foi tão grande o terror pela chegada da armada portugueza, que os fortes de Pangim e de Bardez foram logo abandonados pelas suas respectivas guarnições. Affonso d'Albuquerque os mandou occupar e guarnecer, enviando algumas lanchas ás ordens dos dois irmãos D. João e D. Jeronymo de Lima, para fazerem o reconhecimento das fortificações da cidade. Estes dois capitães desempenharam tão satisfactoriamente esta commissão, que apesar do continuo fogo de artilheria, e da grande quantidade de flechas que se lhe disparava, chegaram quasi junto da cidadella.

O Hidalcão, tendo guerra nas fronteiras dos seus estados, partira para o exercito, deixando em Gôa uma guarnição de nove mil homens, entre os quaes se contavam dois mil Rumes, achando-se a cidade bem fortificada e abastecida de viveres e munições de guerra. Affonso d'Albuquerque tendo regulado seu plano de operações, effectuou o desembarque, duas horas antes do romper do dia 25 de novembro de 1510.²

Os dois Limas, Vasconcellos, e outros, atacaram impetuosamente uma fortificação avançada, e perseguiram os inimigos até á porta da cidade, que recebeu depois a denominação de Santa Catharina: não a poderam fechar os indios, porque Diniz Fernandes de Mello metteu entre os dois batentes o ferro de sua lança. Os portuguezes então, apesar das settas e pedras, que lhes arrojavam das casas,

^{1, 2} Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

avancaram até ao palacio do Hidaicão, em quanto Affonso d'Albuquerque entrava por outro lado. Os inimigos comtudo se defenderam com valor, e D. Jeronymo de Lima foi mortalmente ferido. D. João, seu irmão, queria demorar-se em soccorrel-o, mas o heroe portuguez não consentiu, e lhe ordenou acabasse de derrotar os inimigos. Entre aquelles, que mais se distinguiram contaram-se tambem Vasconcellos e Manoel de Lacerda. Este ultimo tendo no rosto o ferro de uma frecha, continuou a combater com a mesma valentia, e montando no cavallo de um inimigo que matára, conseguiu ainda afugentar oito, e perseguil-os.

Quando Affonso d'Albuquerque, ajudado por semelhantes guerreiros, se viu seguro do triumpho, mandou fechar as portas para conservar as suas tropas reunidas, e foi dar as devidas graças a Deus por uma tão grande victória. Usando depois do privilegio, que tinha, como representante do monarcha, fez cavalleiros a Frederico Fernandes, que fôra o primeiro que entrára na cidade, Manoel da Cunha, e alguns outros que mais se haviam avantajado.

Houve n'esta acção da parte dos portuguezes, de quarenta a cincoenta homens mortos,¹ e mais de trezentos feridos, no numero dos quaes se contaram os dois irmãos Andrades, que eram sempre os primeiros a combater; da parte dos inimigos foi a perda mui consideravel, tanto dos que morreram ao ferro do vencedor, como dos que se precipitaram do alto das muralhas, e dos terrados das casas, e dos que se afogaram, precipitando-se no mar. Affonso d'Albuquerque mandou lançar fogo aos arrabaldes da cidade, para se vingar dos canarins e malabares, que haviam auxiliado a volta do Hidaicão, e para punir os habitantes entregou a cidade ao saque; e d'esta vez não dimi-

¹ As pessoas principaes mortas n'esta acção, foram D. Jeronymo de Lima, Antonio Vogado, Antonio Garcez, e Vasco da Fonseca, os quaes deixaram todos bem vingadas as suas mortes.

nuiu os tributos que elles pagavam ao seu antigo senhor.

Os mouros que se encontraram na ilha foram passados á espada. Durante muitos dias fizeram-se montarias a estes miseraveis como se fossem feras, sendo os naturaes do paiz os que mais damno lhes causaram. Soube-se com certeza ¹ que foram mortos mais de seis mil d'ambos os sexos. Alguns ainda conseguiram fugir pelos váus para o continente. A raça moura ficou extincta na ilha.

Acharam-se em Goa cem bombardas, 200 cavallos, muitos mantimentos, e grande quantidade de munições de guerra.²

Tal foi a rapidez d'esta empreza, que Timoja e seus tres mil homens chegaram já quando o seu auxilio era inutil.

Affonso d'Albuquerque resolvido a fazer de Gôa uma cidade portugueza, tratou mui favoravelmente aquelles dos seus compatriotas, que alli quizeram ficar; repartiu por elles os bens da maior parte dos vencidos, e os casou com as filhas dos indios; manifestando mesmo grande satisfação de presidir a estas nupcias. Á vista d'estes arranjos sustentados por uma grande força, todos os pequenos principes já submettidos, se tornaram mais exactos em cumprir as obrigações que haviam contractado. Outros mais consideraveis pediram sem demora as leis do vencedor. Cumprimentado em fim por embaixadores da maior parte dos soberanos da India, e cercado por uma brilhante Côrte, Affonso d'Albuquerque pareceu então um digno Representante d'El-Rei D. Manoel.

¹, ² Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO IV

ANNO DE 1511

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque, depois de ter ouvido o parecer dos seus capitães, intenta conquistar Malaca: sae a esquadra de Gôa, fazendo escala na sua derrota por diversos portos. — Descreve-se o estado das fortificações de Malaca: Affonso d'Albuquerque intima Mahamud para que lhe entregue Ruy d'Araujo, e todos os portuguezes que tinha em seu poder; em consequencia do rei não annuir a semelhante exigencia rompem-se as hostilidades, e os portuguezes lançam fogo a alguns dos arrabaldes da cidade. — Aterrado o Rei, consente na entrega dos portuguezes; Affonso d'Albuquerque faz novas exigencias, reclamando que se lhe pague o valor dos objectos roubados ou destruidos aos portuguezes, e as despezas feitas com a esquadra bem como que se lhe indique o local para a construcção de uma fortaleza. — Mahamud finge assentir a estas proposições, porém conhecida a sua má fê, Affonso d'Albuquerque ataca a

cidade. — Os portuguezes assenhoreiam-se da ponte que communica com as duas partes da cidade. — Grandes gentilezas que praticam os portuguezes. — Os inimigos deixam a cidade, que os portuguezes occupam, não dando quartel senão aos estrangeiros. — Os mouros que não são passados á espada ficam escravos. — Riquezas immensas que se encontram na cidade. — Para estabelecer-se solidamente em Malaca Affonso d'Albuquerque adopta os mesmos meios que em Gôa. — Suas disposições conciliadoras chamam os habitantes para a cidade; tracta de construir a cidadella. — Mahamud fortifica-se na margem do rio Muar. — Os dois Andrades á testa de mil e trescentos homens portuguezes, javas, malaioes e pegus o desalojam e lhes tomam parte da equipagem. — Affonso d'Albuquerque estabelece em Malaca uma nova moeda corrente; esta medida lhe grangeia a affeição do povo.

Affonso d'Albuquerque tinha muito a peito consolidar em Gôa o dominio portuguez; e por isso todos os seus esforços tendiam para que os inimigos não podessem retomar esta cidade. Desde o fim de novembro de 1510 até março de 1511, todo o seu cuidado foi em tornar solidas as fortificações, e ao mesmo tempo estabelecer um governo sobre bases firmes e duraveis, de sorte que, tanto interna como externamente, podesse offerecer ao inimigo uma barreira inexpugnavel.

Por outro lado El-Rei D. Manoel não cessava de mandar reforços para a India. Em março de 1511 chegaram a Gôa as embarcações que tinham partido no anno antecedente.

e por esta occasião El-Rei escreveyeu a Affonso d'Albuquerque, dizendo-lhe que recebera noticias do Levante, pelas quaes lhe constava que o Soldão do Egypto, annuindo ás exigencias do Çamorim, e dos Reis d'Ormuz, Adem, e Cambaia, preparava em Suez uma nova armada contra os portuguezes; pelo que ordenava El-Rei ao governador geral da India adoptasse as medidas que julgasse necessarias para obstar ás hostilidades do Califa, e por ultimo recommendava que obrigasse o Rei d'Adem a dar o seu consentimento para que se edificasse uma fortaleza na sua capital, e no caso de não poder conseguir esta permissão amigavelmente, ou por meio das armas, então seria conveniente levantar uma cidadella na ilha de Camarão, posição superior á de Socotorá, pois que ali podiam os navios invernar.

o Affonso d'Albuquerque despachou a Fernando de Beja para destruir a fortaleza da ilha de Socotorá, porque á sua inutilidade accresciam as despezas da sua conservação.

o Combinadas assim as cousas o governador geral deixou ficar em Gôa de guarnição quatrocentos portuguezes, e alguns batalhões de Indios; e saiu com a esquadra em que iam oitocentos portuguezes e quatrocentos malabares ao nosso serviço; de passagem tocou em Cananor e Cochim, e tendo n'esta ultima cidade acabado de regular os negocios do seu governo proseguiu em sua derrota, atravessando o golfo de Bengala; aprisionou alguns navios de Cambaia que navegavam sem passaportes seus, e surgiu em Pedir, na ilha de Çamatra. O Rei de Pedir, intimidado com a chegada do governador geral, lhe enviou dez portuguezes da gente de Ruy d'Araujo que haviam fugido de Malaca. Estes o informaram da revolução que tivera lugar na cidade, em que o rei tendo corrido risco de ser dethronado pelo Bandarâ, seu tio, havia prevenido seus de-

signios, mandando-o decapitar. A mesma sorte esperava o Sabandar dos Guzarates, que evitára o golpe, fugindo para a côrte do Rei de Pacem, onde então se achava. Como o Bandará e o Sabandar haviam sido os principaes auctores da traição feita a Diogo Lopes de Sequeira, esta noticia encheu de jubilo o general, tirando d'ella um feliz agouro.

A esquadra tocou em Pacem, onde pouco se demorou, e seguindo sua derrota foi fundear em frente de Malaca. Mahamud surprehendido pela repentina chegada dos portuguezes, mandou cumprimentar Affonso d'Albuquerque, desculpando-se o melhor que podia pelo mau tratamento que havia sido dado a Diogo Lopes de Sequeira, lançando todo o odioso sobre o Bandará, o qual pelo seu iniquo proceder já tinha sido castigado com a pena ultima. Affonso d'Albuquerque fingiu attender a semelhantes desculpas, e contentou-se com exigir que se lhe entregasse Ruy de Araujo, e os demais portuguezes, bem como tudo que pertencia a El-Rei de Portugal.

A Mahamud sobrava-lhe a vontade de dar a Affonso de Albuquerque alguma satisfação, pelo medo que lhe inspirava a sua presença, e mesmo pela incerteza em que estava se deveria optar pela paz ou pela guerra; porém nada decidia por satisfazer os partidistas da guerra entre os quaes se contavam Aladin, seu filho, principe hereditario de Malaca, um filho do Rei de Pam ou Pahang, que tinha vindo a esta cidade para desposar a filha de Mahamud, e o novo Sabandar dos Guzarates, que não era menos inimigo dos portuguezes, que seu antecessor.

Passados alguns dias o Rei, instigado pelas intrigas das pessoas acima referidas, não satisfez á reclamação pedida; todavia como não lhe convinha declarar-se decididamente hostile, tractou de entreter Affonso d'Albuquerque com boas promessas para dar tempo ao seu almirante que

chegasse com a esquadra, e se approximassem os bateis de remos que estavam promptos, a fim de incendiar a armada portugueza.

Comtudo, tão grosseiro era o modo, por que elle entretinha o general que podia olhar-se como um insulto. Não deixou Affonso d'Albuquerque de o conhecer, e foi-lhe preciso todo o seu sangue frio, para não perder a paciencia; porém julgava que devia soffrer tudo, por causa de Ruy de Araujo, a quem devia grandes obrigações, e o qual se achava em Malaca em risco de vida, além do que persuadia-se que devia ter esta contemplação para com as ordens de El-Rei, que não queria que qualquer negocio importante se tratasse por meio da força em quanto houvesse esperanças de o effectuar pelos meios da moderação.

Affonso d'Albuquerque, sabendo que Ruy d'Araujo, e os demais portuguezes prisioneiros em Malaca, tinham sido ameaçados de que seriam mortos logo que começasse o ataque contra a cidade, achava-se perplexo sobre o que deveria fazer, quando recebeu este bilhete do bravo Ruy d'Araujo: «Não penseis mais do que na gloria, e vantagens de Portugal; se eu não posso ser um instrumento do vosso triumpho, não seja pelo menos um estorvo.» O governador geral rompeu immediatamente as hostilidades, mandando as lanchas para lançarem fogo aos arrabaldes da cidade, e alguns navios. Esta medida sortiu tão bom effecto que Mahamud immediatamente mandou entregar Ruy de Araujo, e todos os mais portuguezes, que tinha em seu poder, rogando por favor ao general que não estorvasse os trabalhos necessarios para extinguir o fogo.

O prazer de que se possuiu o general de tornar a ver Ruy d'Araujo e seus companheiros, augmentou sua coragem; mandou dizer ao Rei: «Que exigia o pagamento dos objectos roubados e destruidos na Feitoria, bem como as despesas d'aquella expedição, e lhe dêsse permissão para

«construir uma fortaleza na cidade; por quanto depois da «traição que se fizera a Diogo Lopes de Sequeira, não «convinha que os subditos d'El-Rei ficassem expostos a «iguaes perfidias.» Mahamud dissimulou acceitar estas propostas, e até permittiu que o general escolhesse o local que lhe conviesse para a construcção da cidadella. Os pretextos porém de que se serviu, e os avisos secretos de alguns indios amigos dos portuguezes, deram claramente a conhecer a sua má fê, e Affonso d'Albuquerque decidiu-se alfim a empregar a força, e dar um assalto. Ruy de Araujo fez saber que a occupação da ponte que dividia em duas partes a cidade, podia decidir da victoria, ou pelo menos as forças do inimigo se enfraqueceriam, visto que metade da força ficaria impossibilitada de communicar com a outra. A ponte estava bem fortificada; tinha-se levantado n'ella uma especie de castello de madeira commandado por um dos principaes officiaes do Rei. A cidade tambem tinha fortificações, sendo a sua guarnição bastante numerosa.

No dia do Apostolo S. Thiago (1511) teve logar o primeiro ataque contra Malaca. ¹ Quando os portuguezes desembarcaram ainda não tinha amanhecido; porém soffreram ainda assim um vivissimo fogo de artilheria e mosqueteria.

D. João de Lima commandava o corpo que desembarcou á direita da ponte; Affonso d'Albuquerque poz pé em terra da esquerda, e os dois chefes concertaram o plano de atacar os inimigos pelos flancos, fazendo depois junção na ponte.

Rompeu o combate de todos os lados com bastante coragem. Logo no começo Affonso d'Albuquerque forçou os entrincheiramentos, sendo o primeiro a entrar Simão de

¹ Commentarios de Affonso de Albuquerque.

Andrade. Apoz longo e mal ferido combate o general conseguiu penetrar até á ponte e tomar posse de metade d'ella. Admiravam-se porém todos que D. João de Lima, tendo desembarcado no extremo opposto, não tivesse feito outro tanto, e por isso Affonso d'Albuquerque estava summamente perplexo sobre as posições que havia de tomar. A falta de D. João de Lima tinha uma explicação facil: atacado antes de chegar á ponte por Aladin e o filho do Rei de Pam, seu cunhado, á testa de um numeroso corpo de tropas, apenas começára a peleja, elle se vira obrigado a dividir a sua força, para ao mesmo tempo arrostar com o Rei que vinha de lhe tomar a rectaguarda. Ia este príncipe montado n'um elephante, precedido d'outros dois, e seguido de um maior numero d'elles, escoltados por mais de quinhentos homens. Cada elephante levava sobre si uma torre guarnecida de homens armados de fouce, e de sabres. O primeiro aspecto d'estes animaes não deixou de intimidar os portuguezes; porém D. João de Lima os mandou atacar de flanco. Fernando Gomes de Lemos, e Vaz Fernandes Coutinho, traspassaram com suas lanças o elephante em que montava o Rei, o qual sentindo-se ferido, deu grandes urros, tomou com a tromba o seu conductor, espesinou-o, e voltando atraz, lançou por terra os que o seguiam, pondo tudo em desordem. Mahamud, que conheceu o perigo que corria, estando já ferido na mão, desceu como pôde, e fugiu. A tropa de Aladin não tendo feito mais resistencia desde que cessou a do Rei, D. João de Lima se apoderou da mesquita, e do outro extremo da ponte.

O governador geral não havia tido pouco que fazer; porque ao tempo que o Rei se apresentou para atacar D. João de Lima, tres dos principaes officiaes d'este príncipe se separaram d'elle, correram á ponte seguidos de uns setecentos homens para se opporem ao general, que

d'esta sorte se achou entre dois fogos, obrigado ao mesmo tempo a arrostar estes, e os que vinham do lado opposto, que correspondia á rua principal da cidade, d'onde sem cessar destacavam novas tropas sobre elle; além d'isso achava-se extremamente incommodado pelas frechas, e materias inflammadas que lhe arremeçavam do cimo dos terrados das casas mais proximas á ponte, sem que podesse pôr-se a coberto d'ellas. Logo que D. João de Lima chegou á ponte, os inimigos mettidos entre dois fogos foram obrigados a precipitar-se no rio para se poderem salvar nas margens oppostas. Affonso d'Albuquerque tractou de se fortificar sobre a ponte com os mesmos materiaes que os inimigos ahi tinham, e fez collocar dois canhões á entrada do entrincheiramento que enfiava a rua principal, e para se livrar da importunação dos terrados, destacou Gaspar de Paiva, e Simão Martin, cada um com cem homens para irem lançar fogo ás casas. Este pegou com tanta facilidade, que muitas d'ellas foram consumidas juntamente com uma parte do palacio real, e outro pequeno palacio ambulante que se movia sobre rodas, o qual o Rei mandára construir para divertimento, nas nupcias da princeza sua filha.

Affonso d'Albuquerque não pôde conseguir fortificar-se sobre a ponte, pois tinha de combater sempre novos inimigos; sua gente achava-se já extremamente fatigada; havia passado toda a noite em armas, combatido durante todo o dia, soffrido bastante pela fome, sêde, e pelo intenso calor do dia. Apenas podiam ter-se em pé. Temia além d'isso o general a volta da força naval inimiga, ou as machinas que os inimigos podiam soltar contra seus navios para os incendiar, de sorte que tomou o partido de se retirar, resolvido a voltar outra vez á carga, e satisfeito do que praticára n'este dia.

Tendo o governador geral o maior empenho em con-

quistar Malaca mandou armar um grande junco ⁴ para bater a ponte, e encheu-o de ferramentas proprias para remover a terra, para d'ellas se servir quando lhe fosse necessario abrir trincheiras. Este junco, que bem parecia uma fortaleza fluctuante, devia postar-se de maneira que dominasse a ponte: como porém as marés não fornecessem sufficiente agua, foi necessario empregar muitos dias para o rebocar e fazer avançar pouco a pouco, á medida que as aguas augmentavam pela aproximação da lua nova. Os inimigos fizeram quanto puderam para o queimarem, e em cada preamar largavam duas ou tres machinas cheias de materias inflammaveis, as quaes eram sempre afastadas pelas lanchas guarnecidas de longas varas, e de arpéos. As baterias da margem não cessavam de o crivar em diversos logares. O fogo de mosquetaria e as frechas, que de todos os lados se lhe dirigiam egualmente produziam grande effeito, e Antonio d'Abreu que o commandava teve ambas as faces feridas, o que não embarçou este bravo de continuar a combater com o maior valor.

Affonso de Albuquerque observando dia de S. Lourenço que o junco podia ser levado até á ponte, renovou o ataque. Os inimigos que tiveram tempo para se prepararem, faziam um fogo terrivel; não obstante effeituou-se o desembarque. Diniz Fernandes, Jorge Nunes de Leão, Nuno Vaz de Castello-Branco, e Thiago Teixeira, sendo os primeiros que forçaram as trincheiras, á testa de suas respectivas companhias, foram atacar a mesquita. Por outra parte Affonso d'Albuquerque evitando pelos avisos que se lhe fez, as minas, e os estrepe: envenenados que Mahmud havia mandado dispor nos sitios por onde suppunha que elle passaria, conseguiu impellir os inimigos adiante de si, até ao meio da rua principal, onde empregou os

⁴ Navio indiano.

maiores esforços para se apoderar de um entrincheiramento que os mouros ali haviam estabelecido, e em que combatiam com extremo denodo; apoderando-se d'elle deixou aqui uma parte de suas tropas, e voltou com a outra para auxiliar os que atacavam a mesquita, e teve o prazer de achar a ponte livre pelo valor de Antonio de Abreu. Os que combatiam na mesquita, tendo obtido o mesmo resultado, haviam-n'a ganhado á força de armas, antes de ter chegado Mahamud á testa de tres mil homens para a defender, de sorte que vendo este principe por esta parte o negocio concluido, fugiu precipitadamente.

O governador geral querendo fortificar-se sobre a ponte, mandou collocar quatro barcas, em cada uma das extremidades da mesma, bem guarnecidas de artilheria, para defender as margens do rio. Fez depois tirar do junco as barricas que para ali se haviam levado, ordenou que as enchessem de terra, e com ellas construiu duas baterias, uma do lado da mesquita, e outra do da rua principal. Tendo d'esta sorte fortificado as avenidas, fez cobrir tanto a ponte como o junco com grandes velas, para que ah; pudesse estar a coberto das frechas; os portuguezes fizeram então os ultimos esforços, e avançando pela cidade derrotaram os inimigos.

Persuadia-se o general ter ainda muito que fazer no dia seguinte, no ataque do palacio, porém o Rei o tinha abandonado, retirando-se durante a noite para a côrte do Rei de Pam, d'onde escreveu aos principes visinhos, empenhando-os no restabelecimento de seu poder.

A cidade, abandonada pelos habitantes, foi entregue ao saque. Acharam-se thesouros immensos, armazens cheios de ricas mercadorias, e tres mil peças de artilheria, das quaes duas mil eram de bronze.¹

¹ Commentarios de Affonso de Albuquerque.

Esta conquista feita por oitocentos portuguezes e quatrocentos malabares auxiliares, não custou mais do que oitenta homens, parte dos quaes só morreram por serem as frechas que os feriam envenenadas, e cujo antidoto ainda se ignorava. Os inimigos soffreram grande mortandade. Não se pôde negar, que elles se defenderam com o maior denodo; mas observou-se então quanto pôde a bravura, e de que são capazes os homens corajosos, sendo conduzidos ao combate por um grande capitão.

Como os portuguezes se limitaram só á posse da cidade, aquelles dos habitantes, que seguiam um Mahometismo corrompido, retiraram-se para o interior das terras. Os partidarios do Rei fortificaram-se na margem do rio Muar a oito leguas de Malaca, cujo leito fecharam para obstar á passagem dos bateis que poderiam fazer correrias sobre o seu campo.

Os estrangeiros, residentes em Malaca, não foram incommodados, mas pelo que toca aos mouros, tanto Guzaraes, como naturaes de Malaca, os que escaparam á manança geral foram feitos escravos.

Decorridos alguns dias, o Utimuta-Rajá mandou pedir ao governador geral licença para regressar á cidade com os Javas do seu commando, o que foi concedido. Ruy d'Araujo intercedeu por Ninachetú, indio notavel por sua probidade, e por suas riquezas, que por espirito de religião, havia soccorrido os portuguezes durante o seu captiveiro, e continuára ainda a avisal-os do que contra elles se tramava.

O vencedor adoptou, depois dos tres dias de saque, as medidas que havia estabelecido na pacificação de Góa, e para consolidar o governo, conferiu a intendencia dos estrangeiros a Utimuta-Rajá, e a dos idolatras a Ninachetú; porque aquelle tinha bastante credito e auctoridade sobre os individuos de sua seita; este muita probidade. Não tar-

dou que estes dois homens fizessem recolher para a cidade os habitantes que o terror dispersára; de sorte que Mahamud e o príncipe Aladim, que haviam acampado na margem do rio Muar, não puderam obstar á deserção d'uma parte dos que o haviam acompanhado em sua desgraça, mais pelo receio do domínio estrangeiro do que por afeição á sua pessoa. D'esta sorte começou a cidade a povoar-se, e a tornar-se outra vez commercial.

Ruy de Araujo informou o governador geral de que não havia pedra em Malaca; porém os indios denunciaram o sitio em que se podia encontrar, e tendo-se escavado a terra junto a uma montanha não só se encontraram muitas sepulturas dos antigos Reis, todas de cantaria, mas descobriu-se uma especie de pedra propria para fazer cal. Satisfeito por esta descoberta, elle não abandonou o seu primeiro projecto, de construir provisoriamente um forte de madeira, que devia necessariamente ser concluido o mais breve possivel. No mesmo dia em que se deu principio a estes trabalhos elle lançou tambem os fundamentos da cidadella ao pé d'aquella montanha; e para que esta a não dominasse, fez levantar uma torre no seu cume. Igualmente mandou edificar uma igreja, sob o nome de Nossa Senhora da Annunciação, e um hospital para enfermos.

A edificação de todas estas obras progredia com a maior diligencia, porque o general, vendo que os seus, por si sós, não eram bastantes para estes trabalhos, empregou tambem os *Amargas*, classe infima do povo, a quem chamavam *Escravos do Rei*, e que eram mantidos á custa do estado.

O Rei de Malaca persuadiu-se que os portuguezes se limitariam a saquear a cidade, levando comsigo todas as riquezas que n'ella encontrassem para o Indostão. Quando porém observou as medidas por elles adoptadas para alli se fixar, quiz persuadir-se que poderia ainda expulsal-os com

os soccorros que esperava; tanto mais que acabava de receber a noticia de que Laczamana, almirante da sua armada, e o principe da ilha de Linda, seu subdito, estavam a caminho para Malaca, e já não estavam longe. Vendo porém o principe de Linda que a cidade estava occupada pelos inimigos, retrocedeu, e Laczamana fez propostas de paz a Affonso d'Albuquerque, que não acceitou; no entanto nada d'isto surtiu o desejado effeito pelo ciume dos indios, a que o general tinha prestado o seu apoio. Em consequencia do que elles temendo que Laczamana, homem de bastante merito, obtivesse mór credito e consideração junto do general, occultamente o avisaram de que o pretendiam assassinar, o que fez com que a negociação fosse interrompida.

Entretanto Affonso d'Albuquerque a quem a proximidade de Mahamud e de Aladim importunava muito, resolveu desalojar-os d'aquelle porto, antes que tivessem tempo de se fortificar, de forma que fosse depois impossivel conseguil-o. Encarregou d'esta commissão os dois Andrades, que á testa de quatrocentos portuguezes, seiscentos Javas e trezentos malaios do reino de Pegú, os surprehenderam tão repentinamente que não tiveram tempo senão para fugir, abandonando quasi todas as suas bagagens, e sete elephants ricamente ajaezados.

As leis promulgadas em Malaca, fundadas na equidade, e justiça, foram recebidas pelos habitantes com agrado; e em verdade ellas faziam sentir o contraste do precedente governo que tão violento e tyrannico fôra. Mas o que acabou de attrahir a affeição do povo para com Affonso de Albuquerque foi o estabelecimento de uma nova moeda. Ao passo que a sua politica o obrigava a fazer uma lei, que prohibia o uso de outra que não fosse a nova, sob pena de morte, promoveu que a publicação d'este êdito se fizesse com uma pompa e uma liberalidade excessiva.

Nada faltava para que o espectáculo fosse grandioso. Adiante ia o governador da cidade em cima de um elephante com o seu castello guarnecido de seda, levando nas mãos a bandeira real de Portugal; apoz caminhavam os principaes habitantes da cidade formados em allas de dois e dois. Seguia-se um outro elephante igualmente com um castello em cima, onde ia um indio deitando os pregões; uma alla de trombetas ia na rectaguarda d'este segundo elephante; e finalmente fechava o cortejo um terceiro ricamente ornado, e com castello de madeira, onde se viam Antonio de Sousa, filho de João de Sousa Santarem, e o filho de Ninachetú, lançando ás mãos cheias a nova moeda de ouro, prata, e estanho, ao povo, todas as vezes que terminava cada pregão do indio. A multidão mal cabia pelas ruas; tangia varios instrumentos a seu uso, e quando caiam as moedas lançavam-se uns sobre os outros avidos de colher uma riqueza para elles desconhecida: e n'essa occasião em altos clamores saudavam o grande Affonso de Albuquerque.

CAPITULO V

ANNOS DE 1511 E 1512

SUMMARIO

A noticia da tomada de Malaca pelas armas portuguezas, produz grande agitação nas cortes dos principes visinhos.—Elles mandam seus embaixadores a cumprimentar Affonso d'Albuquerque por esta conquista, e a solicitar a sua alliança.—Reconhecimento das Malucas.—Affonso d'Albuquerque nomeia as auctoridades para o governo de Malaca, e parte para o Indostão.—Infructuosas tentativas de Pulatecão, official do Hidalcão, para recuperar Goa.—Vigorosa defensa d'esta.—Rodrigo Rebello seu governador é morto.—Succede-lhe ao governo da praça Diogo Mendes de Vasconcellos, então ainda considerado preso d'Estado.—Pulatecão faz-se suspeito ao Hidalcão, e é rendido por Roçaleão.—Disposições hostis d'este chefe contra a praça.—Assalta-a por differentes vezes, e é sempre repellido.—Apuro a que se vê reduzida a cidade, e deserção de muitos portuguezes para o inimigo.—Esta vem a cessar, e por que causas.—

Circunstancias que melhoram o estado da cidade.—Affonso de Albuquerque naufraga na costa de Çamatra, é salvo por um dos navios da armada, e depois de varios incidentes entra em Cochim, aonde, pela noticia que correra do naufragio, era já reputado morto.

A noticia da tomada de Malaca, causou grande agitação em todas as cortes dos principes visinhos; todos elles por diversos motivos politicos, mandaram seus embaixadores cumprimentar Affonso d'Albuquerque pela sua victoria, e obterem a sua alliança; o mesmo Rei de Sião o mandou saudar por ter castigado um de seus subditos rebeldes, e testemunhou o prazer que tinha de viver em boa intelligencia com a coroa de Portugal. Affonso d'Albuquerque recebeu todos estes embaixadores com apparato e grandes demonstrações de distincção, e depois de os ter despedido, enviou tambem os seus ás differentes cortes.

Duarte Fernandes foi para Sião, e como o Rei d'este paiz mandasse presentes e uma carta para El-Rei de Portugal, Affonso d'Albuquerque lhe correspondeu, enviando a *Hodiá*, corte de Sião, por embaixadores, Antonio de Miranda de Azevedo e Duarte Coelho.

Ao *Pegú* foi mandado Ruy da Cunha (que outros chamam Gomes da Cunha) o qual assentou ajustes de paz com o Rei, etc.

Pelo mesmo tempo recebia Affonso d'Albuquerque em Malaca embaixadores de um Rei da *Jahua*, do Rei de *Cam-*

par, de um dos Reis da Ilha de Çamatra, e de outros reis e senhores do sertão, e das Ilhas visinhas, parte dos quaes se fizeram vassallos, e parte amigos e confederados d'El-Rei de Portugal.¹

Para assentar o trato de *Maluco* mandou Affonso d'Albuquerque tres naus, e um junco. Nas naus iam Antonio d'Abreu, capitão-mór da armada, Francisco Serrão, e Simão Affonso; no junco ia por capitão um mouro, que costumava navegar para *Maluco*, e era vassallo de Portugal. Uma das naus se perdeu atravez de *Jáo*. As mais foram ter á Ilha de *Banda*, onde estiveram quatro mezes, voltando a Malaca, sem irem ao seu destino, tanto pela demora da monção, como porque alli mesmo receberam de *Maluco* cravo, com que se carregaram as náus. Abreu porém enviou ao Rei de *Maluco* as cartas de Affonso d'Albuquerque.

N'esta viagem, e já no anno de 1512 descobriu Antonio d'Abreu a ilha de *Amboino*, e Francisco Serrão passou a *Ternate*, uma das *Malucas*.

O Archipelago das ilhas *Malucas* parece obra de algum fogo subterraneo. Montes orgulhosos, cujos cumes se perdem em as nuvens; rochedos enormes collocados uns sobre outros; cavernas hediondas, e profundas torrentes que se precipitam com uma violencia extrema; vulcões annunciando sem cessar uma destruição proxima: um equal cahos faz nascer aquella idéa, ou a fortifica pelo menos. Ignora-se como estas ilhas foram ao principio povoadas: mas parece provavel que os de Java, e os Malaios lhes dessem as leis. No começo do seculo xv os seus habitantes eram uma especie de selvagens. Os chins tendo por acaso tocado n'aquellas ilhas, descobriram o cravo, e a noz mos-

¹ Castanheda, liv. 3 da «Hist. da India» e Goes na «Chron. de El-Rei D. Manuel».

cada. O gosto foi bem depressa espalhado em as Indias, d'onde passou á Persia e Europa. Os arabes que tinham então em seu poder quasi todo o commercio do Universo, não despresaram uma tão rica possessão, e se arrojjaram em multidão n'estas ilhas tornadas celebres, e se haviam apoderado já das producções, quando os portuguezes, que por toda a parte os perseguiram, lhes vieram disputar este grande manancial da sua prosperidade.

Affonso d'Albuquerque nomeou Ruy de Brito Patalim governador civil e militar de Malaca, Ruy d'Araujo Feitor, e Fernão Peres d'Andrade, a quem deu dez vellas, capitão-mór d'aquelles mares. Fez outras muitas nomeações, depois do que deu á vella para voltar ao Indostão, com grande sentimento do povo de Malaca, que fez as mais vivas instancias para o determinar a ficar ainda por algum tempo.

Goa não deixou de resentir-se da ausencia do governador geral, e pouco faltou que não recahisse no poder de seus primeiros dominadores. O Hidalção desejava recuperar esta praça, que fôra sempre a sua melhor prenda. Elle espreitava o momento da partida de Affonso d'Albuquerque, porém achando-se occupado com a guerra que lhe moviam seus visinhos no interior das terras, não pôde tentar a empreza em pessoa, e foi obrigado a commettel-a a Pulatecão, a quem deu tres mil homens de infantaria, e alguma cavallaria. Timoja e os seus indios foi apresentar-lhe batalha; ao principio teve vantagem, porém tendo a imprudencia de perseguir com poucas forças o inimigo, este tomando animo bateu os indios, e alcançou uma completa victoria. Timoja envergonhando-se de voltar a Goa foi para o Reino de Narsinga, porém o Rei d'este paiz violando os direitos de hospitalidade o fez assassinar.

Pulatecão avançou então até Benastarim, e tentou inutilmente sublevar os indios da ilha, que se conservaram

fiéis e avisaram de tudo Rodrigo Rebello, governador de Goa, para que provesse na segurança da ilha, fazendo guardar as passagens. Com effeito elle deu boas ordens, e com muita promptidão. O general inimigo não se desanimou, e tendo feito preparar quantidade de bateis ligeiros cobertos de couro, e escolhido uma noite escura e chuvosa, enganou os portuguezes divertindo-lhes a attenção, e não só atravessou a ilha sem ser percebido, mas tomou ainda duas caravellas, e passou á espada os que as guardavam.

Pulatecão para se aproveitar da primeira perturbação, que a sua passagem devia causar em Goa, subornou um indio, a quem ordenou, que fosse á cidade e dissesse confidencialmente ao governador, que 200 mouros tinham entrado na ilha, e estavam postados na antiga Goa, onde seria facil surprehendel-os. O governador corajoso, mas pouco prudente, caiu no engano contra o parecer do Coje-Qui, a quem o aviso pareceu suspeito. Enviou primeiro Fernando de Faria para descobrir: porém seguindo logo a impetuosidade dos seus poucos annos, saiu na frente de quarenta cavallos, e quinhentos indios. Tanto que elle se adiantou, o traidor que tinha dado o falso aviso, descobriu a sua velharia aos indios, que o seguiam, disse-lhe o verdadeiro numero dos inimigos, e salvou-se. Estes pararam vendo a desigualdade do partido.

Rodrigo Rebello descobrindo de cima de um outeiro os inimigos, que passavam de quinhentos, e vendo-se abandonado dos seus indios, ficou surprehendido; porém tendo demasiado valor, grita aos portuguezes que o sigam, e avança sobre os mouros, que foram logo derrotados e obrigados a precipitarem-se no mar para se salvarem nos bateis, morrendo pelo ferro e afogados mais de duzentos.

Dos quinhentos indios que seguiram Rodrigo Rebello, trezentos canarins voltaram para traz; os duzentos que

eram malabares tinham-no seguido de longe, e chegaram muito a tempo de perseguir os fugitivos; no fim d'este combate vieram dizer a Rodrigo Rebello, que havia alguns inimigos retirados n'um outeiro entre ruínas. Era Pulatecão, e oitenta homens dos mais valentes dos que o seguiam. O Tanador Coje-Qui o conheceu pelas suas insígnias, e fez quanto pôde para conter a impetuosidade do governador, promettendo-lhe que elle os faria cercar pelos seus, de modo que nem um escaparia. O conselho era muito prudente para um moço, a quem a sua primeira felicidade tinha cegado. Elle correu precipitado a buscá-los com quatorze cavallos, e saltou n'uma cerca. Os inimigos o metteram no flanco por ambas as partes, e picaram-lhe o cavallo, que empinando-se voltou sobre elle, e logo o mataram ás lançadas. Manuel da Cunha, que o tinha seguido teve a mesma sorte: os outros foram rechassados com o mesmo vigor, e tomaram o partido de se retirarem para a cidade, sem que os inimigos tomassem o trabalho de os seguir, contentes com a morte d'estes dois portuguezes, cujo valor imprudente tinha arrebatado aos seus o fructo de uma tão bella victoria.

Francisco Pantoja devia por direito succeder a Rodrigo Rebello no seu posto, e o conselho a isso o obrigou; porém elle o recusou, e fez acto de resistencia. Na sua falta ninguém o merecia melhor que Diogo Mendes de Vasconcellos. É verdade que sendo preso d'Estado havia motivo para que não o escolhessem, porém a necessidade fez passar por tudo, offereceram-lhe o governo e elle o acceitou. Francisco Pantoja quiz depois entrar, e fez seus protestos, porém não foi attendido.

Diogo Mendes de Vasconcellos, como homem experimentado, logo se applicou a sustentar um cerco, de que temia os riscos, porque estava na entrada do inverno, e toda a sua guarnição constava apenas de seiscentos mala-

labares, ou canarins que tinha sido obrigado a receber na cidade, e duzentos portuguezes, aos quaes se ajuntaram depois mais trinta, que conduzia Francisco Pereira de Barredo, que por este pequeno reforço foi recebido como uma divindade.

Pulatecão que tivera tempo para se reparar das ultimas perdas que soffrêra fortificava-se em Benastarim onde fez um forte, e achando-se senhor do campo corria livremente até ás portas da cidade de Goa, sendo tal sua soberba que nem se occupava já de participar o estado de suas operações ao seu príncipe.

O Hidalcão a quem este proceder se fez suspeito, resolveu de o fazer render, e enviou para este fim Roçalcão, arabe ou turco de origem, e de religião, cujo merecimento pessoal o tinha obrigado a dar-lhe sua irmã em casamento. Roçalcão conduzia seis mil homens, e trazia uma ordem a Pulatecão para este lhe entregar o commando das tropas. O Hidalcão persuadia-se que o respeito á pessoa que enviava, adoçaria Pulatecão do desgosto da sua remoção; enganou-se, este chefe recusou obedecer-lhe.

Roçalcão tomou o partido de dissimular, porém enviou occultamente um prisioneiro portuguez que tinha, a Diogo Mendes de Vasconcellos, para lhe dizer da sua parte: «que tudo o que Pulatecão tinha feito, havia sido sem ordem e contra vontade do Hidalcão, que não appetecia mais do que viver em boa amisade com a coroa de Portugal, de que se queria fazer tributario; que se quizesse unir as suas tropas ás d'elle para o ajudar a submeter este vasallo rebellado, elle lhe ficaria obrigado, e o deixaria depois na pacifica possessão de Goa.» Diogo Mendes de Vasconcellos foi enganado por uma proposição tão lisongeira; os dois generaes uniram suas forças. Pulatecão vencido retirou-se, sendo pouco depois envenenado por ordem do Hidalcão.

Roçalção conseguindo o fim de seus intentos, não cumpriu a palavra que dera a Diogo Mendes de Vasconcellos, pelo contrario o mandou notificar com muita soberba para despejar a praça, e como a resposta foi negativa começou a combater a cidade com mais denodo do que o havia feito o seu predecessor; porém tendo-se afastado do campo onde tinha o grosso das suas tropas, soffreu nas diversas correrias que fazia, já pelo numero diminuto de suas forças, já pelas ciladas que lhe armava o governador. A perda que experimentava era consideravel, ao passo que a dos sitiados não se tornava sensivel senão pela perda de Tanador Coje-Qui, cuja perda sentiram vivamente todos, por causa da affeição, que tivera sempre aos portuguezes, a quem fizera grandes serviços, sendo além d'isso esforçado e prompto sempre a accommetter contra os mouros inimigos. N'uma das sortidas recebeu um tiro, de que morreu poucos dias depois sentindo não poder alcançar a morte gloriosa no campo de batalha.

As continuas chuvas derrubaram depois grande pedaço dos muros da cidade, de modo que vieram a ficar da altura de um homem; felizmente o desastre foi de noite, e tiveram tempo de trabalhar para reparar a brecha; Roçalção que o soube pelos seus descobridores, veio dar-lhes assalto, porém foi repellido; quatro noites successivas fez o mesmo, e foi sempre rebatido; de sorte que se poz em mais cautela, e recorreu a um stratagem para enfraquecer os sitiados, e dissipal-os com fadigas, sem lhe custarem a elle nada. Assentou um corpo de tropas muito perto da cidade com ordem de fazerem tocar as trombetas toda a noite. Os sitiados acordados por este estrondo estavam sempre álferta, e padeciam muito com a vigilia, peso das armas, e os rigores da estação. Comtudo livraram-se d'este incommodo, e desbarataram o destacamento.

Até então os sitiados tinham soffrido muito pouco dos

inimigos ; porém Roçalção tendo-se apoderado de um alto que dominava a cidade, e montando alli uma grossa colubrina, com o seu fogo varejava tudo. Tendo os habitantes consumido os mantimentos, não restavam mais do que os dos armazens, cuja distribuição se fazia com muita cautela, e só aos que traziam armas; os outros viviam unicamente de algum marisco que apanhavam, o que logo causou uma molestia geral, que foi maior flagello do que a fome.

Estas miserias multiplicadas revoltaram o animo de alguns soldados, que comparando o seu estado presente com o de João Machado e outros fugitivos, que os principes da India, para quem se retiraram, encheram de bens e honras, passaram para o campo inimigo, e abjuraram a sua religião. João Machado era o chefe d'estes renegados, e tendo-se arrependido formou o projecto de ser ainda util à sua patria. Achando occasião opportuna conduziu os portuguezes na direcção da cidade, e quando lhe pareceu conveniente lhes fez um discurso pathetico acompanhado de copiosas lagrimas, e os exhortou a seguirem-no para a cidade, a corrigiram suas culpas passadas por um arrependimento, cujo perdão elle lhe affiançava. Quasi todos o seguiram. Os habitantes de Goa vieram recebê-los em procissão, e com todas as demonstrações de uma alegria completa. Pareceu que a cidade recebera n'elles a sua salvação. É certo que esta retirada, que penetrou o coração de todos, acabando com a deserção, impediu tambem a entrega da praça.

Roçalção irritado pela retirada de João Machado, com mais ardor apertou o cerco, e por algum tempo não deixou respirar os sitiados, nem de dia, nem de noite. Em uma d'estas escaramuças, saiu o governador geral na frente de oitenta cavallos, e desbaratou duzentos mouros de cavallaria, e setecentos soldados infantes, que estavam n'uma

emboscada ; não obstante esta vantagem a cidade estava reduzida a capitular por causa da fome, e Francisco Peireira de Barredo, emprehendeu, apesar da estação, de ir a Baticála buscar mantimentos em uma fusta. E ainda que o posto de Cintacora por onde devia passar, estivesse guardado por fustas inimigas, fez uma viagem tão feliz, que voltou acompanhado de vinte paráos carregados de provisões. Algum tempo depois, Sebastião Rodrigues, fazendo a mesma viagem com igual fortuna, teve Goa de que se sustentar até quasi ao fim do inverno. Fernando de Beja, que Affonso d'Albuquerque tinha enviado para demolir o forte de Socotorá, chegou depois que entrou a estação benigna. Pouco depois d'elle chegaram ainda João Serrão, e Paio de Sá, que vinham da ilha de Madagascar. Foram seguidos por Manoel de Lacerda, que conduziu os seis navios, que Affonso d'Albuquerque lhe tinha deixado para andar pela costa de Malabar, e por Christovão de Brito, que tinha partido n'este anno de mil quinientos e onze na esquadra de D. Garcia de Noronha. Tambem Melique-As, sempre politico, querendo-se distinguir por lhe dar soccorro, enviou dois navios, que acabaram de abastecer a praça.

Roçalcão não descorçoou com a chegada d'estes soccorros: porém ficando derrotado em diversos encontros, não pensou mais do que em conservar-se no posto de Benastarim, de que fez a melhor praça que teve o Hidalcão.

Affonso d'Albuquerque que nós deixámos no mar, partindo de Malaca sómente com cinco navios, e um junco, chegando perto da costa de Çamatra foi assaltado de uma das mais violentas tempestades que jámais se tinha sentido em aquelles mares. Viu-se obrigado em alta noite, a procurar um ancoradouro, com risco de se despedaçar contra os rochedos. A embarcação em que se achava tinha o nome de *Flór do Mar*, havia feito grande numero

de viagens, e se achava meia podre. Partiu-se e a parte da prôa foi repentinamente para o fundo. A pôpa ficou enterrada na arêa, victima do furor das vagas, que envolviam parte d'aquelles que restavam da equipagem. Affonso d'Albuquerque luctava contra as ondas quando descobriu perto de si o filho de uma escrava. A compaixão lhe inspirou o desejo de o salvar, e depois concebeu tambem a esperança de que Deus attenderia ao que elle praticava por esta innocente creatura. Com effeito Pedro de Alpoem, commandante da nau Trindade, conheceu o perigo em que Affonso d'Albuquerque se achava, e apesar da violencia da tormenta, elle deitou as lanchas ao mar a fim do o socorrer. Ditosamente o conseguiu, e os restantes companheiros do navio de Affonso d'Albuquerque foram de igual maneira salvos do eminente perigo, logo que despontou o dia, mas nada pôde conservar das immensas riquezas que trazia aquella embarcação. Vinham alli os Reaes Quintos, e todos os effeitos preciosos do governador geral, incluindo dois leões de bronze com que elle queria ornar a sua sepultura.

Este não foi o unico desastre. Os indios da ilha de Java que guarneciam o junco, logo que se viram separados pela tempestade do navio de Jorge Nunes, que os vigiava, mataram o capitão Simão Martins, e todos os portuguezes que estavam debaixo das suas ordens, á excepção de quatro, que se achavam em um batel, e foram ter aos Estados do Rei de Pacem. Este principe indiano lhes fez um acolhimento muito favoravel.

Escapando, como por milagre, á tempestade, Affonso d'Albuquerque soffreu calmas que o arriscaram, e a toda a sua gente, a morrer de fome e sêde. Achou comtudo alguns viveres em dois navios aprisionados; porém um d'elles lhe deu novas inquietações. Tinha confiado o commando de um navio a Simão de Andrade, o qual se achava

com poucos portuguezes. Desprovido dos meios de tomar altura, Simão de Andrade foi obrigado a confiar-se a um piloto indiano, que seguiu a derrota das Maldivas; então os prisioneiros se revoltaram, deram saque a Simão de Andrade, e á sua gente, fazendo-os supportar fataes calamidades. Comtudo não attentaram contra as suas vidas, receiando que Affonso d'Albuquerque mandasse matar o capitão que tinha ficado em refens a bordo do seu navio. Por ultimo, os portuguezes tomados foram remettidos a Cochim, aonde Affonso d'Albuquerque tambem chegou quando pela noticia do seu naufragio era alli já reputado morto.

CAPITULO VI

ANNO DE 1512

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque apenas chega a Cochim manda reforços para Goa e Malaca. — Chegam á India mais embarcações enviadas por El-Rei D. Manuel. — Entram em Cochim os portuguezes, que, tendo naufragado na costa de Cambaia, foram feitos captivos pelo Rei d'este paiz. — Conspiração tramada por Patequitir em Malaca para arrancar a cidade do dominio portuguez. — Disposições que Ruy de Brito, governador d'esta, adopta para a defender. — Um forte entrincheiramento de Patequitir é forçado, e incendiado. — Patequitir fortifica-se n'outro ponto, e este é igualmente levado pelas armas. — Vantagens que aos portuguezes se seguiram d'esta acção. — Os inimigos procuram reunir consideraveis forças maritimas. — Meios porque os portuguezes obstem a esta junção. — Extremo a que se reduz Malaca por causa da fome, e doenças; porque modo cessa o

apuro. — Os portuguezes atacam novamente Patequitir em suas trincheiras, e tendo sido derrotado completamente, retira-se para a ilha de Java sendo inuteis todas as medidas adoptadas para elle não escapar.

O governador geral, sabendo em Cochim do que se havia passado em Goa, enviou logo provisões de guerra e de bocca para esta cidade. Substituiu Diogo Mendes de Vasconcellos no governo de Goa por Manoel de Lacerda, indo para o commando da esquadra Fernando de Beja. Tambem por este tempo fez partir para Malaca Francisco de Mello, Martim Guedes, e Jorge de Brito, com um reforço de cento e quarenta homens, bastante quantidade de munições de guerra e de bocca, calafates e tudo o que era necessario para pôr no mar seis galeras, que destinava para guardar os estreitos de Sabão e de Sincapour. Bons desejos teve elle de se transportar a Goa, onde a sua presença era necessaria: porém os seus officiaes lembrando-lhe as poucas forças que então tinha, rogaram-lhe que suspendesse sua viagem até á chegada do soccorro que vinha de Portugal, de que havia já noticia. Parecendo-lhe esta proposição justa suspendeu com effeito por algum tempo a sua viagem.

Em 26 de agosto de 1512 chegou a Cochim ¹ D. Garcia de Noronha, sobrinho de Affonso d'Albuquerque, que El-Rei mandára sair de Lisboa com uma esquadra de seis

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

naus, dando-lhe a patente de Capitão-mór do mar da Índia. A viagem foi infeliz; encostando-se de mais ás terras do Brazil, e subindo muito sobre o Cabo da Boa Esperança para o polo Austral, experimentou frios tão fortes como os que se sentem nas viagens do Norte. Gastou sete mezes para chegar a Moçambique, onde invernou.

El-Rei D. Manoel que temia os preparos do Califa, fez partir mais doze navios em duas esquadras commandadas por Jorge de Mello Pereira, e Garcia de Sousa, que tinham ás suas ordens muito bons officiaes, entre os quaes iam Jorge d'Albuquerque, Pedro, seu filho e Vicente, todos tres proximos parentes do general. Estas frotas, que chegaram a Cochim em agosto de 1512¹ foram recebidas com muita alegria por trazerem um reforço de dois mil homens de peleja.

Por este tempo chegaram tambem a Cochim os portuguezes, que tinham sido prisioneiros no navio que naufragára sobre a costa de Cambaia, e que se haviam libertado de uma maneira singular.

O Rei de Cambaia ainda que ligado occultamente com o Califa, e inimigo dos portuguezes, no fundo do seu coração, tinha sempre tratado estes prisioneiros com grande distincção, por conselho de Melique-As, e de Melique-Gupin. O padre Francisco Loureiro, franciscano, projectou tratar do resgate, e para isso pediu ao Rei que o deixasse ir a Cochim, para alli tratar d'este negocio. O Rei perguntando-lhe que seguro lhe dava de voltar, elle desatou o seu cordão, e lh'o entregou como penhor da sua palavra. Obtendo o consentimento d'este principe para aquelle negocio foi a Cochim. Affonso d'Albuquerque tinha partido para Malaca, e os que governavam na sua ausencia não trataram, como deviam, objecto de tanta consideração. O

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

padre vendo que nada conseguia, regressou a Cambaia, onde deu suas desculpas. O Rei ficou penetrado d'esta fidelidade, e concebeu uma tão grande idéa de uma nação, que produzia homens capazes d'estes actos de virtude, que os enviou sem resgate para Cochim, onde foram recebidos com geral contentamento.

Malaca não sentiu menos a ausencia do general, do que Goa. Mahamud, e Aladin, postados na ilha de Bintam, Laczamana seu almirante, que guardava o rio Muar, e Patequitir, ajustaram-se para fazerem uma viva guerra com a esperança de se assenhorearem da praça. Os indios e os mesmos portuguezes, esmorecendo do seu pequeno numero, temiam tudo da união d'estes inimigos, que cada um de per si não era para desprezar. Patequitir não tinha sahido da sua povoação de Ulpi, onde residia com os seus Javas. Havia-se alli fortificado com entrincheiramentos e tinha navios, que mandava a corso, e inquietavam muito a cidade.

O governador Ruy de Brito Patalim mandou construir uma trincheira desde a cidade até á porta da fortaleza; no angulo da qual collocou o casco de um grande navio. Patequitir, escolhendo uma noite escura, tomou o navio pela negligencia do capitão, que foi morto com todos os seus defensores.

Era preciso não deixar gozar muito tempo a Patequitir de um acontecimento, que ensoberbecendo-lhe o animo abatia em extremo o dos indios alliados, que já tinham dado muitos signaes da sua desconfiança, enlutando-se na partida de Affonso d'Albuquerque. Assim resolveram ir atacal-o no seu forte. Affonso Pessoa conduziu por terra ao longo da praia os malabares, e os malaios sustentados por alguns arcabuzeiros portuguezes; Fernão Peres de Andrade, commandava a partida, e estava á testa do resto dos bateis. Affonso Pessoa chegou um pouco tarde, por ser

demorado por causa de um váu. Jorge Botelho de uma parte com alguns portuguezes, e Fernão Peres de Andrade de outra, atacaram o forte, e forçaram as trincheiras. O maior perigo foi dentro da praça, onde acharam quatrocentos homens em armas, e tres elephantes, sobre cada um dos quaes havia uma torre, e muitos besteiros. Jorge Botelho, mais exposto do que os outros, sustentou o primeiro esforço com a sua pequena tropa. Não se perturbou, disse aos seus que fizessem pontaria para matar o mestre do primeiro elephante, que era femea, e muito mais pequeno que os outros.

Caindo o mestre traspassado dos tiros, o elephante voltou de lado, e no campo recebeu um tiro de arcabuz no coração; e não dando mais do que um grito, caiu morto. Fernão Peres de Andrade chegou n'este momento pelo lado opposto: os inimigos perturbados, não cuidaram mais do que em se acolherem para os mattos, onde não foram seguidos. Acharam-se no forte tantas riquezas, e sobretudo tantas especiarias, que não podendo os vencedores carregal-as, foram obrigados a convidar a gente de Malaca para vir tomar parte na preza; depois do que lançaram fogo ao que ficou. Jorge Botelho distinguio-se muito n'esta acção, porém, quem teve maior honra foi sem duvida o artilheiro, que Patequitir tinha captivado no navio que tomára, porque preferindo antes a morte do que servir á peça de artilheria contra os seus, Patequitir lhe mandou cortar a cabeça sobre a culatra da mesma peça, a qual acharam ainda tinta de seu sangue esparsido de fresco quando a tomaram.

A superstição impediu Patequitir de tornar a um lugar, onde a sorte das armas lhe tinha sido tão contraria; transportou-se uma légua mais longe, e ali se fortificou ainda melhor do que no primeiro ponto. Os portuguezes não tardaram em o atacar. As trincheiras foram tomadas d'assal-

to, e sendo perseguidos os indios por algum tempo, a final os portuguezes retiraram-se aos seus bateis.

Mahamud, obrigado por Patequitir, enviou ordem ao seu almirante para se unir ás frotas do Rei de Arguim e de outro principe, seus aliados, e de se apresentar nos estreitos de Sabão, e Sincapour, junto da foz do rio de Muar. Fernão Peres de Andrade sabendo pelos seus que elle estava n'este ultimo estreito, foi logo buscal-o para lhe dar batalha. Laczamana percebeu primeiro a frota portugueza quando o navio de Botelho, que fazia a vanguarda, começou a dobrar um cabo, que cobria toda a sua. Bem longe de correr sobre elles, encostou-se muito á bahia que fazia o cabo, para o deixar passar, e dar-lhe pela pôpa. Jorge Botelho conhecendo o seu designio, não deixou de passar além, na esperança de lhe fechar o caminho. Com effeito quando se descobriu a frota portugueza, Laczamana pensou sómente pôr-se em seguro; e para que os navios inimigos não fossem ter com elle, fez diante de si uma trincheira de navios e de embarcações de rémos que fez furar pelo fundo, para que enchendo-se de agua estivessem fixos. Depois começou a artilheria de uma e outra parte promptamente, com a costumada differença, que a dos inimigos era mais numerosa, e a dos portuguezes mais efficaz; porém os primeiros suppriram a sua falta, pela multidão de frechas que atiravam da praia, com que os portuguezes foram muito incommodados; não obstante ganharam os bateis á medida que Jusante os descobriu, saltando de um a outro. Houve alli um cruento combate. Os Javas avançaram até a combater a golpe de alfange.

Apartando a noite o combate, Fernão Peres d'Andrade esteve attentamente vigiando o inimigo, para que lhe não escapasse nas trevas. Porém Laczamana pondo as suas embarcações em sêcco, fez-lhe por diante uma trincheira de terra, sobre a qual estabeleceu uma boa bateria. De ma-

drugada, quando Fernão Peres d'Andrade viu esta trincheira, pasmou, e não tendo gente para se arriscar a um desembarque, retirou-se.

A guerra afugentou os estrangeiros de Malaca, a penuria causou ahí fome, e depois as molestias faziam cair as armas das mãos de ambas as partes, e os obrigaram a fazer uma especie de tregoa. O mal durava, e crescia. Fernão Peres d'Andrade foi constrangido a andar a corso para obter mantimentos.

A cidade recebeu alguns viveres. Pate Onus veio unir-se a Laczamana no rio de Muar, na esperança de que fechando as passagens, se fariam senhores da praça, evitando-lhe os soccorros e os viveres.

Os portuguezes tiveram auxilios, não só com as presas, que Fernão Peres d'Andrade continuou a fazer, mas tambem pela chegada dos soccorros que Affonso d'Albuquerque enviou. Gomes da Cunha tendo feito alliança com o Rei de Pegú, conduziu alguns juncos para Malaca cheios de mantimentos, e obteve licença de poder ir carregar aos seus estados. Antonio de Abreu voltou então das Malucas, e Antonio de Miranda, de Siam, aonde fôra muito bem recebido.

Contentes os portuguezes com estes novos soccorros de homens e munições, resolveram ir visitar de novo Patequilir ás suas trincheiras, persuadidos de melhor fortuna, por causa da do estado a que a fome o tinha reduzido. Com effeito d'esta vez foi inteiramente destruido, entrados seus entrincheiramentos, parte dos seus elephantes mortos ou tomados; de sorte que elle desesperado pelo infeliz exito de seus negocios embarcou com sua familia para a ilha de Java.

— 75 —

CAPITULO VII

ANNO DE 1512

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque sae de Cochim com dezeseis embarcações, e vac a Goa, onde é recebido o melhor possível.—Cêrco e tomada de Benastarim; seguindo-se d'esta victoria ficarem os portuguezes senhores da ilha de Goa.

A noticia que circulava de que uma frota do Califa, que diziam ter saído do mar Roxo, e entrado no golfo Arabico para vir recuperar Goa pelas reiteradas instancias do Hidalção, causou estorvo a Affonso d'Albuquerque, que, obri-

gado pelas ordens da côrte a embargar-lhe o passo, mal podia curar de outros negocios, e assim ganhavam terreno os seus inimigos. Proveu pois de prompto ao que era mais urgente, e recolhendo os reforços que se lhe poderam ministrar, fez-se de vella a 10 de setembro de 1512¹ com 16 navios, a que se deviam juntar mais 4 que elle havia de tomar em Goa. Sabedor porém de que o Califa, não tendo ainda aparelhada a frota, pretendia assenhorear-se de Adem, para depois tomar as embocaduras do mar Roxo, mudou de plano e seguiu direito a Goa, resolvido a não sair d'ahi sem que primeiro tivesse expulso Roçalção do porto de Benastarim.

Affonso d'Albuquerque foi recebido com as demonstrações de ternura, e reconhecimento que a cidade lhe devia, como seu fundador, e libertador. Os mouros haviam construido em Benastarim uma praça de guerra das melhores d'aquelles tempos, cercada de baluartes, e fortes muralhas terraplenadas na parte interior até as ameias, exceptuando um só logar, onde o muro, forte por si mesmo, não tinha precisão d'este soccorro, por causa de uma lagôa que o preservava, e na qual tinha muitos bateis armados. Na praça, guarnecida com nove mil homens, não faltavam munições de guerra, nem de bocca, e corria a fama que o Hidalção lhe enviava ainda um exercito de vinte mil homens.

Tendo o governador tomado conhecimento do estado das cousas, emprehendeu sitial-a por mar e terra, e começou logo pela parte do mar. Os inimigos tinham entupido as passagens em duas partes com fortes estacadas, que occupavam todo o leito do rio; além d'isso estas passagens eram estreitas, e estavam expostas a todo o fogo das muralhas. A difficuldade não o deteve. Fez armar seis em-

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

barcações e construir em cima pontes e telheiros, para ahí ter cobertos os obreiros. Enviou duas d'estas embarcações para Passo Secco, e quatro para Goa Velha.

Apenas os navios chegaram ao seu posto foram arrancadas as estacas. Os inimigos faziam um fogo continuo, e que causava os maiores estragos. Uma bateria, que estava á flor d'agua, quasi que não errava tiro; e uma grossa colubrina augmentava ainda mais o destroço dos portuguezes.

Affonso d'Albuquerque prometteu cem cruzados a quem desmontasse a colubrina. Um artilheiro o conseguiu: metteu uma bala direita pela bocca do canhão, e os artilheiros mataram o mestre da peça, que era um renegado, bem como dois ajudantes que elle tinha. O fogo do inimigo recresceu a tal ponto e com tanta vehemencia, que se tornou impraticavel executar ulteriores operações, ficando o mais reservado para o outro dia. As frechas do inimigo eram tão bastas, que cobriam os navios, e os portuguezes succumbiam n'este combate desigual.

Não durou por muito tempo a desvantagem; a artilheria das embarcações, tendo arruinado muito as baterias inimigas, o fogo começou a ser muito mais brando. Então se apoderaram das passagens importantes, e tiraram os viveres e soccorros aos sitiados da parte do continente.

O governador geral não tinha ainda apprehendido cousa alguma da parte da terra, quando uma aventura pareceu querer fazer os portuguezes senhores da praça. Roçalcão saiu á frente de duzentos e cincoenta cavallos, e ainda maior numero de infantes, e avançou até meio caminho de Goa. Affonso d'Albuquerque tinha ido reconhecer um posto, e descobrindo esta gente, ficou duvidoso, se haveria alli algum laço, ou se os inimigos teriam intenção de fazer alguma valentia, para mostrarem que pouco temiam

os portuguezes. As guardas avançadas, tendo dado rebate á cidade, tocaram os sinos, e os officiaes, sem esperar ordens do governador geral fizeram sair as tropas até ao numero de dois mil homens, sem contar malabares e canarins. Roçalcão vendo-se perseguido mandou tocar a retirar e voltou para a praça; porém os seus tendo fechado as portas, os que ficaram de fóra foram obrigados a dividir-se em roda dos muros, d'onde lhe deitaram cordas para os ajudarem a salvar, outros se afogaram, ou foram mortos.

Chegados os portuguezes ao pé da muralha e animados pelo ardor de seguirem o inimigo, emprehenderam de a tomar por assalto pelos mesmos logares, ajudando-se das suas lanças. Como os que primeiro chegaram eram pessoas distinctas e officiaes, a emulação os estimulou ainda mais. D. Pedro de Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sam Payo, fizeram prodigios de valor. A vigorosa resistencia dos inimigos, que concorriam á defensa dos seus muros, não esfriou os animos, nem menos as mortes de Diogo Correia, Jorge Nunes Leão, e Martim de Mello, nem o numero dos seus feridos. Affonso d'Albuquerque chegou a tempo de ver a desigualdade do partido, e mandou tocar á retirada, e transportado de alegria foi abraçar D. Pedro de Mascarenhas e seus bravos companheiros.

O governador geral estabeleceu então um cêrco regular a Benastarim. O exercito constava de tres mil portuguezes de bellissima tropa, e os auxiliares indios. Os inimigos defendiam-se com valor; no entanto as baterias dos sitiantes, tendo começado a fazer brecha, Roçalcão que temeu ser tomado por assalto, arvorou bandeira branca.

Os artigos da capitulação foram assignados contra vontade dos officiaes, que queriam tomar a praça por assalto. As condições foram: que o inimigo sairia com seus bens, e suas pessoas salvas, deixando ao vencedor a artilheria,

as munições de guerra, cavallos, e os navios que tinham na ilha. Roçalção por escrupulo de religião saiu antecipadamente da praça, para que se não dissesse que elle a tinha entregado. Despejada esta entrou n'ella o vencedor. Então é que appareceu o exercito mandado pelo Hidalcão; já era tarde. Estas tropas retiraram-se apressadamente, e foram levar ao seu senhor a triste nova da brilhante victoria alcançada pelos portuguezes.

CAPITULO VIII

ANNO DE 1513

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque recebe em Goa os embaixadores de diversos Reis da India, e estando aparelhada a esquadra sae com vinte embarcações, mil e setecentos portuguezes e oitocentos malabares, na direcção de Adem; descripção d'esta cidade.— O grande capitão pretendendo conquistar Adem, accomette a praça.— Trava-se rija peleja, mas os portuguezes são repellidos, e veem-se obrigados a retirar.— Entram os portuguezes no Mar Roxo; salva a esquadra com toda a artilheria por ser a primeira frota de europeos que entrava n'este mar.— Affonso d'Albuquerque é obrigado a invernar na ilha de Camarão, onde

deixa as armas de Portugal, como padrão indelevel da gloria portugueza, e depois de muitas calamidades, sae do Mar Roxo e navega para o Indostão.

A cidade de Goa de dia para dia augmentava em riqueza e prosperidade, concorrendo não pouco para o estado da sua florescencia as leis sabias, que havia promulgado Affonso d'Albuquerque, e que tendiam a diminuir os direitos das fazendas, o que poderosamente concorria para alli attrahir os commerciantes de todas as partes.

Os Reis de Narsinga, Vengapor e o proprio Hialcão enviaram embaixadores por este tempo, a fim de concertarem tratados de alliança com os portuguezes; bem como affluiram os da Persia, Cambaia, do imperador dos Abexins, e do Rei d'Ormuz: tambem um Rei das Maldivas se sujeitou ao dominio de Portugal, tornando-se tributario a esta corôa.

A politica de Affonso d'Albuquerque foi maravilhosa, porque ao passo que tratava os seus enviados com affabilidade e magnificencia, estreitava ligações, sem todavia se comprometter, pois simulando projectar uma expedição distante deferia a conclusão dos tratados para quando regressasse. Faziam-se grandes preparativos, e assim cada um receiando a tempestade, e não sabendo onde ella iria cair, apressava-se em fazer propostas vantajosas com o fim de evitar a guerra.

De todos estes embaixadores, o que lhe deu mais prazer foi o de Prestes-João, ou Imperador dos Abexins, principe conhecido até então de uma maneira tão confusa, e que os Reis de Portugal D. João II e D. Manoel tinham grande

desejo de conhecer. Affonso d'Albuquerque lisongeava-se de que as primeiras noticias seguras chegassem á cõrte por sua intervenção; ao primeiro aviso que teve de que este embaixador estava em Dubul, onde o retinha prisioneiro o Tanador, ou rendeiro da alfandega do Hidalcão, ordenou a Garcia de Sousa que o reclamasse e o fizesse conduzir a Goa. Garcia de Sousa cumpriu bem a sua commissão. E porque este embaixador estava encarregado de um precioso Santo Lenho, que o imperador Preste João e a imperatriz Helena enviavam a El-Rei de Portugal, o governador geral o fez receber em procissão na frente do clero e das tropas; e depois de conferenciar com elle, o fez partir para Cochim afim de alli embarcar para Portugal no melhor navio de transporte.

Estando prompta a esquadra composta de vinte embarcações conduzindo mil e setecentos portuguezes e oitocentos malabares, saiu de Goa no dia 7 de Fevereiro de 1513.¹ Affonso d'Albuquerque, estando fóra da barra, chamou os seus officiaes a conselho, e communicou-lhes as ordens que recebera d'El-Rei para se emprehender a conquista d'Adem, e a entrada do mar Roxo para perseguir a armada do Califa, e apesar das ordens d'El-Rei serem positivas a este respeito elle propunha ao conselho, se seria ou não conveniente fazer-se esta expedição; discutida a materia foi approvedo o plano do governador geral por unanimidade de votos.

As calmas detiveram a esquadra muito tempo, sendo obrigada a ir a Socotorá; afinal, refrescando o tempo, seguiu para Adem, praça então de bastante consideração.

A cidade de Adem, situada na foz do mar Roxo em doze graus e quinze minutos de latitude do Norte sobre a costa da Arabia, faz uma bella vista pela sua situação, e pela bel-

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

lesa dos seus edificios ; uma pequena lingua de terra, sobre que ella se acha, avançando para o mar, fórma ahi dois portos, que fazem uma especie de península ao pé d'uma montanha, a qual elevando-se em muitas pontes escarpadas, apresenta um bello espectaculo de horror. O solo d'esta montanha é tão ingrato que nunca cresce a menor herva, e em lugar de ter algumas fontes, embebe logo toda a agua que cae do ceu. Um só aqueducto conduz á cidade, da distancia de quatro milhas, toda a que ahi se bebe. Os habitantes eram obrigados a trazer por mar, ou do interior das terras tudo o necessario para a vida. Comtudo a cidade não deixava de ser povoada, rica, e abundante. Devia ella esta obrigação em particular aos portuguezes, porque se tinha augmentado por todos os modos, depois do estabelecimento d'elles nas Indias. Anteriormente como os navios que entravam, ou saiam do mar Roxo não tinham nada que temer, faziam sua derrota em direitura sem pensar em Adem; porém o perigo dos navios portuguezes, que cruzavam, obrigou os mercadores a acolherem-se a ella como para um asylo. A mesma rasão fez que fortificassem a cidade com boas muralhas, e fortes torres da parte do mar, e da parte da montanha adiantaram as fortificações até ao mais alto do monte, edificando torres sobre todos os seus cumes, e bons reductos que cortavam todos os seus desfiladeiros.

O Rei d'Adem não assistia ahi de ordinario: morava no sertão para estar mais prompto para se defender dos seus visinhos, e tinha em Adem um Emir que era o governador. Mira Merjão, que desempenhava este lugar, quando alli aportou a esquadra portugueza, era politico e valeroso. Deu provas de ambas as cousas, porque entreteve Affonso d'Albuquerque com promessas, para ter tempo de fazer entrar tropas na praça, e se defendeu depois com muito valor e resolução. O governador geral perdidas as

esperanças de se assenhorear de Adem, por meio de um tratado de paz, resolveu começar as hostilidades, e ordenou assalto da praça.

Os portuguezes desembarcaram no anno de 1513, em Sabbado d'Alleluia,¹ e avançaram incontinentemente debaixo de um vivissimo fogo. A precipitação com que cada um se esforçava, para ser o primeiro em subir á muralha, para ahí arvorar o estandarte, os fazia correr como loucos. Muitos exasperados arremeçaram-se á agua pela impaciencia de quererem ser os primeiros que chegassem proximos das muralhas a todo o custo. Aquelles que primeiro o conseguiram encostavam logo as escadas, e no meio de tanto perigo augmentado por uma tenaz resistencia, subiam a correr e arvoravam no tope dos muros as bandeiras; mas era tal o enthusiasmo, que apenas se pôde distinguir um clerigo que arvorou uma cruz em vez d'estandarte. O peso da gente quebrou as escadas, quando já para cima de cento e trinta homens tinham entrado na praça.

O governador geral, chorava a desordem e confusão que não podia impedir, e procurava fazer preparar as escadas. Garcia de Sousa tinha-se adiantado com sessenta homens, e Affonso d'Albuquerque vendo quanto elle carecia de forças mandou-o reforçar com mais quarenta homens, indo elle proprio ao logar da peleja, e ordenando a João Fidalgo que fosse com a sua companhia de ordenanças para impedir que entrassem da parte da montanha, o que não pôde conseguir por o terreno ser muito escarpado.

Os inimigos, que se defendiam valorosamente, cobraram animo á vista da desordem. Os portuguezes, que estavam sobre os muros, combatiam com vantagem, e Garcia de Sousa mais animado que todos os outros, tinha-se apoderado de um pequeno entrincheiramento; porém Mira Mer-

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

jão na frente de um corpo de cavallaria deu sobre elles com tanto vigor, que limpou os muros, e obrigou os portuguezes a sairem pelas mesmas canhoneiras, por onde tinham entrado. Garcia de Sousa ficou cercado com alguns que estavam com elle. Affonso d'Albuquerque lhe fez dar cordas para descerem, porém a maior parte d'estes valerosos, crendo que isto não seria honroso, preferiram antes morrer, do que retirarem-se.

Affonso d'Albuquerque descoroçoado por tão infeliz successo, retirou-se para os seus navios, tendo aprendido á sua custa, que a victoria não está sempre atada ao carro dos conquistadores, e que ella abandona algumas vezes os seus maiores validos. Comtudo, antes de partir, quiz assenhorear-se de um baluarte que estava sobre uma reponta, d'onde a artilheria incommodava muito a frota. Emquanto deliberou, o mestre do navio de Manoel de Lacerda, que ahí padecia mais que os outros, desceu a terra com parte da sua equipagem, tomou-o, e passou á espada os que o defendiam. Ativo com este successo, queria que atacassem de novo a cidade, de que este baluarte fazia a principal força. Estando os capitães n'este pensamento, Affonso d'Albuquerque contentou-se de fazer tirar a artilheria do baluarte, e queimar os navios que estavam no porto, depois do que se fez á vella para entrar no mar Roxo.

Este mar, sobre cujo nome os sabios se tem cançado muito, tem a figura de um lagarto ou crocodilo, cuja cabeça é comprehendida entre os cabos de Fartaque, e de Guardafui, até ao estreito de Meca, ou de Babelmandel, que fórma o pescoço. Dilatando-se o corpo entre as costas da Arabia de uma parte, e as da Ethiopia alta e do Egypto da outra, vae terminar-se em ponta, que faz a cauda do Suez, que crêm ser Assiongaber, d'onde partiam as frotas de Salomão, e onde começa o Isthmo, que o separa do Mediterraneo, e que une as terras de Africa ás da Asia. O mar

Roxo não recebe outras aguas que as do Oceano Indico. É pouco sujeito a tempestades, e quasi que não conhece outros ventos que os do Norte e Sul. O seu comprimento é quasi de trezentas e cincoenta leguas, sobre quarenta de largo, contando de Suez até ao estreito. Os arabes o repartem em trez partes, a do meio, que faz como o espinhaço do crocodilo, é clara e navegavel de dia e noite, ancorando ali sempre entre vinte e cinco e sessenta braças. As outras duas que estão nos flancos, e bordam as costas, são pelo contrario retalhadas de ilhotas, rochedos, baixos, e bancos de arêa, comtudo como ali só se navega em embarcações mui pequenas, os pilotos não deitam ao largo, senão quando temem alguma borrasca. Elles preferem sempre a visinhança das terras, porém temendo accidentes, ancoram de ordinario antes de pôr o sol. Acham-se duas ilhas n'este mesmo estreito, que formam dois canaes. O da parte da Arabia é o mais frequentado. N'uma d'estas ilhas é que se tomam os pilotos de que se servem para entrar no mar Roxo. As ilhas que se encontram n'este mar, são quasi desertas, aridas, e tem falta de agua, e de outras cousas necessarias á vida.

O governador geral entrou no mar Roxo contra o parecer de todos os seus pilotos, e mandou dar uma salva de toda a sua artilheria, como por uma especie de triumpho, porque era o primeiro dos europeus que alli entrava com uma frota desde o principio do mundo. Comtudo o que se lhe havia agourado succedeu. Pensou morrer sobre os baixos. Foi obrigado a invernar na ilha de Camarão, d'onde saiu em 13 de julho de 1513,¹ deixando alli um padrão com as armas de Portugal.

Não pôde chegar nem a Suez, nem a Gidda, nem ter noticias da frota do Soldão. Padeceu muita sede e fome, e

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

murmurações dos subalternos. Não pôde executar o projecto que havia formado de fundar uma fortaleza na ilha de Camarão, e finalmente depois de ter experimentado toda a sorte de desgraças, fez dar uma grande querena aos seus navios, saiu do mar Roxo, e no principio de agosto chegou novamente a Adem.

Parecia que o esperavam. Tudo ahí estava bem fortificado, e apparecia mais gente, e mais resolução que d'antes. O governador geral, reconhecendo as forças que se achavam na praça, contentou-se em a bombardear, e no dia 4 de agosto de 1513¹ seguiu viagem para o Indostão.

¹ Commentarios de Affonso de Albuquerque.

CAPITULO IX

ANNO DE 1513

SUMMARIO

Os portuguezes descobrem a ilha de Mascarenhas, a que hoje os francezes chamam de Bourbon, situada a Éste de Madagascar: Affonso d'Albuquerque consegue estabelecer uma fortaleza em Calecut, concluindo um tractado de paz vantajoso para Portugal.—Combate naval entre os portuguezes e os Javas, que cobriu de gloria os heroicos defensores de Malaca.

A este anno de 1513 reduzimos o descobrimento da ilha de Mascarenhas, a Éste de Madagascar: porque constando

que ella fôra descoberta por Pedro de Mascarenhas, de cujo appellido tomou o nome, não sabemos que este fidalgo passasse á India senão em 1511; chegando a Moçambique em 1512; pelo que, ou n'esse mesmo anno, ou no de 1513 a descobriria, segundo nossa conjectura. Comtudo alguns geographos estrangeiros a suppõem descoberta em 1505, e Malte Brun assigna ao descobrimento o anno de 1545, no que parece haver manifesto engano.

Esta ilha é a mesma a que os francezes chamaram de *Bourbon*, quando d'ella se apossaram; mudança de nome, que sómente pôde servir para escurecer a memoria do descobridor.

Por esta epoca conseguiram os portuguezes estabelecer uma fortaleza em Calecut. Morrendo o velho Çamerim, ficou herdeiro do throno seu sobrinho Naubeadarim, o qual affeiçãoado sempre aos portuguezes, não duvidou por esta epoca firmar um tratado de paz, cujas bases principaes eram as seguintes:

- 1.º Que se edificaria uma fortaleza em Calecut.
- 2.º Que o Çamorim pagaria todo o prejuizo causado por occasião da morte do feitor Ayres Correia em Calecut.
- 3.º Que em cada um anno se dariam mil *bahares* de pimenta, dando em troca mercadorias e generos de Portugal.
- 4.º Que a fortaleza perceberia metade dos direitos pela entrada dos navios, e que a outra metade iria para o Rei de Calecut.

Concluido este tratado o *novo Çamorim* deitou fóra de seus estados os mouros que se oppunham á paz, e não se contentando que o tratado fosse assignado pelo governador geral, enviou um embaixador a El-Rei de Portugal com ricos presentes, afim de que ratificasse esta paz que merecia, dizia elle; porque sendo só principe de Calecut, o havia sempre favorecido, e que n'esta consideração vinha renunciar a amisade do Califa, fechar a entrada de seus

portos acs vassallos d'este principe, e a todas as vantagens que d'isso poderia tirar.

Assim conseguiu o grande Affonso d'Albuquerque subjugar o poderoso Rei de Calecut, que desde a entrada dos portuguezes na India se mostrára sempre cioso da nossa gloria, oppondo-se constante á fortuna de nossas armas.

N'este mesmo anno de 1513, teve tambem logar o grande combate naval entre os portuguezes e os javas, de que passámos a dar uma breve noticia.

Pate-Unuz, um dos chefes da ilha de Java, formou o projecto de arruinar a esquadra portugueza, que se achava no porto de Malaca, e apoderar-se d'esta cidade. Assegura-se que o numero dos seus navios era extraordinario, pois (segundo a fama) traziam doze mil homens. Entre as suas embarcações contavam-se algumas de uma extraordinaria grandeza. Aquella em que vinha Pate-Unuz, tinha o tombadilho tão alto como os cestos de gavea dos navios portuguezes. O seu costado era de pranchões sete vezes sobrepostos, aonde as balas não podiam penetrar. Pate-Unuz só partiu do porto de Japára em 1513. Passou o Estreito de Sabão; e desde logo os navios portuguezes, que se achavam cruzando, vieram participar a Ruy de Brito, governador de Malaca, a aproximação de uma tão formidavel esquadra. Apesar da sua grande coragem, os portuguezes soffreram alguma inquietação. Elles conheciam a intrepidez dos javas; sabiam que ameaçados de abordagem, tinham por costume defender-se com uma especie de fogo artificial. Comtudo Ruy de Brito fez sair do porto Fernão Peres d'Andrade para combater os inimigos. Este os não descobriu logo, porque elles passaram por um estreito differente d'aquelle que seguira; mas na volta, deu vista d'elles, que já manobravam defronte da cidade.

Uma generosa emulação, porém intempestiva, fez que Ruy de Brito, á aproximação do perigo, quizesse retirar

Fernão Peres de Andrade do commando da esquadra, e atacar elle em pessoa. Mandou mesmo prender este official; mas logo o soltou, e Fernão Peres de Andrade foi tão generoso, que sacrificou o seu resentimento ao serviço do Estado. Elle não tinha mais do que dezeseite embarcações, auxiliadas por mil e quinhentos malaios embarcados em alguns navios do paiz.

Foi com forças tão inferiores ás dos javas, que se avançou contra elles. O combate se empenhou ao nascer do sol. Jorge Botelho, achando-se em um navio muito bom de vella, dirigiu-se sobre aquelle em que estava Pate-Unuz, e foi imitado por Pedro de Faria. Ambos intentaram abordar: mas depois de um exame circumspecto sobre aquella massa enorme, afastaram-se para a combater com a sua artilheria, o que não produziu effeito algum. O dia se passou em escaramuças; e sobre a noite os javas conseguiram apesar de toda a opposição dos portuguezes, o penetrar no porto. Elles esperavam occasionar na cidade algum levantamento.

Durante a noite, novas dissensões se promoveram entre Ruy de Brito, e Fernão Peres de Andrade. O governador desejava que se evitasse o combate, e se mandasse ao Indostão buscar auxilios. Fernão Peres de Andrade era de voto contrario, e os officiaes tendo-o adoptado, mandaram supplicar a Ruy de Brito, de se recolher á fortaleza, afim de pôr a sua pessoa em segurança, sobre a qual estava fundamentada a conservação da praça. Depois de algumas ir-resoluções, Pate-Unuz tomou o partido de ir ao rio Muar unir-se a Laczamana, almirante do Rei de Malaca. Ambos encorporados deveriam tornar-se temiveis aos portuguezes. Elle se prepara, mas Fernão Peres de Andrade o persegue com um ardor incalculavel. A artilheria, as granadas, as panellas de fogo artificial dos portuguezes, produziram estragos consideraveis. Bem depressa o mar se cobriu de

navios javas abrazados, e de homens que lançando-se a nado achavam a morte na mão dos portuguezes, que para esse mesmo fim andavam nos bateis. Fernão Peres d'Andrade mandou buscar novas provisões de guerra a Ruy de Brito, que de prompto as enviou, e fez celebrar por descargas de artilheria este principio de victoria.

Ao meio dia Pate Unuz, sobre o navio do qual, apesar da sua construcção, a artilheria portugueza tinha causado desordem, fez aproximar de si quatro dos seus mais fortes juncos. Este partido lhe foi muito fatal; porque sobre estas embarcações assim unidas, os tiros da artilheria contraria produziam maior destroço do que d'antes.

Ainda que Fernão Peres d'Andrade tinha prohibido a abordagem, o capitão Martim Guedes viu uma occasião favoravel de se apossar d'esta maneira de um junco dos inimigos, tomou-o, e o queimou. Elle foi imitado por João Lopes de Alvim. Fernão Peres de Andrade em pessoa, tendo-se reforçado com certo numero de homens, tirados das outras embarcações, abordou o vice-almirante da esquadra inimiga pelo flanco, em quanto Francisco de Mello o atacava pela prôa. O sobrinho do vice-almirante assignalou-se pelo mais bello rasgo de valor. Passou do seu navio para o de Fernão Peres de Andrade, do qual se serviu como de ponte para chegar ao de seu tio. Este só facto prova com que inimigos os portuguezes tinham a combater. Animados pela presença d'este corajoso joven, os javas do vice-almirante, pelejaram com vantagem. Fernão Peres de Andrade e muitos dos seus officiaes foram feridos, e se achavam em uma critica situação, quando Jorge Botelho, que tambem abordára o referido navio, fez em auxilio d'elles a mais util diversão. O combate foi tão longo como sanguinario entre as cinco embarcações. Afinal os portuguezes obtiveram o triumpho; mas foi quando sobre os dois javas não restava uma unica pessoa para defendel-os. Os vencedores lhes po-

zeram fogo. Os outros capitães portuguezes não desenvolviam uma inferior coragem, e eram muito bem soccorridos pelos malaioes, que tinham vindo auxiliar-os.

Fernão Peres de Andrade só cuidou então em perseguir o navio de Pate-Unuz, e se não pôde damnificar-lhe o casco, pelo menos o destroçou muito no apparelho e mastreação. Quando as duas esquadras offerciam assim o mais horrendo espectáculo, uma terrivel tempestade veio augmental-o ainda mais. Trevas espessas, que dissipavam por intervallos sómente accelerados relampagos, cobriam todo o mar, que bramia furioso; os trovões retumbavam sem cessar, e cada um dos combatentes se viu obrigado a só tratar da sua conservação.

Logo que de manhã se dissipou a tormenta, Jorge Botelho, e o malaio Tuam Mahamud Tamungo se acharam perto de Pate-Unuz. Elles o atacaram com fogo de artilheria até que lhes faltou a polvora. O infatigavel Jorge Botelho foi a Malaca buscal-a, e depois tornou a procurar os inimigos. No caminho encontrou Fernão Peres d'Andrade, e alguns capitães perto das ilhas denominadas *Ilhas dos Navios*. Elle instou para que se lhe reunissem, mas não poderam ceder aos seus rogos, porque as suas embarcações estavam muito destroçadas. Elles tinham grande numero de feridos, e as equipagens extenuadas de fadiga. Pate-Unuz havia-se aproveitado da partida de Jorge Botelho, que o perseguiu em vão; e se tinha dirigido, não como intentára, para o rio Muar, mas sim para a mesma Java. Elle chegou ferido, faltando-lhe acima de oito mil homens, quasi todos os seus navios de alto bordo, e a maior parte dos pequenos. Em quanto á sua embarcação, mandou-a conduzir, e conservar em um arsenal feito expressamente em memoria d'esta terrivel acção, do valor que tinha patenteado contra os portuguezes, e da ventura de escapar a tão perigosos inimigos.

Quando Jorge Botelho se reuniu á esquadra victoriosa, ella entrou no porto de Malaca, debaixo dos maiores applausos das tropas de terra, e de toda a povoação. Segundo o invariavel costume, Fernão Peres d'Andrade tributou a Deus sollemnes acções de graças, depois do que partiu para o Indostão com Antonio de Abreu, Vasco Fernandes Coutinho, e Lopo de Azevedo; deixando o commando do mar a João Lopes de Alvim, que tinha tido provisão do governador geral da India.

CAPITULO X

ANNO DE 1513

SUMMARIO

Os portuguezes, commandados pelo duque de Bragança D. Jayme, conquistam Azamor, Tite, e Almedina, na Mauritania Tingitana, sobre a costa do Atlantico.—O duque, regressa a Lisboa triumphante, onde é recebido entre vivas, e publicas acclamações.

El-Rei D. Manoel procurava sempre tornar preclaro o nome portuguez, e por isso não satisfeito em mandar todos os annos novas forças para a India, deliberou que n'este mesmo anno partisse uma forte esquadra para a Mauritania Tingitana, na costa do Atlantico.

O duque de Bragança D. Jayme, foi escolhido para comandante em chefe d'esta armada, que se compunha de quatrocentas vellas, entre naus, caravellas, e outras embarcações ligeiras, em que embarcaram, além da gente precisa para a manobra, e serviço do mar, dezoito mil infantes, e dois mil e quinhentos cavallos, levando o duque a seu soldo quatro mil infantes, e quinhentas lanças, de gente escolhida das suas terras, aos quaes mandou fardar todos á sua custa, de uniformes de panno branco, com cruces vermelhas no peito, e costas; e aos croneis, e mais officiaes até cabos de esquadra, deu vestidos de seda, conforme a gradação do seu posto.¹ Levou mais o duque quinhentos e cincoenta cavallos de criados, e vassallos seus. Á ordem do duque iam as pessoas de maior grandeza da côrte, comendo todos á sua mesa com notavel generosidade.

No dia 14 de agosto de 1513, foi El-Rei D. Manoel e toda a côrte ouvir missa á cathedral de Lisboa, e depois de estar na egreja, entrou o duque vestido de branco, uniforme igual ao que dera aos seus regimentos, com collar rico de pedraria, acompanhado de todos os officiaes da armada, e o seu alferes com o Estandarte Real colhido, o qual foi benzido pelo arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, sobre o altar do Martyr S. Vicente, padroeiro de Lisboa, e depois d'esta cerimonia o deu ao duque, que o poz nas mãos d'El-Rei, tornando a entregar-lh'o com palavras de amor, e estimação, recommendando-lhe primeiro as materias da religião, que cumpriam ao serviço de Deus, depois as do seu serviço, e as da justiça, e equidade, que com todos devia observar, com notaveis expressões, mos-

¹ Diz Dam. de Goes, que a armada constava de mais de quatrocentas vellas de todos os portes, e que iam n'ella dezoito mil infantes, e dois mil e quinhentos cavallos, além da gente de manobra e serviço do mar. Esta grande armada apromptou-se em quatro mezes e meio.

trando a confiança, e estimação que fazia do duque; acabou-se este acto, entregando o duque a bandeira ao seu alferes. Vóltou El-Rei da sé a cavallo, precedido de toda a nobreza da côrte, e o duque montado em um soberbo cavallo ia adiante d'El-Rei, entre quem não mediava outra pessoa, porque sempre a do duque teve o primeiro lugar depois dos infantes. Na tarde d'este mesmo dia 14 de agosto, anniversario da batalha de Aljubarrota, e da tomada de Ceuta em Africa, por seu terceiro avô El-Rei D. João 1, foi o duque ao paço, acompanhado das pessoas de mais distincção, beijar a mão a El-Rei, á Rainha e ao principe, e despedido das pessoas reaes, se foi embarcar, para no dia seguinte seguir a sua viagem: o que não succedeu assim, demorando-se ainda até ao dia 17, em que saiu a barra, sendo primeiro visitado por El-Rei, e recebendo d'elle novas honras. Entrou no Algarve a 23, e seguindo a sua derrota, surgiu a armada a 28 no rio de Azamor. Saltaram os nossos em terra, e entraram na cidade a 3 de setembro, abandonada pelos mouros sem a perda de um só homem. Arvoraram-se os nossos estandartes, e bandeiras das armas reaes de Portugal, sobre os muros, e torres da cidade; e a sua mesquita sendo purificada, e consagrada a Deus com a invocação do Espirito Santo, ouviu n'ella o duque a primeira missa, com toda a devoção, dando graças a Deus por tamanhos beneficios.

Espalhada a voz da tomada de Azamor, e chegando ás cidades de Tite, e Ahmedina, se preocuparam os seus moradores tanto do medo das nossas armas, que as abandonaram fugindo pela terra dentro a buscar mais seguro asylo. O duque vendo a prosperidade de sua conquista, mandou occupar as cidades e participou a El-Rei estes felizes successos, cuja noticia causou a maior alegria em Portugal, e celebrando-se esta victoria com grandes festas, e muitas procissões em todo o reino.

Correndo em Africa a fama da felicidade do duque de Bragança na tomada d'estas cidades, correram os mouros a pedir-lhe a paz, e entre elles, todos os habitantes da Enxovia; e porque depois de concedida elles a quebraram, se resolveu o duque em pessoa castigar a sua rebellião. Saiu de Azamor a 26 de outubro; e correndo toda a Enxovia, não achou mais que um Aduar de duzentas pessoas; porém parecendo-lhe pequena presa para tão grande pessoa, não o offendeu, nem o quiz, deixando-o na sua liberdade. Causou tanta admiração este procedimento áquella gente, e foi esta acção tão louvada de todos, que ficou sendo problema: se fôra maior façanha esta do duque, se a de ganhar a cidade de Azamor?

Precisando voltar ao reino, deixou o governo entregue a D. João de Menezes, e Ruy Barreto, experimentados capitães na guerra d'Africa, e chegou a Portugal entre vivas, e publicas aclamações. D'esta insigne victoria, que alcançaram os portuguezes contra os mouros d'Africa, deu El-Rei D. Manoel conta ao papa Leão x; o que foi muito celebrado em Roma, com uma solemne acção de graças, em nome de todo o christianismo, dizendo missa de pontifical o mesmo papa, e se recitou uma elegante oração, em que se engrandecia o zelo, e christandade d'El-Rei, e se louvou o valor e merecimentos do duque. Fizeram-se repetidos elogios a El-Rei, deram-se louvores aos seus subditos, que povoando os mares com armadas, e a terra com exercitos, discorriam victoriosos na Asia, e na Africa. Esta felicissima empreza do duque D. Jayme, fez seu filho D. Theodosio pintar em uma sala principal do Paço de Villa Viçosa: o mesmo papa Leão x, lhe concedeu muitas graças especiaes, e de grande credito para sua casa.

CAPITULO XI

ANNO DE 1514

El-Rei D. Manoel manda um rico presente ao papa Leão X

O objecto de que vamos tratar parecerá talvez de pequena monta: no entanto não é assim, pois elle claramente indica a florescencia e riqueza d'estes reinos no feliz reinado de El-Rei D. Manoel. No monarcha sobresaia a piedade a par das outras virtudes e dotes grandiosos d'alma, e não deslembrava as cousas do ceu pelas da terra; por isso o pontifice Leão x, vigario de Christo, não esqueceu ao soberano, que fez a ventura d'estes reinos.

Descreveremos pois o rico presente que El-Rei enviou a Sua Santidade, não pela grandeza do objecto, mas para fazer sobresaír mais a magnanimidade do Rei, e mostrar a opulencia do reino n'essa epocha.

A 12 de Março de 1514 renovou Roma a memoria dos seus antigos triumphos. — Desejando El-Rei D. Manoel, principe igualmente pio e magnanimo, offerecer aos pés do vigario de Christo as primicias dos thesouros do Oriente mandou a Roma por seu embaixador extraordinario a Tristão da Cunha, fidalgo illustrissimo em sangue e não menos em acções. — Levou este comsigo a seus filhos Nuno da Cunha (que depois foi governador da India), e Simão, e Pero Vaz da Cunha, e muitos outros fidalgos seus parentes e amigos. — Foram tambem em qualidade de embaixadores Diogo Pacheco e João de Faria, homens togados e dos mais sabios que havia por aquelle tempo em Portugal. — Destinado pelo pontifice este dia para a entrada, saíram os embaixadores do palacio do cardeal Adriano pelas duas horas da tarde, com tanta magestade, pompa e luzimento que attrahiram justamente os olhos e as admirações de toda Roma. Precediam em grande numero e luzidamente vestidos, em bons cavallos, os trombetas, charamelas, pifaros e atabales d'El-Rei, a que se juntavam os trombetas e charamelas do pontifice, e logo esta primeira face do acompanhamento offerecia aos olhos e aos ouvidos uma alegre vista e uma suave consonancia. Seguiam-se trezentas aze-molas, que outros tantos homens com varias e bisarras librés levavam de rédea, e ellas cobertas de reposteiros, de ricos pannos de seda de varias côres e insignias. Seguia-se o rei d'armas de Portugal que ia vestido de uma roupa de panno de ouro com as armas do reino, coroadas e cercadas em torno de perolas e rubins. Seguiam-se os nobres, que passavam de cincoenta, vestidos de ricas telas e brocados, com chapéus não só ornados mas cobertos de perolas e aljofares, e a tiracolo preciosos colares de ouro e pedraria, todos em briosos ginetes com sellas, peitoraes, caprazões e mais arreios de ouro maciço, ou de lavor, esmaltado de perolas e pedras de grande preço. A

esta proporção iam vestidos os creados, que cada um levava em grande numero, com varias, custosas e vistosas librés. — Fazia-se vêr singularmente, entre tanta grandeza, um elephante indio, sobre o qual vinha um rico cofre com o presente que El-Rei mandava ao papa, coberto d'um panno tecido de ouro com as armas reaes de Portugal, que não só cobria o cofre mas tambem o elephante até beijar a terra. — Vinha tambem sobre este um naire que o mandava, vestido de roupa de ouro e seda: vinha mais um cavallo persio que El-Rei d'Ormuz mandára a El-Rei D. Manoel, e uma onça de caça com um caçador tambem persio, que a trazia nas ancas do mesmo cavallo. Sairam a receber e acompanhar os embaixadores portuguezes os do imperador e dos reis de França, Castella, Polonia e os das republicas de Veneza, Luca e Bolonha, um irmão do duque de Milão, e outros grandes senhores e prelados com suas familias; assim mesmo as dos cardeaes, a que se ajuntaram bisarramente vestidos os portuguezes cortezãos que andavam em Roma, ecclesiasticos e seculares, o que tudo fazia uma representação egualmente numerosa e luzidissima. A multidão de gente que concorria a vêr esta lustrosa pompa era tanta que cobria não só as ruas, praças e janellas, mas até cobria os telhados, e era necessario que a justiça abrisse caminho por força. — Chegando ao castello de Santo Angelo, aonde o pontifice estava para vêr a embaixada, com todos os cardeaes, disparou por tres vezes a artilheria do mesmo castello, cujo estrondo bellico, com o harmonioso que faziam as trombetas, charamelas, atabales, tambores, pifaros, e com os vivas que geralmente se davam *al ré de Portugallo*, faziam estremecer e alegrar toda aquella immensa multidão. — Tanto que o elephante avistou o papa, obedecendo ao naire se humilhou tres vezes, e tomando na tromba grande quantidade de agua de cheiro (que estava prevenida) ro-

ciou com ella ao papa e cardeaes, e depois a todos em circuito, e fazendo outros tregeitos e meneios com muita graça repetiu a primeira cortezia e foi passando muito senhor do campo. A onça tambem mostrou as suas habilidades, que eram muitas, e deu bem que vêr e admirar a todos. O presente que se offereceu ao papa constava de um pontifical inteiro de brocado de pezo, todo bordado e guarnecido de riquissima pedraria, de varias sortes e côres, em que se viam muitas romãs de ouro maciço, cujos bagos eram finissimos rubins, e muitas flores de côres e feições differentes que se formavam de perolas e de pedras de varias côres, como diamantes, amethistas, esmeraldas e rubins, a cousa mais rica de quantas n'este genero se recordava a memoria dos homens. Iam tambem mitra, bago, anneis, cruces, calices e thuribulos, tudo de ouro ao martello, coberto de pedraria, e muitas moedas de ouro, de quinhentos cruzados cada uma, tamanhas como grandes maçãs. Recebeu o papa os embaixadores com honras extraordinarias:— ouviu uma larga e discreta oração, que Diogo Pacheco lhe fez na lingua latina, a que o papa respondeu na mesma, com maior extensão do que se costuma em semelhantes occasiões, espraiando-se muito nos louvores d'El-Rei D. Manoel e da nação portugueza. — O que acabado se levantou, levando-lhe Tristão da Cunha a fralda até se recolher ao seu gabinete. Durou muitos tempos a admiração, e durará para sempre a memoria d'esta solemnissima embaixada, da qual escrevendo a seu amo o embaixador do imperio diz: — «que poucas ou nenhuma vez aconteceu mandarem «os principes christãos os seus embaixadores a Roma com «tão magnifico apparatus.»— e depois de o referir em summa accrescenta estas formaes palavras: — *Certo, assim é de crer, que a nenhum papa da egreja romana foram apresentados tão ricos, nem tão formosos ornamentos, nem tão preciosos.*

— 101 —

CAPITULO XII

ANNO DE 1515

SUMMARIO

Affonso d'Albuquerque sae de Goa com uma esquadra de vinte e seis embarcações em que iam mil e quinhentos portuguezes e seiscentos malabares, e vae sobre Ormuz. — Conquista esta importante praça. — Hamet, ministro do Rei, é morto; declaram-se os motivos. — Os principes cegos de ordem do Rei d'Ormuz são entregues a Affonso d'Albuquerque que os envia para Goa. — Pretexto porque os portuguezes se apoderaram da artilheria d'Ormuz. — Affonso d'Albuquerque recebe com grande apparato o embaixador de Sophi da Persia. — O Rei d'Ormuz visita o governador geral: ceremonial seguido n'essa entrevista. — Morte do grande Affonso d'Albuquerque.

Affonso d'Albuquerque, no meio da sua gloria, recordava-se sempre, que a desobediencia dos seus capitães o ti-

nha privado da conquista d'Ormuz. Tanto se havia affligido, que jurou de jámais cortar a barba em quanto não dominasse aquella praça. Sete annos haviam já corrido, e o cabello da sua barba estava prodigiosamente comprido, quando obteve enfim o que tão ardentemente desejava. Saiu de Goa em quarta feira de Cinzas, a 21 de Fevereiro de 1515, com uma esquadra de vinte e seis vellas, em que embarcaram mil e quinhentos portuguezes, e seiscentos malabares.¹

Ormuz, depois de muitas vicissitudes, tinha então por soberano em titulo Torincha, e por verdadeiro Senhor Ræz Hamed, seu ministro. A esquadra de Affonso d'Albuquerque salvou ao palacio do Rei com a sua artilheria, e fez exigir d'elle a fortaleza, e habitações na cidade. Hamed não ousou aconselhar a Torincha que recusasse uma exigencia feita com as armas na mão. Depois de varios incidentes, o Rei mandou dizer a Affonso d'Albuquerque, que podia tomar posse da fortaleza, e o general enviou para esse fim a D. Alvaro de Castro, e Lopo d'Azevedo com alguma tropa. Estes chefes, achando as portas abertas, entraram na fortaleza Domingo de Ramos, 31 de Março de 1515,² e arvoraram logo o pavilhão real de Portugal, que foi saudado com uma salva geral de artilheria da esquadra. Affonso d'Albuquerque desembarcou então entre as mais vivas aclamações. Ia precedido da Cruz que levava um frade franciscano, e o estandarte real, acompanhado dos officiaes da armada. Ao entrar a porta da fortaleza ajoelhou e deu graças a Deus, por lhe conceder a posse de uma tão importante praça sem derramamento de sangue. De todos os lados só se ouviam aclamações, sendo geral o enthusiasmo.

No entanto Affonso d'Albuquerque, e Hamed tinham um

^{1, 2} Commentarios de Affonso de Albuquerque.

reciproco odio, que ambos tratavam de encobrir. Os historiadores concordam em que o Rei d'Ormuz supplicára, em segredo, a Affonso d'Albuquerque de o libertar d'aquelle insolente ministro, o que em breve teve execução.

Tratou-se de uma conferencia do monarcha, e do general portuguez. Hamed exigia que ella tivesse logar em um pavilhão que mandára levantar em frente do palacio. Affonso d'Albuquerque insistiu que havia de ser na fortaleza, e assim se executou.

Tinha-se convencionado não entrar pessoa alguma com armas, Hamed se apresentou sem se conformar a esta condição. Affonso d'Albuquerque o increpou, e Hamed lhe respondeu com audacia; para logo os officiaes portuguezes mataram o ministro. O Rei que chegou n'este momento ficou atemorizado; mas foi reanimado pelo discurso de Affonso d'Albuquerque. Os irmãos, e os partidistas de Hamed tomaram armas; bem depressa elles se viram obrigados a deixal-as. Foram banidos; e o Rei livre de semelhante ministro, se ligou aos portuguezes.

Os soberanos d'Ormuz, por um costume inaudito, mandavam cegar seus parentes para assim evitarem questões sobre a successão ao throno. Estes infelizes tinham mulher e filhos, e Affonso d'Albuquerque fez que lhes fossem entregues como refens e os mandou para Goa.

Por esta occasião se espalhou o boato de que vinha sobre Ormuz uma forte esquadra do Califa. Nunca se pôde saber quem fôra o auctor de semelhante boato, no entanto Affonso d'Albuquerque, simulando acreditar uma noticia que não tinha nenhuma probabilidade, enviou D. Garcia de Noronha a pedir da sua parte ao Rei toda a artilheria do palacio e da cidade, sob o pretexto de que tinha precisão d'ella para ir combater a frota inimiga, e não p o dia deixar a cidadella sem armas. O Rei prometteu tudo a principio; mas tendo-se depois arrependido da sua facⁱ

lidade, quiz-se retratar. D. Garcia de Noronha, que tinha ordem secreta de a tirar por força, se lh'a negassem, desvaneceu todo o pretexto de dilações, dizendo que não paritaria sem que a artilheria lhe fosse dada, como foi effectivamente, e d'esta maneira se apossou de toda a artilheria d'Ormuz.

Estando Affonso d'Albuquerque de posse da importante praça d'Ormuz, chegou a este paiz um embaixador de Ismael, Sophi da Persia, com embaixada do seu soberano. O governador geral desejando engrandecer o poder dos portuguezes quiz receber esta embaixada com o maior apparato.

D. Garcia de Noronha, e alguns fidalgos cavalleiros, foram cumprimentar o embaixador e o conduziram á presença de Affonso d'Albuquerque, da maneira que vamos descrever.

Dois mouros a cavallo, caçadores d'onças, trazendo cada um d'elles uma d'estas feras nas ancas, serviam de bateadores. Seguiam-se doze mouros a cavallo ricamente vestidos, os quaes levavam peças de ouro, e varios brocados e tapeçarias; vinham em seguida os trombeteiros, e atabaleiros portuguezes tangendo seus instrumentos bellicos, viam-se logo os fidalgos, cavalleiros, e officiaes todos a cavallo, formando allas, e fechava o cortejo o embaixador acompanhado de D. Garcia de Noronha cercado dos officiaes de Estado-maior, e escoltados pela cavallaria.¹

O Rei d'Ormuz com sua comitiva estava em uma das janellas do palacio admirando este acompanhamento que caminhava entre allas de tropa. Logo que o embaixador entrou na fortaleza salvou a artilheria dos fortes a que correspondeu a esquadra.

Affonso d'Albuquerque rodeado dos capitães esperava o

¹ Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

embaixador em um estrado que se levantára na praça, armado de ricas tapeçarias, tendo na frente assento coberto com um rico docél.

O embaixador subiu ao estrado. Affonso d'Albuquerque levantou-se então, e deu tres passos para o receber. O embaixador depois dos cumprimentos do estylo entregou uma carta do Sophi da Persia, para El-Rei de Portugal, e os ricos presentes, e deu sua embaixada. Affonso d'Albuquerque, depois de breve pratica, despediu o embaixador que foi reconduzido ao seu aposento com o mesmo acompanhamento.

Passado algum tempo o Rei d'Ormuz visitou Affonso de Albuquerque na fortaleza. O Rei veiu a cavallo cercado dos governadores, e senhores da terra ricamente vestidos. Os trombeteiros, e atabaleiros portuguezes precediam o cortejo, e as tropas formavam allas.

Affonso d'Albuquerque, cercado de todos os capitães, estava em uma sala ricamente armada, e veiu á porta receber o Rei, que o beijou na testa, honra que os soberanos da India só faziam aos seus egnaes. O governador geral lhe quiz beijar a mão, o que o Rei não consentiu, e entrando na sala se sentaram ambos em duas cadeiras com almofadas de veludo, que se achavam collocadas debaixo de um riquissimo docél. A conferencia foi longa, e o Rei fez os mais vivos protestos de que seria sempre fiel a El-Rei de Portugal. Finda a entrevista, o governador geral acompanhou até á porta o Rei, que se retirou muito satisfeito com o mesmo cortejo para o seu palacio.

Affonso d'Albuquerque logo que se concluíram as conferencias com o embaixador do Sophi da Persia, e este se retirou ao seu paiz, o fez acompanhar por Fernando Gomes de Lemos, encarregado de presentes consideraveis para o Sophi, e de lhe propor uma alliança com El-Rei de Portugal.

Depois de tantos successos gloriosos, Affonso d'Albuquerque adoeceu gravemente, falleceu n'este anno. Daremos a biographia do heróe.

Affonso d'Albuquerque denominado o grande, pelas heroicas façanhas com que encheu de admiração a Europa, e de pasmo e terror a Asia, nasceu no anno de 1453 na quinta chamada, pela amenidade do sitio, o Paraiso da villa de Alhandra, sendo filho segundo de Gonçalo d'Albuquerque, Senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalves de Atayde, conde de Atougua, e de sua mulher D. Guiomar de Castro. Educado no palacio de El-Rei D. Affonso v, saiu um valente soldado. Este monarcha conhecendo o seu merecimento o fez partir na esquadra em 1480, que mandou em soccorro de El-Rei D. Fernando de Napoles, para reprimir o furor dos turcos, que tinham occupado a Otranto, em que mostrou seu heroico valor. Não foi inferior a gloria que conseguiu o seu braço na expedição intentada no anno de 1489, para defender a Graciosa, situada na Ilha, que o Rio Luco forma junto á cidade de Larache, debaixo dos auspicios d'El-Rei D. João II, de quem foi estribeiro-mor; sendo estas duas famosas empresas succedidas, uma na Europa, outra na Africa, o preludio das victorias de que havia de ser theatro a Asia, para onde navegou a 6 de Abril de 1503, e depois de muitas acções dignas de eterna memoria se restituiu a Portugal, mais cheio de gloria, que de desposos, em que tem maior parte a cobiça, que o valor. Tendo segunda vez sulcado os mares como capitão em uma esquadra de quinze vellas, em companhia de Tristão da Cunha, para continuar os triumphos, de que era arbitra sua espada, o elegeu El-Rei D. Manoel para governador da India, de que tomou posse a 4 de novembro de 1509. Parece difficil acreditar a continuada torrente de victorias alcançadas pelo braço d'este invencivel heróe, que qual

raio fulminante da Esphera não houve parte em todo o Oriente, que não experimentasse o impulso arrebatado de seus estragos, reduzindo a cinzas as cidades de Brama, Orfacão, Calecut, Pangim, e as numerosas armadas de Meca, Adem e Ormuz. Duas vezes ficou victorioso em Goa, humilhando na segunda o Hidalcão, como já dissemos. Que frondosas palmas e louros colheu o seu invencivel braço, no rendimento de Malaca, cuja heroica façanha divulgou admirada a fama por tres mil boccas de fogo, gloriosos despojos de tão celebre expugnação!

Renden Lama, Mascate, Benastarim, Calayate, e as ilhas de Camarão, Queixome e Homelião com a morte dos dois sobrinhos do Rei de Larec, etc. O brado das suas espantosas acções, com que tinha assombrado todo o Oriente, obrigou o Rei das ilhas Maldivas, Vengapor e o Hidalcão, a buscarem-n'o para protector de seus Estados; e em demonstração da sua obediencia se fizeram tributarios á nossa coroa. Recebeu diversas embaixadas dos principes da Persia, da Arabia, e dos Reis de Pegú, Bengala, Pedir, Sião, Pacem, e outros, solicitando a sua amisade com generosos donativos que benignamente agradeceu, e generosamente regeitou.

Nos seis annos do seu governo fundou diversas fortalezas, com as quaes firmou o imperio portuguez no Oriente, que se achava forte, especialmente pela conquista dos trez importantes pontos de *Goa*, *Malaca* e *Ormuz*, que na sua vasta idéa abrangiam todo o commercio do Oriente, e faziam os portuguezes senhores de seus mares, e de suas ricas e variadas producções.

Malaca era o imporio geral a que concorria o cravo das *Molucas*, a *noz* de *Banda*, o *sandalo* de *Timor*, a *canfora* de *Borneo*, o *ouro* de *Çamatra* e do *Lequio*, e as *gommas*, *aromas*, e mais mercadorias preciosas da *China*, do *Japão*, de *Sião*, de *Pegú*, etc.

Goa reunia ao que lhe vinha de *Malaca* os estofos de *Bengala*, as perolas *Kalkar*, os diamantes de *Narsinga*, a canella e rubins de *Ceilão*, a pimenta, gengibre, e outras especiarias de *Malabar*, que até então enriqueciam *Calecut*, *Cambaya* e *Ormuz*.

Ormuz finalmente era como entreposto, aonde se depositavam todas as produções da India, e mais paizes orientaes para d'ahi passarem pelo golfo persico a *Bassora*, e logo em caravanas á *Armenia*, *Trebisonda*, *Alepo*, *Damasco*, etc.

Já dissemos muito em summa, como este grande homem estendeu, e ampliou em todo o Oriente o nome portuguez, mandando embaixadores e descobridores aos paizes mais remotos, ajustando pazes e commercio com muitos principes. e recebendo de todos elles testemunhos de respeito. Muitos d'elles deram mostras de grande sentimento pela sua morte, e alguns tomaram lucto por ella... Nunca a inveja e a ingratidão sacrificaram mais illustre victima!

Affonso d'Albuquerque era mui douto nos estudos astronomicos, cosmographicos e nauticos, como educado que fôra na escola portugueza d'aquelles felizes e saudosos tempos, e frequentes vezes propunha difficeis problemas n'estas sciencias ao grande geometra portuguez Pedro Nunes.

Alguns escriptores estrangeiros lhe attribuem o pensamento e projecto de derivar o *Nilo* para o golfo arabico, com o fim de dar um grande golpe no poder do Soldão do Egypto.

Depois de celebrados os tratados de paz com os reinos de *Cambaya*, *Dabal*, *Onor*, *Baticála* até ao Cabo de *Çamorrin*, e com os principes da *China*, *Java* e *Molucas*, se sentiu, estando ainda em *Ormuz*, accommettido de uma grande disenteria. Bem depressa o mal fez taes progressos, que Affonso d'Albuquerque dictou a sua ultima vontade, e recebeu os Sacramentos da igreja. Algum alivio que sentiu

lhe fez tomar a resolução de se retirar a Goa; mas apenas estava fóra do golfo de Ormuz, uma pequena embarcação mourisca, saída de Diu, lhe veio entregar cartas, que ajuntaram aos seus males physicos os mais profundos desgostos. Um mouro, chamado Cide-Alle, participava-lhe que Lopo Soares d'Albergaria vinha com treze navios succeder-lhe em o governo da India; que Diogo Mendes de Vasconcellos estava nomeado governador de Cochim, e Diogo Pereira, secretario. A outra carta era do embaixador do Sophi, que lhe confirmava estas noticias, e que insistindo sobre a ingratição com que eram pagos seus relevantes serviços, lhe offercia, em nome de seu Senhor, um muito honroso domicilio.

Affonso d'Albuquerque não pôde conter o seu resentimento. Lopo Soares d'Albergaria era seu inimigo pessoal, Diogo Mendes de Vasconcellos e Diogo Pereira, tinham sido por elle enviados presos a Portugal para serem julgados como réos, o primeiro dos trez vinha succeder-lhe no governo, e os outros regressavam á India revestidos dos mais importantes cargos! «É pelo serviço do Rei, diz elle em sua dôr amarga, que fiquei mal com os homens, e é pelos homens que supporto a inimisade d'El-Rei! Desce ao tumulo, velho desgraçado!» Estas ultimas palavras saíram da sua bocca muitas vezes; enfim elle cedeu ás instancias d'aquelles que lhe aconselhavam escrevesse a El-Rei D. Manoel. A sua carta tem sido conservada, e ella o merecia; é nobre e significativa.

«SENHOR. — Quando esta escrevo a Vossa Alteza estou com um soluço que é o signal da morte. N'esses reinos tenho um filho, peço a Vossa Alteza que o faça grande como meus serviços merecem, que lhe tenho feito com minha serviçal condição, porque a elle mando, sob pena da minha benção, que vol-o requeira. Em quanto ás cou-

«sas da India nada vos digo, porque ella fallará por si, e «por mim.»¹

Avistando Goa em 15 de dezembro, mandou buscar um medico, do qual foram inuteis os auxilios, e o Vigario General, lhe deu os soccorros consoladores da religião christã. Elle patenteou grandes sentimentos de piedade, e morreu antes de romper o dia de domingo 16 de dezembro de 1545. Contava então sessenta e trez annos de idade, havendo mais de dez que persistia nas Indias. Seu corpo foi amortalhado no manto militar da Ordem de Santiago, de que era commendador; e tanto que o cadaver chegou ao caes de Goa, se levantou tal alarido funebre em todo o povo, que até os sacerdotes interrompiam o canto ecclesiastico com lagrimas e suspiros. Os gentios admirados de o ver com a barba tão extensa, e com os olhos quasi abertos, affirmavam com supersticiosa credulidade, que não morrera, mas que Deus o chamára para general dos seus exercitos. Levado debaixo do pallio aos hombros das principaes pessoas de Goa, o sepultaram na igreja de Nossa Senhora da Serra, que elle edificára em agradecimento do feliz successo da conquista de Malaca. A este deposito de suas triumphantas cinzas concorria a gente obsequiosa com varios donativos, esperando que fosse propicio ás suas supplicas. Passados cincoenta e um annos, foi trasladado, como disposera no seu testamento, para o convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa,² com pompa digna de tão grande herôe.

Estes sentimentos geraes eram sinceros; porque, se Afonso d'Albuquerque era algumas vezes severo em dema-

¹ Commentarios de Afonso d'Albuquerque.

² Os restos mortaes do herôe chegaram a Lisboa em 6 de abril de 1566, ficando em deposito na Casa da Misericordia: foram trasladados para a Graça em 19 de maio do mesmo anno.

sia, não esqueceu jámais reconhecer os bons serviços tributados ao Estado; de maneira, que se elle se fazia temer, tambem se fazia amar. De resto, factos incontestaveis provam qual era o seu amor pela justiça. Mais de uma vez, depois da sua morte, os mouros, e os indios, levaram offendas á sua sepultura, e pediram justiça á sua sombra dos vexames e tyrannias que soffriam.

Ainda que nem sempre o triumpho coroou as emprezas de Affonso d'Albuquerque, comtado é elle, sem contradicção, o que levou mais longe nas Indias a gloria, e o poder dos portuguezes. Foi reconhecido por um dos mais habeis generaes, que tem existido, e debaixo d'este ponto de vista, não se lhe pôde notar outro defeito, senão aquelle de se expôr muitas vezes como um simples soldado. Em tantas batalhas terrestres e navaes saiu repetidas vezes ferido, testemunhando com o seu sangue, que sempre buscava o logar de maior perigo. Foi tão generoso, que dando ás suas tropas os despojos alcançados em tantas conquistas, morreu pobre. Seu nome, sendo até agora pplaudido pelas vozes da fama, chegará com a mesma gloria á ultima posteridade.

Causa admiração o procedimento de El-Rei D. Manoel para com o grande Affonso d'Albuquerque, mas é necessario declarar os motivos. Os emulos do heróe fizeram-lhe menos mal do que elle proprio, logo que pediu ao soberano possuir Goa debaixo do titulo de Ducado. Não foi então difficil fazer persuadir a El-Rei que Affonso d'Albuquerque buscava tornar-se independente: com tudo as suas emprezas, e acções o patentearam sempre como subdito fiel.

El-Rei D. Manoel mostrou grande pesar de não ter feito justiça aos relevantissimos serviços de Affonso d'Albuquerque, e querendo eternisar a memoria de tão grande, heróe, ordenou a seu filho que mudasse o nome de Braza

que lhe fôra imposto no baptismo, no de Affonso d'Albuquerque, e o encheu de beneficios. Este herdeiro das virtudes e das acções heroicas de tão grande pae, a quem a Villa d'Alhandra deu o berço em 1500 junto ás margens do Tejo, o foi egualmente dos seus merecimentos: além de outras honras e mercês, foi nomeado pelo soberano, capitão de um navio da armada, que conduziu a infanta D. Brites, quando se foi esposar com o Duque de Saboia. O mesmo monarcha o fez casar com uma dama das mais illustres que então venerava Portugal, D. Maria de Noronha, filha de D. Antonio de Noronha, primeiro conde de Linhares, escrivão da Puridade de El-Rei D. Manoel, e de D. Joanna da Silva, filha de D. Diogo da Silva, primeiro conde de Portalegre; e lhe fez mercê de um juro de trezentos mil réis. El-Rei D. João II o nomeou védor da sua Fazenda. Foi presidente do senado de Lisboa em 1569, em que mostrou seu grande zelo nas sabias providencias, que deu para se remediarem os estragos da peste, que havia reduzido á morte tantos milhares de pessoas. Acabou seus dias, cheio d'annos e de acções virtuosas, em Lisboa no anno de 1580, e jaz sepultado na parochial egreja de S. Simão da Villa de Azeitão.

Affonso d'Albuquerque desejou que alguém pudesse escrever sua historia; elle o podia fazer, como Cesar escreveu a sua. Seus trabalhos o impediram; porém seu filho executou uma vontade que seu pae lhe manifestára muitas vezes, escrevendo os *COMMENTARIOS DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE* que se imprimiram em Lisboa em 1576.

N'esta obra ha um grande amor da verdade, grande moderação, e muita prudencia para com os inimigos de seu pae; e tanta modestia na relação das acções d'este heróe, que se pode dizer, que, o que fez bem longe de o exceder, é em tudo muito inferior ao seu original.

CAPITULO XIII

ANNOS DE 1515 E 1517

SUMMARIO

Lopo Soares d'Albergaria toma conta do governo da India, e torna tudo que havia feito seu antecessor. — Vae com uma nova expedição ao mar Roxo, a qual é completamente destruida pela fome, sede, peste, temporaes e outras calamidades. — Desordens occorridas em Goa e Malaca, que estiveram a ponto de sair do dominio dos portuguezes.

A 7 d'abril de 1515 saiu de Lisboa Lopo Soares d'Albergaria, levando treze naus, em que iam mil e quinhentos homens de peleja, e vindo dar fundo em Goa a 8 de

setembro do mesmo anno: ¹ tomou posse do governo da India, estando ainda Affonso d'Albuquerque em Ormuz. Visitou as praças, guarnecendo-as de officiaes de sua confiança, despedindo os affeiçãoados de Affonso d'Albuquerque, desprezando as suas idéas, e finalmente seguiu um systema inteiramente contrario ao do seu antecessor.

D. Garcia de Noronha, a quem seu tio havia feito partir primeiro para Cochim, foi-lhe concedido voltar para Portugal. Os inimigos dos portuguezes cobraram alento, e os amigos descorçoaram; os Reis de Cananor, Calecut e Cochim perderam toda a confiança que tinham em Affonso d'Albuquerque, a quem não sabiam recusar cousa alguma. No entanto é força confessar que a Lopo Soares d'Albergaria não faltava o merecimento; porém as repetidas infellicidades, que uma após outra tiveram logar, fizeram sobressair o paralelo entre elle e o antigo governador geral.

Havia já alguns annos que ameaçavam os portuguezes com uma armada do Califa, mas, ou fosse porque este principe tivesse outros negocios, ou porque se desgostasse do infeliz successo da sua primeira tentativa, nunca se realisou tal ameaça. Duas cousas espartaram o Califa; a primeira foi a industria do Emir Hocem, a segunda o medo que lhe causou a esquadra portugueza entrada no mar Roxo, e commandada por Affonso d'Albuquerque.

Hocem sendo desbaratado por D. Francisco d'Almeida, não ousou voltar ao Cairo, com medo de pagar com a cabeça as faltas da sua má fortuna. Os principes musulmanos n'aquelles tempos não perdoavam a seus generaes infelizes, porém como este era um antigo cortezão, resolveu congraçar-se com o seu principe por meio de algum serviço importante que o podesse ajudar a captar o seu vali-

¹ Barros, Dec. 3.º, L. 2.º, Cap. 1.º

mento. Nesta idéa tendo confiado seus planos ao Rei de Cambaia, e Melique-As, recolheu os fragmentos da sua armada, e retirou-se para Judá ou Gidá.¹ Esta cidade que está situada sobre a costa da Arabia, a vinte e um graus e meio de latitude Norte, ainda que antiga, e bella pelos seus edificios, não tinha outro merecimento, mais que o de ser frequentada pelos peregrinos que iam a Meca, d'onde dista doze leguas. O territorio era esteril: a agua ahí se paga cara, porque vem de muito longe em bestas de carga. Não tinha então mouros, e estava sujeita ás invasões dos Beduinos Arabes que a infestavam com suas correrias e roubos.

Hocem determinado a estabelecer-se alli, fez saber aos habitantes que queria ficar entre elles para os defender dos roubos dos arabes, e ao mesmo tempo instruiu o Califa do seu verdadeiro plano. Começava a carta que escreveu a este principe expondo de uma maneira delicada a infelicidade da sua destruição, a qual attribuia aos peccados dos musulmanos, e á indignação do seu grande propheta. Depois, passando aos progressos extraordinarios que os portuguezes tinham feito nas Indias, contra os esforços de todas as potencias da Asia, suppunha que a sua principal mira era assenhorearem-se do sepulchro de Mafoma, para conseguirem dos mahometanos os mesmos tributos que elles lucravam do Santo Sepulchro, e dos christãos que o visitavam. Não se enganava, porque se Affonso d'Albuquerque vivesse teria destruido Meca e Medina, sem deixar pedra sobre pedra.

O nosso heróe tencionava levar ávante este projecto, quando fosse senhor de Ormuz, e de alguns outros pontos no golfo persico, d'onde pretendia enviar por terra

¹ Judá ou Gidá pertencia ao reino de Adel; era situada na costa, e distava só 12 leguas de Meca.

gente determinada a tomal-a. Hocem representava, como meio eficaz de se oppôr á empreza dos portuguezes, fortificar Judá, que seguraria o sepulchro de Mahomet contra as armas dos christãos, e faria tambem o Califa senhor do mar Roxo.

Aproveitou o artificio de Hocem.

Captivado o Califa por este zêlo de religião, e pelo interesse pessoal, soccorreu-o com gente e dinheiro: ordenou-lhe que cercasse Judá de muros, e n'ella fundasse uma boa cidadella, a fim de conter os habitantes sujeitos. O Califa tratou então de arranjar uma nova esquadra para mandar á India. Fez o córte das madeiras na Asia, como da primeira vez; e ainda que o Balio portuguez da ordem de S. João em Jerusalem, desbaratou tambem esta frota no Mediterraneo, mettendo seis navios no fundo, e tomando cinco, salvou muita madeira de construcção com que fez em Suez vinte e sete embarcações, taes como galeras, fustas, e gelyas, nas quaes trabalhou diligentemente um extraordinario numero de operarios.

Na força d'este trabalho Rais Solimão, corsario célebre, chegou a Alexandria para offerecer seus serviços ao Califa. Era homem de nascimento humilde, natural de Milere, tinha sido no principio pirata, e adquiriu alguma reputação; porém as queixas que os turcos fizeram contra elle á Porta, havendo attrahido sobre elle a indignação d'esta córte, vein cruzar nas costas d'Italia e Sicilia, onde tendo feito prezas consideraveis, se poz em estado de se fazer receber pelo Califa com muita estimação, por se apresentar com melhor fortuna.

Com effeito o Califa o recebeu como um enviado do ceu, e logo o nomeou general da frota, que tinha feito apparellhar no Suez, dando-lhe Hocem para logar-tenente com ordem de o ir buscar a Judá, e de irem juntos conquistar Adem; mas se não o podessem conseguir, que construisse

uma fortaleza na ilha de Camarão, onde sabia que os portugueses tinham tenção de construir uma cidadella.

Solimão executou a sua commissão com a maior fidelidade e o mais breve que lhe foi possível, e apresentou-se defronte de Adem. O Rei de Adem prevenido da chegada da frota musulmana, e não podendo duvidar das más intenções do Califa com quem estava mal, tinha posto a cidade em defeza, tirando d'Elach, e de outras praças dos seus estados, poderosos soccorros de tropas, e munições, que havia enviado ao Emir, Mira Merjão, para poder sustentar um sitio. Solimão bateu a praça com furor, fez uma grande brecha, e tomando-a de assalto entrou na cidade; porém perdeu ali tanta gente, que admirado de uma tão vigorosa resistencia, se retirou para Camarão, para ahi começar a cidadella que tinha ordem de fundar.

A modesta vivenda d'esta ilha, onde a fome e a séde não podiam tardar em se fazerem sentir, junta a um trabalho desagradavel e opposto ao seu genio activo e atrevido, tendo-lhe desagradado, deixou Hocem continuar a obra de uma praça de que o Califa lhe havia destinado o governo.

N'este tempo chegou a noticia a Camarão, que o Califa tinha passado á Syria, á testa de um poderoso exercito, contra Selim Imperador dos turcos, e que o tinha desbaratado junto de Aleppoem, em batalha campal, e alli tinha perdido a vida. Hocem que estava exasperado por lhe terem preferido Solimão no commando, aproveitou a occasião para seduzir as tropas que tinha consigo. Não faltaram rasões, nem meios para persuadir a gente opprimida; de sorte que todos de accordo deixaram a ilha e se retiraram a Judá. Solimão que d'isto foi logo sabedor, para alli correu. Hocem lhe fechou as portas. Estavam para recorrer á força, de uma e de outra parte, quando o Muphti de Meca transportado do zêlo de religião, e horrorizado dos

damnos que ia causar esta guerra civil, acudiu a Judá, e terminou as differenças dos dois competidores. Hocem foi victima d'esta falsa paz, posto que d'ella se desconfiasse. Solimão apoderou-se da sua pessoa com pretexto de o enviar ao Califa, e o fez deitar secretamente no mar com uma pedra ao pescoço.

El-Rei D. Manoel, que tinha recebido noticias certas dos novos preparos que o Califa fazia em Suez, mandou ordens ao governador geral da India, e grandes reforços para ir combater a esquadra mahometana.

Lopo Soares d'Albergaria, reunindo as forças, se dispoz a combater os sectarios do Califa. A esquadra portugueza, composta de quarenta e sete navios, era a mais bella e a mais numerosa que os portuguezes tinham tido n'estes mares. A escolha dos seus capitães era de gente valorosa, e distincta, porém em tudo inferiores áquelles velhos officiaes, que tinham servido com D. Francisco de Almeida e Affonso d'Albuquerque, os quaes desgostosos do novo governo tinham ido descontentes para Portugal com D. Garcia de Noronha.

Lopo Soares d'Albergaria entrou no porto de Adem, e salvou com toda a artilheria da esquadra. A cidade não respondeu ás salvas, o que admirou o governador geral, collocando-se n'uma posição difficil, visto que não tinha vontade de atacar a praça. Pouco tempo depois veio um escalero a seu bordo com bandeira branca em signal de paz. A brecha que Solimão tinha feito, não estava reparada. Mira Merjão, em attenção á necessidade em que se achava, enviou trez pessoas das mais notaveis da cidade para levarem as chaves ao governador geral, dizendo-lhe: *«Que elle se reconhecia vassallo de El-Rei de Portugal, e deixava a cidade entregue á sua discripção: que haveria feito o mesmo, quando Affonso d'Albuquerque alli se apresentou, se este general muito austero não tivesse logo revoltado os ha-*

«bitantes contra elle, e inspirado um temor, que os obrigára
«a seguir o partido da defeza.»

Nunca houve melhor occasião para tomar Adem; até ao ultimo moço da frota não havia quem julgasse que a deixariam escapar. Lopo Soares d'Albergaria pensou de outro modo. Fez responder ao Emir, que elle reservava a sua boa vontade para a volta, que era obrigado a ir buscar a frota do Califa para a combater, que lhe pedia sómente alguns pilotos, e mantimentos que pagaria bem. O Emir não cabendo em si com o prazer que lhe causou esta resposta e desejando só o feliz momento da partida da frota, enviou immediatamente quanto lhe pediam, e isto com muitas attenções.

Lopo Soares d'Albergaria mandou levantar ferro, e seguiu sua derrota para o mar Roxo. Uma tempestade que se levantou, maltratou muito a frota, e a poz em grande perigo. Escapou d'ella com a perda de um dos seus navios, que estando muito carregado foi ao fundo.

Depois de alguns outros transtornos a frota chegou a Judá. O medo afugentou todos os habitantes: a prudencia porém de Solimão fez com que se tranquillisassem mais, e o governador geral completou a obra, inspirando-lhes na verdade mais confiança. O porto apresentava algumas difficuldades na entrada, estando solidamente fortificado e com boas baterias. Em quanto pois se meditava qual seria o melhor plano, Solimão aproveitando o ensejo, manda desafiar Lopo Soares d'Albergaria, que foi prudente em não o acceitar. A melhor empreza era tomar a cidade, e queimar a frota do Califa; porém Lopo Soares d'Albergaria nada fez, e vendo-se insultado de todos os modos pelos inimigos, e não podendo rebater as queixas dos seus, que morriam de sêde, fez-se á vella para a ilha de Camarão.

Experimentou ahi novas angustias. Tendo fugido os ha-

bitantes, apenas pôde alcançar alguns viveres de uma ilha vizinha, onde alguns dos seus foram tomados por traição, e enviados a Solimão.

Por falta de commodidades para acabar a cidadella de Camarão, que os mouros tinham já bem adiantada, o general a destruiu. A peste, fome, e sêde faziam entretanto grande destruição na sua gente; as tempestades, tendo-lhe tambem feito perder alguns navios, foi cair sobre Zeila na costa de Africa.

Esta cidade muito povoada, era toda aberta, e sem defeza: porém como ahi tinham em pouco o general, do qual sabiam todos os desastres, o desespero deu valor aos seus habitantes, que tendo feito sair as mulheres, e as bocças inuteis, para as pôr em seguro no centro das terras, se armaram e fizeram um bom apparatus sobre a praia. A necessidade fez com que se resolvesse o desembarque. Os inimigos se admiraram pouco, e reprehendendo aos portuguezes a fraqueza que tinham mostráo em Judá, os insultavam, promettendo-lhes que elles lhes fariam melhor acolhimento do que lhes tinha feito Solimão. A vanguarda, e o corpo da batalha tinham já posto pé em terra, e se impacientavam das demoras do general que conduzia a rectaguarda. O desgosto das suas dilações por uma parte, e a injuria dos insultos dos inimigos, pela outra, estimulando os portuguezes, todos de accordo caíram sobre estes habitantes que apenas fizeram resistencia, e entraram na cidade. Simão d'Andrade exasperado, mandou dizer ao governador geral que podia vir para a cidade pois não havia inimigos. Lopo Soares d'Albergaria ficou estimulado com esta mensagem, o que deu logar a serias desintelligencias com os seus officiaes.

A cidade foi saqueada, e tomaram-se alli algumas provisões. O governador geral fez lançar fogo a todo o resto, esperando prover-se abundantemente de tudo em Adem,

aonde tornou cheio d'aquella confiança com que tinha partido; porém era tarde. Mira Merjão, aproveitando-se do seu erro, tinha-se fortificado. As brechas estavam reparadas, as muralhas guarnecidas de artilheria, e a cidade cheia de boa soldadesca. Mira Merjão nada tendo que temer de um homem, que no estado em que se apresentava, era mais capaz de excitar compaixão, do que terror, negou-se até a dar-lhe viveres, e apenas permittiu podesse fazer aguada, que lhe fez pagar muito cara. N'esta extremidade, Lopo Soares d'Albergaria confuso, e reduzido a uma especie de desesperação, voltou sobre a costa d'Africa para a cidade de Borbora. Um grande temporal espalhou a esquadra. Lopo Soares d'Albergaria com doze embarcações arribou a Ormuz, os outros aportaram a Melinde, Socotorá, e diversos portos, perderam-se muitos navios, de sorte que esta poderosa esquadra ficou completamente destruida pela fome, sêde, doenças, naufragios, e outros desastres, causando estas desgraças gravissimo prejuizo aos negocios de Portugal nas Indias.

Em quanto Lopo Soares d'Albergaria estava occupado da sua triste expedição, Goa esteve a ponto de cair em poder do Hidalcão, por culpa do governador D. Gutierrez Monrroi, parente proximo do governador geral.

Fernando Caldeira que tinha sido pagem de Affonso de Albuquerque, havia-se estabelecido em Goa com a protecção d'este general, e ali estava casado. Foi pouco depois accusado á côrte de ter sido traidor; sendo por isso transportado a Portugal carregado de ferros. Como era homem de juizo, defendeu-se tão bem que foi não só absolvido, mas até regressou á India na esquadra de Lopo Soares de Albergaria. Chegando a Goa teve taes desgostos com o governador da cidade, que fugiu para Pondá, praça do Hidalcão, levando sua mulher e todos os seus bens. Ancostan que alli governava, sabendo que

era valente, o recebeu com gosto e travou amizade com elle.

D. Gutierrez Monrroi desejando vir vingar-se, não cessava de solicitar Ancostan para lhe remetter este desertor, afim de o castigar. Ancostan nunca quiz attender ás suas proposições, e offendeu-se de que o quizessem obrigar a violar o direito da hospitalidade, e de asylo, o qual devia ser inviolavel nas terras do seu senhor. Não aproveitando estas negociações, D. Gutierrez Monrroi subornou um portuguez chamado João Gomes para assassinar Fernando Caldeira.

João Gomes accitou a commissão e foi estabelecer-se em Pondá. Fernando Caldeira, que o conhecia, recebeu-o com os braços abertos, e deu-lhe um quarto em sua casa.

Algun tempo depois montando Ancostan a cavallo, e indo passeiar com elles fóra da cidade, fingiu João Gomes ter que fallar em particular com Fernando Caldeira; e apartando-o um pouco, mata-o á vista mesmo de Ancostan, o qual irritado, mandou-lhe no alcance, e sem outra forma de processo, lhe cortou a cabeça logo que lh'o apresentaram.

D. Gutierrez Monrroi ainda mais indignado contra Ancostan do que havia estado contra Fernando Caldeira, sentiu um desejo vehemente de vingar-se, e não o podendo conseguir com apparencias de honra, lançou mão da traição. Para melhor occultar os seus designios, preparou-se para dar umas cavalladas, aproveitando para este effeito a festa do Pentecoste.

Incontinentemente passou a convidar toda a mocidade da cidade e seus suburbios, tanto portuguezes como mouros e gentios, sob o pretexto de exercicios, e adestrou por muito tempo a sua cavallaria a fazer diversos movimentos.

No dia de Pentecoste sobre a tarde, sem dizer nada do seu projecto, tomou oitenta cavallos, setenta arcabuzeiros portuguezes e perto de quinhentos e cincoenta ou seiscentos malabares, que conduziu até ao paço de Benastarim onde chegaram á entrada da noite. Tendo-lhe declarado os seus intentos, achou alguma difficuldade nas pessoas de probidade, ás quaes esta traição não agradou; porém pretextando-a com o bem do serviço, as fez partir na mesma noite para Pondá, depois de haver empenhado João Machado, para deixar o governo do partido a seu irmão D. Fernando de Monrroi. João Machado mais experimentado do que este, lhe aconselhou, que guarnecesse o desfiladeiro para assegurar a sua retirada, e fizesse o ataque de noite. Ancostan descobrindo o designio, passou para a outra parte do rio com as suas tropas, e a maior parte dos moradores, com que fez um corpo. Os portuguezes entrando em Pondá passaram á espada tudo o que acharam; porém o seu commandante, perdendo a esperanza de destruir o batalhão que estava além da ponte, e conhecendo o erro que commettera, mandou dizer a João Machado, que se retirasse com a sua infantaria, e que elle ia fazer o mesmo com a cavallaria, com a qual o defenderia.

Ancostan, tomando esta retirada como uma fuga, passa a ponte, dá sobre D. Fernando Monrroi, e faz chover sobre elle uma tão grande quantidade de frechas, que o poz em desordem, e o fez cair sobre a sua infantaria, que debandou completamente.

O que se passava no desfiladeiro ainda offerencia um espectáculo mais atterrador. As forças que o guarneciam, tendo-o desamparado para tomar parte no saque da cidade de Pondá, Ancostan tirou partido d'esta falta de cuidado e occupou-o sem demora. Favorecido pela posição vantajosa em que estava, esperou os que buscavam salvação na fuga, e fez uma mortandade espantosa. João Machado encon-

controu em breve a morte depois de ter obrado prodigios de valor. D. Fernando de Monroi pôde a custo evadir-se com pequeno sequito, e chegou a Benastarim onde o esperava D. Gutierrez Monroi.

Ancostan soberbo da sua victoria, despachou logo para o Hidalção um emissario, dando-lhe conta do que se tinha passado, despertando-lhe a esperança de se fazer senhor de Goa, que a infracção de paz lhe dava direito de atacar, e que estando bem debilitada pela perda que acabava de experimentar, cheia de tristeza e medo, faria pouca resistencia. O Hidalção fez treguas com o Rei de Narsinga e mandou partir Seifadim com cinco mil cavallos, e vinte e seis mil infantes, que occuparam os portos da terra firme. O exercito não pôde chegar a entrar na ilha: porém fechou-lhe tambem todas as passagens, de sorte que Goa apertada pela fome estava na precisão de se render, a não serem os socorros que trouxeram João da Silva, que tinha invernado em Quilôa, Rafael Perestrello, que voltava de Malaca, e Antonio de Saldanha, que vinha este anno de Portugal com uma esquadra de seis navios.

Malaca correu egualmente o risco de sair do poder dos portuguezes. Jorge de Brito veio render Jorge d'Albuquerque. A côrte mal informada lhe deu ordens, que Jorge de Albuquerque lhe aconselhou que não seguisse, prevendo os inconvenientes que succederiam. Estas ordens pertenciam aos Ambarages e Ballates, que se chamavam os escravos do Rei. Esta gente sustentada pelo fisco era só obrigada a certos trabalhos, fóra d'isso os deixavam viver em paz com suas mulheres e seus filhos: Jorge de Brito seguindo as suas instrucções, lhes diminuiu os soldos, e os fez verdadeiramente escravos, repartindo-os entre os portuguezes. No mesmo tempo intentou metter portuguezes em todos os juncos e navios que abordavam a Malaca, para fazerem commercio. Estas medidas fizeram

com que emigrasse parte da população, e reduziram a cidade a uma total solidão. Em vão quiz Jorge de Brito corrigir seu erro; não o pôde conseguir, e desgostoso morreu.

Estando para morrer nomeou Nuno Vaz Pereira, para governar em seu lugar. Porém Nuno Vaz Pereira tendo-se apoderado da cidadella, onde se conservava em virtude d'esta nomeação, e tambem das ordens da côrte, Antonio Pacheco que era capitão do mar n'estas paragens pretendeu que lhe competisse o governo, e se valeu da ordem que o grande Affonso d'Albuquerque tinha estabelecido; substituindo Fernando Peres d'Andrade a Ray de Brito Patalim, os portuguezes dividiram-se em duas facções. Antonio Pacheco, que queria evitar as occasiões das vias de facto, retirou-se com a sua frota para uma pequena ilha visinha. Um dia, que Antonio Pacheco veiu a Malaca para ouvir missa, Nuno Vaz Pereira appareceu ao postigo da fortaleza, chamou-o, e mostrou querer entrar em ajuste por meio de louvados. Antonio Pacheco subiu na boa fé, e foi apanhado com alguns dos seus partidistas. Esta violencia accendeu os animos, e augmentou o fogo da discordia. O Rei de Bintam aproveitou-se d'ella. Fez arranjar um corpo de tropas, veiu acampar-se a cinco leguas de Malaca na estrada do Rio Muar, e fortificou-se de modo que não poderam lançal-o fóra. Depois fazendo excursões por mar e terra, incommodou de tal modo a cidade, que nenhum navio ousava apparecer; o que com o tempo teria abatido esta praça, se a Providencia não tivesse velado sempre sobre os portuguezes.

A morte de Affonso d'Albuquerque tinha transtornado os negocios na India. Em Beticala ergueu-se uma sedição terrivel, em que pereceram para cima de vinte e sete portuguezes, e em Cochim, cinco, que desaperecebidos se entregavam ao prazer da caça, receberam igual sorte. Quinze

fustas de Melique-As correram sobre D. João de Monrroi, que cruzava nas costas de Cambaia. Um portuguez renegado era encarregado da empreza; porém D. João de Monrroi, avisado a tempo, desbaratou os traidores. As condições porque o Rei das Maldivas se havia feito vassallo do Rei de Portugal foram illudidas, e os Reis de Pegú e Bengala romperam a alliança com os portuguezes.

CAPITULO XIV

ANNO DE 1513

SUMMARIO

Lopo Soares d'Albergaria chega á India vindo da expedição ao mar Roxo, e na sua chegada experimenta alguns desgostos por El-Rei D. Manoel lhe haver coarctado a sua auctoridade. — O governador geral despacha D. Aleixo de Menezes para Malaca a fim de estabelecer ali governador Affonso Lopes da Costa, e Duarte de Mello em capitão do mar. — Morre Nuno Vaz Pereira e depois da sua morte levantam-se dois competidores ainda mais assiduos que os primeiros. — Parte D. João da Silveira a cruzar para as ilhas Maldivas. — Lopo Soares d'Albergaria vae com uma forte esquadra sobre Ceilão, aonde consegue fundar uma fortaleza. — Regressa a Cochim; encontrando ali Diogo Lopes de Sequeira para seu successor lhe faz entrega do governo da India; e volta para Portugal.

Lopo Soares d'Albergaria, voltando da sua expedição ao mar Roxo, teve o desgosto de saber em Goa, que El-Rei D. Manoel limitava sua auctoridade; pois além de nomear commandantes para todos os governos, que d'antes

só dependiam da nomeação do governador geral, enviava também Fernando de Alcaçovas como intendente da fazenda, emprego que não estava sujeito ás ordens do governador geral, e encarregava Antonio de Saldanha de cruzar sobre toda a costa da Arabia, com poderes muito amplos, assignando-lhe um consideravel numero de navios.

Corriam assim as cousas quando Lopo Soares d'Albergaria conseguiu desgostar Fernando de Alcaçovas a tal ponto, que este regressou para Portugal com os navios de transporte. As queixas que fez a El-Rei produziram seu effeito, porque desde então se estabeleceu o costume de mandar citar os governadores geraes perante o tribunal da fazenda real, para alli darem contas. Não deixou contudo de achar meios occultos para escapar depois ao rigor d'este tribunal. Pelo que respeita a Antonio de Saldanha, foi obrigado a contentar-se com uma esquadra mediocre, com a qual não fez mais do que tratar a cidade de Borbora do mesmo modo que o tinha sido também a de Zeila.

Lopo Soares d'Albergaria despachou depois D. Aleixo de Menezes para Malaca, a quem deu trez navios, com ordens de ahí estabelecer governador Affonso Lopes da Costa, e Duarte de Mello capitão do mar com determinação de fazer passar Duarte Coelho d'Albuquerque a Sião, afim de ahí renovar alliança com o Rei, e obrigar este principe a mandar seus navios a Malaca, para animar o commercio d'esta cidade. Enviou também Manoel de Lacerda a Diu, D. Tristão de Menezes ás Molucas, e D. João da Silva ás Maldivas, d'onde devia passar a Bengala, e de lá tornar á ilha de Ceilão.

D. Aleixo de Menezes satisfez bem a sua commissão. Nuno Vaz Pereira era morto, e tinham-se levantado dois novos competidores mais assiduos ainda do que os primeiros, de sorte que, de ambas as partes, era preciso estar

prevenido: tanto que o Rei de Bintam, aproveitando-se d'esta discordia, tinha formado um novo campo sobre o rio Muar, para aproveitar o de Cerebige, e infestava de tal modo Malaca, que a tinha como sitiada. D. Aleixo de Menezes teve trabalho para tranquillisar os portuguezes. Não era este o tempo de punir os culpados, contentou-se em soltar Antonio Pacheco e os outros presos, e ordenar a uns e outros que esquecessem as injurias passadas.

O Rei de Bintam, sabendo que D. Diogo de Menezes se retiraria brevemente de Malaca, recorreu a seus costumados artificios, e propoz a paz. Assignado o tratado, D. Diogo de Menezes, que ardia em desejos de voltar para Portugal, saiu para o Indostão, levando comsigo quasi todas as forças de Malaca.

O Rei de Bintam, tirando então a mascara, appareceu diante da cidade tão inopinadamente, que o governador Affonso Lopes da Costa, cuidou que tomavam a praça nos primeiros momentos do assalto. A frota inimiga composta de oitenta e cinco embarcações das chamadas lancharas, appareceu no porto, e lançou fogo a dois navios mercantes, e a uma galera, que não poderam soccorrer, por causa de estar na baixa mar.

Havia em Malaca só setenta portuguezes, a maior parte doentes. O toque de rebate lhes fez passar a febre; todos se armaram para correr ao porto; porém no tempo que para ahi correram, o exercito do Rei de Bintam appareceu da outra parte. Foi um verdadeiro milagre não se perder a praça; mas apesar da desordem inseparavel d'estes ataques inesperados, portuguezes e indios fizeram tão bem o seu dever, que o Rei de Bintam, estando perto de vinte dias diante da praça, foi obrigado a retirar-se para o seu campo de Muar, limitando-se, como d'antes, a privar de viveres os sitiados.

Por este meio, pode ser que tivesse conseguido fazer

cair a cidade, sem uma acção, que de um hospede lhe fez um inimigo, e que valeu aos portuguezes. Um java muito rico e poderoso, tinha uma mulher muito bella, de que o Rei se apaixonou, e foi correspondido. O java estimulou-se da affronta que lhe era feita, e cheio de desejos de se vingar, passa secretamente a Malaca, põe-se á testa de um corpo de portuguezes, sustentado da parte do mar por Duarte de Mello, ataca o primeiro campo de Mahamud, e o tomou, sendo porém desgraçado na sua vingança porque alli foi morto.

D. João da Silveira foi feliz na sua viagem ás Maldivas. Estas ilhas compõem um archipelago defronte da península da India áquem do Ganges, quasi a setenta leguas da costa de Malabar. Os arabes contam muitas, a maior parte de pouca extensão, e separadas umas das outras por canaes mui pequenos. Teem-n'as repartido em treze partes, que os indios chamam Atollons, e que se dividem por largos braços de mar. Todos se persuadem, que ellas fizeram em outro tempo, com a ilha de Ceilão, parte do continente, e que foram separadas por algum violento tremor de terra. O que poderia favorecer esta opinião é que se vê ainda no mar grande numero de coqueiros. Estas arvores teem grande valor, e fornecem materia para cordas, as quaes são tecidas dos fios que se acham entre a primeira casca e o interior do coco: esta materia é tão abundante que fornece a Asia, Africa e parte da Europa. O paiz poduz além d'isto diversas qualidades de fructos. Tem de mais, ouro, prata, pedras preciosas, e conchas que servem de pequena moeda nas Indias. Acha-se tambem nas costas quantidade de ambar de toda a especie.

Estas ilhas reconheciam um soberano, o qual fazia a sua residencia em Mále; este recebeu muito bem a D. João da Silveira, prestando-se a tratar amigavelmente com os portuguezes.

El-Rei D. Manoel desejava estabelecer primeiramente uma fortaleza em Ceilão, ilha collocada defronte do Cabo Çamorim, para a ponta da península de áquem do Ganges; tem quasi setenta e oito leguas de comprimento, e perto de cincoenta e seis de largo. Uma ponta da ilha dista apenas dezeseis leguas da terra firme. O clima é sadio, e a terra por extremo fertil. As arvores de canella diffundem um cheiro dos mais agradaveis, que se sente longe no mar; as lorangeiras e cidreiras formam bosques espessos, sem precisarem de cultura. Tem muitas pedras preciosas, assim como minas de ouro, prata, e outros metaes. Pescam sobre as suas costas mui bellas perolas. Os elephants são alli mais doces, do que em alguma outra parte das Indias. Os ilheus professam pela maior parte a religião antiga do paiz, tal como lh'a ensinaram os Brahmanes. Teem particularmente uma pura veneração a um monte que se eleva no meio da ilha, e que os portuguezes chamaram Pico de Adão. Vê-se sobre o seu cume uma ou duas pégadas, que os ilheus dizem ser dos pés do primeiro homem. Pretendem que lá é que elle foi creado, e que foi sepultado com sua esposa sob duas pedras sepulchraes que ainda alli se descobrem. Posto que este monte seja extraordinariamente escarpado, e que se não suba sem atravessar horrorosos precipicios, e continuos perigos de morte, os devotos do paiz, e principalmente os Jogues, por elle fazem frequentes peregrinações, para satisfazerem a sua devoção. A ilha era dividida em diversos reinos, dos quaes o principal era o de Colombo.

Lopo Soares d'Albergaria tinha invernado em Cochim, para fazer os preparos da sua expedição, no que trabalhou com muito mais ardor, por ter sabido que lhe enviavam um successor; intentou que a sua vinda o não surprehesse, e lhe arrebatasse uma pequena gloria, de que tinha muita precisão para reparar um pouco suas desgraças pas-

sadas. Partiu enfim no meado de setembro de 1518, com uma frota de dezeseite navios, oitocentos portuguezes, muitos naires de Cochim, e algumas tropas malabares. Aportou a Galle, onde os ventos contrarios o demoraram quasi um mez, e fazendo-se á vella avistou Colombo, descobrindo na entrada uma pequena ponta que formava um bellissimo porto, na qual se lançava um rio que vinha das terras. Demorou-se, resolutio a edificar a fortaleza n'este sitio, despachando logo um emissario para pedir licença ao Rei. Este de sobra antevia os inconvenientes de semelhante petição, que foi bem combatida no seu conselho. Porém, reflectindo nas vantagens, que o Rei de Cochim tinha tirado da sua alliança com os portuguezes, por meio dos quaes estava rico e poderoso; captivo além d'isso pelos presentes, e boas palavras do enviado do governador geral, concedeu tudo que se lhe pedia; porém os mouros que se achavam nos seus portos, tendo trabalhado para fazerem mudar esta resolução, o Rei não só se retractou, mas fez ainda tanta diligencia para se pôr em defeza, que Lopo Soares d'Albergaria achou no outro dia uma especie de entrincheiramento feito no lugar onde queria fundar a fortaleza, e baterias preparadas, que começaram logo a atirar-lhe.

Indignado da ligeireza do principe, que lhe faltava á palavra, não duvidou de o atacar, e depois de alguma resistencia forçou os entrincheiramentos, onde perdeu alguns dos seus; porém a perda dos inimigos foi mais consideravel. Determinado a edificar a fortaleza com beneplacito, ou sem elle, o governador geral fez abrir um fosso sobre uma das pontas da Bahia, e levantou d'aqueum um muro para cobrir os gastadores. O Rei vendo o muro levantado e já descorçoado pela primeira desgraça, enviou um emissario a dar desculpas, e requerer que se segurasse a negociação. Lopo Soares d'Albergaria consentiu; porém ac-

crescentou que era justo, em castigo da traição, que se fizesse vassallo de El-Rei de Portugal, pagando o tributo annual de trezentos bahares de canella, doze anneis de rubins, e saphiras, e seis elephantes para serviço da feitoria de Cochim.¹

A cidadella fez-se com a maior actividade, fornecendo o Rei (que se sujeitou ao tributo) os officiaes e materiaes, e recebendo o nome de Nossa Senhora das Mercês ficou concluida no fim de novembro de 1518.²

Lopo Soares tendo dado o governo a D. João da Silveira, e deixando Antonio de Miranda e Azevedo, capitão do mar, tornou a partir para Cochim, onde achando Diogo Lopes de Sequeira seu successor, lhe entregou o governo das Indias, e se fez de vella para Portugal, onde chegou em 20 de Janeiro de 1519,³ mais rico dos bens que trazia do Novo Mundo, do que de gloria que ali tivesse adquirido.

1, 2, 3. Barros, Dec. 3.^a, Liv. 2.^o

CAPITULO XV

ANNO DE 1519

SUMMARIO

Fernão Peres d'Andrade regressa da sua expedição á China. —
Descrição d'este vasto Imperio.—Noticias dos acontecimentos
d'este illustre portuguez.

Foi n'este anno que Fernão Peres d'Andrade, regres-
sando da sua viagem á China, chegou á India.

Antes, porém, de nos occuparmos d'este objecto de tanto
interesse, parece-nos conveniente tratar do vasto imperio
da China, dando em summa o que encontramos, a simi-
lhante respeito, nos escriptores de maior nomeada.

A China é um grande imperio da Asia, o mais antigo da
terra, e o mais extenso que existe depois do da Russia;
apresenta no seu todo grandes planicies mais ou menos

ferteis, cortadas de rios e canaes, e um platô vastissimo, que se levanta entre muitas e gigantescas montanhas; grande parte d'este platô é occupado por um vasto deserto arenoso chamado o deserto de Cobi.

O Oceano limita o imperio da China pela parte de Leste, e pelo Norte cinge-o uma muralha de vinte e cinco pés de altura e quatrocentos e cincoenta de largo, que o vae separar da Tartaria; esta muralha tem de extensão quatrocentas e cincoenta leguas; pelo Oeste termina em montanhas, e pelo Sul topa com o Oceano, Tunquin, Cochinchina, Lao, e outras pequenas povoações. Na China ha mil duzentas noventa e nove cidades de terceira ordem, duzentas vinte e uma de segunda, e cento setenta e nove de primeira.

O numero das praças fortes sobe a duas mil trezentas cincoenta e sete. Tem ainda muitas aldêas, que não differem das cidades senão em não serem muradas. Grande parte dos Chins tem por unico domicilio os chamados *Juncos*, de que estão coalhados os canaes e rios.

A agricultura floresce na China; as forças do homem allí se extenuaram para a fertilisar e cultivar até ás cumeadas das montanhas; e apesar d'isso ainda se vê nos campos vegetar a glande, e mesmo alguns se conservam ainda virgens de cultura; para honrar a agricultura, todos os annos, o proprio imperador da China faz alguns regos em um campo, que está proximo á capital.

O arroz é o objecto ordinario de cultura nos paizes meridionaes. As arvores do chá da China, cujas folhas são o objecto de um commercio prodigioso, dão uma colheita tão abundante, que se calcula, aproximadamente, a sua exportação, para consumo da Europa e dos Estados-Unidos, para cima de vinte e sete milhões de arrateis. Ha ainda a arvore da camphora, a de sébo, o algodão amarello com que se fabrica a *ganga*, o azêbre, a laca de que se faz ex-

cellente verniz, todos os vegetaes da Europa, e finalmente, fructos de toda a especie se colhem em abundancia. Diversas fazendas e quinquilberias etc., fornece-nos a China em quantidade. Exporta egualmente sedas, porcellana, almiscar, pello das cabras do Thibet, e a tinta chamada da China. Os rios e canaes, que cortam, em todas as direcções este imperio, servem, não só de fertilisar as terras, mas de meio de transporte para as mercadorias. De Norte a Sul é a China atravessada pelo Canal Imperial. O ar é refrescado pelas altas montanhas, que ficam a Norte e a Poente, e pelo mar que fica de Leste e de Sul: ha monções ou ventos periodicos, e ha as virações que duram todo o anno. Este paiz por sua vasta extensão, offerece, todavia, grande variedade de clima.

Os chins descendem da raça Mogol; seu paiz é talvez o mais povoado do mundo; calcula-se pouco mais ou menos conter duzentos milhões de habitantes.

O imperador, a quem cegamente obedecem, é um despota, que vive á sombra de um governo patriarchal, e debaixo do titulo de pae dos povos, é egualmente o chefe da religião; chama-se filho de Deus e senhor do mundo; traz em si um lemma que diz — *a paz o Senhor de cima a deu, e nunca alguem a quiz que a não achasse*. O serviço do imperador é feito por castrados; tem muitas mulheres e concubinas.

Antigamente eram os imperadores feitos por eleição; porém hoje não é assim, e pode ser herdeiro do throno o filho primogenito de qualquer das mulheres do imperante, mas nunca os das concubinas.

Mandarins escolhidos, governam, sob suas ordens, nas provincias e cidades. Os letrados adoram o seu Deus e o povo é idolatra.

É um factó incontroverso, diz Adel Resumat, a quem se devem as indagações mais exactas sobre a China, que este

paiz está de ha muito tempo civilizado, e a prova é que alli se conhece desde seculos a imprensa em pranchas de madeira, a polvora, a bussola, a porcelana, etc. Precisar a epocha do estado de aperfeiçoamento dos chinezes é difficil; mas, quando ainda os povos mais civilizados da terra estavam involvidos na ignorancia, já na China haviam os letrados. Esta instituição forma uma parte, por assim dizer, do poder soberano. Ha trez graus na classe dos letrados; o primeiro grau conduz aos maiores cargos do estado, e o imperador é obrigado a escolher n'este grau os seus agentes.

Note-se ainda uma singularidade. O imperador da China, tido sempre na Europa por um despota (e com effeito elle concentra em si o poder supremo) na questão delicada da escolha dos seus agentes administrativos ou politicos, tem menos liberdade que um monarcha constitucional de nossos dias. Uma serie de regulamentos formam entre os chins a norma das acções da sua vida.

Elles fazem consistir a sua principal belleza na gordura e altura, e a formosura das mulheres na pequenez dos pés; tendo por isso o cuidado de lh'os apertar fortemente desde a infancia.

A nação divide-se em trez classes — letrados, cultivadores, e artistas. Uma prova da asserção que acima fizemos, isto é, da civilisação da China, está no gosto pronunciado que se descobre em todos, pela agricultura, commercio e navegação; e o amor excessivo ás sciencias e artes. Os chins são comtudo fracos para a guerra.

A immutabilidade é o distinctivo do character dos chinezes. A sua lingua fallada compõe-se de monosyllabos, e a sua escripta de oitenta mil caracteres, exprimindo, cada um, não palavras, mas idéas inteiras.

Ainda não houve imperio que durasse mais tempo; os escriptores abalisados dão-lhe a existencia de quatro mil annos.

Houve na China vinte e duas familias diversas, que deram ao throno duzentos trinta e seis imperadores.

A parte septentrional da China chamava-se antigamente *Cathay* ou *Catay*, e a meridional *Changi*. Divide-se em quinze grandes provincias, não comprehendendo a Tartaria do Norte e os paizes tributarios. Os do Norte são: Chansi, Chemsi, e Petcheli; do Oriente, Chan-Tong, Kiang-Nan, Che-Kiang, Fo-Kien; do Sul, Quang-Tong, Quang-Si, Esun-Nan; do Oeste, Sée-Tchuen. O centro é occupado por Ho-Nan, Hou-Quang, Quei-Cheu, Kiang-Si, sendo Pekim a capital de todas.

Ha uma determinação expressa do imperador para que todo o individuo que sair da China nunca mais ali volte, sob pena de morte.

Os chins que teem de traficar fóra do seu paiz habitam a ilha de Veniaga, que dista 48 leguas da cidade de Cantão, que é a principal da costa da China, tendo um bello porto de mar.

Retomando agora os factos no ponto em que os interrompemos, vamos dar conta da viagem de Fernão Peres d'Andrade, tão digna, em todo o sentido, de ser mencionada.

Saindo Fernão Peres d'Andrade de Malaca no mez de junho de 1517, tomou rumo para a China, cuja costa dista pouco mais de quinhentas leguas de Malaca, navegando para a parte de Leste, levando uma armada que constava de sete vellas, a saber: a nau Espera, onde elle ia, que seria de duzentas toneladas, a de Santa Cruz, que levava Simão de Alcaçovas. Pero Soares ia na Santo André, Jorge Mascarenhas na S. Thiago, e finalmente, trez juncos de Malaca conduziam a Jorge Botelho, Manoel d'Araujo, e Antonio Lobo Falcão.

Seguindo Fernão Peres a sua viagem, avistou as ilhas da China em uma tarde de agosto; e ao mesmo tempo

uma frota de doze juncos, que andava cruzando n'aquella costa para livrar dos corsarios as embarcações que vão á China. Como estava já o dia bastante adiantado, e tinha de navegar por entre as ilhas, não passou ávante n'aquella noite, mandando comtudo aprestar toda a sua gente e a artilheria para o que podesse succeder. Na manhã seguinte, estando o mar mui sereno e havendo vento pela pôpa, começou a armada a navegar tendo o cuidado de abrigar os trez juncos de Malaca no meio das naus; e tomando Fernão Peres a dianteira, se dirigiram para a ilha de Veniaga. Chegados a esta ilha, que está a trez leguas da costa, a que os chins dão o nome de Tamão, e onde se faz o trafico das mercadorias estrangeiras que vão á China, achou ahí Fernão Peres a Duarte Coelho, que o acompanhára de viagem a primeira vez que saiu de Malaca, e que lhe deu algumas informações da ilha a que tinham chegado. Mandou depois Fernão Peres dizer ao capitão-mór da armada dos chins, que elle era o commandante da armada portugueza que acabava de alli chegar; que El-Rei de Portugal, desejando ter paz e amisade com o imperador da China, lhe mandava seu embaixador; e que lhe pedia, lhe desse um piloto para o conduzir á cidade de Cantão.

O capitão-mór lhe respondeu, que fosse mui bem vindo; e que, visto ter intentos amigaveis, lhe pedia, guardasse os costumes d'aquella terra, que eram de participar sua chegada ao Pio de Nantó,¹ e que este lhe diria o que devia fazer. E tendo recebido Fernão Peres esta resposta, lhe chegou logò recado do Pio, perguntando-lhe quem eram, d'onde vinham, e o que buscavam. Fernão Peres satisfez a estas inquirições, e acrescentou mais, que a maneira por que o governador Affonso d'Albuquerque tinha trata-

¹ O Pio de Nantó, é como um almirante de toda a costa chinesa, que reside n'uma villa chamada Nantó, distante trez leguas de Veniaga, e que dá parte ao conselho de Cantão de todos os navios que chegam, d'onde vêem, e que fazendas trazem.

do os chins na tomada de Malaca, bem patenteava o desejo que El-Rei de Portugal nutria de travar amizade com o imperador da China, e que n'esse intento é que lhe enviava um embaixador, que deveria entregar-lhe um presente; que por isso necessitava de um piloto que o levasse a Cantão, para d'alli mandar o embaixador que trazia. O Pio lhe respondeu que mandava participar a sua chegada ao conselho de Cantão, e que segundo o que este conselho determinasse é que elle depois devia praticar. E julgando Fernão Peres que o despacho viesse de prompto, saiu para fóra do porto com os navios que tencionava levar a Cantão, deixando apenas os trez juncos. Estando de fóra esperando pelo despacho, sobreveiu um temporal mui forte, que partiu os mastros a todos os navios, excepto os juncos que ficaram dentro do porto. Tentou Fernão Peres obter dos chins alguns mastros para as embarcações desmastreadas, mas estes tudo lhe negaram, porque ainda não sabiam o que o conselho de Cantão determinaria. No entanto, a muito custo se conseguiu emastrear alguns dos navios, e partindo Fernão Peres, acompanhado de Jorge Mascarenhas, da ilha de Veniaga, aportou a Nantó, que está na entrada de um rio de uma legua de largo, e por este acima é que está a cidade de Cantão, obra de vinte e cinco leguas distante de Nantó.

Surto Fernão Peres, o Pio o mandou visitar e dizer-lhe que não podia sair d'alli sem o consentimento expresso do conselho de Cantão, e que, portando-se d'outra maneira, daria mostras de ter vindo antes com vistas de guerra do que de paz. Respondeu-lhe Fernão Peres, que já lhe tinha participado pelo seu emissario que, a principal causa que movera El-Rei de Portugal seu Senhor, a mandal-o á China, fôra o grande desejo de contar com a amizade de seu imperador, e com este fim é que tinham trazido um embaixador; que não sabia qual fosse o motivo porque o obri-

gavam a semelhante demora, com a qual se prejudicava muito o serviço de El-Rei seu Senhor; que em vista d'isto lhe pedia instantemente licença para ir a Cantão, e um piloto para lá o conduzir, que, se lhe não desse, de prompto, uma resposta conforme ao seu requerimento, elle passaria ávante e se dirigiria a Cantão, onde El-Rei seu Senhor o mandára, protestando desde já de não incorrer por isso, nem em desobediencia ao imperador da China, nem em quebra dos costumes de seu paiz; e, finalmente, que elle Pio ficaria responsavel por todas as perdas e damnos que d'aqui podessem sobrevir, visto que não cumpria, como devia, as ordens de seu imperador, não estando allí para outra cousa. Fernão Peres para mandar esta resposta ao Pio, fez acompanhar o feitor da armada por muitos creados de El-Rei, todos vestidos de galla, e com as trombetas na frente.

Com este apparatus chegou o feitor a casa do Pio, o qual ouvindo o recado de Fernão Peres, e as suas protestações, ficou muito admirado de encontrar nos portuguezes uma razão tão desenvolvida, e tão boa ordem nas suas idéas, porque os tinha por um povo barbaro, como os chins consideram a todas as outras nações; e respondeu a Fernão Peres, que sómente no dia seguinte é que lhe poderia enviar a resposta pelo seu mensageiro, visto depender de uma decisão do Tutão de Cantão, que era seu superior, e nada poderia deliberar sem que elle lh'o ordenasse. Mas, parecendo a Fernão Peres estas dilações premeditadas, mandou dizer ao Pio, que só esperaria pela resposta do Tutão até que a monção lhe fosse favoravel; o que de facto executou, mandando ao seu piloto fosse sondando, nos bateis, que iam na frente dos navios.

O Pio, porém sabendo da deliberação que Fernão Peres tinha tomado, mandou-lhe então um piloto, que o conduziu á cidade de Cantão.

Esta cidade existe, como dissemos, na margem de um rio mui largo, e n'este se encontram muitas ilhotas, que se cobrem de agua quando a maré enche; sendo todas cobertas de uma relva muito verde e viçosa, que serve de bello pasto para patos e adens, que para alli conduzem em grandes jangadas, construidas á maneira de casas, tendo uma porta por onde as áves saem voando, e para as recolher ha em cada jangada um sino, a cujo som acodem logo. Nos continentes que ficam de uma e de outra banda do rio, ha muitos logares murados onde existem quintas, hortas, e muitos parques, etc., estando a terra toda mui bem aproveitada; de modo que resulta d'alli uma grande quantidade de mantimentos.

Ancoram no rio até os grandes juncos; e é perto d'este ancoradouro que fica a cidade de Cantão, cujas muralhas de uma cantaria avermelhada, teem de espessura cinco braças, e um desenvolvimento alguma cousa maior do que as de Evora: são seteiradas em todo o circuito, e distribuidas por este setenta e oito torres, em cada uma das quaes existem vigias, e todas com os seus competentes mastros para arvorar bandeiras nos dias de festividades. Tem a cidade sete portas, cada uma fechada por quatro ordens de barreiras mettidas na espessura da muralha, e todas forradas de ferro; sendo, apezar d'isto, mais bonitas do que fortes. Pela parte superior de todas as portas, ha grandes casas de vigias, em que cabem quinhentos homens, com as suas respectivas armas offensivas e defensivas, e que guardam as portas de dia e de noite.

A muralha é muito mais bem construida da parte do rio, do que da opposta; é toda circumdada por um grande fosso, que se torna aquatico na parte correspondente á margem do rio. Este fosso tem sete pontões que correspondem ás portas principaes da cidade.

Todas as casas, até mesmo a do Tutão, que governa a

cidade, e a do Puchanci, seu immediato, são terreas, construidas com taipa, rebocadas exteriormente de cal das cascas de ostras, e forradas interiormente com taboas mui grossas, cobertas de bellas pinturas. Em todas as casas ha oratorios onde são venerados os idolos dos chins: todas teem pateos lageados de formosas pedras, com poços de agua muito má; e quasi todas teem arvores ás portas para lhes dar sombra. Ha na cidade casas destinadas para os seus governantes, que são as mais elegantes, e de apparencia mais forte. Tanto nos principios como nos fins das ruas ha portaes, construidos á maneira dos arcos triumphaes, de madeira, mui bem lavrados e pintados, montando a mais de quinhentos em toda a cidade.

Ha muitos mosteiros e egrejas, onde os chins vão fazer suas orações. Tem a cidade um grande arrabalde, muito comprido e estreito, que se estende ao longo da margem do rio, e que é mais povoado do que a propria cidade. As portas da cidade fecham-se ao pôr do sol, e abrem-se ao romper da aurora, por causa de muitos ladrões que alli ha. É expressamente prohibida a entrada de estrangeiros para dentro das portas, sendo esta a principal causa de haver immensidade de gente no arrabalde, como já se disse; e até no rio e na parte aquatica do fosso, estão constantemente para cima de dez mil paráos muito grandes, cheios de gente, morando mesmo em muitos como se fossem casas; em uma palavra, tudo é coberto de gente, parecendo existir quasi tanta no rio, como na cidade; o que não deve admirar, attendendo-se a que nunca ha alli peste, nem fome, nem guerra.

O piloto que o Pio tinha mandado a Fernão Peres, não se atreveu a entrar em algum dos navios portuguezes, e foi n'um paráo seu, seguido de toda a frota; gastando esta trez dias em chegar a Cantão.

Chegados a este porto, deram fundo junto da ponte prin-

cipal, onde havia um caes de cantaria feito á nossa moda. Mandou logo Fernão Peres embandeirar todas as embarcações, e começou a salvar com toda a sua artilheria, o que fez acudir ao caes toda a gente da cidade.

Surto d'este modo Fernão Peres, mandou-lhe dizer o Puchanci, grande de Cantão, que muito o fazia admirar, que, vindo elle com vistas de paz, conforme lhe tinham dito, mostrasse apparencias de guerra, arvorando as bandeiras e salvando com toda a sua artilheria; visto que alli era prohibido por lei, que pessoa alguma, tanto natural como estrangeira, atirasse um só tiro de artilheria, e arvorasse bandeira ou lança, em frente d'aquella cidade; e que se elle tentava a paz e não guerra, assim o devia ter cumprido. Ao que o Capitão-mór respondeu, que tinha assim praticado, por isso que ignorava totalmente aquellas leis; que em Portugal era uso salvar com a artilheria em signal de festa, e para demonstrar amisade, e com os mesmos fins se embandeiravam as embarcações; e que por conseguinte elle nada mais tinha feito do que seguir os costumes de Portugal, visto que ignorava ainda os da China, não tendo, todavia, a mais leve intenção de ir de encontro ás suas leis e costumes, que elle ao contrario ajudaria, em quanto alli estivesse, a guardar com todas as suas forças, como vassallo que era de El-Rei de Portugal, tão desejoso de conservar paz e amisade com o imperador da China, que para esse effeito lhe enviava um embaixador.

O mensageiro do Puchanci ficou muito satisfeito com a resposta, e disse ao Capitão-mór que desculpasse alguma demora que havia de ter antes que o despachassem, pois que o não podiam fazer em quanto não chegasse o Tutão que se achava ausente, e que era alli o primeiro governante.

Logo que os portuguezes aportaram a Cantão, foram os chins perguntar aos seus idolos se teriam alguma cousa a

temer, se a chegada d'aquella expedição seria para seu bem ou para seu mal; uns lhes respondiam para bem e outros para mal, mas todos que guardassem a cidade o melhor que lhes fosse possível, o que elles fielmente cumpriram. O Capitão-mór não consentia que algum chinês entrasse em seus navios, nem que portuguez algum saltasse em terra: mandava-lhes comprar os comestiveis que queriam, aos parás que estavam no rio; e não consentiu, ainda, que se approximassem dos seus navios todos aquelles juncos que entraram depois d'elle; e tudo isto participou ao Puchanci, que ficou muito contente, e o mandava visitar a miudo, remettendo-lhe muitos presentes, bem como egualmente o faziam todos os mandarins da cidade.

Passados dois ou trez dias depois da entrada de Fernão Peres no porto de Cantão, é que chegou alli o Conquão grande, que é um dos trez membros do conselho, e da governança o menor; era castrado, como o são todos que exercem aquelles cargos; veio pelo rio acima com muito acompanhamento, e desembarcou com grande aparato. Cinco dias depois, chegou o Compim grande, entrando pelo rio e desembarcando com muito maior pompa que o primeiro, por isso que tem o cargo de capitão da guerra, que é de muito mais representação que o do Conquão; e este saiu a recebê-lo com toda a massa do povo da cidade. O Capitão-mór mandou-o logo visitar, do que elle ficou tão penhorado, como gostoso de vêr os portuguezes; e mandou dizer ao Capitão-mór, que, posto que elle alli tinha chegado, nada comtudo podia deliberar a respeito do seu despacho, que dependia unicamente da chegada do Tutão. Este veio seis dias depois do Compim, e teve um recebimento muitissimo superior em solemnidade ao dos dois primeiros. Vinha em um parão maravilhosamente lavrado e dourado, cuberto por um lindo toldo, e enfeitado com bandeiras de seda de diferentes cores, acompanhando-o muita

gente em outros parãos lavrados da mesma maneira e pintados a ouro e azul, tambem com toldos, e embandeirados do mesmo modo.

Alguns parãos do acompanhamento eram destinados para conduzirem bellas musicas marciaes, que tocavam seguidamente por todo o caminho, ora umas, ora outras. Em summa, era tal o apparatus do sequito, que parecia pertencer a um grande principe.

Além d'isto, todo o circuito da cidade esteve n'aquelle dia embandeirado, tanto as torres como as muralhas, com bandeiras de seda de cores mui alegres e variadas, que apresentavam um curioso espectáculo.

O Conquão e o Compim acompanhados por todos os mais officiaes, saíram para receber o Tutão, seguidos por uma multidão de gente da cidade, e todos vestidos de galla. E quando elle desembarcou no caes dispararam-se cinco camaras de falcão, que estavam de antemão carregadas, o que os chins consideram como um grande festejo.

Subindo depois o Tutão para o seu andor, foi immediatamente rodeado de muita gente de armas, que se denominam, entre os chins, laboes; e pondo-se a caminho para a cidade, iam na frente e a distancia, alguns dos laboes, que bradavam constantemente ao povo que encontravam pelas ruas, para as despejarem porque vinha ahi o Tutão: o que rapidamente era executado por todos.

Com tão admiravel solemnidade, chegou, finalmente, o Tutão á casa que lhe pertencia, sendo tambem a mais apparatusa entre todas as outras da cidade, e alli o deixou o seu numerosissimo acompanhamento.

Sabendo Fernão Peres da chegada do Tutão, mandou-lhe logo participar, pelo feitor, qual era a causa da sua vinda áquelle terra, do embaixador que trazia enviado por El-Rei de Portugal para ficar junto do imperador da China, e do presente que a este devia remetter; pedindo-lhe ao

mesmo tempo que o despachasse com a possível brevidade.

Saiu pois o feitor acompanhado por muitos creados de El-Rei, todos vestidos de galla, e levando na frente as trombetas do Capitão-mór.

Chegando a casa do Tutão, que sabia já da sua visita, encontrou-o ahi juntamente com o Conquão, e o Compim; estando o Tutão do lado esquerdo, que é entre os chins o logar destinado para a pessoa mais respeitavel, seguiam-se-lhe os dois para a sua direita, e em frente d'elles se achava o Ceiui, que é o encarregado de tirar as devassas.

Todos receberam o feitor com o maior agrado; e tendo este proferido o recado que levava do Capitão-mór da frota portugueza, respondeu-lhe o Tutão, que fossem muito bem vindos, que elle proprio experimentava grande contentamento por estar informado das boas qualidades e são intentos, tanto de Fernão Peres, como dos mais portuguezes que o acompanhavam; e que o imperador seu senhor recebia muita honra em ser visitado por monarchas que, estando em paizes mui longiquos, queriam não obstante isso, a sua amisade. Com mais algumas phrases muito agradaveis e cortezes, acabou o Tutão o seu discurso.

Cada um dos outros officiaes que estavam presentes, foi depois, por seu turno, dirigindo a palavra ao feitor; mafestando-lhe todos a sua alegria pela vinda do Capitão-mór portuguez, e pelo interesse que El-Rei de Portugal mostrava em contrahir amisade com o imperador da China; que sabiam que este folgaria muito de ganhar tão bellas relações; e que, para prova da certeza que n'isto tinham, passavam sem a menor delonga a escrever-lhe.

No entanto, disseram ao feitor que, sem a resposta do imperador chegar, não poderia o embaixador partir de Cantão. Mas que, não obstante isso, podia dizer ao Capitão-mór que mandasse para terra o embaixador com o presente que elle devia entregar ao imperador da China, por-

que nada lhe faltaria a elle e aos que o acompanhassem, até á sua saída de Cantão, visto ser este mesmo o costume que alli seguiam; e que pediam particularmente ao Capitão-mór que fosse tambem a terra, para terem o gosto de o conhecer pessoalmente.

Fernão Peres, ouvindo do feitor a favoravel resposta do conselho de Cantão, ficou muito penhorado; porém teve de reenviar o feitor para lhe agradecer o bom acolhimento, e ao mesmo tempo, pedir-lhe desculpa de não poder accetar os honrosos offerecimentos que lhe faziam, visto que El-Rei seu senhor lhe prohibira, tanto de saltar em terra, como de accetar comestiveis para alguém á custa do imperador da China; que depois de elle ter voltado para onde El-Rei estava, fariam então o que lhe parecesse. E mandou ao mesmo tempo o embaixador para terra com o presente que levava.

Logo que o embaixador, por nome Thomé Pires saltou em terra, foi conduzido para uma casa, que lhe destinaram; e os presentes foram mettidos n'outra casa cuja chave entregaram a Thomé Pires.

Este embaixador não tinha sido escolhido por El-Rei de Portugal, que julgando que o imperador da China estaria perto, mandou a Fernão Peres que lhe enviasse um dos seus capitães, ou quem lhe parecesse; e elle enviou a Thomé Pires para esta embaixada, porque lhe pareceu homem discreto e curioso; e mesmo porque, tendo sido boticario do príncipe D. Affonso, saberia conhecer melhor do que outro qualquer as drogas que haviam na China.

Foram tomados os nomes a todos que deviam acompanhar o embaixador; e logo o Tutão, o Conquão, e o Compim escreveram ao imperador da China, participando-lhe a chegada de Fernão Peres com a expedição portugueza, e tudo quanto fez, e lhe succedeu, desde a sua saída da ilha de Veniaga, até chegar a Cantão.

Do mesmo modo escreveram tambem ao imperador, o Puchanci, Ceiuí, Amechacis, Tocis, Pio, e Ticos; dizendo uns bem e outros mal dos portuguezes.

O Tutão mandou depois apregoar pela cidade, que todos podiam comprar e vender aos portuguezes as mercadorias que quizessem, e que ninguem ousasse fazer-lhes o minimo aggravo sob grandes penas.

E mandou ainda efferecer ao Capitão-mór que mandasse recado aos navios que tinham ficado na ilha de Veniaga, afim de que viessem para Cantão, onde poderiam muito melhor carregar e descarregar as suas fazendas. Do que Fernão Peres se escusou por se lembrar que os navios estariam lá mais seguros do que em Cantão. E tambem porque queria voltar para Veniaga apenas assentasse onde havia de depositar em terra a fazenda d'El-Rei seu senhor; para cujo fim lhe foi immediatamente destinada uma casa, para onde foi mandado um escrivão da feitoria, e mais alguns portuguezes, para terem a seu cargo a fazenda que dasembarcasse; pois que não foi toda posta em terra de uma vez; o Capitão-mór mandou levar alguma, dizendo que quando aquella se gastasse então levariam mais.

Foi pois d'este modo que começou o commercio e as relações, entre os chins e os portuguezes; travando-se até desde logo grandes amisades entre uns e outros.

Os portuguezes iam a terra, e andavam por lá mui seguros, convivendo com os chins o melhor possivel. E tantas cousas vinham contar a Fernão Peres ácerca da grandeza da cidade, da sua riqueza, da sua abundancia de mantimentos, e da nobreza e honradez dos chins, que elle um dia se decidiu a ir a terra disfarçado, para analysar se com effeito era verdade tudo aquillo que tinha ouvido aos seus. E todavia, ainda Cantão era uma aldeia comparada com outras cidades que existem pelo sertão.

Vendo finalmente Fernão Peres o bem que os chins se

davam com os portuguezes, e quanto gostavam da sua conversação, mandou pedir licença ao Tutão para que o deixasse construir uma casa de pedra e cal na ilha de Veniaga, com o fim de habitar n'ella o feitor d'El-Rei de Portugal com as fazendas que lhe pertenciam, para estar ao abrigo dos roubos, por isso que havia grande quantidade de ladrões, tanto no mar como na terra: e o Tutão lhe concedeu o que exigia.

Chegou por este tempo a resposta do imperador da China ao Tutão de Cantão, onde lhe mandava dizer que, sem demora, lhe enviasse para Nanquim o embaixador que tinha vindo de El-Rei de Portugal. Immediatamente foi cumprida pelo Tutão a ordem do imperador.

O embaixador Thomé Pires, poz-se logo a caminho, sendo conduzido a Nanquim com todas as honras, que costumam fazer-se aos ministros dos mais poderosos reis. A sua viagem de Cantão até Nanquim foi apenas de quatro mezes e meio. Achou tudo nas mais favoraveis disposições para elle poder conseguir a sua negociação. O imperador da China havia concebido uma grande estima para com os portuguezes, cujo nome tinha adquirido muita fama por toda a Asia.

Fernão Peres d'Andrade, depois de quatorze mezes e meio de demora em Cantão, nos quaes fez visitar todas as outras cidades marítimas por Jorge Mascarenhas, e elle proprio, procurou tomar o maior conhecimento que lhe foi possível do paiz, sem desprezar seus interesses pessoaes, para se aproveitar da monção, que então corria mui favoravel, e mesmo ainda por temer algum temporal ou nevoeiro que o retardasse alli, determinou-se a voltar a Malaca.

Mandou dar parte ao Tutão de Cantão, de que se dispunha a partir; e ao mesmo tempo, não se descuidou, antes de se fazer de vella, de mandar publicar nos portos de Cantão, Tamão e Nantó, onde se tinha demorado, que, se

alli houvesse alguém, que tivesse motivo para se queixar de algum portuguez poderia vir livremente para receber uma satisfação. O esplendor de uma tão bella acção, fez com que esta sabia nação ficasse cheia de uma alta idéa a seu respeito, e de todos os mais vassallos d'El-Rei de Portugal.

Estando assim assentada a paz em toda a China, e o Capitão-mór, Fernão Peres d'Andrade, bastante senhor de todas as particularidades d'aquelle paiz, para as contar a El-Rei de Portugal, sendo este o fim com que se tinha demorado tanto pela China; partiu para Malaca, levando, tanto elle, como todos os mais individuos que o acompanharam, uma riqueza immensa, não só em ouro, mas em diversas mercadorias, como sedas, damascos, setins, pedra hume, cobre, pregadura, etc., e muitas outras cousas que tinham grande valia em Malaca.

Chegando Fernão Peres de Andrade ao estreite de Singapura, encontrou ahi uma nau portugueza, de que era capitão Diogo Pacheco, e que vinha pedir ao Capitão-mór soccorros para Malaca, contra o Rei de Bintão, que para lá se dirigia com uma forte armada.

Juntando-se, pois, Fernão Peres de Andrade com Diogo Pacheco, se dirigiram para Malaca. Quando ahi chegaram já estava a fortaleza exaurida, tanto de mantimentos, como de dinheiro e mercadorias; n'uma palavra, não havia alli senão gente privada de todos os meios de soccorros.

Immediatamente, Fernão Peres, lhes forneceu algumas das mercadorias que trazia, e logo muitas d'ellas se venderam a Guzarates, que estavam em suas naus no porto de Malaca. Apurando-se assim algum dinheiro, se empregou em pagar soldos áquella pobre gente, que se achava morrendo á fome.

Queria depois Fernão Peres partir d'alli para Bengala, com o fim de lá estabelecer tambem a paz e o commercio, para o que tinha amplos poderes, que lhe havia con-

cedido El-Rei de Portugal; visto que em Malaca não se necessitava da sua presença, pois que se contava ahi bastante gente. Porém não foi; porque o governador o impediu, dizendo-lhe, que Sua Alteza faria muito maior serviço em se dirigir para a India, visto que já estava incumbida aquella viagem a seu sobrinho D. João da Silveira, que para lá tinha ido.

Vendo Fernão Peres, que ficava sem effeito a sua ida a Bengala, onde queria fazer algum commercio com as mercadorias que ainda possuia, entregou estas na feitoria de Malaca, d'onde se venderam depois aos Bengalas, que vinham alli frequentes vezes n'aquelle tempo; obtendo-se assim dinheiro na feitoria para mais alguns dias. E o Capitão-mór, esperando ainda em Malaca que houvesse uma monção favoravel, tomou rumo para a India, juntamente com D. Aleixo de Menezes, que encontrou em Malaca, e com Simão de Alcaçova e Jorge de Mascarenhas, que o tinham acompanhado desde a sua saída da China.

O retorno do illustre Fernão Peres de Andrade a Malaca, foi de grande soccorro para o Indostão. Chegando finalmente á India no anno de 1519, voltou depois para a Europa, onde aportou mui felizmente.

El-Rei D. Manoel, que teve muita alegria com a vinda de Fernão Peres de Andrade, multiplicou successivamente o seu contentamento e enthusiasmo, á maneira que elle lhe foi narrando os variados e tão curiosos acontecimentos da sua larga viagem.

CAPITULO XVI

ANNO DE 1521

SUMMARIO

Levantamento dos chins contra os portuguezes que estavam em Cantão: prisão do embaixador de El-Rei de Portugal, e dos que o acompanharam.—Diogo Lopes de Sequeira vae substituir Lopo Soares d'Albergaria, no governo geral da India.—O novo governador dá as differentes commissões, segundo as ordens da côrte.—Successos de diversas expedições.—Como Antonio Correia consegue livrar Malaca das perseguições do Rei de Bintão.—El-Rei de Portugal envia outra esquadra de quatorze vellas a Malaca, commandada por Jorge d'Albuquerque; mau exito d'esta expedição.—Diogo Lopes de Sequeira, aprestando uma frota de quatro vellas, renova a tentativa, tantas vezes repetida e sempre infeliz, da expedição ao mar Roxo; bom resultado d'esta expedição.

Depois da partida de Fernão Peres de Andrade para Malaca, falleceu o imperador da China, que estava, como dissemos, muito bem com os portuguezes, e que nunca tinha

attendido ás muitas intrigas que um embaixador de El-Rei de Bintão, que andava ha muitos annos na corte, quizera tramar contra os portuguezes.

O novo imperador, ao contrario, deu ouvidos ás intrigas do embaixador de Bintão, o qual logo na primeira vez que lhe fallou, disse muito mal dos portuguezes, chamando-lhe ladrões, e que iam com pequenas armadas espionar as terras alheias, e depois, com o muito poder que tinham na India, as tomavam, como tinham feito a Malaca, que, pertencendo a El-Rei de Bintão, o haviam expulsado de lá sem a menor causa.

Em seguida disse ao imperador da China, que, como se tinha por seu vassallo, recorria a elle para lhe pedir a sua coadjuvação, para o fim de restituir Malaca a El-Rei de Bintão, que lhe tinha sido usurpada pelos portuguezes. E que ao mesmo tempo lhe rogava a graça de não consentir algum d'estes no seu paiz; visto que a sua ida alli, era unicamente com o fim de espionarem a terra, para vêr se depois podiam usurpal-a ao seu imperante. Que ainda que isto assim não podessem praticar com a China, por ser um vasto imperio; no entanto, sempre a podiam perseguir bastante no mar, onde eram muito poderosos.

N'este meio tempo recebeu o imperador a participação do alvoroço que, os que foram com Fernão Peres de Andrade, tinham deixado em a cidade de Cantão. E isto, combinado com o que lhe acabava de dizer o embaixador de Bintão, a respeito dos portuguezes, e com mais algumas cousas que se não sabiam particularmente com exacção, produziu tal impressão no imperador da China, que mandou immediatamente prender o embaixador de El-Rei de Portugal, Thomé Pires, bem como todos os que tivessem vindo com elle, recommendando ao mesmo tempo que estivessem separados uns dos outros; e que lhe fosse tomada toda a sua fazenda, avaliada, e escripturada.

O embaixador, Thomé Pires, morreu pouco tempo depois da sua prisão; dizendo uns que tinha sido procedida a sua morte, de uma grave doença, que lhe sobreveiu por causa da grande tristeza em que vivia, e outros que fôra de peste; no entanto a verdade não se pôde afiançar a tal respeito.

Tambem não ha uma noticia exacta das particularidades do levantamento, que teve logar na China contra os portuguezes. O que se sabe é que, ou por mandado do imperador, ou como quer que fosse, os chins tomaram em Cantão os quatro juncos portuguezes, que alli se achavam, carregados de pimenta, sandalo, e outras mercadorias, que pertenciam a El-Rei de Portugal; podendo apenas escapar-se a gente á custa de grandes fadigas, e recolhendo-se em uma nau de D. Nuno Manoel, que estava surta n'aquelle porto. O capitão d'esta, cujo nome se ignora, portou-se mui fracamente na sua defesa contra os chins, que o atacaram; pois, se não fossem os portuguezes que ahi vieram acolher-se, fugidos dos seus juncos, e que defenderam a embarcação com a maior coragem, ella teria sido tambem infallivelmente tomada; e não sómente a defenderam, mas ainda, se tivessem podido dispor de alguns tiros de artilheria grossa, toda a frota dos inimigos, posto que grande, teria sido mettida no fundo.

Escapando pois os portuguezes d'este perigo, tomaram rumo para Malaca, onde chegaram no fim do mez de outubro de mil quinhentos e vinte e um. Deram ahi a noticia do levantamento, que acabava de ter logar na China contra os portuguezes, do que se tirou uma devassa em Malaca, que foi levada, em carta fechada, a El-Rei de Portugal: d'onde parece que se concluíram algumas causas do levantamento; porém não ha, sobre isto, noticia exacta para se mencionar.

Diogo Lopes de Sequeira, saiu de Lisboa em 27 de

março de 1518, com uma esquadra de nove embarcações, contendo mil e quinhentos homens de peleja. Chegou a Goa com uma feliz viagem, em 8 de setembro do mesmo anno. E regressou finalmente a Cochim, onde Lopo Soares d'Albergaria, cumprindo as ordens que recebera de El-Rei, lhe entregou o governo geral da India.

O novo governador geral da India, começou logo por empregar, nos differentes governos parciaes, aquelles officiaes, que o acompanharam, segundo as ordens que lhe tinham sido dadas pela corte. Expediu os navios de carga para o reino, e repartiu os que deviam ficar na India, segundo os differentes fins para que os destinava.

Antonio de Saldanha teve ordem para ir cruzar sobre as costas da Arabia; em quanto que o governador geral se preparava para lá ir reparar as faltas do seu predecessor.

Christovão de Sá, e Christovão de Sousa, cada um com a sua esquadra, deviam vigiar sobre as costas de Diu, e de Dabul, para prevenir as fustas d'estas duas praças.

Affonso de Menezes foi enviado a Baticala, cujo senhor se recusava a pagar o tributo ordinario.

João Gomes Cheira-Dinheiro, partiu para as Maldivas com ordem de fundar alli, segundo o tratado, uma feitoria, que servisse de fortaleza.

Heitor Rodrigues, foi continuando no seu posto de Cou-lão, para executar a commissão de que tinha sido encarregado por Lopo Soares d'Albergaria, de ahi fundar uma cidadella.

Antonio Correia, chamado para ir com embaixada á corte de Pegú, devia conduzir um soccorro a Malaca; e Simão de Andrade, com uma esquadra de cinco navios foi destinado para a China.

A expedição de que Antonio de Saldanha ia á testa, se contentou em fazer algumas prezas. Affonso de Menezes obteve o que quiz em Baticala, porque felizmente o gover-

nador geral indo a Goa, chegou defronte d'esta praça quasi no mesmo tempo que elle. Christovão de Sousa perdeu um dos navios da sua esquadra, que deu á costa e foi despedaçado; as fustas de Dabul lhe tomaram outro, que levava carregado de encommendas para El-Rei de Portugal; e elle mesmo, tendo desembarcado, foi tão mal tratado, que experimentou os maiores incommodos possiveis para conseguir tornar-se a embarcar. João Gomes Cheira-Dinheiro, tendo chegado ás Maldivas, fundou logo a sua feitoria, onde ficou com quinze homens sómente para ter alli a administração da fazenda; porém, pouco tempo depois se sublevaram contra elle os mouros estrangeiros, que o mataram e desbarataram todos os seus.

Heitor Rodrigues, teve muito trabalho para conseguir os seus fins. Ninguém consentia, que elle construísse um forte. Da sua parte fingia querer só um armazem; porém os fundamentos que elle deitava o trahiam a seu pesar: então elle se viu muitas vezes nos termos de ser degolado. Como a rainha o ajudava, e o favorecia, contra o parecer do seu conselho, e de todo o seu povo, sempre chegou a pôr a sua obra em estado de poder ser aperfeiçoada sem temor. Tanto que chegou a este estado, suscitou as duvidas antigas, com o que alienou o espirito da rainha. Esta princeza arrependeu-se, mas já muito tarde, dos serviços que lhe havia feito, e experimentou confirmado o que lhe tinham-dito muitas vezes os seus conselheiros, que ella mesma trabalhava para se submeter ao jugo. As tentativas que fez depois para o sacudir, foram totalmente inuteis, e foi obrigada a pedir a paz, depois de a ter rompido.

Antonio Correia, indo a Malaca, achou a praça reduzida ao mais lastimoso estado. Uma mui pequena medida de arroz custava alli um cruzado; não se diziam missas porque não havia vinho; todas as vias que conduziam para a praça estavam cortadas pelos contrarios; viam até frequen-

tes vezes os inimigos, que se lhes apresentavam, sem que os portuguezes podessem sair a campo para offerecer-lhes batalha. O governador estava quasi a morrer, e uma mui grande parte da guarnição se achava doente, quando os tres navios que Antonio Correia tinha para alli guiado, alegraram um pouco mais a cidade.

Passaram-se mais de dois mezes, sem que Antonio Correia experimentasse o mais pequeno embaraço ou trans-torno, em resistir aos frequentes assaltos dos inimigos, que incitados pela chegada d'aquelle reforço e soccorros para a praça, se fizeram tão importunos, que Antonio Correia, que era o que tudo ordenava e dirigia, não comia, nem dormia sem estar armado; andando por isso mui fatigado, tanto de corpo como de espirito. Até que, finalmente, os inimigos cançaram, e se retiraram para mais longe; o que facilitou a Antonio Correia o poder seguir a sua derrota para onde se destinava.

Do porto de Pedir, onde Antonio Correia foi tomar carga, se transportou ao de Martabam, d'onde enviou á costa de Pegú duas ou trez pessoas em seu nome, para dar parte da sua vinda.

O Rei de Pegú era então um poderosissimo principe, que tinha muitos outros por seus tributarios. O Rei de Sião e elle occupavam toda a peninsula de além do Ganges. As suas forças e a sua vizinhança os faziam sempre amigos. Os povos d'estes dois principes se assemelhavam muito na sua religião, costumes e inclinações.

O Rei de Pegú, agradando-se dos motivos da embaixada, despachou os enviados de Antonio Correia, e fez partir com elles o Rolin da côrte, que é o chefe da religião do paiz, e um dos principaes ministros do Estado, para ir regular as condições do tratado. Depois que se ajustaram e que trataram de o ratificar, o Rolin e o ministro do Rei juraram cumprir o tratado á risca.

Antonio Correia fez-se de vella, e voltou a Malaca acompanhado de muitos juncos, carregados de viveres e provisões, que trouxeram para alli a abundancia.

Garcia de Sá tinha chegado a esta cidade na ausencia de Antonio Correia, e depois da sua partida para o Reino de Pegú. Pelos interesses pessoaes de Diogo Lopes de Sequeira é que alli viera. Porém Affonso Lopes da Costa, que estava sempre doente, lhe entregou o governo da praça para ir morrer a Cochim.

Mahomud estava sempre acampado sobre o rio de Muar, cuja visinhança tinha tambem constantemente a cidade inquieta. Com a vinda de Antonio Correia resolveram livrar-se d'este embaraço. Antonio Correia, e Duarte de Mello commandaram o partido. Por fortes que fossem os entrincheiramentos, e obstaculos que o inimigo tinha posto por todo o comprimento do rio, tudo foi destruido.

Os portuguezes seguindo sua victoria, vão até ao Pagode, onde estava o quartel do Rei. Tinha já saído para o campo e mettido suas tropas em batalha com seus elephantes. Parecia dever pelejar como homem de valor, no modo como fez jogar a sua artilheria, e pela maneira com que suas tropas se mostravam animadas. Porém este brio mudando-se-lhe subitamente em um terror panico, viu-se abandonado dos seus por uma vergonhosa fugida, e obrigado a deixar todas as suas bagagens, em preza, ao vencedor, e retirar-se a Bintão para ahi escapar e esperar melhor fortuna.

Os Reis de Achem e Pacem, ainda que alliados dos portuguezes, aproveitando-se do estado de afflicção em que estava Malaca, se tinham comportado mal a respeito d'elles. Este ultimo com particularidade. Debaixo não se sabe de que pretextos, tinham saqueado a feitoria dos portuguezes; e no tumulto que se fez n'esta occasião, houve vinte e cinco mortos, e muitos maltratados, e postos em prisão.

Garcia de Sá vendo-se um pouco mais para o largo, depois de desbaratado o Rei de Bintão, julgou conveniente mostrar-lhe então o seu resentimento. Deu commissão a Manoel Pacheco, que se mostrava um pouco interessado na vingança de seu irmão Antonio, que era do numero dos que elles tinham feito prisioneiros. Ainda que Manoel Pacheco não tinha mais que um só navio, comtudo o temor que inspirou foi tal, que não sómente apartou d'aquelles logares todos os navios estrangeiros; mas nem ainda algum barco de pescador ousava apparecer alli.

Os inimigos não ousando atacar o navio, se contentaram de saber as occasiões em que Manoel Pacheco enviava a sua chalupa para terra. Occorreu uma tão favoravel, que parecia que esta chalupa não poderia escapar. Tinha-se adiantado pelo rio de Jacoparim para ir fazer aguada. Tendo-a percebido os inimigos, chegaram ás duas praias do rio, e começaram a atirar uma chuva de flechas, em quanto prepararam com a mais possivel promptidão trez lanchas, cada uma com cento e cincoenta homens.

Na chalupa só estavam cinco homens, assás occupados em se defenderem com os seus escudos dos tiros que lhes lançavam. O vento e a maré lhes eram contrarios, e favoraveis aos inimigos. Estes cinco valorosos, collocados n'esta extremidade, tomaram o unico partido que podia inspirar-lhes o valor, que era morrer fazendo os ultimos esforços para se portarem como valentes.

Tanto que o primeiro batel, commandado pelo Rajah Sudamicio, chegou á chalupa, um dos cinco homens, forte e robusto, o agarrou, e os outros quatro, tomando o nome de Jesus por voz de guerra, então de salto, e com as lanças passam tudo o que se lhes apresenta; tendo-os seguido o quinto, e fazendo egualmente o seu dever, todos se houveram com grande denodo; os inimigos admirados da sua bravura, aterraram-se, põem-se em confusão, caem

uns sobre os outros, e finalmente lançam-se á agua, apesar dos esforços de Sudamicin, que obrigado a imital-os, de raiva e desesperação, não cessou de ferir, ou mesmo matar, os seus proprios camaradas que lhe cairam nas mãos, senão depois que se afogou. As duas lanchas que se seguiam, desanimadas pela infelicidade da primeira, se pozeram em fugida, unicamente aterradas pela vista de cinco homens enfraquecidos pelo trabalho e pela perda de sangue por suas numerosas feridas; e deixando-lhes assim uma plena victoria, pozeram o seu Rei na precisão de pedir a paz.

El-Rei de Portugal fez então partir uma outra esquadra composta de quatorze vellas, e commandada por Jorge de Albuquerque, o qual levava as precisas auctorisações da côrte para ir segunda vez tomar entrega do governo de Malaca.

Mas o destino d'esta frota foi muitissimo deploravel. Separando-a uma tormenta no mar Atlantico, um d'estes navios tornou para Lisboa. Outro commandado por um hespanhol de grande nome, mas em quem a sua conducta mostrou um juizo pouco são, não podendo dobrar o Cabo da Boa Esperança, descaiu ao Brazil, onde os selvagens lhe mataram alguns setenta homens da sua equipagem. O capitão não se entristeceu com esta perda, porque pondo-se de accordo com os seus castelhanos, fez-se pirata, e morreu depois miseravelmente.

Outro navio, commandado por Manoel de Sousa, tendo perdido o capitão, o piloto, e muita parte dos seus, perto das ilhas visinhas a Quilôa, pela traição dos ilhéos, o navio desgovernado foi-se despedaçar sobre a praia, onde os mouros mataram todos os que lhe cairam nas mãos; á excepção de um moço, de que o Rei da ilha de Zamzibar, fez presente ao Rei de Mombaça.

Mais nove individuos d'estas embarcações abordaram a

Moçambique, onde foram obrigados a invernar com Jorge d'Albuquerque seu general. Só quatro chegaram n'este anno á India.

Esta frota trazia um novo Intendente da fazenda, que era o doutor Pedro Nunes, que El-Rei enviava para o logar de Alcaçovas, que Lopo Soares tinha maltratado muito.

Pedro Nunes foi isempto da jurisdição do governador general. Além do governo da fazenda accumulava tambem o da policia, e da justiça. El-Rei lhe havia assignado vinte homens para sua guarda; grandes soldos, e privilegios consideraveis, por cuja rasão o governador general se achava quasi limitado ao poder militar sómente.

Diogo Lopes de Sequeira, que tinha invernado n'este anno em Cochim, para fazer os preparativos da sua viagem do mar Roxo; sabendo, pelos quatro navios que tinham chegado á India, do armamento que El-Rei tinha feito para entregar a Jorge d'Albuquerque, despachou uma embarcação para Moçambique, com a incumbencia de dar ordem a Jorge d'Albuquerque de vir esperal-o junto ao Cabo de RosaIgate; e no caso que o tivesse já passado, de o ir encontrar no mar Roxo, e de o seguir até Giddá.

Porém os navios que commandava, sendo quasi todos navios de carga; alguns capitães, que tinham suas commissões para outra parte, e não eram obrigados a servir n'esta sorte de commissões, e expedições, não quizeram obedecer.

Parecendo justas suas instancias, foi determinado, que dos nove navios que commandava Jorge d'Albuquerque, quatro passariam em direitura á India, com o Intendente, e que os outros cinco iriam com Jorge d'Albuquerque ao encontro do governador.

Porém Diogo Lopes de Sequeira, tendo já entrado no mar Roxo, os capitães não quizeram ainda obedecer; e Jorge d'Albuquerque, tendo tomado auto da sua recusa,

como de uma falta de subordinação, fez derrota para Ormuz, e foi obrigado a aportar a Calaiate; onde tendo-se deixado persuadir por Duarte Mendes de Vasconcellos, de fazer prisioneiro o Rei Zabadim, governador d'esta praça, segundo as ordens secretas, que Mendes tinha do Rei mesmo de Ormuz. O negocio foi tão mal dirigido, que não poderam conseguir a sua tentativa, e ahi morreram vinte e cinco portuguezes, e mais de cincoenta ficaram feridos.

Diogo Lopes de Sequeira tinha, em fim, partido desde o mez de fevereiro com uma frota de vinte e quatro vellas, conduzindo trez mil homens de tropas; dos quaes eram mil e oitocentos portuguezes, para se unirem á partida do mar Roxo: empreza, como já dissemos, tantas vezes recommendada pela côrte, tantas vezes tentada, e sempre infeliz.

Deitou logo para o Cabo de Guardafui, fugindo da costa de Adem, que parecia não querer tocar. Sua viagem foi prompta até ao cabo, onde chegou quasi tão depressa como as corvetas, as quaes elle tinha feito ir adiante, para bater este mar, e procurar saber noticias dos Rumos, que desejava tomar de repente.

Tinha ordenado a estas corvetas que, de passagem, dessem caça aos navios que encontrassem, a fim de que, querendo ter só quatro ou cinco embarcações á frente, os inimigos tomassem confiança e ousadia, e caissem no engano.

Alguns dias se passaram, sem que lhes acontecesse cousa digna de consideração, mais do que tomarem uma pequena aldeia, onde apenas se encontrava uma velha a quem obrigaram a procurar-lhes agua, de que tinham bastante necessidade, e isto em reconhecimento de não quererem lançar fogo á povoação.

Passou depois á costa da Arabia, por baixo de Adem, e foi dar sobre um penedo, onde o seu navio deu á costa, partindo-se em mil pedaços.

Depois, tendo entrado no estreito, soube pelas prezas que fez, que tinham vindo de Giddá seis galeras turcas, e com mil e quinhentos homens de reforço: que as intenções da Porta eram de tomar Zeibit, e mandar depois contra Adem.

Sobre isto formou conselho, e expoz as ordens que tinha, que consistiam em marchar contra a frota do Sultão, ou, a não poder, procurar então tomar algum conhecimento das terras do Prestes João, ou mesmo abordar a ellas, e deitar em terra o embaixador, que tinha vindo de Portugal e que El-Rei D. Manoel lhe enviava.

Tendo finalmente o conselho votado sobre o primeiro partido, tomaram o cabo sobre Giddá. Porém começando a soprar os ventos do Norte, e tornando-se duraveis, o temor que houve de experimentar as mesmas desgraças que tinham acontecido aos dois precedentes governadores, fez que, depois de terem lutado alguns dias inutilmente, fossem obrigados a tomar o segundo partido, e a fazer derrota para a ilha de Maçuá, que descobriram em dia de paschoa, e onde ancoraram no outro dia que eram dez de abril.

Os moradores tinham abandonado esta ilha, julgando que a frota, de que tinham noticia por uma sua galera, era a dos turcos, cujo tratamento muitissimo temiam, posto que elles proprios fossem mahometanos tambem; de sorte que o general foi obrigado a fazer avançar alguns bergantins para tomarem posição favoravel. Um d'estes bergantins descobrindo de muito perto a terra, foi visto pelos habitantes, e logo mandaram um pequeno batel a bordo, conduzido por trez homens, os quaes tendo conhecido os portuguezes saltaram dentro do bergantim com grandes demonstrações de alegria, mostrando aos portuguezes uma carta e um anel que traziam.

Estes homens eram enviados pelo governador, e impe-

rador da Ethiopia, que era um porto muito consideravel. A carta, escripta em arabe, testemunhava o gosto infinito, que elle imperador tinha, de ver em fim cumpridas as suas antigas profecias, as quaes lhe annunciavam que elles veriam um dia sobre suas terras, christãos de um poderoso reino do Occidente, e que se deviam unir com elles por estreitos laços de amizade e de interesses, visto que já o estavam tão naturalmente pela fé commum que professavam. Que o Rei David seu senhor, infinitamente suspirava por esta união, pela esperanza que tinha concebido, de que ella serviria para a destruição da seita de Mafoma. Que lhe tinha dado ordens para os receber o melhor possivel quando apparecessem. Que ia dar parte ao Barnagues, governador da provincia, d'esta boa fortuna. E que no entanto, elle rogava ao general que quizesse permittir aos habitantes da ilha de Maçuá que voltassem para suas casas, e de os considerar, posto que fosse mahometanos, como vassallos do imperador dos Abexins.»

A leitura d'esta carta encheu os portuguezes de consolação. Diogo Lopes de Sequeira considerou-se o homem mais afortunado do mundo. Respondeu ao governador com os maiores agradecimentos, e deu aos seus enviados uma cruz como a da Ordem de Christo, para lhes servir de protecção.

Apenas este estandarte tão respeitavel da nossa religião, foi visto pelos habitantes da cidade de Arquico, logo todos vieram de tropel, como em procissão, com o governador á frente, para o receber, e o acompanharam cantando hymnos e psalms, até ao seu palacio, sobre o qual o fez arvorar.

Tendo havido mutuos presentes, e estabelecida a maior segurança de ambas as partes, os que vieram fallar por ordem do governador de Arquico procuraram noticias de um certo embaixador, que o imperador da Ethiopia tinha

enviado ás Indias, para o fazer passar de lá a Portugal. Era este o que estava na frota, e que tinham occultado pelas rasões que vamos a dizer: porém é preciso que tomemos um pouco mais longe a sua historia.

Temos visto até aqui os cuidados infinitos que tinham tido os Reis D. João II e D. Manoel, para descobrir as terras de um principe christão, conhecido na Europa, desde o tempo das Cruzadas, pelo nome de Prestes João e as differentes pessoas que tinham enviado por diversos decretos para d'elle terem algum conhecimento.

Os seus cuidados foram de algum modo inuteis; e nós temos notado, que pelos indicios que lhes haviam dado, era este o imperador dos Abexins, ou da Ethiopia Alta.

Pedro da Covilhã, um dos primeiros que tinham sido enviados a este descobrimento, havia chegado á côrte d'este principe; e foi onde nós o deixámos. Aquelles que depois tentaram ir lá pelo Senegal, não o conseguiram por artificio dos portuguezes. Os que se dirigiram pelo Egypto, e pela costa de Zangerebar, foram os mais felizes, principalmente os tres que Tristão da Cunha tinha desembaraçado em Quilôa, e que Affonso d'Albuquerque fez saltar em terra perto do cabo de Guardafui.

Pedro da Covilhã tinha sido muito bem recebido do imperador Escander, ou Alexandre, que reinava então. Este principe vendo as suas cartas de crença, o tratou o melhor possível, e concebeu grandes esperanças futuras sobre a alliança que lhe era proposta. Porém, a morte levando-o na flor da idade, seu irmão Nahu, que lhe succedeu, mostrou desde logo ter pensamentos totalmente diversos; e por um principio de politica, ordinario n'esta monarchia, tirou a Pedro da Covilhã toda a esperança de poder tornar á sua patria. De maneira que, Pedro da Covilhã, tomando o partido a que a necessidade o obrigou, tratou de se casar, e não pensou mais, d'alli em

diante, senão em que havia de acabar os seus dias n'este desterro.

Sendo morto Nahu, pouco tempo depois de seu irmão, David, seu filho, que era mui creança, subiu ao throno, debaixo da tutela da imperatriz Helena, sua mãe.

Esta imperatriz que tinha muito juizo de valor, emendou os erros de Escander, com todo o gosto, por saber, por intervenção da voz publica, as grandes cousas que os portuguezes tinham feito nas Indias; de sorte que ella se resolveu a responder á embaixada de El-Rei de Portugal.

Não poz ella os olhos em Pedro da Covilhã, do retorno do qual se não podia assegurar, porém escolheu um christão chamado Matheus, armenio de nação, que tinha assistido muito tempo no Cairo, e feito muitas viagens á Ethiopia, de quem se havia servido em muitas negociações, e por isso tinha merecido a sua confidencia. Ás cartas de crença ajuntou um Santo-Lenho mettido em um relicario de oiro, de que fazia presente a El-Rei de Portugal. Deu-lhe depois, por companheiro de embaixada, um moço Abexim, homem muitissimo nobre, e finalmente os fez passar ambos secretamente ás Indias, onde deviam pedir ao governador uma passagem para Portugal.

Affonso d'Albuquerque, que estava então servindo de governador, prestou-lhe todas as honras possiveis na cidade de Goa, e o fez passar a Cochim, como já disse, para o fazer embarcar no melhor navio, que alli houvesse, afim de partir n'este mesmo anno para Portugal.

Pelo que toca agora ao embaixador, El-Rei fez-lhe todas as honras e homenagens, que merecia a magestade do monarcha que o enviava, e de quem elle tinha procura do o conhecimento com tanta paixão.

Depois de se demorar alguns mezes, El-Rei D. Manoel o fez tornar para as Indias com o moço Abexim, e o mandou acômpañhar por um novo embaixador, que elle pro-

prio enviava á côrte de Ethiopia, dando ordem a Lopo Soares d'Albergaria, que era alli então governador geral, de os conduzir pessoalmente na frota, que devia dirigir-se para o mar Roxo, e de os desembarcar, tão depressa podessem, nas terras dos Abexins.

El-Rei testemunhava o interesse que tinha por este negocio, e a grande opinião e esperança que d'elle havia concebido, pela escolha da pessoa, que chamou para esta embaixada.

Era este tal embaixador, Duarte Galvão, o qual depois de se ter distinguido nas guerras da Africa, tinha commandado os corpos de tropas auxiliares, que El-Rei de Portugal havia enviado aos principes seus alliados; e se havia ainda feito mais recommendavel, depois, pelos importantes negocios, que tratára com grande politica, na maior parte das côrtes dos primeiros principes da Europa; e que estando então em uma idade muito adiantada, devia admirar-se muito de se vêr encarregado de uma commissão para o fim do mundo, a qual parecia mais uma aventura, do que uma embaixada.

Comtudo, o zêlo e o espirito de religiosidade lh'a fizeram acceitar com bastante gosto, pela esperança que tinha de n'ella procurar a gloria de Deus.

Porém, como Lopo Soares d'Albergaria, na sua empreza do mar Roxo, não executasse cousa alguma de quanto El-Rei lhe tinha ordenado, Duarte Galvão morreu, por causa das fadigas, e fome que soffreu na ilha de Camarão, á vista, pode-se assim dizer, da de Maçuá, não lhe faltando mais que dois passos para entrar no porto tão desejado.

O embaixador Matheus, tendo tornado ás Indias com Lopo Soares d'Albergaria, foi obrigado a esperar alli, até á expedição de Diogo Lopes de Sequeira, que se embarcou de novo com Rodrigo de Lima, que El-Rei D. Manoel substituiu a Duarte Galvão. Quando apresentaram o embaixa-

dor Matheus a estes Abexins, que por elle procuravam, esta boa gente se prostrou, logo beijando-lhe a mão, e chamando-lhe muitas vezes—Abba Matheus—que quer dizer, pae Matheus.

Este veneravel velho, chorando de alegria e banhando a sua barba branca com o seu pranto, abraçando-os em torno de si, despresando suas penas passadas, e as immensas fadigas de dez annos successivos, dava publicamente graças a Deus, de que, tendo só proposto a sua gloria, se havia dignado de abençoar seus trabalhos, unindo de tamanha distancia, duas tão poderosas nações, para o bem e augmento da religião christã. Suas palavras, e o ar com que as dizia, tocavam vivamente o coração de todos os que estavam presentes, principalmente dos portuguezes.

Esperavam o Barnagues, ou governador geral da provincia, que era uma das primeiras pessoas do reino.

N'este intervallo Diogo Lopes de Sequeira tomou conhecimento da ilha de Maçuá. Fez purificar e benzer uma das suas mesquitas, que converteu em capella de N. Senhora da Conceição, onde se celebraram os santos mysterios.

Pedro Gomes, presidente do Conselho das Indias, de outra parte, com o embaixador Matheus, foram visitar um celebre mosteiro da ordem de Santo Antonio, chamado de Jesus ou da visão, onde receberam toda a sorte de attentões da parte dos seus religiosos.

Finalmente o Barnagues chegou; houve logo algumas difficuldades, por causa do ceremonial da sua audiencia com o governador geral. Concordaram comtudo, que se faria em um vasto campo, onde estariam tres cadeiras, uma para o Barnagues, a segunda para Diogo Lopes de Sequeira, e a terceira para o embaixador Matheus.

O Barnagues chegou alli com dois mil homens de pé, e duzentos cavallos. Diogo Lopes de Sequeira conduziu apenas seiscentos homens, que dispoz em bella ordem, e se

adiantou sómente na frente de sessenta homens. Depois de alguns cumprimentos, que foram seguidos de mutuos presentes, o general entregou ao Barnagues os dois embaixadores, e a sua comitiva. Fallaram depois no projecto de fundar uma fortaleza na ilha de Maçuá, ou na ilha de Camarão, sobre o que se não pôde concluir cousa alguma de repente. Emfim, juraram de parte a parte, uma especie de alliança sobre os Santos Evangelhos, e cada um se retirou para sua parte.

Os embaixadores, Matheus e Rodrigo de Lima, foram entregues ao governador d'Arquico, que os devia fazer conduzir á côrte, para onde os deixaremos ir, afim de seguirmos Diogo Lopes de Sequeira, que se poz em caminho para as Indias.

O retorno d'este general, não teve cousa alguma digna de mencionar-se, até ao golfo persico, a não ser o encontro da ilha de Deloca, que estava totalmente abandonada. Encontrou depois em Calaiate Jorge d'Albuquerque, a quem encarregou o commando da sua frota, a fim de ir, elle proprio, levando apenas as pequenas embarcações, invernar a Ormuz. D'aqui partiu a final para voltar ao Indostão, sem occorrer acontecimento algum memoravel.

Os portuguezes de Chaul estavam sempre opprimidos. Aga Mahomud, foi apresentar-se á barra com as fustas, para obrigar Antonio Correia a expor-se a uma acção. Porém Antonio Correia, por falta de munições, se poz na defensiva, atirando mui vagarosamente, com receio de não extinguir as poucas munições que lhe restavam.

Aga Mahomud, cobrando então muito animo, intentou tomar um dos reductos que defendiam a entrada da barra. A isso tinha sido solicitado por um dos mais consideraveis mouros de Chaul, que chamavam tambem Mahomud. Pedro Vaz, antigo official, que tinha servido em Italia, commandava o reducto, onde não tinha mais que trinta ho-

mens. O Aga poz a sua gente em terra; eram trezentos voluntarios, quasi todos pessoas qualificadas, sem que os do reducto os podessem perceber. Aquelles, tendo-se escondido atraz de uma eminencia que dominava o reducto, pelejaram logo que poderam ser descobertos. A acção foi logo ao principio das mais vivas. Pedro Vaz e os mestres artilheiros foram mortos; os mais defenderam-se com o maior valor que se pôde imaginar, e depois da acção acharam que tinham alguns no seu broquel até vinte e sete frechas. Fôra mister ceder á força, se Antonio Correia lhe não tivesse enviado sessenta homens em dois bateis bem armados, que decidiram a sorte em seu favor.

O Aga admirado da morte dos dois chefes, e de quasi noventa homens estendidos na praça, tomou o partido de se retirar. O traidor Mahomud, julgando que ignoravam a sua perfidia, mandou felicitar Antonio Correia por esta victoria, e lhe fez levar refrescos. Antonio Correia, em resposta, enviou-lhe as cabeças dos seus deputados, e fez pendurar-lhes os corpos nas vergas dos seus navios.

D. Luiz de Menezes chegou durante este tempo; Antonio Correia, coroado de uma nova gloria por esta vantagem ganha, lhe entregou o governo da frota, e foi ainda a tempo de se embarcar, com Diogo Lopes de Sequeira, seu tio, nos navios de carga. Melique-Az sabendo da chegada de D. Luiz de Menezes, e temendo ainda mais Simão de Andrade, que tinha já chegado a Chaul, havia obrigado na sua derrota a cidade de Dabul a entregar-lhe duas galeras inimigas, e pagar um tributo annual á corôa de Portugal. Chamou o Aga e as suas fustas, e mandou pedir suspensão de hostilidades ao novo governador; o que lhe foi concedido por este.

O Rei de Ormuz, não pagando o tributo em virtude da diminuição das suas rendas, alguns particulares avisaram a côrte de Portugal, de que isto provinha da má adminis-

tração das rendas d'este principe, o qual era roubado pelos ministros que o governavam. Ainda que uma das condições do tratado que tinham feito com elle, foi, que não se embaraçariam com os negocios do seu governo; contudo, tendo por acaso sido proposto em Portugal aos doutores, todos responderam unanimemente, que sendo o Rei de Ormuz tributario á corôa de El-Rei de Portugal, era o Rei d'este paiz absolutamente o senhor dos estados d'aquelle principe.

El-Rei D. Manoel enviou ordens ao governador geral, para que pozesse portuguezes em todas as alfandegas, em logar dos officiaes arabes ou persas, que alli estavam d'antes.

Estando Diogo Lopes de Sequeira em Ormuz, executou á risca as ordens de El-Rei de Portugal. Porém como Torun-Cha, Rei de Ormuz, precisava então do soccorro dos portuguezes, para tornar a conquistar as ilhas de Baharem e de Catifa, tomou o partido de dissimular e submetter-se. A dissimulação serviu só de augmentar o mal, porque, depois da partida de Diogo Lopes de Sequeira, os novos feitores da alfandega não deixaram de dar muitos motivos de queixa. Por outra parte, os ministros do Rei de Ormuz, achando occasião de o irritarem excessivamente, este principe, de accordo com elles, tomou a resolução de fazer assassinar todos os portuguezes n'um mesmo dia e á mesma hora em toda a extensão dos seus Estados.

O negocio foi conduzido com muito segredo e artificio. Porque, para melhor conseguirem o seu designio, e para enfraquecerem os portuguezes, persuadiram a Manoel de Sousa Tavares, que commandava sobre esta costa, que fossé ao encontro dos Nautiques ou Baloches, corsarios arabes, os quaes infestavam estes mares no tempo da monção.

Apenas de Manoel Sousa Tavares partiu, rebentou a con-

juração, pelo ataque de dois navios, que restavam no porto. O fogo que lançaram ao primeiro, foi o signal de assassinar os portuguezes. Alli morreram cento e vinte e seis, sem fallar dos escravos de ambos os sexos, em Ormuz, Curiate, Soar, Baharem e em outras partes.

Ruy Boto, mais feliz que os outros na infelicidade commum, acabou por um glorioso martyrio em Baharem, tendo estimado mais soffrer todas as sortes de tormentos, que renunciar á sua religião, para abraçar a lei de Mahomet.

Só o governador de Mascate é que não quiz executar as ordens sanguinarias do seu principe, e avisou Manoel de Sousa Tavares de tudo o que se urdia, o que logo o obrigou a retroceder.

D. Garcia Coutinho, governador da fortaleza de Ormuz, antevendo bem que, o menor mal que tinha para temer era a fome e sede, em quanto durasse um sitio difficil de supportar, com a pouca gente que tinha escapado ao traiçoeiro assassinio, fez partir uma caravella, para avisar o governador geral do estado em que se achava. Comtudo Manoel de Sousa Tavares se apressava para tornar a Ormuz. Uma tempestade o separou de Tristão Vaz, que no seu parão passou pelo meio da frota dos inimigos, composta de mais de cento e setenta e tantas terradas, das quaes não recebeu damno algum, ou fosse por não ser percebido, ou por ter a felicidade de soffrer todo o fogo d'elles sem receber prejuizo.

Manoel de Sousa Tavares tendo depois ancorado na distancia de duas leguas da cidade, o perigo a que D. Garcia Coutinho o viu exposto, fez com que se determinasse a enviar á sua presença Tristão Vaz, que teve tambem o valor de passar pelo meio da frota inimiga, para ir ter com elle.

Torun-Cha encolerizado com a fraqueza dos seus, que não ousavam abordal-o, fez pôr diante de si, sobre duas

mezas, duas bacias. Uma estava cheia de ouro, e outra de jóias e adornos de mulheres, para excitar-lhes o valor com esta vista, que era o simbolo de duplicada recompensa. Com effeito este bello espectaculo animando os brios dos mais fracos, toda a força se poz em movimento. Não obstante seus excessivos esforços, os dois navios abriram passagem, e vieram collocar-se no porto, debaixo do fogo da fortaleza; porém, tão cheios de frechas, que estavam cobertos d'ellas, de modo que tiveram com que fazer fogo por muitos dias.

A fortaleza tendo sido depois batida da parte da terra por dois mezes successivos, e com mui pouca vantagem, Torun-Cha, então, irritado por uma parte contra os ministros, que o tinham mettido n'este mau negocio, e temendo pela outra, ainda mais, o castigo devido á sua traição, tomou a mais estranha resolução que se tem visto, que foi deixar a cidade de Ormuz, e ir estabelecer-se na ilha de Queixome, que dista d'alli sómente tres leguas e tem quinze de longo, no seguimento da terra da costa de Carmania. Para o que publicou um edicto, sob pena de morte, ordenando a cada um dos seus vassallos, para se embarcarem, com todos os seus bens, afim de o seguirem.

Posto que esta determinação extravagante enchesse a cidade de desgosto, foi todavia immediatamente obedecido. Os officiaes, que deixou para fazerem executar as suas ordens, enganaram tambem o governador da fortaleza, que não conheceu o designio do principe, senão quando o mal não tinha já remedio, por isso que viam toda a cidade em fogo. Então temendo algumas ciladas, e não ousando enviar pessoa alguma para saber o que se passava; esta cidade tão soberba pela belleza dos seus edificios, esteve á discripção das chammas, que a destruíram toda no curto espaço de quatro dias e quatro noites; espectaculo digno de compaixão, e capaz de arrancar fontes de lagrimas.

Torun-Cha tornou a si; não podia deixar de se arrepende-der do mal que tinha feito a si mesmo. Além dos incommodos ordinarios a todo o novo estabelecimento, bem depressa se viu reduzido, na sua ilha, a todas as miserias que soffriam os portuguezes em quanto durou o cêrco. Porém estes foram os primeiros a soccorrel-o.

Comtudo Torun-Cha não tardou em ser victima da ambição, e da divisão dos seus. Ray Seraf, zeloso da auctoridade que tinha tomado Mahomud Morad, de quem o Rei via a mulher com o favor d'este fraco principe, tinha tomado quasi toda a auctoridade; fez afogar o Rei secretamente, e poz sobre o throno em seu lugar a Cha-Pa-Cha Mahomud, um dos filhos do defunto Rei Ceifadim. Morad, que conheceu bem, depois d'esta acção, que para elle não havia outra salvação senão a fuga, abandonou a parte ao seu concorrente, o qual se viu com um Rei pupillo, só senhor do estado, como o havia sido seu pae Nordin, depois da morte do Rei Hamed.

D. Luiz de Menezes sabendo depois na sua derrota, uma parte d'estas cousas, e o fim tragico d'esta revolução, foi ancorar defronte da ilha de Queixome. Seus capitães eram de parecer que elle a destruísse bem, como o podia fazer facilmente, porém D. Luiz de Menezes temendo a desesperação de Ray Seraf, que parecia querer fugir com o Rei para o interior das terras, e conhecendo de que grande importancia era obrigar este principe a tornar para Ormuz, despresou os pareceres dos seus officiaes, e nem sequer se dignou chamar o conselho. Comtudo desejou bem causar alguma desordem no governo d'esta côrte, por má vontade a Ray Seraf, que lhe era odioso, e de quem temia igualmente os artificios, e as desconfianças.

Para este effeito solicitou dois cheques visinhos e tributarios do Rei de Ormuz, que lhe prometteram logo de excitar algum movimento, e depois lhe faltaram á palavra.

A negociação contudo corria seu curso entre Ray Seraf, e elle. Finalmente regularam que o Rei tornaria para Ormuz, e que pagaria d'alli em diante vinte e cinco mil serafins de ouro como tributo, e que seria compensado todo o prejuizo que tinha sido feito aos portuguezes; porém que estes tirariam os officiaes que tinham nas alfandegas, e não se embaraçariam mais com os negocios do governo.

Assignado o tratado, Cha-Mahomud enviou presentes de consideração, consistindo em joias e peças preciosas, para El-Rei e para a Rainha de Portugal, para o governador das Índias, e para D. Luiz de Menezes. Porém este, em toda a sua conducta, mostrou um desinteresse digno de admiração. É verdade que elle não ousou recusar o presente do Rei de Ormuz, porém não o quiz receber para si, e o fez ajuntar ao presente destinado para a côrte de Portugal.

— 171 —

CAPITULO XVII

ANNO DE 1521

SUMMARIO

O capitão-Mor Antonio Correia peleja em Baharem com El-Rei Mocrim, e o desbarata.—Morte de El-Rei Mocrim; de como Antonio Correia lhe mandou cortar a cabeça, e remettel-a ao governador com a nova da victoria; e da sepultura que lhe foi feita. Modo porque Antonio Correia se apoderou da Ilha de Baharem, e da fortaleza de Catifa; e voltou depois a Ormuz.—Chegada de Jorge d'Albuquerque a Pacem; e como elle se determinou a restituir este reino ao principe que levava da India.—Da vinda de El-Rei d'Auru a Pacem para pelejar contra o tyranno seu usurpador; e como este foi desbaratado e morto por Jorge de Albuquerque.—Recebimento do Rei de Pacem.—Jorge d'Albuquerque manda construir alli uma fortaleza.—Como Fernão de Magalhães fez crer ao imperador Carlos, Rei de Castella, que as ilhas de Maluco eram de sua conquista; e como as foi descobrir.—Navegação e viagem de Fernão de Magalhães, de Sevilha para Maluco.—O que succedeu ao Congo, Gregorio da Quadra, desde o tempo em que foi captivo no reino de Adem, até acabar sua vida unicamente dedicado á religião.

N'este tempo estava levantado, contra El-Rei de Ormuz, um Rei da Ilha de Baharem, chamado Mocrim, que era se-

nhor d'uma cidade conhecida pelo nome de Laçá no Ser-tão d'Arabia, onde se criam os melhores cavallos arabes, e que tem uma grande comarca; assim como tambem era senhor de uma fortaleza denominada Catifa, que ha na terra firme da Arabia, a dez leguas de distancia de Baharem.

Este Rei era casado com uma filha do senhor de Mecca; os mouros tinham-n'o por santo; e era muito ousado e valente cavalleiro.

Insurreccionou-se contra El-Rei de Ormuz por lhe não querer continuar a pagar as pareas a que até então se tinha sujeitado; para isto, organison uma forte armada de terradas, que passavam de cento e quarenta; esta frota obrigava a arribar a Baharem todas as naus que iam d'aquelles logares da Persia para Ormuz; fazendo assim com que o Rei d'este paiz, perdesse muitissimo dos rendimentos da sua alfandega; a fora as pareas que não recebia de Mocrim. E vendo elle que o governador lhe punha officiaes portuguezes na alfandega, para recolherem todos os rendimentos, disse-lhe, que visto ser vassallo de El-Rei de Portugal, lhe tornasse Mocrim á sua obediencia, dando-lhe conta do que a tal respeito se passava havia annos; o que o governador lhe concedeu.

Para isto se fazer, disse o governador a Antonio Correia, seu sobrinho, que elle lhe havia destinado a capitania mór de uma armada que devia mandar á ponta de Diu, com o fim de esperar alli as naus de preza, até que elle fosse. Mas que, tencionando ainda mandar outra a Baharem, visse se lhe conviria antes esta costa. E Antonio Correia aceitou de preferencia esta ultima, porque lhe trazia mais honra do que proveito, e despresou a da ponta de Diu.

Sabendo Diogo Fernandes de Beja, que ahi se achava, que Antonio Correia regeitára a capitania mór da armada

de Diu, preferindo antes ir a Baharem, foi immediatamente ter com o governador, e mostrou-lhe um alvará de El-Rei, para que lhe fosse dada a capitania mór da frota de Diu, que até alli não tinha querido mostrar para não se oppôr á vontade de Antonio Correia, de quem era muito amigo: e o governador então lh'a confiou.

Acceita por Antonio Correia a empreza de Baharem, partiu para lá aos quinze de junho do anno de mil quinhentos vinte e um, indo elle em um galeão. Foram seus capitães: Gonçalo Pereira, que ia em outro galeão; Fermandeanes de Sotto Maior, em uma galê; João Pereira, em uma caravella; Lourenço de Moura e Christovão Çarnache, em duas fustas; e em outra fusta, um outro, cujo nome se ignora.

Iam em toda a frota quatrocentos portuguezes; sendo acompanhados por outra armada de El-Rei de Ormuz, commandada pelo Capitão-mór Raix Xarafa, que constava de duzentas terradas, onde iam tres mil mouros, mil e quinhentos frecheiros, e outros tantos lanceiros. Sobrevindolhe no caminho um fortissimo temporal, que fez arribar toda a frota d'El-Rei de Ormuz, e a portugueza tambem, excepto apenas a capitania, e a caravella onde ia João Pereira; sómente estas duas embarcações chegaram a Baharem, que se lhes apresentou com a prespectiva de uma mui grande cidade, onde todas as casas eram grandes, e construidas de pedra e cal, munidas das competentes chaminés, varandas e galerias nas janellas.

Era alli que persistia El-Rei Mocrim, o qual por esperar Antonio Correia, que elle tinha a certeza de ser um grande guerreiro, se tinha preparado já de antemão, mandando cercar a cidade toda do lado do mar, por uma muralha, de duas faces, da largura de dez palmos, entulhada no centro com terra e areia, tendo alguns portaes apenas para a serventia da praia. Tinha assestada muita artilhe-

ria na muralha, que estava guardada por doze mil arabes postos em estancias; trezentos de cavallo, a maior parte acubertados; quatrocentos frecheiros persianos; e finalmente vinte rumes espingardeiros com alguns outros aprendizes.

Tendo chegado Antonio Correia á cidade de Baharem, surgiu ao mar onde se demorou seis dias esperando que todo o resto da sua armada se lhe reunisse, o que conseguiu no cabo d'este pequeno prazo; faltando-lhe apenas duas fustas, uma das quaes arribou a Ormuz, e a outra chegou já depois de Antonio Correia ter desbaratado os inimigos.

Reunidos que foram todos os navios portuguezes, com a unica excepção acima dita, e bem assim a armada toda de El-Rei de Ormuz, quiz Antonio Correia saber a gente com que contava, para vêr se poderia saltar em terra; mas não encontrou em estado d'isso, mais de duzentos e vinte homens, dos quaes cem eram creados de El-Rei e fidalgos, e o resto espingardeiros e besteiros. Toda a mais gente só era destinada para ficar guardando a esquadra. E com quanto se achasse com tão pouca gente, reuniu sempre um conselho dos outros capitães e dos principaes da frota, onde decidiram que infallivelmente saltaria em terra, não obstante a inferioridade do numero, pois esperavam contar com a ajuda de Deus.

Quiz Antonio Correia dar o primeiro acco'mettimento aos inimigos na vespera do dia de S. Thiago; porém não pôde fazel-o, por causa de Raix Xarafo, que ponderou não lhe ser possivel concordar n'aquella escolha de dia, em virtude de certas cerimonia's da sua seita; e por isso ficou transferido o ataque para o dia vinte e sete de julho, que foi um sabbado. Queria tambem Antonio Correia atacar com a sua gente por uma parte, em quanto Raix Xarafo atacasse por outra, com o fim de se distinguirem bem e

poder-se vêr o que cada um fazia. Mas Raix Xarafo não quiz, dizendo que El-Rei de Portugal e El-Rei de Ormuz, eram irmãos, e que por isso se deviam reunir as suas gentes n'um mesmo todo compacto. Mas isto era por medo; segundo depois pareceu.

Acabado o conselho, os capitães se tornaram aos seus navios, e depois com toda a sua gente se confessaram e se encommendaram ao Todo Poderoso; porque a empreza era bastante arriscada, por causa do grande numero dos inimigos, que talvez podessem oppor trezentos dos seus a cada um dos portuguezes. Porém Antonio Correia tinha tamanha confiança em Deus e na Santa Virgem, que esperava mesmo assim obter a victoria.

No sabbado de manhã se embarcou Antonio Correia com a sua gente nos bateis e barquinhos da frota, ao passo que Raix Xarafo por ter grande quantidade de gente foi obrigado a ir em grandes jangadas de madeira, que os parás das suas terradas haviam de rebocar.

Ao despontar da aurora, abalou Antonio Correia para terra com todos os seus, levando na sua vanguarda seu irmão Ayres Correia, que levava um guia, e apenas ia acompanhado por cincoenta homens espingardeiros e besteiros, e juntamente com alguns fidalgos. Como já era baixa mar, e em frente da cidade fosse o mar muito espraído, tocaram os bateis na areia ainda a distancia de tiro de espingarda da praia; mas, vendo que não podiam passar ávante, logo toda a gente se lançou á agua, sem que alguém se lhe podesse oppor, e assim conseguiram aproximar-se das muralhas da cidade.

Antonio Correia, que foi um dos que saltaram n'agua, mandou ficar nos bateis a um certo Tristão de Castro, homem de muita confiança; e lhe recommendou que não deixasse recolher nos bateis pessoa alguma sem sua ordem.

El-Rei Mocrim estava n'esta occasião na muralha com a sua gente, animando-a como valente cavalleiro que era, e fazendo jogar sua artilheria, que disparava muito a mindo, mas de que Deus, tão milagrosamente livrou os que desembarcaram e chegaram á praia mui cansados. E logo Ayres Correia, que levava a dianteira, como dissemos, arremetteu a muralha, com aquelles que o acompanhavam, por entre immensidade de frechas que os inimigos lhes atiravam; os espingardeiros e besteiros mataram muitos mouros, e dos portuguezes foram feridos, Ayres Correia e alguns outros mui levemente.

Estando engajada uma porfiada lueta, em que os portuguezes diligenciavam por entrar e os de dentro por se defenderem d'isso; chegou Antonio Correia que trazia o resto da gente em forma e mui boa ordem, com a bandeira; o qual penetrando repentinamente por uma especie de viella que encontrou entre a muralha e as casas, foi o impeto dos portuguezes tão forte e decidido, que fizeram retirar os mouros para dentro da cidade matando-os ás lançadas. N'isto acudiu El-Rei Mocrim com um tropel de gente de cavallo, e um grande magote de outra a pé, o que fez que os portuguezes deixassem de perseguir mais os mouros. Ayres Correia foi muito ferido com lanças e frechas; e pilhando-o desgarrado muitos mouros se lançaram todos a elle com tamanha furia, que infalivelmente o teriam morto a não serem Aleixo de Sousa e Ruy Correia, que lhe acudiram; e pelejaram ambos tão valorosamente, que, matando e ferindo grande quantidade de mouros, os obrigaram a retirar; ficando Ayres Correia assim livre, e os dois que o defenderam muito feridos ambos; ganhando todavia muita honra por uma acção digna de grande memoria.

Por outra parte tambem Antonio Correia andava bastante occupado, visto que mandava como capitão e pelejava como simples soldado, com o que tinha dobrado tra-

balho que todos os outros; andava por isto muito cansado e de mais a mais ferido no braço direito.

Em summa, a maior parte da sua gente tambem estava já pouco folgada, porque todos pelejaram com um esforço maravilhoso; e que não poderiam sustentar sempre senão fossem tão ajudados por Deus; pois de outra maneira não seria possivel, ou ao menos acreditavel, que tão poucos homens como os portuguezes eram resistissem a tão grande multidão de inimigos, matando e ferindo prodigioso numero d'elles. A El-Rei Mocrim, que andava sempre á frente dos seus e escolhendo os logares mais perigosos, mataram-he n'esta lucta dois cavallos.

Estando tambem os mouros mui fatigados, e com um grande numero de mortos e feridos, fizeram diligencia por se apartarem da batalha para poderem descansar, o que não desagradou aos nossos, que desejavam como elles repouso. E Antonio Correia, mandou conduzir seu irmão Ayres Correia, bem como todos os mais feridos, para bordo dos bateis.

Algum tempo depois, vendo Antonio Correia que a sua gente já tinha tido sufficiente descanso, tornou a atacar os mouros. Este segundo ataque foi mui bem succedido; todos iam bradando pela Santa Virgem; e parece que por milagre d'esta, em virtude dos seus rogos, aconteceu que um dos espingardeiros portuguezes desfechando a sua espingarda, acertou em El-Rei Mocrim, ferindo-o em uma côxa tão mortalmente que se viu obrigado a abandonar o campo da batalha, acompanhando-o alguns valentes officiaes que o seguiam sempre.

Apenas os mouros se viram sem ter quem os capitaneasse, fugiram, correndo quanto mais podiam; e por ter Antonio Correia a sua gente muito cansada, e elle proprio se achar do mesmo modo, deixou-os ir sem que os perseguisse, posto que muitos gritassem para que os seguissem.

Porém Antonio Correia contentou-se com a mercé que Deus lhe tinha feito, dando-lhe uma tão famosa victoria, como esta foi, alcançada em menos de duas horas; e tendo apenas sido victimas cinco portuguezes, sendo um d'estes um fidalgo chamado Jorge Pereira, e outro, um mourisco christão, de Antonio Correia, que em toda a batalha o acompanhou e o defendeu da morte, adargando-o sempre com uma adarga, e que a final depois de muito frechado veiu a succumbir.

Dos mouros houve prodigioso numero de mortes e feridos. Além de El-Rei Mocrim, que morreu d'ahi a dois ou tres dias, succumbiu tambem na batalha o celebre governador de Baharem, pessoa das mais principaes; e ainda mais seis homens dos de maior nome que eram seus parentes. Ficaram no campo mortos uns trinta e tantos homens de cavallo, e trezentos pouco mais ou menos de pé; não contando a immensidade de feridos: e morreram finalmente grande quantidade de cavallos.

Em honra d'esta tão famosa victoria, o muito Alto e muito Poderoso Rei D. João III de Portugal, permitiu a Antonio Correia, que podesse metter em um quarto do escudo das suas armas, a cabeça de um Rei mouro, e outra por timbre no elmo do seu capacete, em memoria da cabeça de El-Rei Mocrim, que depois lhe foi cortada.

Vencida que foi a batalha, chegou então Raix Xarafo a Antonio Correia com a sua gente, com que até alli tinha estado sobre as aguas sem desembarcar, esperandó ver o que succedia aos portuguezes. E Antonio Correia dissimulando com elle o desavergonhamento de desembarcar a um semelhante tempo, mandou aos seus mouros que seguissem o alcance aos inimigos, o que elles deram mostras de quererem fazer quando se internavam pela cidade; mas, logo que ali se pillharam dentro, começaram a saqueal-a.

Antonio Correia entrou pela cidade com a bandeira e tangendo as trombetas na frente, e dirigiu-se á habitação de El-Rei Mocrim, que era uma casa muito grande e sumptuosa, e junto d'ella encontrou uma galeota mui rica, e bonita, que alguns lhe aconselharam de mandar queimar, mas que elle não quiz. E feitos alli muitos cavalleiros, fidalgos, e outras pessoas distinctas, que lh'o requereram, não quiz passar ávante, por ser já meio dia. Voltou então para a frota a fim de mandar curar os seus feridos, deixando assim a cidade em poder de Raix Xarafa, o qual tomou d'ella posse por El-Rei de Ormuz; e de caminho determinou Antonio Correia, que se deitasse fogo a cento e quarenta e sete terradas que alli haviam, pertencentes a El-Rei Mocrim.

Na noite seguinte, estando todos dormindo, pegou fogo na bitácora da capitania, e foi a revolta tamanha, que até os proprios feridos se levantaram para acudir; mas assim mesmo, era tanto o fumo que não havia quem pudesse ir abaixo para apagar o incendio; no entanto depois de grandes esforços se conseguiu apagal-o. N'este barulho, e com alguns excessos, rebentaram os pontos das feridas, a quasi todos os feridos, sendo necessario curarem-se de novo; mas ninguem sentiu muito estes incommodos, em virtude da influencia do grande prazer que acabavam de experimentar com a victoria passada.

No dia seguinte foi Antonio Correia a terra com os que o poderam acompanhar, para o fim de ir lançar a galeota citada ao mar; porém não o poderam conseguir n'aquelle dia pelo impedimento que fazia a muralha, que ainda estava em pé; mas no dia seguinte obtiveram depois de grandes fadigas, lançar ao mar a galeota, visto que os portuguezes eram mui poucos, e os de Raix Xarafa não ajudavam cousa alguma: Antonio Correia é que ajudava sempre como qualquer dos outros, apesar de se achar ferido no braço direi-

to; como desejava obter a galeota para El-Rei seu senhor, sujeitou-se a tudo.

Lançada que foi ao mar a galeota, lhe poz Antonio Correia o nome de Mocrim, em memoria do seu antigo possuidor El-Rei Mocrim; e deu a sua capitania a um tal Gaspar Correia.

Passados cinco dias depois da batalha, é que Antonio Correia soube por um moure da terra, e por outro de Raix Xarafo, que El-Rei Mocrim havia morrido, e que na noite seguinte o deviam ir enterrar a Catifa. E Raix Xarafo requereu então a Antonio Correia para que o mandasse tomar ao caminho, por quanto tinha sido traidor a El-Rei de Ormuz, era por isso necessário que lhe cortassem a cabeça, e que elle lá mandaria para isso a sua gente.

Consentindo n'isto Antonio Correia, foi mandado um parente de Raix Xarafo, chamado Raix Çadradim, como capitão de doze terradas, com que tomou o corpo de El-Rei Mocrim, e o conduziu á presença de Antonio Correia, que logo ordenou que lhe cortassem a cabeça, a qual os mouros de Raix Xarafo escavacaram por dentro de tal modo e tão subtilmente, que ficou a pelle do rosto com os olhos e o nariz unicamente.

Encheram-n'a depois de algodão, e lhe pozeram uma azelha no craneo para se lhe pegar. E Antonio Correia a mandou para Ormuz ao governador, encarregando d'esta commissão a Balthasar Pessoa e Ruy Correia, que foram n'uma fusta, e levaram ao mesmo tempo a noticia da victoria, a qual foi muito apreciada pelo governador em referencia aos portuguezes, como pelo Rei de Ormuz relativamente aos mouros. Houve grandes festas, e o governador foi á igreja com todos os fidalgos dar graças ao Altissimo.

Mandaram fazer uma sepultura para a cabeça na praça de Ormuz, para ficar uma memoria d'aquelle grande feito;

e n'este sentido lhe pozeram dois epitaphios, um em portuguez e outro em persiano, que diziam: «Aos quinze dias do mez de Maio de mil quinhentos e vinte e um, chegou o governador, Diogo Lopes de Sequeira, a Ormuz, achando o Reino de Baharem e Catifa, levantado contra El-Rei de Ormuz; e mandou logo Antonio Correia, seu sobrinho, com sete navios, e quatrocentos homens; que pelejaram com Mocrim, Rei da dita terra, cuja cabeça jaz aqui. Morreram muitos mouros e poucos christãos, e aquelles vendo-se desbaratados entregaram logo Catifa a Antonio Correia, que tambem trouxe uma galeota que os rumes tinham feito. E o governador mandou fazer esta sepultura, em honra do defunto Rei, como bom cavalleiro, e em memoria dos christãos.»

Depois da morte d'El-Rei Mocrim, um seu sobrinho, chamado Xequé Hamet, a quem os habitantes respeitavam, mandou pedir licença a Antonio Correia para lhe ir fallar, a fim de lhe entregar a ilha de Baharem e a fortaleza de Catifa, visto que todos da terra desejavam estar ao serviço de El-Rei de Portugal; e para signal de verdade, lhe remetteu dois cavallos arabes.

Concedida a licença por Antonio Correia, veiu ter com elle Xequé Hamet, que lhe fez a supradita entrega, com a condição de lhe dar passagem para a terra firme, a elle e á gente estrangeira. O que Antonio Correia lhe concedeu, tambem com a condição de não levarem armas nem cavallos. E feita a entrega com estas condições, fôï dada a passagem a Xequé Hamet e á sua gente. Raix Xarafo foi tomar posse de Catifa por El-Rei de Portugal e por El-Rei de Ormuz. Antonio Correia fez governador de Baharem a Raix Bubacahum, que era arabe, capitão principal, e muy bello homem, ficando assim a gente da terra muito contente. E tendo restituído o reino de Baharem a El-Rei de Ormuz, partiu Antonio Correia para esta terra aos doze de

agosto; não esperando por Raix Xarafa, pelo receio de que não podesse chegar a Ormuz antes do governador ter partido para Cambaia; visto que o seu regimento lhe não permittia estar em Baharem senão até aos vinte e cinco de julho; porque o governador de Ormuz desejava fazer a fortaleza em Madre Faba antes que de Portugal fosse outro governador. Deixou Antonio Correia, com a pressa, muitos cavallos e outras cousas ricas em poder de Raix Xarafa.

Chegando Antonio Correia a Ormuz, foi muito bem recebido do governador; e El-Rei mandou-o visitar, desculpando-se de não ir pessoalmente por estar doente de uma perna. Antonio Correia foi depois cumprimental-o, recebendo d'elle muitas honras; e mandou-lhe dar um terçado de ouro, uma adaga mui rica, um cavallo com uma sella de guarnição de prata, e algumas peças de brocado e de seda; fez quasi eguaes presentes ao irmão de Antonio Correia, que o tinha acompanhado; e finalmente, mandou dar muitas peças ricas tambem a todos os mais capitães e fidalgos da comitiva, pedindo a todos mil perdões por lhes offerter tão pouco; e dizendo-lhes que se elle fôra senhor de todas as rendas que d'antes tinha, lhes pagaria os gastos e trabalhos como mereciam. E alguns dias depois da chegada de Antonio Correia a Ormuz, chegou alli tambem Raix Xarafa com a sua armada, entrando muito soberbo por ir com os portuguezes, e ter succedido a causa tão bem como succedeu.

Depois de Jorge d'Albuquerque ter partido para Malaca, com a frota que dissemos, seguiu viagem até chegar á ilha de Çamatra, e entrar no porto de Pacem, na intenção de diligenciar por restituir áquelle reino o principe seu herdeiro, segundo o que o governador lhe dera por regimento. Surto que foi n'aquelle porto, buscou e alcan-

çou a maneira de fazer saber aos principaes de Pacem a causa da sua vinda; mas sem que o Tyranno o pedesse perceber, para se não pôr em recado. E elles alvoroçados com a vinda do seu verdadeiro Rei, foram como poderam secretamente á capitania, onde Jorge d'Albuquerque lhes mostrou o principe e o Moulana; que elles folgaram muito de vêr, e disseram-lhe que a sua vontade era mui boa, de o receberem por senhor, mas que tinham muito receio do Tyranno. N'esta pratica soube Jorge d'Albuquerque que o Tyranno estava muito fortificado em uma fortaleza junto da povoação, que ficava a uma legua pelo rio acima. Havia uma muralha larga, que seguindo a forma quadrangular, cercava uma pequena povoação onde morava o Tyranno, perto da outra grande, que lhe servia de arrabalde. A dita muralha estava guardada de muita artilheria, tendo a entrada do lado do Norte por uma ponte, e do Sul tinha uma porta para um canto, sendo d'este lado circumdada por um fosso aquatico. No centro da povoação estavam as casas do Tyranno, cercadas por outra muralha construida como a de fóra, e com duas portas pequenas, uma do lado do Sul e outra de Leste. Dentro d'esta soberba fortaleza achavam-se, além d'isso, seis mil homens de peleja, os mais d'elles frecheiros, e muitos de zaravatanas.

Jorge d'Albuquerque, comtudo, como era muito valente e conhecia que o principe tinha justiça para adquirir o reino, determinou-se a pelear contra o Tyranno, se elle não quizesse por bem largar o reino; e assim lh'o mandou annunciar.

A resposta do Tyranno foi, que o reino era seu, e demais que elle queria ser vassallo de El-Rei de Portugal, e pagar-lhe as competentes pareas; ao que Jorge d'Albuquerque replicou, dizendo-lhe que El-Rei de Portugal não queria por vassallos senão os verdadeiros e directos her-

deiros dos reinos, e nunca aquelles que os usurpavam. E vendo finalmente a contumacia do Tyranno, reuniu um conselho, para notificar os seus capitães, de que estava resolvido á peleja; onde se reuniu tambem um fidalgo chamado Manoel da Gama, que alli tinha chegado de Malaca em um navio da armada, para fazer arribar a Malaca os juncos de Pegú, que por não irem a Malaca vinham descarregar a Pacem. Achando-se juntos todos os capitães, Jorge d'Albuquerque fez-lhes presente o regimento que trazia do governador, ácerca de restituir o principe de Pacem a seu reino; fez-lhes ver qual o poder do Tyranno, e como estava fortificado; e que não contavam com mais de duzentos portuguezes. Todos foram de accordo que se pelesasse, pois que Deus os ajudaria, visto que a justiça estava da sua parte.

Tendo-se isto assentado assim, aconteceu chegar n'aquella occasião a Pacem El-Rei de Auru com um grande exercito, que ia declarar e começar guerra com o Tyranno, por causa do principe herdeiro legitimo, que era seu parente. Sabendo Jorge d'Albuquerque d'esta chegada imprevista, mandou logo dizer, por um mouro natural de Pacem, ao Rei de Auru, que elle tambem alli tinha vindo para restituir o Reino de Pacem ao principe seu verdadeiro senhor, e expellir o Tyranno seu usurpador; e que, porque sabia que era amigo d'El-Rei de Portugal, lhe pedia que se affastasse de onde fosse a batalha, e lhe deixasse a elle só aquella empreza; e ainda mais, que, como a gente que elle trazia andava com o mesmo traje que a do Tyranno, mandasse aos seus, que no dia da batalha pozessem nas cabeças uns ramos verdes para se differençarem dos inimigos.

El-Rei de Auru ficou muito contente com esta mensagem, e mandou pedir a Jorge d'Albuquerque lhe fizesse mercê dos despojos dos inimigos, depois que os portuguezes já não quizessem mais; porque esperava em Deus que

lhes havia de dar a victoria. Feita esta concordata, Jorge d'Albuquerque fez saber aos naturaes de Pacem como havia de atacar a muralha, e em que dia; e mandou-lhes dizer que se affastassem do caminho que elle devia seguir, e que tivessem tambem o cuidado de usar do mesmo signal convencionado para os aurus.

Chegado o dia em que devia ter logar o combate, estando todos os portuguezes já confessados, e depois de terem almoçado, pozeram-se a caminho pelo rio acima, até ao ponto onde desembarcaram; e depois de estarem em terra dividiu Jorge d'Albuquerque a sua gente em tres columnas. Da primeira, que constava de sessenta homens, era capitão D. Sancho Henriques, e iam com elle Rafael Catanho e Diniz Fernandes. Da segunda, que tinha igual força foi commandante D. Affonso de Menezes, filho do conde de Cantanhede, cavalleiro muito valente. Finalmente, guiava a terceira Jorge d'Albuquerque, com o restante dos duzentos homens; e acompanhavam-n'o Manoel da Gama, Antonio de Miranda d'Azevedo, Garcia Chainho, Heitor de Valadares, Francisco Bocarro, e ainda mais outros muitos fidalgos e cavalleiros.

N'esta ordem, e ao som das trombetas, caminhou para a fortaleza ao longo de um estreito que passou por uma ponte; desde o ponto do desembarque até ás muralhas seria a distancia de dois tiros de espingarda; de um e de outro lado via-se todo o caminho apinhado de gente, tanto dos da terra como dos Aurus, que todos estavam a favor do principe.

Chegando D. Sancho Henriques perto da muralha, principiou a artilheria a disparar, e a espingardaria portugueza lhe respondeu, e começou logo por fazer muita obra, porque os portuguezes, ainda que eram poucos, sem medo algum arremessaram-se á muralha pela banda do Sul, e chegaram-se a ella a ponto de poderem derribar muitos dos inimigos com as espingardas.

Neste comenos chegaram D. Affonso de Menezes e Jorge d'Albuquerque, com as suas respectivas columnas, que dirigiram todas sobre aquelle mesmo lado da muralha, batendo-a mui fortemente. E vendo Diniz Fernandes de Mello, quão occupados estavam os inimigos na defenza da muralha, accommetten a porta ajudado por Manoel da Gama, Heitor de Valladares e Francisco Bocarro, que a arrombaram com um ariete ou vaivem. Ainda bem a porta não estava arrombada, quando muitos dos inimigos acudiram a defendel-a, dirigindo para alli immensidade de frechas. Todavia, os quatro entraram ás lançadas, e após elles outros muitos: de modo que aqui se renovou a batalha com grande encarniçamento; e parecia um milagre de Deus, ver tão poucos como os portuguezes eram, entre tão grande multidão de inimigos.

Sabendo Jorge d'Albuquerque, como tinham entrado na fortaleza, acudiu á porta pela qual entrou, fazendo com a sua entrada com que os inimigos se retirassem, uns para as casas do Tyranno, e outros para o lado do Norte: e os portuguezes ficaram de frente para as casas do Tyranno, que, como disse, estavam circumdadas por outra muralha tão forte como a primeira; e era alli que estavam as mulheres e filhos do Tyranno, e as dos seus principaes, e suas fazendas.

Então Jorge d'Albuquerque organisando a sua gente n'uma só columna, dirigiu o ataque á segunda muralha. Em quanto uns despediam fortes descargas para os que se achavam de dentro, os outros subiam por escadas que levavam; e d'esta maneira, sem temor das pedradas, frechadas e lançadas dos inimigos, conseguiram tomar a parte superior da muralha e saltar dentro. Abrindo depois uma porta que havia na muralha, deram livre entrada aos que ainda estavam de fóra. E apertaram, a final, tão fortemente os inimigos, que estes se viram obrigados a evacuar aquelle logar, despejando, para a banda do Norte,

por uma ponte que estava d'aquella parte, com suas mulheres e filhos.

Porém D. Affonso de Menezes, desejoso de matar ainda mais inimigos n'aquelle dia, dirigiu-se á ponte por onde elles se estavam escapando, com uns quarenta e tantos portuguezes, e caindo sobre os que saiam com impeto, os obrigou a voltarem para dentro. Vendo então os inimigos que já não tinham meio algum de se poderem salvar, determinaram-se a morrer defendendo-se até á ultima; e assim o fizeram: de modo que, desde o Tyranno até ao mais infimo dos seus, apenas escaparam á morte alguns que foram captivos, bem como grande quantidade de mulheres.

A peleja acabou assim, depois de ter durado proxima-mente tres horas. Segundo depois se pôde calcular, morreram, dos inimigos, uns tres mil e tantos, sendo quatrocentos dos seus principaes; e dos portuguezes apenas morreram quatro, sendo todavia bastantes feridos: podendo isto mais ser considerado como milagre, do que resultado da força humana.

Tomada por este modo a fortaleza, foi em seguida saqueada pelos vencedores, e depois ainda mais pelos Aurus, cujo Rei foi ter com Jorge d'Albuquerque, manifestando-lhe com palavras de muitissima alegria o summo prazer que tivera com a victoria dos portuguezes, e tanto mais ainda, porque o tinham livrado de todos os trabalhos e da incerteza de vencer ou não: dizendo-lhe finalmente que, não obstante ser já amigo de El-Rei de Portugal, de alli em diante o ficaria estimando o mais possivel, e muito se lisongearia de ser o seu mais humilde servo, por isso que tinha semelhantes vassallos.

Como Jorge d'Albuquerque soube que o Tyranno tinha sido morto na batalha com todos os que o seguiam, e que, por tanto, não haveria o minimo obstaculo para a restituição do principe ao seu reino, mandou logo soar pregões para que todos os da terra se ajuntassem, a

fim de lh'o entregar. O que teve logar n'aquelle mesmo dia.

Foi grande o prazer com que depois foram reverenciar o principe ás casas do Tyranno, onde Jorge d'Albuquerque o apresentou. E obedecido o principe como Rei, e tendo-lhe sido entregue toda a cidade, voltou Jorge d'Albuquerque com todos os seus para a armada que se achava na barra; em cuja entrada, da parte de Leste, determinou fazer uma fortaleza para segurança da terra, e para alli estabelecer a feitoria de El-Rei de Portugal, segundo lh'o ditava o regimento que tinha trazido.

Escolhendo, pois, o logar mais conveniente para a fortaleza, de modo que podesse ser bem soccorrida do mar, mandou Jorge d'Albuquerque dar conta a El-Rei d'esta determinação; pedindo-lhe ao mesmo tempo, que visto El-Rei de Portugal mandar construir aquella fortaleza alli para segurança do seu estado, e para não lhe poder ser feita outra traição como a passada, que o ajudasse o mais que podesse para aquella obra se concluir. Que, visto ficar na cidade pacifico, nenhuma necessidade tinha da fortaleza que torneava as casas onde habitava, mandada fazer pelo Tyranno; e então que a mandasse desmanchar, e lhe remetteste as madeiras para elle empregar na que tinha de construir, bem como tambem lhe enviasse gente para trabalhar. A tudo isto satisfez El-Rei completamente.

Em breve tempo se construiu a fortaleza com muros, baluartes, e torres de madeira, sendo toda cercada por uma grande valla ou fosso. Foi depois muito bem artilhada; e Jorge d'Albuquerque entregou sua capitania a D. Sancho Henriques, seu genro; deixou tambem alli um feitor, escrivães, e outros officiaes, fazendo ao todo cem homens. E posto que Antonio de Miranda de Azevedo lhe requeresse a capitania da fortaleza, visto que o governador lh'a concedia por um alvará que mostrou, elle não quiz acceder, dizendo que o governador não podia passar semelhante

provisão, por El-Rei lhe conceder apenas que podesse dar por tres annos a capitania de qualquer fortaleza que fizesse: e assim ficou D. Sancho Henriques por capitão da fortaleza.

Reinando El-Rei D. Manoel de Portugal, foi-se para Castella um celebre Fernão de Magalhães, illustre cavalleiro portuguez, que por desgosto, attribuido por elle a El-Rei de Portugal, foi dizer ao imperador Carlos v d'este nome, que era Rei de Castella, que pela repartição da conquista que se começou a fazer entre El-Rei D. João II de Portugal e El-Rei D. Fernando de Castella, e que não foi levada a effeito, eram de seu descobrimento e conquista as ilhas de Banda e as de Maluco; dando para o comprovar algumas rasões: as quaes, como eram em favor do imperador, foram por este acreditadas, sem mais exame.

Fizeram pois, Fernão de Magalhães e um astrologo Ruy Faleiro que o acompanhou, acreditar ao Rei de Castella, que as taes ilhas eram conquista sua, e offereceram-se-lhe para as irem descobrir. Para este descobrimento, El-Rei de Castella conloiou-se com certos mercadores, para que lhe armassem cinco naus em Sevilha, de que deu a capitania-mór a Fernão de Magalhães, e mandou com elle um astronomo chamado André de Sam Martim, para ver se podia alcançar a altura de Leste a Oeste, o que se esperava concorreria muito para a facilidade do descobrimento.

Foi só o tal astronomo com Fernão de Magalhães; porque na occasião da sua partida se escusou de ir Ruy Faleiro, que deu a Fernão de Magalhães um grande regimento de trinta capitulos, que por tres maneiras lhe dava a distancia que andasse de Leste a Oeste. Com este regimento partiu Fernão de Magalhães de Sevilha, aos 10 de de agosto de 1519. Governou ao Sudoeste a demandar a ilha de *Tennarife*, onde chegaram em dia de S. Miguel, 29

de setembro: e d'aquí continuaram viagem em o principio de outubro a procurar as ilhas de *Cabo Verde*; passando entre estas e o cabo sem que houvessem vista nem d'este nem d'aquellas. Fazendo-se ávante buscaram o *Brazil*, e apenas avistaram a sua costa, tomaram rumo para o Sueste, sempre ao longo d'ella até ao *Cabo Frio*; e d'este cabo fizeram caminho para descobrir o *Rio de Janeiro*, onde entraram aos 13 de dezembro; alli tomaram lenha, e demoraram-se até 26 de dezembro do mesmo anno. Partiram n'este mesmo dia, e navegaram ao longo da costa a demandar o *Cabo de Santa Maria*; e tanto que d'elle houveram vista, caminharam para a parte de Lesnoroste, cuidando acharem passagem livre, e acharam-se mettidos n'um rio de agoa doce, bastante grande, a que deram o nome de *Rio de S. Christovam*; e n'elle estiveram até 2 de fevereiro de 1520. N'este dia começaram a navegar ao longo da costa, e mais ávante, ao Sul, no mesmo rio, descobriram uma ponta, a que pózeram o nome de *Ponta de Santo Antonio*. D'aquí correram ao Sudoeste umas vinte e cinco leguas, e tomaram outro cabo, que denominaram *Cabo de Santa Apollonia*; e navegando a Lessudoeste, acharam-se em uns baixos, aos quaes pozeram nome de *Baixos das Correntes*; fazendo-se então mais ao mar, perderam a vista de terra por dois ou tres dias, deparando depois com uma bahia, onde entraram, e correram todo o dia por dentro d'ella, julgando encontrarem alli saída para *Maluco*: a esta bahia chamaram-lhe a *Bahia de S. Matheus*. Navegando ao longo da costa, chegaram a outra bahia, d'onde poderam apanhar muitos lobos marinhos e passaros: a esta poz-se o nome de *Bahia dos trabalhos*; onde perderam a nau capitania, por causa de um temporal que sobreveiu alli. D'aquí seguiram sempre a costa, e chegaram, no ultimo de março de 1520, ao *Porto de S. Julião*; aqui invernarão, e notaram que os dias só tinham umas oito horas proximamente. Em este porto sublevaram-se tres naus con-

tra o capitão-mór, dizendo os capitães d'ellas, que o queriam levar preso para Castella, pois que os queria deitar a perder: mas o capitão-mór, ajudado dos estrangeiros, que comsigo levava, lançou-se ás tres naus revoltadas, onde foi morto o capitão de uma d'ellas, e thesoureiro de toda a armada, que se chamava Luiz de Mendonça, o qual foi assassinado ás punhaladas por um meirinho-mór da armada, que para isso fôra mandado por Fernão de Magalhães. D'ahi a cinco dias mandou Fernão de Magalhães degolar e esquartejar a Gaspar de Queixada, que era tambem capitão de uma das naus que se haviam levantado. Fernão de Magalhães, fez capitão de uma das embarcações, a que haviam morto os capitães, a seu primo Alvaro de Mesquita; a nau capitaneada por João Serrão, sendo mandada a uma descoberta, foi lançada contra a costa por um temporal, salvando-se todos os individuos, as mercadorias, artilheria, e todos os apparelhos da embarcação. Restavam, apenas, quatro naus, as quaes, invernando então alli por espaço de quatro mezes e tanto, saíram aos 24 de agosto, e navegando umas vinte leguas proximamente, entraram no Rio de *Santa Cruz*. Alli estiveram tomando mercadorias e tudo o mais que puderam, demorando-se até 18 de setembro. No outro porto onde invernaram haviam selvagens; os homens alli são de estatura gigantesca, tendo alguns nove a dez palmos de altura; e não têm casas, andam sempre conduzindo os gados, dormindo onde lhes anoitece; comem carne meia crúa, e são todos excellentes frecheiros, matando por este meio muitos animaes de cujas pelles fazem vestiduras. As mulheres, que elles trazem atraz de si com todo o fato que possuem, são muito pequenas, trazendo mesmo assim grandes cargas ás costas; e calçam e vestem como os homens. D'estes levaram os portuguezes uns tres ou quatro, de que se poderam apoderar; porém todos morreram, e apenas se conseguiu levar um até Castella, que foi provavelmente

em uma nau que fugiu no caminho, de que adiante se falará. Partiram d'este Rio de Santa Cruz no dia dezoito de outubro; navegaram ao longo da costa até ao dia 21 do mesmo outubro, e descobriram um cabo, a que pozeram o nome de *Cabo das Virgens*, porque o avistaram em o dia das onze mil Virgens; e passando d'este cabo, obra de duas ou tres leguas, se acharam na boca de um *Estreito*.¹ Navegaram ainda ao longo da costa, entraram no estreito um pouco e d'aqui mandou Fernão de Magalhães descobrir o que alli havia dentro, e acharam tres canaes, dois mais para o Sul, em que atravessava a terra da banda do *Maluco*. Mandou depois Fernão de Magalhães duas naus; porém apenas uma voltou para o capitão-mór, a outra de que Alvaro de Mesquita era capitão, abocando por um dos boqueirões, que davam para o Sul, nunca mais voltou. Era piloto d'esta nau (que commandava o primo de Fernão de Magalhães) um tal Estevão Gomes, o qual tinha andado na pretensão de que o imperador Carlos v lhe confiasse algumas caravellas para ir descobrir novas terras: como porém fosse attendida, com preferencia, a proposta e empreza de Fernão de Magalhães, ficou Estevão Gomes sendo um grande inimigo d'este illustre capitão, e aproveitou agora a oportunidade de se vingar d'elle. Conspirou-se pois, com outros, contra o capitão da sua nau, Alvaro de Mesquita; pozeram-n'o em ferros, e assim o trouxeram a Hespanha com a nau, dizendo ao imperador Carlos, que Fernão de Magalhães era um doudo, e mentira a Sua Magestade, porque, não sabia onde estava *Banda* nem *Maluco*. Além d'isto accusaram em juizo a Alvaro de Mesquita por haver aconselhado e persuadido a seu primo Fernão de Magalhães, a severidade e crueza, com que castigára os primeiros conspiradores.

Vendo Fernão de Magalhães que já tardava muito a nau,

¹ Este é o famoso Estreito, que até hoje se ficou chamando «Estreito de Magalhães» para eterna e gloriosa memoria do famoso portuguez que o descobriu.

que não voltou, das duas que foram á exploração dos boqueirões, fez-se de vella, deixando cartas no logar de onde partiu, a fim de que, se a outra nau voltasse ainda, fizesse o caminho que lhe deixava ordenado; depois entraram n'um canal que tem de largo, em alguns logares, duas ou tres leguas, n'outros uma, e n'alguns sitios meia legua; e seguiram por elle as duas naus, que com difficuldade poderam dobrar o *Cabo del possesso*. Entraram por uma primeira garganta que dava para outra bahia chamada *Boucam*; no fundo d'esta entraram por segunda garganta, que dava para uma bahia maior que as precedentes. Vendo, em fim, que o Estreito se alongava, dando sempre saída ás naus, voltaram, vindo dizer a Fernão de Magalhães que já tinham visto o mar largo do outro lado; elle a esta noticia mandou salvar a artilheria, e todos davam gritos de alegria.

Caminhou toda a armada até á terceira bahia, e como achassem ahi dois canaes, expediu Fernão de Magalhães duas naus para verem se o canal de Sueste ia dar ao mar Pacifico. Foi então que fugiu uma das naus exploradoras. As outras duas entraram pelo terceiro canal onde esperaram pelas que tinham ido explorar, tres dias; em cujo intervallo expediu Fernão de Magalhães um batel bem equipado para descobrir o cabo onde terminava o Estreito, o qual sendo descoberto lhe deram o nome de *Cabo Desejado*.

Navegaram depois para o mar Pacifico deixando signaes por onde se podesse guiar a nau que faltava. O Estreito passado tem de comprido umas dez leguas, bordado por altas montanhas cobertas de neve. Demoraram-se n'este Estreito desde 24 de outubro até 26 de novembro: e tanto que saíram do Estreito para o mar, caminharam a Lesnoroeste e encontraram depois da banda do sul duas ilhas despovoadas, e que teem n'algumas cartas o nome de *Infortunadas*: correram até á linha, onde disse Fernão de Magalhães que estavam em paragem de *Maluco*. Tendo porém informações

de que n'esta terra não havia mantimentos, caminharam para o norte umas cem leguas, e a 6 de março de 1521, tomaram duas ilhas muito povoadas, e abordaram a uma, onde acharam gente de pouca verdade, o que notaram, logo que os da terra vieram a bordo; e lhe levaram o esquife da capitania, tendo cortado o cabo que o segurava: pozeram a estas as *Ilhas dos Ladrões*; que depois se chamaram *Mariannas*, em honra da rainha D. Marianna de Austria, viuva de D. Philippe IV, e regente na menoridade de D. Carlos II de Castella. Vendo Fernão de Magalhães o furto do esquife, fez-se de vella por ser já noite, andando barlaventeando até ao outro dia de manhã; mandando então dois bateis com cincoenta homens, e indo elle tambem, abordaram ao logar para onde tinham levado o esquife, todo foi queimado e mataram oito pessoas entre homens e mulheres; quebraram o esquife, e voltaram para as naus. Fizeram-se logo de vella para Leste, e depararam com outra ilha, onde Fernão de Magalhães mandou o esquife para analysar a disposição da terra; e abordando o esquife vieram das naus sair dois paráos detraz da ponta, e logo chamando o esquife, os paráos retrocederam. Abordaram depois a uma outra ilha mui proxima a que pozeram o nome de *Ilha dos bons signaes*, porque acharam alli algum ouro; e estando surtos aqui, vieram a elles dois paráos, que lhes trouxeram gallinhas e côcos, e lhes disseram que já alli tinham visto outros homens como elles, por onde presumiram que seriam *lequios* ou *mogores*. D'aqui navegaram depois ávante, por entre muitas ilhas, a que chamaram o *Archipelago de S. Lazaro*, por chegarem ahi em domingo de Lazaro, e que em 1542 se denominaram *Filippinas*, em honra de D. Philippe d'Austria, filho de Carlos V, e depois Rei de Castella. Foram em seguida á ilha de *Macangor*, vinte leguas distante, onde foram bem acolhidos, e pozeram ahi uma cruz. D'aqui os levaram a outra ilha distante tres leguas, por nome *Cabo*, e que é a *Zebu*, uma das *Filippinas*,

onde Fernão de Magalhães fez o que quiz, consentido pela gente da terra, e se tornaram oitocentos christãos em um dia; Fernão de Magalhães quiz, por isto, que os outros reis fossem sujeitos a este que se fez christão; mas elles não o quizeram, e então foi lá uma noite Fernão de Magalhães nos bateis, e queimou um dos logares dos desobedientes. Mandou, passados dez dias, a um logar, obra de meia legoa do que havia queimado, e que se chamava *Ilha de Matão*, a fim de que lhe mandassê tres cabras, tres porcos, tres fardos d'arroz, e tres de milho, para mantimento das naus; responderam-lhe que em vez das addições de tres em tres, lhe mandariam apenas de dois em dois: que se se contentasse assim logo o cumpririam, senão que nada davam. Fernão de Magalhães foi então, com obra de sessenta homens em tres bateis, a 27 d'abril pela manhã, contra o dito ponto, onde viram uns tres ou quatro mil homens, que pelejaram de tão boa mente, que alli foi morto o celebre Fernão de Magalhães com mais seis dos seus, sendo quatro d'estes os indianos que se converteram, e houve muitos feridos; morrendo apenas quinze dos inimigos.

Recolheram então os christãos ás naus, e elegeram para o logar de Fernão de Magalhães, o portuguez Duarte Barbosa, seu parente, e ainda um outro capitão que vagou. Decidiram depois em um conselho, que iriam estes dois capiães á terra, onde haviam feito christãos, a pedir pilotos que os guiassem para *Borneo*. Foram pois os dois capitães, no 1.º de maio, com o devido acompanhamento; mas tanto que chegaram á tal terra deixaram-n'os desembarcar livremente, e caindo então sobre elles a propria gente da terra a quem tinham feito christãos, mataram os dois capitães, e vinte e seis dos seus; a gente que ficou retirou-se para os bateis, e voltou para as naus: mas achando-se de novo sem capitães, acordaram, visto que a principal gente era morta, que fosse capitão-mór um João Lopes de Carvalho, que era o thesoureiro-mór da armada; e que o mei-

rinho, alferes-mór da armada, Gonçalo Vaz de Espinosa, fosse capitão d'uma das naus. Feito isto, fizeram-se de vella, com tres naus apenas, e cento e oitenta homens, muitos feridos e doentes; e tendo caminhado umas vinte e cinco leguas, resolveram-se a queimar uma das naus, passando todos para as outras duas; na paragem onde isto executaram chegaram-se a elles muitos paráos, com gente que não tinha linguagem que se entendesse; e navegando ávante por entre ilheos, foram surgir a uma ilha chamada *Carpayam*, onde ha muito ouro. Aportando alli fallaram com a gente da terra, e trataram pazes com ella; Carvalho lhes deu o batel da nau que haviam queimado: tomaram aqui alguns refrescos da terra, e navegaram mais a Les-sudoeste, topando com a *Ilha de Caram*; mais adiante no mesmo rumo, viram uma grande ilha; correram ao longo da sua costa ao Noroeste, e tentaram abordar para tomar mantimentos, que apenas tinham para oito dias; mas a gente da terra bateu-os com frechas de canas tostadas, e tornaram ás naus.

Acordaram então em ir buscar mantimentos a alguma terra já conhecida; mas soprando-lhes o vento contrario, quando iam já a perto de uma legua de onde queriam, viram que de terra os chamavam; mandaram os bateis, e estando fallando para terra por signaes, receiando desembarcar, offereceu-se um tal João de Campos para ir a terra, dizendo que, se o matassem, elles nada perdiam, e Deus se lembraria de sua alma, e se o não matassem, e elle visse mantimentos, buscaria o meio de os trazer, o que assim se concordou. Foi pois a terra, onde o internaram mais de uma legua; toda a gente d'esta ilha de *Dyguasam* o vinha vêr e lhe dava de comer; e vendo o christão que da gente era favorecido, deu-lhe a entender por signaes, que levassem mantimentos ás naus, que lhe seriam bem pagos, mas somente alli havia abundancia de arroz por pillar, o que conseguiram fazer a uma boa porção em toda

a noite, levando-o de manhã ás naus com o dito christão. N'este tempo veiu outra gente de um logar proximo, dizendo que fossem á sua terra, onde lhe dariam muitos mantimentos por seu dinheiro; foram a este logar chamado *vay palay curara cambam*, onde Carvalho fez pazes com a gente da terra, que lhe deu muito arroz a rasão de 114 arrateis por cada tres braças de lenço de Bretanha, e ainda levaram muitos porcos e cabras. Vindo depois ter aqui um mouro que estivera em *Dyguasam*, foram com elle para este logar. Estando surtos ahi, veiu a elles um parão, onde vinha um negro chamado Bastiam, que fallava portuguez e que lhes pediu uma bandeira e um cartaz para o governador de *Dyguasam*: deram-lhe isto e mais presentes; pedindo-lhe que visto ter estado em *Maluco* os guiasse a *Borneo*; não se recusou, mas escondeu-se na occasião de partirem. Fizeram-se, não obstante, de vella a 21 de julho a buscar *Borneo*; e encontrando um parão que para alli vinha, o tomaram, com tres mouros pilotos, que os encaminharam.

Governando ao Sudoeste, toparam com duas ilhas, a *bulina* do lado do norte e a *bamdym* do Sul. Navegando a Les-sudoeste, chegaram a uns baixos, e os pilotos disseram que se encostassem para a costa da ilha que era mais fundo, e d'ahi veriam já a ilha de Borneo. Umás duas legoas distantes d'esta encontraram duas a que chamavam os *Ilheos de S. Paulo*. Passaram depois junto a Borneo, que os mouros indicaram, mas não se poderam aproximar por ser o vento contrario. Fundearam n'uma ilha distante oito leguas; e no seguinte dia passaram a Borneo, onde enviaram os mouros pilotos e um christão a terra em bates; foram apresentados ao Rei de Borneo, que os recebeu bem. No outro dia foram acompanhados ás naus por dois parãos, cada um com cem homens, e traziam cabras, gallinhas, duas vaccas, figos, e outras fructas. Trataram os portuguezes pazes, e lhes pediram, por venda a dinhei-

ro, algumas mercadorias, especialmente cêra, o que lhes não foi negado. Mandaram depois um presente ao Rei por Gonçalo Mendes de Espinosa, que recebeu muitos pannos da China. Depois de vinte e tres dias de alli estarem, vieram fundear perto d'elles cinco juncos, e no dia seguinte viram vir da cidade duzentos paráos; temendo então traição, fizeram-se de vella para os juncos, que tambem executaram o mesmo, fugindo; mas sempre tomaram um d'estes, com vinte e sete homens, que á noite foi mettido no fundo por um grande temporal. Na seguinte manhã tomaram um junco mui grande capitaneado pelo filho d'El-Rei de *Lucam*, com noventa homens, dos quaes mandaram alguns ao Rei de Borneo, exigindo-lhe sete christãos que lá tinha, e que então lhe dariam toda a gente do junco aprisionado: mas apenas lhes remetteu dois em um paráo e replicando-lhe que mandasse os cinco restantes, esperaram dois dias sem resposta alguma. Tomaram trinta homens do junco que metteram no seu proprio paráo, e os mandaram ao Rei, e fizeram-se de vella com quatorze homens e tres mulheres dos aprisionados; governando ao longo da costa, e torneando a ilha, tomaram um pequeno junco com côcos. Acharam depois uma ilhota com muito bom porto onde fundearam as naus, e lhe pozeram o nome de *Porto de Santa Maria d'Agosto*, por alli chegarem dia da Senhora d'Agosto. D'aqui governando ao Sudoeste avistaram a ilha de *Fagajam*, e depois a de *Saloque* onde tinham noticia de haver muitas perolas, mas não a puderam abordar pelo vento que lhes soprou de prôa. Esta mesma noite passaram entre as ilhas de *Quipe* e *Tangym*, encontrando alli um paráo carregado d'um pão que é feito do lenho de uma arvore semelhante á palmeira, e chamado pão de *sagu*; este paráo trazia vinte e um homens, dos quaes o principal havia estado em Maluco, em casa de Francisco Serrão, que era um portuguez muito amigo de Fernão de Magalhães, e que o induziu á viagem, de que não viram

ambos o resultado, visto que Serrão foi antes envenenado em Tydore. Caminhando mais, chegaram as naus a abordar uma ilha, onde um velho se offereceu para os levar a Maluco, mediante certo premio; mas depois o velho quiz fugir e o prenderam, bem como a outros pilotos que o acompanhavam; e a final fizeram-se de vella. Quiz a gente da terra perseguil-os, mas o vento foi-lhes favoravel e os livrou. Passando uma noite mui proximos da terra o velho deitou-se ao mar e fugiu. Navegando ávante, em uma manhã, avistaram tres montes altos, e perto uma ilha, onde quizeram ir buscar agua, mas um dos mouros disse que aquella gente era muito perigosa, e que estavam já perto de Maluco onde os Reis costumavam dar bom agasalho a todos. Pouco depois avistaram as ilhas de Maluco, salvando toda a artilheria, chegaram á ilha de *Tydore* a 8 de novembro de 1521: gastando pois, dois annos, dois mezes, e vinte e oito dias de Sevilha a Maluco.

O Rei d'esta ilha fez-lhes muitas honras; trataram paz com elle, e tiveram liberdade para commerciar. Disse-lhes a gente da terra que alli perto n'outra ilha estava um portuguez que era principal de Maluco. Escreveram-lhe para que viesse alli, mas elle respondeu-lhes que o Rei da terra lh'o prohibia; mas tirando d'este licença. foi então, e ficou espantado do alto preço porque lhe disseram tinham comprado as fazendas. Estando assim carregando, desconfiaram pela demora do despacho, que houvesse traição, então muita gente das naus se alvoroçou, dizendo aos capitães que saíssem; porém, estando para desferir as vellas, veiu o Rei ter a bordo da capitania, e disse ao capitão que se não fossem, pois queria cumprir o ajustado; e fazendo-lhe o capitão vêr o receio de sua gente, elle mandou vir seu alcorão, sobre o qual fez juramento de os não atraiçoar, cumprindo depois fielmente o contracto. Estando para se fazerem de vella, abriu agua a capitania, e então concordaram em que ficasse para se reparar, e partisse a ou-

tra nau; esta saiu a 24 de dezembro de 1521, indo por *Timor*, cortou por detraz de *Java* tomando o caminho do *Cabo da Boa Esperança*, e veiu a Sevilha em setembro de 1522. A outra depois de concertada, tomou o caminho opposto, e dirigiu-se a *Yucatan*, ao isthmo de *Darien* ou *terra das Antilhas*; mas foi obrigada a voltar arribada para *Mahuco*, e estando a descarregar em *Ternate* para se reparar, ahi deu á costa.

Sabendo Gregorio da Quadra, capitão de um bregantim, que andava com Duarte de Lemos, capitão geral do mar d'Arabia, por causa d'uma grande cerração foi dar a Zeilla sem querer, ahi foram aprisionados todos os christãos, e levados a El-Rei d'Adem que estava então em Zibit, capital do seu reino, o qual os mandou metter n'uma masmorra onde estavam muitos captivos, e onde Gregorio da Quadra para se manter e aos companheiros começou a fazer carapuças de panno, que vendia. Passados annos veiu um outro Rei fazer guerra ao d'Adem, chamando-lhe usurpador, e o desbaratou, ficando em seu logar, e dando a liberdade aos captivos. Começando depois a ter afeição a Gregorio da Quadra, pelo seu porte, levou-o consigo a Medina, onde estavam os ossos de Mahomet, a cumprir uma romaria que tinha promettido, se obtivesse a victoria. Chegados a Medina, e havendo dois dias que partira a caravana para Damasco, pediu Gregorio da Quadra ao Rei que o deixasse ir com ella, sob pretexto de visitar os ossos dos netos de Mahomet que estão na Persia; o que o Rei lhe concedeu, (ainda que de má vontade) dando-lhe dinheiro e mantimentos para a viagem. Despedindo-se do Rei, tomou Gregorio da Quadra seu caminho pelos desertos; faltando-lhe os viveres no meio de um areal, postou-se de joelhos, e julgando-se no termo da vida, pedia perdão a Deus dos seus peccados; e arrastando-se depois ao cume de um outeiro, descobriu logo muita gente e camellos, de uma caravana

que estava tomando agua. Dirigiu-se a elles pedindo-lhes de comer, ao que satisfizeram e o trataram com muita charidade; quando lhe disse para onde ia levaram-n'o a Babilonia d'onde veiu a Baçorá, e d'alli a Ormuz, cuidando os mouros que elle era Ermitão Arabio. D. Garcia Coutinho, commandante da fortaleza d'Ormuz, fez-lhe muitas honras dando-lhe logo passagem para a India em naus prestes a partir. A narração que elle fez a El-Rei D. Manoel do que tinha visto e passado, deu causa a que El-Rei o mandasse ao reino do Congo, e d'elle á côrte do Rei do Abexi, com que desejava communicar-se a mudo; e deu-lhe cartas de credito, e instrucções para com elle tratar ácerca da guerra contra o turco e fortalezas que tencionava fazer nas costas d'Arabia e Ethiopia.

Partindo Gregorio da Quadra de Lisboa, o seu navio dirigiu-se ao Rio Zaire, que banha parte do reino de Congo, e que é o maior e mais largo que se conhece. Caminhando depois umas sessenta leguas pelo sertão, chegou á côrte d'El-Rei do Congo, a quem entregou as cartas d'El-Rei D. Manoel, recebendo mui bom acolhimento; mas não lhe deu resposta alguma sem consultar o seu conselho, que constava só de portuguezes; e os quaes zelando bem pouco o seu Rei natural, aconselharam ao de Congo, que por modo algum deixasse seguir aquelle caminho a Gregorio da Quadra, porque, se o descobrisse, ficasse certo de que, desejando El-Rei D. Manoel prompta correspondencia com o Rei do Abexi, lhe havia de ir tomando o seu reino pouco a pouco, bem como aos que se fossem seguindo até lá, para ter aquella carreira livre de Congo para Abyssinia, pela Africa. Foi por tanto mandado logo Gregorio da Quadra, para Portugal, com a resposta a El-Rei D. Manoel, que achou morto.—E enfadado dos trabalhos mundanos, se metteu frade em S. Francisco dos Capuchos descalços, onde acabou a vida como bom e catholico christão.

Estando El-Rei D. Manoel na cidade de Lisboa, no mais alto e prospero estado que um Rei podia desejar, tendo conquistado todas as provincias maritimas desde Gibraltar até ao mar d'Arabia, Persia, da India, e varias ilhas ; com muitos embaixadores em sua côrte de todos os Reis, principes e senhorios do Europa, do Summo Pontifice, e de muitos Reis e senhorios d'Africa, Asia, etc. ; com muita riqueza de ouro, prata, e especiarias, vindas em cada anno das conquistas ; bemquisto e amado dos seus, e dos mais das nações onde chegou a fama de sua real pessoa ; casado a terceira vez com uma das mais famosas princezas da Christandade, irmã do mór senhor de toda a Europa, com seis filhos e tres filhas, do segundo e terceiro matrimonios, todos lindos e virtuosos :—foi Deus servido leval-o d'esta vida aos 13 de dezembro de 1521, dia em que é celebrada a festa de Santa Luzia.—Falleceu nos paços da Ribeira, de uma febre, que lhe durou nove dias, findos os quaes deu a alma a Deus, na idade de cincoenta e dois annos, seis mezes, e treze dias, tendo reinado vinte e seis annos, um mez e desenove dias.

Estiveram presentes a seu fallecimento : D. Affonso de Portugal, bispo de Evora ; D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, bispo de Lamego ; seu capellão-mór, fr. Francisco de Lisboa, ministro provincial da Ordem de S. Francisco ; fr. George Vogado, da Ordem de S. Domingos, seu confessor ; e muitos outros religiosos. Os seculares foram : o duque de Bragança, D. Jayme, seu sobrinho ; D. George, mestre de Sanctiago, filho bastardo d'El-Rei D. João II ; D. João de Lencastre, seu filho, que era então marquez de Torres Novas, e agora duque d'Aveiro ; D. Fernando de Menezes, marquez de Villa Real ; D. Pedro de Menezes, conde d'Alcotim, seu filho ; D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso ; D. João de Vascóncellos, conde de Penella ; D. Manoel Pereira, conde da Feira ; D. João da Silva, conde de Portalegre ; D. João de Menezes, conde de Tarouca ;

Prior do Crato, seu mordomo-mór; D. Martinho de Castelbranco, conde de Villa Nova; D. Diogo Lobo, barão d'Alvito e D. Pedro de Castro, vedores da fazenda; D. Francisco de Lima, visconde de Villa Nova de Cerveira; D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, que depois foi conde de Linhares; João da Silva, regedor da casa da supplicação; D. Alvaro de Castro; D. Diogo Noronha, alcaide-mór d'Obidos; Diogo Lopes de Lima, alcaide-mór de Guimarães; e mais algumas pessoas.—A rainha D. Leonor sua mulher; a infanta D. Isabel, e o principe D. João, seus filhos, acompanharam-n'ò os primeiros dias da doença; mas vendo D. Nuno Manoel, seu guarda-mór, que os medicos o desenganaram, fez recolher a rainha, a infanta e o principe para uma camara visinha. Ao nono dia lhe começaram os signaes de morte, conservando até fallecer tão perfeita memoria que repetia os psalmos com os prelados e religiosos, que resavam em volta da cama, fallecendo ás nove horas da noite. Deixou por seus testamenteiros, D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, e D. Martinho de Castelbranco, conde de Villa Nova de Portimão; com o corpo ficaram os prelados e religiosos presentes ao fallecimento, até que foi levado para o mosteiro de Belem, que elle começou a edificar de novo para sua sepultura, e da rainha D. Maria, sua mulher e filhos; e por não estar acabado o corpo da egreja o lançaram na velha em sepultura raze, por elle assim o ordenar; d'onde depois El-Rei D. João III, seu filho, fez trasladar os ossos para a nova. Levou o devido acompanhamento no seu funeral, e immenso povo com muitas lagrimas pela perda de tão bom Rei.

OS PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

OU

HISTORIA CHRONOLOGICA

DOS

**Descobrimentos, Navegações, Viagens e Conquistas
dos Portuguezes**

NOS

PAIZES ULTRAMARINOS

Desde o Principio da Monarchia até ao seculo actual

OBRA CLASSICA E ORNADA DE ESTAMPAS

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO IV

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50 — Rua Augusta — 52

1878

OS PORTUGUEZES

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

HISTORIA CHRONOLOGICA

Reconhecimento dos Paizes Ultramarinos

PAIZES ULTRAMARINOS

DESA CLASSICA E DE SA DE ESTADOS

TOMO IV

LIVRARIA DE AVANTO MARIA PRIMEIRA

Typographia Luso-Hespanhola — Travessa do Cabral, 35, LISBOA.

RESUMO HISTORICO
DAS
DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

Na Africa, Asia, America e Oceania

CAPITULO I

ANNOS DE 1522 E 1523

SUMHARIO

El-Rei D. João III, succede a seu pae, o inclito Rei D. Manoel. Diogo Lopes de Sequeira entrega o governo da India a D. Duarte de Menezes, e parte para Portugal. Os Portuguezes lançam os primeiros fundamentos da cidade de S. Thomé, a pouca distancia da antiga Meliapôr na Costa de Coromandel. Partida de Antonio de Brito para as Ilhas de Maluco; descripção d'estas. Antonio de Brito funda a fortaleza de Ternate nas Molucas, e ajusta artigos de paz e commercio com a Rainha, que, por seu filho que era menor, governava a Ilha. Viagens de Antonio Tenreiro; o

qual saindo de Ormuz, em companhia de Balthasar Pessoa, esteve na Persia, passou depois á Armenia, veiu á Syria, ao Cairo, á Alexandria, e á Ilha de Chipre; d'onde voltou ao continente e regressou a Ormuz. Faz El-Rei D. João III doação do Reino de Ormuz a Mahumede Xaa, filho mais velho de El-Rei Çafadim Abanader, em 19 de Agosto do anno de 1523. Os Portuguezes tomam a cidade de Xael.

El-Rei D. João III, subiu ao throno quando apenas contava dezenove annos de idade, achando o paiz mui rico e abundante, e os seus subditos muito contentes com as vantagens, que começavam a adquirir das suas novas descobertas e conquistas.

N'este reinado pois continuaram os gloriosos triumphos dos Portuguezes.

Diogo Lopes de Sequeira, regressou a Portugal, entregando o governo geral da India a D. Duarte de Menezes, e embarcando-se com D. Aleixo de Menezes, outros muitos fidalgos que tinham finalisado o tempo dos cargos que na India exerciam, e alguns que queriam vir pedir recompensas de seus serviços; e em Dezembro de mil quinhentos e vinte e um se partiram de Cochim para Portugal, não constando successo algum notavel ácerca d'esta viagem.

Foi no anno de mil quinhentos e quatorze que os Portuguezes começaram a ter algum commercio na costa de Coromandel; e foi este augmentando progressivamente até que em mil quinhentos e vinte e dois conseguiram estabe-

lecer as principaes bazes para principiarem a construir a cidade de S. Thomé.

Sabendo Antonio de Brito que estavam Castelhanos em Maluco, e que se demoravam na terra, temeu que ganhassem mais força do que tinham, e requereu então a D. Garcia Henriques da parte d'El-Rei de Portugal, por quanto levava pouca gente para pelear contra os Castelhanos e os da terra, que fosse com elle, levando a gente que tinha para o coadjuvar. E vendo D. Garcia Henriques que aquillo era serviço d'El-Rei accedeu logo ao pedido, de mui boa vontade, sem lhe lembrar o muito que perdia da sua fazenda em não ficar em Banda, onde Antonio de Brito assentou amizade e trato com os da terra; para memoria do que, mandou levantar alli um pilar de cantaria com as armas reaes, depois de ter resolvido a gente da terra a consentir-lh'o. Chegando o mez de maio em que havia a monção favoravel para Maluco, partiram Antonio de Brito e D. Garcia Henriques, com mais uns trezentos homens, em uma armada que constava de oito vellas; e seguindo sua viagem chegaram a final ás Ilhas de Maluco que distam cem legoas de Banda. As principaes Ilhas chamadas de Maluco são cinco, que dão o *cravo da India* tão estimado em toda a parte; sendo seus nomes os seguintes: *Bacham*, *Maquiem*, *Montel*, *Tydore*, e *Ternate*; estão todas debaixo da equinocial, ficando as de *Ternate* e *Bacham* nos extremos, e as outras tres no meio d'ellas; sendo a de *Ternate* a maior de todas.

Todas estas Ilhas são muito espraçadas nas suas margens; vão depois amontanhando algum tanto até duas legoas pelo sertão dentro; e d'aqui por diante são as serranias tão grandes, as rochas tão altas, e os arvoredos tão vastos e cerrados, que se tornam inhabitaveis. Em todos estas Ilhas ha minas de enxofre; e na de *Ternate* ha um grande vulcão que lança continuamente lavaredas espantosas.

Nas duas legoas de extensão que são habitadas em cada uma das Ilhas ha muito arvoredado bravo, e entre este é que se criam as arvores que dão o *Cravo*, que é mais abundante nas de *Montel* e *Maquiem*. As arvores do *Cravo* são pelo tamanho das nogueiras, e em terem os troncos lisos e a ramagem mui copada se parecem com as larangeiras; mas o feitio das folhas se assemelha ás do loureiro; o *Cravo* nasce formando uma especie de pinhas como a madre-silva, sendo primeiramente de côr verde. Os homens que o apanham, sobem ás arvores e com umas canas de forquilha o vão colhendo e deitando em cestinhos que para isso trazem á cintura; com cuja apanha se quebram todos os raminhos e gomos, de modo que no anno seguinte não dão estas arvores fructo, e somente se reformam para o darem no outro anno. Apanhado o *Cravo* o deitam ao sol a corar, onde anda muitos dias até que se torna roxo, e depois negro como o vemos, [de o horrifarem com agua salgada. Ha tambem outras arvores chamadas *sagus* de cujo miolo se faz pão; depois de tirado o deitam em jarras com agua salgada, e passados alguns dias o seccam ao sol, depois o móem, e da farinha fazem pão semelhante ao de rála em côr e sabor.

Outras arvores ha diversas n'estas Ilhas, das quaes umas dão vinho, outras azeite, e outras fructas. Ha grandes canaveaes, que dão canas de bastante grossura, e cheias d'uma agua mui bella; de modo que, quem vae pelo matto e lhe dá sede, faz um furo n'um canudo, e alli applica a bóca para beber. Ha tambem outras canas, de que os habitantes se servem para n'ellas acarretar agua, vinho, e azeite, e mesmo para fazer o comer; dão canudos d'uma grossura espantosa e do comprimento de um covado a covado e meio; levando na sua capacidade umas sete a oito canadas de liquido.

Ha n'estas terras muito poucos mantimentos, e esses

mesmos quasi todos vão de fóra ; resultando isto de seus povos se entregarem exclusivamente á guerra. Porém a terra é alli tão fertil e viçosa, que em caindo a folha ao arvoredo logo começa a rebentar de novo, sem tempo algum de espera, de modo que nunca as arvores estão sem folhas. As cabras e os porcos, que veem de fóra, parem duas vezes no anno e nunca menos de dois filhos ; e d'estes as cabrinhas e leitôas, ainda mamam quando logo emprenham. E' tamanha a fertilidade d'estas terras, que todas as mulheres, alli concebem mesmo as que pareciam estereis n'outros paizes. Existem n'estas Ilhas uns certos bichos a que os naturaes dão o nome de *cuços*, que são semelhantes aos coelhos sendo tambem muito bons para comer, e que teem uma especie de bolças na barriga, onde trazem os filhos quando parem, podendo correr e saltar d'umas para outras arvores sem que elles lhe caiam. Teem pescas muito bellas e abundantes ; entre ellas a d'uns caranguejos do tamanho das santollas, e com umas bolsas semelhantes aos pescoços das lagostas ; estes peixes veem do mar ao matto em busca d'uma fructa chamada *Canaria*, que tem casca como as amendoas, e que elles partem com os dentes ; são estes peixes mui gordos e gostosos para comer ; pescamos ao candeio quando á noite saem para terra, pois que elles vendo a luz ficam quietos, e então os apanham e os conservam vivos por muito tempo dentro d'uma jarra dando-lhes côcos a comer.

Não obstante haverem n'estas Ilhas poucos mantimentos, no entanto, esses mesmos que ha, nunca falecem, nem ha n'ellas fome, porque vae a gente buscar cada dia ao matto o comer de que tem necessidade, vivendo assim como nas idades primitivas.

São todas estas Ilhas muito fortes tanto pela natureza propria como tambem pelo artificio, tendo portos mui difficultosos de se entrar. As povoações acham-se estabelecí-

das pela fralda do mar nas duas legoas, que já disse pelo sertão, e as mais d'ellas são mui fortes, cercadas de muralhas com fosso adiante e torres de madeira. Sómente as paredes das cazas que servem para as mesquitas é que são construidas com pedras: as outras são de terra. Os habitantes são Mouros, modernamente pertencentes á seita de Mafoma, pois que d'antes eram gentios; são prêtos; teem uma linguagem commum; andam mui bem ataviados; e d'ordinario não são capazes para os trabalhos mechanicos, porém são bastante engenhosos.

São muito valentes e aguerridos, e muito crueis na guerra, onde os paes matam os filhos e vice-versa, e aos inimigos que assassina, lhes cortam as cabeças, que penduram ao pescoço pelos cabellos, em signal de bons cavalleiros, e sem isso não são tidos por taes nem ganham honras. Quando teem de tratar algum negocio de circumstancia, ajuntam-se muitos a comer e beber, embebedam-se, e depois de bebados é que assentam no que hão-de fazer, considerando o mais bebado como o mais honrado.

Não possuem navios senão para empregarem na guerra, sendo estes mesmos movidos a remos; os maiores se denominam coras e joangas, sendo tão compridos que levam cento e oitenta remos por banda. Não teem juncos nem outros navios de alto bordo, visto que tambem não ha entre elles outra mercadoria que carregar para fora a não ser o *cravo*, que não levam por lhe faltarem navios para isso; e os da Ilha de Banda o iam lá buscar em seus juncos, comprando-o muito barato a troco de pannos da India para vestuarios, que levavam a Banda os mercadores de Malaca, recebendo em troco a nóz, a maça e o cravo.

Os Reis d'estas Ilhas seguem a seita de Mafamede, segundo a qual, casam com muitas mulheres, tendo sempre uma como a principal. Todos os fidalgos da côrte, a que chamam alli mandarins, se vestem ao modo malaio, e os ba-

jus são de seda mui rica, com botões de ouro e pedraria pelas dianteiras e mangas. Trazem argolas nas orelhas, no pescoço collares ou cadeias de ouro, e nos braços usam de manilhas. As mulheres vestem-se tambem por este modo, trazendo nas cabeças sombreiros guarnecidos de ouro e pedraria, e para as festividades levam corôas de ouro; usam por dó pannos brancos, a que chamam fisas, feitos de cascas d'árvores, e nos braços manilhas de rota de Bengala, que são canas mui delgadas; rapam quantos cabellos teem no corpo e untam-se com oleos cheirosos, trazendo sempre lenços atados nas cabeças. Servem-se com um grande estado, posto que tenham pequenas rendas. E da mesma maneira usam os senhores seus vassallos, que se denominam Sangages, e bem assim os regedores: porque cada rei tem seu regedor que toma cuidado das cousas do reino, tanto durante a paz como em tempo de guerra. A gente baixa tem os reis por tão grandes senhores, que até os julgam divinos, de modo que quando passam por diante d'elles tapam os olhos e se deitam no chão de bruços, por não ouzarem vê-lhes o rosto; chamam-lhes sol, lua, ou outros nomes de cousas que elles teem por muito importantes e grandes.

De todos os reis d'estas ilhas, sómente o rei de Ternate era amigo de el-rei de Portugal; e por isso lhe mandou pedir que mandasse construir uma fortaleza na sua terra, e não quiz travar amisade com os castelhanos.

Chegando Antonio de Brito a estas ilhas, no fim de maio, e sabendo que na de Tydore se achavam os castelhanos, que ficaram ahí com feitoria das duas náos da armada de Fernão de Magalhães, quiz lá ir antes de entrar em Ternate, com o fim de tirar d'alli aquella feitoria, que devia fazer grande prejuizo a el-rei de Portugal. Dirigindo-se com effeito a Tydore com toda a armada que tinha, apoderou-se dos castelhanos, que já nada tinham que feitorisar, fa-

zendo-lhes tão bom agasalho, como se fossem portuguezes. Foi depois para a ilha de Ternate, cujo rei tinha já fallecido; e suspeitava-se alli que fôra el-rei de Tydore seu sogro que o envenenára em um banquete, por não querer ser amigo dos castelhanos como elle era. E governava então a rainha, por um seu filho herdeiro, que não tinha mais de sete annos.

Quando chegou ao conhecimento da rainha que Antonio de Brito tinha chegado á barra da sua cidade, mandou-lhe immediatamente dar as boas vindas pelo regedor do reino, e ao mesmo tempo dizer-lhe que, posto que el-rei seu marido tinha fallecido, com tudo, elle antes de sua morte, lhe havia recommendado a ella muito que, se os Portuguezes ali viessem para fazer alguma fortaleza, lhes prestasse bom agasalho, deixasse que elles a construissem onde quizessem, e lhes desse toda a ajuda de que tivessem necessidade, e que assim o havia de cumprir. Antonio de Brito lhe mandou agradecer muito; e vendo as bellas disposições da rainha, se determinou, aconselhado mesmo por D. Garcia Henriques e outros capitães, a mandar construir a fortaleza n'aquella ilha; começando logo por pedir licença á rainha para desembarcar, a fim de ir examinar e escolher o sitio mais apropriado para a dita construcção: a licença lhe foi logo concedida pela rainha de muito boa vontade, e ella lhe mandou fazer um pomposo recebimento pelos seus mandarins.

Escolhido por Antonio de Brito o logar para a fortaleza, principiou por fazer uma muralha para se abrigar com a fazenda que trazia e a artilheria, em quanto se fazia a fortaleza. Mas antes d'isso assentou com a rainha e com outros, em nome do rei da terra, que este consentia em dar um logar a el-rei de Portugal junto da sua cidade, para ali estabelecer uma feitoria, com roupas e outras cousas que os Bandanezes para ali traziam, de modo que a terra

ficasse sempre abastecida das taes mercadorias, e com a condição de que o cravo da India se não vendesse a outros estrangeiros; e de tudo isto se lavraram escripturas que foram assignadas por ambas as partes.

Antonio de Brito, porém, não se fiando muito na rainha, por ser filha do rei de Tydore, que tinha muita amisade com os castelhanos, quiz ter da sua parte algum individuo da terra, para que o avisasse quando se desse o caso de a rainha lhe querer fazer alguma traição; e o encarregado d'isto foi um Cachil de Aroés, filho bastardo do rei que fôra de Ternate, pae do menino que reinava. E concordando elle com Antonio de Brito que o ajudaria, com tanto que trabalhasse para que elle fosse regedor do reino; esforçou-se tanto n'isto Antonio de Brito, que chegou a conseguir-o, posto que contra a vontade da rainha e dos que a rodeavam.

Desde então ficou a rainha querendo sempre mal a Antonio de Brito, e esperando occasião favoravel para lhe poder fazer damno; no que trabalhava secretamente com seu pae el-rei de Tydore, porque tinha grande magoa de ver regedor Cachil d'Aroés, que lhe tirava o mande que d'antes tinha; e este individuo, favorecido por Antonio de Brito, queria absolutamente fazer-se senhor do reino, avisando a Antonio de Brito de tudo o que se passava e do que devia fazer, de tal modo que, a não ser elle, segundo as guerras que depois fizeram a Antonio de Brito, este nunca teria conseguido a construcção da fortaleza, nem se teria podido demorar no paiz.

Depois de Antonio de Brito ter conseguido fazer regedor de Ternate a Cachil d'Aroés, ter concluido a muralha a que primeiro se dedicou, mettido dentro toda a fazenda e artilheria que trazia, e recolhido a sua armada para dentro do porto; foi então que começou a construir a fortaleza.

leza em o mez de junho do anno de mil quinhentos vinte e dois no dia de S. João Baptista.

Estando presentes El-Rei de Ternate e todos os seus Sangages e mandarins, com muita gente do povo, depois de se ter dito uma missa com a maior solemnidade e reverencia, foram abertos os alicerces e assentadas as suas primeiras pedras no meio d'um grande clamor produzido pelo toque das trombetas e o salvar de toda a artilheria. Por esta occasião foi Antonio de Brito muito coadjuvado por El-Rei de Ternate e El-Rei de Geilolo; posto que com pouco resultado, por isso que a gente d'estas terras não serve para estes trabalhos.

Antes d'este anno, e depois d'elle, já os Portuguezes tinham descoberto e continuaram a descobrir muitas das Ilhas d'aquelle vastissimo archipelago, posto que ignoramos as datas precisas de muitos dos descobrimentos. Estes porém foram em tanto numero, que já um antigo escriptor Portuguez queria que se lhes desse o nome de «Asia Insular», e que se distribuíssem em cinco provincias, a saber: «provincia de Maluco, de Amboino, do Moro, dos Papuás, e das Celebes ou Macassar.» Pelo que não parece de todo original a lembrança dos modernos geographos, que tem feito de todas aquellas terras e mares uma *quinta parte do mundo*, a que dão o nome de *Oceania*, dividindo-a em *Australia*, *Polinesia* e *Asia Insular*.

Antes que o Reino de Ormuz fosse ganho por El-Rei D. Manuel, pagavam os Reis d'Ormuz pareas ao Xequé Ismael ou Sufi, como agora lhe chamam; depois deixaram de lh'as pagar. E querendo El-Rei D. Manuel saber o que rendia a Alfandega d'Ormuz, pôz-lhe officiaes portuguezes, em tempo que Diogo Lopes de Sequeira governava a India. Pelo que o Rei de Ormuz mandou offerecer ao Sufi as pareas que pagava aos portuguezes, comtanto que o aju-

dasse contra estes ; mas quando chegou o soccorro do Sufi, já o Rei de Ormuz era morto e substituido por um mui concorde com os Portuguezes. Vendo os capitães do Sufi que iam de balde, vingaram-se em aprisionar tudo o que ia para Ormuz ; perdendo muito com isto o Rei de Ormuz nas suas rendas, se escusava ao Governador então da India, D. Duarte de Menezes, de não pagar as pareas a Portugal. Para remedear isto, mandou o Governador uma Embaixada, por um homem de muito merecimento, chamado Balthasar Pessoa, que partiu da Cidade de Ormuz, levando consigo um Mouro, creado do Sufi, chamado Abidal-califa ; ia por escrivão da Embaixada, Vicente Correia, e por lingua um tal Antonio de Noronha, que sendo Judeu se tinha feito Christão por sua livre vontade. Ia por sota do Embaixador um João de Gouveia e mais uns quinze homens Portuguezes, entre elles Gaspar Milheiro e Francisco Callado, Capellão, etc.

Vendo Antonio Tenreiro avisar o Embaixador para a partida, determinou ir em sua companhia, tanto pelo desejo que tinha de viajar, como por ser obrigado mesmo a mudar de terra em consequencia d'umas brigas que tinha tido com outro individuo.

Partiram pois de Ormuz para a terra firme, em um Domingo, primeiro de Setembro, ás dez horas, em galé Real, ao som de muitas trombetas e desembarcaram em um lugar chamado Bandel, que na nossa lingua quer dizer porto, com casas de palhoça, habitado por gente pobre, que ali tem os mercadores de Ormuz para lhes apanharem as tamaras de que a terra é bem provida. Demoraram-se alli alguns dias, tomando o Embaixador cavalgaduras para os da comitiva e camellos para conduzir as bagagens e mais coisas necessarias para a jornada.

Sahindo d'aqui caminharam ao longo do mar, para o No- roeste, umas cinco ou seis legoas por terra despovoada, e

ahi encontraram uns poços d'agua; não se viam casas e apenas umas poucas de palmeiras.

Pozeram-se a caminho, e tendo andado tres jornadas pelo mesmo modo, chegaram a um logar chamado Cabrestão, onde havia alguns palmares e poços d'agua dôce, junto a elles uma grande casa terrea de abobada com quatro portaes, e ao pé uma cisterna mui grande; a estas casas chamam na lingua Persiana, Caravansarás, que quer dizer pousadas de Cafilas e Estrangeiros. Estas casas costumam fazer os Mouros honrados, por suas almas, para darem pousada aos viajantes. Este logar está ao longo da costa, sendo ainda do Senhorio de Ormuz.

Affastando-se do mar para o Norte, e indo por serras e valles, onde achavam apenas alguns palmares de tamaras e poços d'agua dôce, chegaram, tendo andado perto de duas jornadas a uma Cidade, que se denomina Lara; está fóra dos limites de Ormuz, e é Reino da Persia; ficando situada entre umas serras, mais para o Occidente do que Ormuz, e sendo toda cercada d'uma muralha mui forte de pedra e gesso; abunda muito em tamaras e cevada, e tem tambem algum trigo, mas pouco; aqui se bate a moeda chamada *Larim*, que vale treze vintens. Dizem os habitantes de Lara, que o Grão Tamerlão, que começando por ser recoveiro, chegou a ser Rei de toda a Persia, e captivou o Grão Turco, fôra natural d'esta cidade. Nos arrabaldes de Lara aposentaram o embaixador e sua comitiva, mas do Rei da terra é que não foi muito bem recebido. Alguns Mouros, mercadores, mandaram ao embaixador presentes de mantimentos da terra. Demoraram-se aqui alguns dias, onde pela mudança do clima estiveram muito doentes, mas logo que todos se acharam restabelecidos, o Embaixador, tendo comprado alguns cavallos seguiu a viagem.

Saindo de Lara para o Noroeste, andaram tres jornadas

por maus caminhos, soffrendo grandes ventanias e sem vêr cousa alguma notavel. Dormiram uma noite n'um valle, perto d'uma ribeira, n'uma terra deserta onde os recoveiros diziam haver muitos leões, que de noite matavam as bestas das Cafilas que alli repousavam, mas como tiveram muitas vigias sempre e accenderam muitas fogueiras, nenhum insulto soffreram. Esta ribeira corria de Leste para Oeste, indo entrar no mar do Sino Persico. Ao outro dia partiram d'alli, e andando algum caminho vieram a encontrar terra povoada de aldeias e logares grandes de lavradores, e junto d'ellas fortalezas e cisternas d'agua de chuva, servindo estas fortalezas para refugio dos habitantes contra os ladrões, que veem aos bandos, e nunca menos de cem. Estes ladrões são Turquimães, naturaes do senhorio do Sufi; andam sempre no campo em Aduares; vivem por creações de gado, egoas e cavallos; é gente branca e ruiva; vestem panno d'algodão acolchoado e uns roupões mui justos que lhes dão pelo artelho, e que no inverno forram de pelles de rapozas. Andam em bellos cavallos e egoas que elles criam, bem armados de arcos, terçados e escudos, não usando de lança senão nas grandes batalhas.

Andam todo o anno continuadamente no campo, buscando os ares mais temperados, segundo as estações. Seguem a lei do Sufi, que se chama Rafavi, que é darem mais honra a Ali que a Mafamede: trazem carapuços vermelhos, a que chamam na sua linguagem turquesca *cazelbaras* (cabeças vermelhas).

Sahindo de Lara entraram n'uns campos largos que ficam entre duas serras, uma da banda do Sul vae ao longo do mar e Sino Persico, que não é muito alta e tem grandes mattas de cyprestes; e a outra da banda do Norte, vae d'ahi a mui longe, ficando o campo entre ambas. Este campo tem de comprido seis jornadas e lhe chamam o *coscojarde*, que significa em sua linguagem o *secco amarello*:

por elle caminharam cinco jornadas e repousaram junto dos Aduares, onde encontraram tudo o necessario; ha por estes campos toda a sorte de caças, leões, lobos e ursos, que fazem muito damno aos Aduares, com quanto sempre andem fechados, trazendo as tendas ligadas entre si, deixando no meio um curral onde encerram o gado de noite, e ficando rafeiros por fóra de vigia com chocalhos ao peçoço.

Passados estes montes, vieram dar a Xiras, Cidade do senhorio de Sufi, e antes que a ella chegassem, sahiram a receber o Embaixador cincoenta homens de cavallo dos principaes da terra, por ordem do Governador; vinham mui bem ataviados e em bellos cavallos, trazendo uns penachos que são feitos de certos passaros com as pennas muito lindas, que veem da India e de toda a Persia para servirem aos senhores e grandes Capitães, e não vale menos, cada um, de cincoenta a sessenta cruzados. Acompanharam o Embaixador á pousada que lhe foi destinada, que era nos arrabaldes da cidade em umas grandes casas, com bello pomar, horta e todas as arvores de fructas que ha em Hespanha. Aqui adoeceu o Embaixador e todos os que o acompanhavam, fallecendo uns tres ou quatro d'estes. Estiveram n'esta cidade alguns dias até convalescer o Embaixador, que foi mui bem curado pelos physicos Mouros da terra, os quaes são muito entendidos.

Esta grande cidade é a cabeça do Reino; é cercada d'uma muralha de pedra, derribada n'alguns sitios; é mui nomeada entre os Mouros no Reino da Persia, em tanto que dizem elles que quando Xiras prosperava, era o Cairo sua aldêa; os moradores d'ella são Turquimães e Persianos, gente alva e proporcionada em estatura; differençando-se na linguagem, porque os Turcos fallam turquesco, e os Persianos fallam a linguagem persia, que é mais agradável; vestem-se no inverno de algodão acolchoado e forrado de

pelles mais ou menos ricas, segundo as posses de cada um; uzam de sapatos ferrados nas sollas com muitos preguinhos. A terra é muito abastada de carnes, manteiga, trigo, cevada, arroz, e açafão; tem boas hortas e jardins, d'onde colhem, em abundancia, fructos e hortaliças. Criam-se alli muitos cavalloos que são vendidos na India. Ha n'esta terra um jardim que foi dos Reis passados, tendo duas leguas de circuito, onde existem cousas admiraveis, principalmente uns paços feitos de marmore, com vidraças excellentes, e lavores perfeitissimos, feitos de gesso e azulejo mui fino; arvoredos lindamente alinhados; uma rua de cyprestes tão grandes e juntos, que ao meio dia n'aquella rua parece noite escura; colhem-se n'este jardim mais de mil arrateis de rozas por dia; no meio ha um grande lago, e no centro d'este uma rica caza para recreio do senhor da terra.

N'esta cidade teve o Embaixador um solemne convite da parte do Governador, e á sua extravagante maneira. N'estes convites começam logo pela manhã a beber vinho sobre couzas de appetite, e dura isto até á meia noite, ou mesmo perto da madrugada: se o que o dá não cae de todo, até que se embebedam não cessam de beber vinho. Tem para estes convites bellas garrafas de prata e de ouro, e n'ellas encastoadas muitas turquezas e rubins por maravilhosa ordem. No convite ha sempre diversos instrumentos de musica, cantores e cantoras, que tangem harpas, e mais instrumentos bem acordados e suaves. Tambem se offerecem dadas de mui ricas peças uns aos outros, no que ha grandes ceremonias. Os convidados que entram se fazem passar por cima de ricos pannos de seda até aos seus lugares destinados. Quando estam quasi embriagados o convidador lhes apresenta cabaias de seda e brocadilhos, forradas de martas, espadas guarnecidas de ouro, e turquezas; despe os convidados e lhes veste os vestidos que dá, cingindo-lhes as espadas ricas; vem em seguida muitas iguarias variadas,

e alli finalisa o banquete. O Governador se admirou muito de ver o Embaixador e mais Portuguezes deitarem agua no vinho.

Partiram d'esta cidade para o Noroeste, sempre por entre serras e montanhas, ao longo d'uma serra muito alta a que os Mouros chamam Coaestander, que significa em Persiano serra de Alexandre, onde não ha couza notavel; no fim de cada jornada encontravam as taes grandes cazas a que elles chamam caravançarás, e n'algumas d'ellas estava um Mouro, que tinha alli os comestiveis necessarios tanto para os homens como para os cavallos; isto é, cevada e palha, passas, queijo, e uma comida feita de mel, amendoas e nozes, a que na Hespanha chamam torrão; davam alli aos viajantes comer de graça, e a primeira comida era logo pão e mel, e depois carne.

De Xiras caminharam umas vinte jornadas para chegar á cidade de Espayam, sempre livres de acomettimento de ladrões, visto que levavam uma grande recova de Mouros, e uns dez ou doze espingardeiros Portuguezes. A cidade de Espayam é cercada de muros de taipas francezas, seus habitantes são Mouros da seita de Mafamede, e brancos como os de Xiras; a terra tem muitos mantimentos e gados.

Descançando alguns dias n'esta cidade, caminharam depois para a Côrte do Sufi; na primeira jornada para o Norte, encontraram umas cazas mui grandes, onde habitava um Mouro velho. Este Mouro estava alli encarregado de cuidar de quatro onças mansas, ensinadas a caçar, que o Sufi estimava muito. Na segunda jornada, passando por um grande campo, viram um curucheo mui alto feito de caveiras de veados, e depois ainda encontraram mais alguns, que o Sufi mandava fazer do producto das suas grandes caçadas.

Chegaram á cidade de Cayxão, muralhada como a de Espayam, e habitada por Mouros Persianos e Turquimães, os mais d'elles mercadores e officiaes mechanicos; é terra

de muito commercio. Aqui aposentaram o Embaixador, e os Portuguezes, nos arrabaldes deshabitados da cidade, em muito boas cazas mandadas fazer antigamente por Mouros já defunctos. Em todas estas cazas existiam as sepulturas e ricos monumentos de seus respectivos donos. Aqui esperaram alguns mezes que chegasse a primavera, e então continuaram seu caminho para a Côrte do Sufi.

Atravessando esta ultima cidade, para o Oriente, a tres jornadas pequenas, deram com outra cidade denominada Hies. Seguindo caminho para o Nordeste de Cayxão, chegaram á cidade de Cum. Esta cidade é cercada de pedra e taipas; tem muitos mantimentos, fructas, e gados; e existem alli os celebres camêllos pretos de guedelha; os habitantes são Turquimães e Persianos, e seguem todos a lei de Ali e Mafamede. Por junto d'esta cidade passa uma ribeira, perto da qual está uma caravançará mui linda onde o Embaixador se demorou um dia e uma noite.

Partindo no outro dia, andaram umas tres jornadas e chegaram á cidade de Sabá, quasi já no fim da Persia. Esta cidade é muito antiga e muito grande, parece ter sido edificada por Gentios Gregos; tem muitas partes destruidas; é habitada por Mouros; é de terreno muito esteril, e apenas abunda em caças e veações. D'esta cidade vae um deserto para a banda do Poente, que vae dar junto do rio Eufrates e Babylonia. E d'esta cidade partiram por terras habitadas de algumas aldêas de Mouros Persianos Turquimães, até que chegaram á cidade de Meonaa.

E' esta uma cidade onde todos os habitantes são Mouros Turquimães e Persianos, que vivem do commercio, criações de gados e lavouras, porque teem do lado do Oriente mui largos campos; é terra mui fria no inverno, e de muitas neves; tem muitos pomares; e é do senhorio do Sufi. Dormiram aqui uma noite, e no seguinte dia tendo caminhado duas jornadas chegaram a outra cidade chamada Sul-

tunia, que é muralhada e tem bellos edificios, pelos quaes mostrava ter pertencido aos Gregos; é habitada da mesma gente que a antecedente, e tem muito commercio. Foi onde se refugiou o Sufi quando foi desbaratado pelo Grão Turco. E' terra fertil, de muitos mantimentos, e muitos gados.

D'aqui partiram para o Norte sempre por terras habitadas por gentes semelhantes ás antecedentes, até que tendo andado duas jornadas chegaram a uma cidade de grande comarca chamada Angam. E' esta uma cidade muito antiga, e habitada pelos mesmos povos das antecedentes, tem poucos mercadores, e a mais da gente vive da lavoura, e criações de gados. Estiveram aqui dois dias onde foi feita muita honra ao Embaixador por um senhor que alli estava chamado Casumbajandur de geração de Reis, e a quem de direito pertencia grande parte da Persia, que o Sufi lhe usurpara; fez aqui tambem um convite á maneira d'aquelle que já atraz descrevemos.

No dia seguinte partiram d'alli, acompanhados pelo senhor acima nomeado, que tendo caminhado uma boa legoa fez descavalgar o Embaixador e mais portuguezes, e no campo lhes deu outro convite de provizões que levava, acabado o qual se despediu mui cavalheiramente e voltou para a sua caza. Caminharam todo aquelle dia e grande parte da noite, e depois encontraram uma caravançarâ onde dormiram; no dia seguinte continuaram o caminho para Noroeste, e á noite dormiram n'outra caravançarâ em umlogar pequeno habitado de Turquimães, que se chama Turcumandil; aqui atravessaram uma ribeira grande que tem uma ponte pensil, e passaram a terras habitadas d'aldêas, indo dormir a noite seguinte n'um logar onde estão duas formosas caravançarâs, com ricos aposentos e camaras fechadas sobre si, com vidraças acabadas de novo, que a Rainha, mulher do Sufi, tinha mandado fazer. Esta terra é mui fria e estava coberta de neve, o que deu muito trabalho aos do Embaixador,

pois que lhe caíram as bestas de carga; succede alli muitas vezes morrer um cavalleiro regellado sobre o cavallo, e este o conduzir assim a grandes distancias. Caminhando d'aqui outra jornada para o Noroeste, por terras habitadas de muitas aldêas e logares, chegaram á mais notavel, grande e rica cidade, que ha em todos os dominios do Sufi, chamada Tabriz, que fica no fim da Persia, em uma provincia denominada Aldabana na linguagem persiana.

E' esta uma grande cidade situada para a parte do occidente entre duas serras, que depois se vão alargando uma para o Norte e outra para o meio dia; é plana, e não murada; tem bellas e nobres cazas de alvenaria e de taipas francezas, sobradadas e abobadadas, mas unicamente com frestas que lhe dão claridade, porque a terra é mui fria. Tem grandes jardins e pomares, muitas mesquitas e alcôões mui altos de cantaria lindamente lavrada. Apresenta grandes praças cubertas por cima onde habitam os mercadores e se contractam as mercadorias, porque a terra é de muito commercio; e tem arruamentos de todos os officios. A uma banda da cidade está uma grande cêrca com lindos pomares e hortas, onde estão as cazas do Sufi, que são uns paços feitos de alabastro e marmore finissimo, mui bem lavrados, e com ricas vidraças. Ao redor d'esta cêrca ha alamos muito altos e alinhados, e em partes grandes tanques onde andam cysnes e outros passaros. Os habitantes são Persianos e alguns Turquimães; tratam-se mui bem, e vestem ricamente. As mulheres são mui lindas, e bem tratadas; as honradas poucas vezes saem de caza, e quando isto succede vão a cavallo, com vestuarios riquissimos, e abertos até á cintura, ficando os peitos á mostra. O principal trato d'esta terra é em seda crua que vem d'outros reinos do Sufi, e d'aqui vae para a Turquia, e outras terras de Mouros e de Christãos. E' muito abastada de mantimentos de toda a especie, e tudo mui barato. Foram n'esta terra

agasalhados, os da comitiva do Embaixador, em ricas cazas com grande jardim, onde estiveram descançando alguns dias, sendo fornecidos pelo Governador de tudo o necessario.

Saindo d'esta cidade para o Oriente, caminharam muitas jornadas, até que chegaram a uma jornada de distancia do arrayal do Sufi; onde veiu ao Embaixador um recado dos Governadores do Sufi para que se aposentassem junto de uma ribeira, onde se armaram as tendas; e só passados dez dias veiu recado para partirem, o que logo fizeram; e tendo caminhado meia jornada, vieram receber os Portuguezes, muitos fidalgos Mouros a cavallo, trazendo muitas garrafas com vinho, maçãs e grandes caixas de confeitos; o que todos iam comendo e bebendo de paragem em paragem, gastando assim todo o dia para chegar ao arrayal do Sufi, onde foi indicado ao Embaixador o logar para as suas tendas. Depois d'isto, enviou o mestre salla do Sufi ao Embaixador, um cordeiro frito em manteiga, sobre arroz muito bem guizado, e com muitas especiarias, em uma porcelana mui grande, tapada com uma cobertura de ouro em forma de abobada; bem como duas jarras de bôcas estreitas, bem tapadas e selladas, cheias de bello vinho; e mandando dar as boas vindas a todos.

Passaram-se alguns dias antes do Embaixador poder falar ao Sufi nem a seus Governadores, que andavam occupados em ordenar um grande convite geral, mandado dar pelo Sufi a todos os grandes e pequenos de seus dominios; em que entravam tres Reis, a saber: o Rei de Gilam, o de Xirvam, e o de Mazandram, e dois Embaixadores do Reino de Gurgis, que são Christãos, e confinam com as ultimas terras do Sufi para a banda do Norte. A este convite chamam elles na sua linguagem mouros, que quer dizer, dia primeiro do anno; para o qual tinha o Sufi muitas provisões e vinhos finissimos; bem como vestidos de seda e

brocadilho, espadas guarnecidas de ouro, turquezas, rubins, cavallos com sellas guarnecidas de prata e forradas d'arminho, &c.; e isto para se repartir segundo o estado e merecimento de cada individuo. N'aquelle dia de manhã se armaram riquissimas tendas, sendo a destinada para o Sufi d'um esplendor admiravel e contendo muitos cochins de setim e alcatifas, para onde foram os Reis e Grandes Senhores fazerem companhia ao Sufi. N'esta tenda havia muitas alcatifas e sobre ellas muitas garrafas grandes de prata com vinho, e pequenas escudellas de prata para beberem; e diante do Sufi, garrafas de curo, e vasos do mesmo. E d'esta maneira se fez o convite. O Embaixador foi mandado assentar, com mais alguns Portuguezes que o acompanharam, (entre os quaes foi Antonio Tenreiro) defronte dos paços, estando o Sufi sempre com os olhos fixos no Embaixador e mandando-lhe ignarias por varias vezes. Gastaram n'este convite grande parte do dia, comendo e bebendo ao som de muitos instrumentos musicos.

No dia seguinte foram repartidos pelos Officiaes do Sufi todos os vestidos e mercês que elle mandava dar. Trouxeram ao Embaixador uma cabaya de brocadilho e uma capa feita á sua moda, e para os Portuguezes que estiveram no convite cabayas de setim de côres. N'este mesmo dia, mandou o Sufi levantar dois mastros mui altos e direitos, e na ponta de cada um uma vara delgada onde estava mettida uma maçã d'ouro de pezo de trinta cruzados, e do tamanho d'uma laranja; os Reis e Senhores estavam debaixo d'um lindo alpendre, e a fidalgaria atirava ás maçãs, ficando com ellas os que as derribavam, e substituindo-se outras; chegaram a gastar-se dois grandes caixões d'ellas. No outro dia ordenou o Sufi que lhe levassem o presente enviado pelo Governador D. Duarte de Menezes, e o de El-Rei d'Ormuz; este consistia em muitas peças de baetilha de Bengala, jarras de gengibre de conserva, alguns anneis de ri-

cos rubins e diamantes, uma porcelana de tamanho admiravel, &c., e aquelle constava de uma baixella de prata dourada, uma bacia de mãos, gomil e saleiro, duas grandes taças, uma sella, sinta, estribos e peitoral de filagrana dourada, duas peças de cochins de seda, um cortinado para um leito feito á Portugueza, e um corpo inteiro de armas brancas muito ricas. O Sufi pouca attenção deu a tudo isto, que foi mandado á sua presença, e somente prestou grande attenção para as armas que levava Antonio Tenreiro, a quem tirou uma manopola que metteu em sua mão, e logo chamou um seu privado, que fez armar com as ditas armaduras, e lhe disse que assim o devia acompanhar aquella jornada. Mandou depois vir a porcelana cheia de vinho, dizendo que toda havia de beber; costume antigo dos Reis da Persia, que quanto mais bebiam sem se embriagarem tanto mais estimados eram. Depois de ter bebido e offerecido aos outros Reis e Senhores, montou a cavallo, e com os Mouros e Senhores seus privados caminhou, desviando-se do caminho que levava ao arrayal.

Veiu um dia ter com o Embaixador um Mouro creado do Sufi, que os tinha acompanhado desde Ormuz, e disse-lhe que sem a menor demora entrouxasse tudo e mandasse dar de comer aos cavallos, porque nos convinha partir repentinamente do arrayal; com cuja noticia se agastou o Embaixador, porque já se dizia que o Sufi estava para morrer, e quando morresse roubariam alli tudo aos Portuguezes. O Mouro, não descobria cousa alguma, mas, semelhante suspeita, combinada com o aviso recebido do Mouro, fez que o Embaixador acordasse com a sua gente de se ir metter n'uma caravançará perto do campo, d'onde se poderiam defender com armas que levavam; porém como a caza não tivesse aberturas sufficientes, se aventuraram a partir do dito arrayal para Tabriz, onde chegados se metteram nas cazas onde já tinham estado. Passados dias de alli chega-

rem, souberam que tinha morrido o Sufi, e seu filho fóra elevado a Rei. Trouxe esta nova um grande Senhor do Sufi, que vinha com muita gente de cavallo armada, e mandou dar muitos pregões por toda a cidade, que cada um estivesse em paz, senão lhe seria cortada a cabeça; durou este pregão alguns dias pela cidade, onde poucos Mouros appreciam.

O Embaixador e sua comitiva, sempre estiveram fechados nas ditas casas, velando de noite alguns com as armas nas mãos, até que a terra assentou e os mercadores abriram suas tendas. Veiu noticia de que o novo Rei, chamado Tamas Soltão, se vinha chegando com arraial para umas serras que estavam a tres jornadas de Tabriz ao Oriente. E depois que alli chegou, fez tomar contas aos thesoureiros, que tinham sido de seu pae, e por não as darem bôas, mandou fazer em alguns d'elles crueis justicias, e elle proprio por suas mãos matava grandes Senhores, que tinham culpas, ás cutilladas. Acabando de fazer estas cruezas aos homens, mandou vir leões e ursos, que tambem matou; tudo isto para se fazer temido.

Passados alguns dias se partiu o Embaixador para o arraial do novo Rei, a fim de vêr se concluia a sua embaixada. E Antonio Tenreiro, por achar a companhia d'estes Christãos Armenios, que o encaminhavam até Jerusalem, onde em extremo desejava ir, e tendo occasião assim de vêr muitas mais terras, se apartou do Embaixador e seguiu caminho para fóra da cidade de Tabriz. Partiu pois d'aqui, Antonio Tenreiro, dirigindo-se para o poente, em companhia de sete Christãos Armenios. N'aquella noite dormiram em uma caravançará, e logo no outro dia caminharam duas jornadas, e chegaram a uma aldeia mui grande, que é habitada por Christãos, Franges, gentes brancas, que vivem de lavouras e de creações de gados. A terra é mui fria no inverno, e de serras mui altas, que correm para o

Norte, onde dizem estar a arca de Noé toda coberta pela neve. Contaram os habitantes haver n'aquella comarca cinco egrejas mui antigas, que por mais gente que alli entre nunca se enchem : e que já acontecera metter-se o Sufi com todo o seu exercito dentro d'uma para experimentar.

Ficaram aqui os seis Armenios que vinham com Antonio Tenreiro, e este foi para diante em companhia de um d'elles chamado Vacoyanorisam, que era o mais rico e honrado, e que ia para a villa denominada Beteliz, na Armenia baixa, onde tinha sua casa e mulher. Caminharam para o poente por terras de grandes e medonhos valles e bosques de azinhaes, habitados d'estes Christãos Armenios, e de Mouros chamados Curdis, que são de côr branca ; vivem de creações de gados, são pouco domesticos e não habitam senão em terras montuosas, porque não querem ser senhoreados por ninguem. Tendo andado tres jornadas, chegaram a um lago, que fica na Armenia baixa entre serras e montanhas, tendo de comprido umas sete leguas, sobre cinco de largo, e onde ha duas Ilhas pequenas habitadas por frades religiosos Armenios, tendo alli seus mosteiros. Estes religiosos são tidos em grande veneração, e diziam que elles faziam milagres ; que tendo uma vez um d'elles tomado um peixe muito secco, o pozera á borda d'agua em nome de Jesus Christo, e o peixe começára a nadar vivo. Esta comarca é toda habitada de Christãos Armenios, e é onde acaba o senhorio do Sufi, e senhorea o Grão Turco.

Partiram d'uma caravançará junto d'este mar, e foram dormir á villa chamada Argiz, que é habitada por Armenios Christãos, de bella comarca e de muitas aldeias e logares ; habitam tambem aqui mui poucos Mouros Curdis, que se dão muito bem com os Christãos. A villa é plana, sem cêrca e de bons edificios ; a terra é muito fria ; vestem estes Christãos á maneira dos Persas, trazendo na cabeça uns

carapuções de seda, com umas trombas da grossura d'um braço de homem e de palmo e meio de longo; sobre que trazem fotas de seda e d'algodão; estes carapuções são mais antigos que os do Sufi. Ha na terra muito vinho, frutas, algodão e algumas lavouras de trigo. Os povos são mui inclinados ao commercio, de que vivem.

Partindo d'aqui, andaram uma jornada ao longo d'este mar para o Norte, e foram dormir a uma villa, distante uma legua, que se chama Aclata, senhoreada n'aquelle tempo pelo Grão Turco, e d'onde dizem que Samsão fôra natural.

Sahiram d'esta villa para o Occidente, e andando uma pequena jornada, foram ficar a uma aldeia Christã chamada Ataduana Rava, que é edificada subterranea por ser a terra demasiado fria, de modo que a maior parte do anno se não pôde alli caminhar por causa da neve; havendo uma classe dos Christãos que alli habitam, que usando de certas machinas, chamadas entre elles Carchoy, levam os passageiros pela neve, bem como as cargas, uma distancia de duas leguas de caminho, por uma serra que todo o anno existe coberta de neve.

Tendo atravessado esta serra, chegaram a uma villa chamada Bytaliz, situada entre duas serras, com bellas casas de pedra e taipas francezas; os habitantes, que são Christãos, vestem á Persiana, vivem de trato e mercadorias, e não são sujeitos ao Sufi nem ao Grão Turco, mas sim a um senhor Curdi, que mora alli n'um lindo castello. Atravez d'esta villa para o Norte, a uma jornada pequena de caminho, existe o reino dos Gurgis, que são Christãos, claros e ruivos; diziam aqui que na villa Bytaliz estava o corpo de S. Lazaro. Aqui adoeceu dos olhos Antonio Tenreiro, sendo muito bem tratado em casa de um Christão mercador Armenio que o tinha acompanhado desde Tabriz; e quando se achou bom, este lhe rogou que alli esperasse até que

d'aquella terra partisse algum mercador Christão para a casa santa de Jerusalem, para o acompanhar ; porém não annuindo a isto Antonio Tenreiro, o tal Armenio, alugando-lhe uma mulla, o mandou acompanhar por um Christão até á villa de Azu, distante uma boa jornada, habitada por Christãos Armenios ; situada n'um alto, é senhoreada por outro senhor Mouro Curdi, que deixa livre a este povo todos os seus costumes e leis.

N'esta villa se demorou Antonio Tenreiro alguns dias, posentado n'uma caravançarâ, onde encontrou, entre outros, um Christão Armenio, que era almocreve, e se offereceu para o conduzir. Antes de partir o mandou chamar o senhor d'aquella villa ao seu castello ; e indo lá, lhe foi perguntado para onde ia, ao que Antonio Tenreiro respondeu cabalmente ; e o Senhor da terra lhe tornou, que conviria demorar-se ali algum tempo para aprender a lingua, pois que adiante devia passar por terras e senhorios Turcos, que era gente muito desconfiada e o prenderiam ; perguntando-lhe a final se sabia atirar com artilheria e com espingardas, ao que Antonio Tenreiro respondeu que não. E escusando-se o melhor que pôde aos diversos convites, voltou para casa, e logo se pôz a caminho com o Christão que o acompanhava, indo dormir na seguinte noite a uma aldeia de Christãos. No dia immediato caminharam de novo até uma ponte de pedra que tinha duas torres, uma no principio e outra no fim, sem gente, e perguntando o nome d'aquelle rio, souberam chamar-se Morato, que é o Tigre. Atravessando a ponte, foram repousar a uma antiga cidade chamada Monfarquim, situada no fim da Armenia baixa, e cercada de um muro de cantaria lavrada, em partes destruido, por alguns edificios, mosteiros e egrejas, parecia ter sido dos Gregos, e mesmo por certas legendas que existiam na lingua grega. Disseram alli que a destruiu o Grão Tamerlão, tendo-a muitos dias cercada. O pe-

queno numero dos habitantes são Christãos Jacobitas, que fallam arabe.

Caminhando d'aqui para o poente, chegaram, depois de duas jornadas ao rio Tigre outra vez, que faz uma grande volta, e não havendo alli ponte o passaram em barcas, para isso ahi destinadas. E andando depois meia legua, chegaram á cidade de Caraemite, de grande comarca, situada junto do Tigre para a banda do Norte, murada e com edificios admiraveis; nasce dentro d'esta cidade uma fonte mui abundante, de que corre um bom ribeiro, que a atravessa, onde ha muitas casas de moinhos e banhos, e tem grandes pomares de diversos fructos. E' habitada por Christãos Jacobitas Nastoris e outros de differentes costumes, que se chamam Dustimaria, que quer dizer, amadores de Santa Maria, todos de côr branca e fallando arabe. E' senhoreada pelo Grão Turco, que tem um Baxá por Governador d'ella, com grande guarnição de gente de pé, espingardeiros, a que chamam janizaros, e além d'estes ha na comarca dez ou doze mil Turcos de cavallo, que sempre estão prestes para qualquer negocio de guerra, todos sujeitos ao dito Baxá. Esta cidade e comarca tomou o Gão Turco ao Sufi, que se chamava o Reino de Diarbeche. Chegados a esta cidade se recolheram n'uma caravanzará, por chover muito e haver nos caminhos muitos atolleiros, onde se enterram as bestas.

O Christão que tinha acompanhado Antonio Tenreiro se retirou para d'onde viera, e este ficando só foi logo mandado chamar á presença do Baxá, que estava acompanhado de muitos Turcos como desembargadores da terra, e escrivães; perguntou-lhe, pelo intermedio de um lingua Turco, que fallava Italiano, quem era e d'onde vinha, ao que Antonio Tenreiro satisfez, dizendo ainda, que se dirigia para Jerusalem, e que tinha partido de Ormuz com o Embaixador que o Governador da India mandára ao Sufi;

ao que o Baxá redarguiu, que negocio era o da Embaixada, e que lhe diziam que o Governador da India mandára fundidores de artilheria ao Sufi, bem como algumas peças promptas, ao que Antonio Tenreiro lhe respondeu que tal não havia; e ainda lhe disse tambem, que o Sufi tinha morrido e o filho fôra feito Rei, com cuja nova elles mostraram folgar muito, e tudo quanto se fallou alli, tendo sido reduzido a escripto por tres dos escrivães, o despediram para a pousada, onde esteve alguns dias, julgando-se muito seguro, e saindo a alguns passeios pela cidade. Quando o tempo melhorou, começou Antonio Tenreiro a buscar companhia para partir d'alli, o que sendo dito ao Baxá, o mandou outra vez chamar, e fazendo-lhe algumas perguntas, o que tudo se escreveu, o entregou depois a um Turco muito honrado, que o levou a sua casa, onde alguns christãos da terra o foram visitar, dizendo-lhe que nada tinha a temer, visto que, sendo despido de culpas, Nosso Senhor Jesus Christo o livraria. Logo n'aquella noite o Turco a que o tinham entregado, lhe veio lançar ferros aos pés, pedindo mil perdões e dizendo que assim lh'o tinha ordenado o Baxá. Estando assim alguns dias, chegou ao Baxá a noticia de que Abraham Baxá, que era o maior Senhor que tinha o Grão Turco, passava de caminho junto d'alli, com grande exercito, para a cidade do Cairo, e logo mandou ordem ao Turco que guardava Antonio Tenreiro; e a alguns seus creados, para que o levassem á presença de Abraham Baxá; tiraram-lhe o dinheiro e peças que levava para alugar bestas, e logo o conduziram pela posta em cavallos ao longo do rio Tigre.

Chegando a uma villa chamada Arcengifa, que é habitada por Christãos Jacobitas e Arabios, pousaram em casa d'um Christão, onde dormiram, e a que os Turcos obrigaram a dar-lhes galinhas e outros comestiveis, e o prenderam pelas pernas com uma corda, que passaram sobre

uma trave, e incumbiram de a puxar a Antonio Tenreiro, que se não recuzou por medo. Pouco depois o mandaram soltar da corda, e o obrigaram a dar cavallos para o seguinte dia, nos quaes partiram pela posta, indo mudando de cavalgaduras em cada terra por onde passavam, até que chegaram a uma cidade denominada Urfa, que pelas muralhas algum tanto arruinadas de que estava cercada se via ter sido uma soberba cidade. Está situada além dos rios Tigre e Eufrates, junto d'uma serra chamada Negra, que na sua lingoagem chamavam Caradaga. E' habitada por lavradores Christãos. Pousaram em caza d'um Christão Armenio, mercador muito rico, e que mui bem os acolheu; este contou então que n'aquella cidade estava o forno onde foram mettidos os tres moços no tempo dos filhos de Israel, segundo conta a Sagrada Escriptura. A cidade tem um Governador posto alli pelo Grão Turco e sujeito ao de Caraemite.

Partindo d'aquí, corrêram umas treze leguas pela posta, indo dormir a uma cidade chamada Beria, que está situada para a parte do Oriente, pegada com o rio Eufrates, sendo cercada de mui fortes muros, e tendo o rio pelas bandas do levante e poente. E' habitada de Mouros e Christãos, fallando todos o arabe. Passando o Eufrates, caminharam pela posta para o poente, umas sete ou oito legoas, passando junto de grandes villas e lugares, onde não entraram, e chegaram á cidade de Calepe, que é muito grande, e nomeada como cabeça do Reino, situada para a parte do Oriente; é murada, e habitada por Mouros e Christãos, uns que se chamam Pastoris, outros Maronitas e outros Jacobitas e Judeus; fallando todos o arabe. E' de grande commercio, e mui fertil; e dizem alguns ser esta a cidade de Antiochia, muito nomeada pelos primeiros Christãos; n'ella tem grande tracto os Venezianos e outros Christãos Europêus; sendo senhoreada pelo Grão Turco que alli

tem um Baxá com uma bella força de cavallaria Turca, n'uma fortaleza, e dentro da cidade está ainda outro Capitão que commanda trezentos janizaros, que são escravos do Grão Turco.

Mudando aqui de cavalgadas, seguiram o caminho, passando pelo poço dos leões onde esteve o Profeta Daniel; depois por junto d'uma villa denominada Ames, onde diziam existir então um Sacerdote de trezentos annos, a quem tinham já caído todos os dentes e barbas, e nascido outros, e que advinhava muitas couzas, sendo por elles tido em grande veneração.

Chegaram depois á cidade de Amá, cidade muito antiga, murada, em boa comarca, habitada de Christãos Maronitas e Gregos, que fallam arabe; e d'esta cidade disseram alli ser natural S. Paulo. Caminhando uma jornada para sudoeste, passaram pela villa chamada Balbeche, habitada de Christãos e Mouros Arabios, onde ha muitos fructos, bellas agoas, e monumentos do tempo dos gentios. Subiram depois uma serra ao longo d'uma ribeira que n'ella nasce, e tendo andado duas jornadas chegaram á cidade de Damasco, que os Mouros chamam na sua linguagem o Xame. E' esta cidade mui grande e notavel como cabeça do Reino, tem bons edificios muito unidos; está situada para o Oriente d'onde a cerca uma serra de que está distante uma jornada, e de cuja serra veem dois rios que a atravessam; é terra muito fertil, e de muito tracto, vindo aqui commerciar os Venezianos; é senhoreada pelo Grão Turco, que tem n'ella um Baxá com muita gente de cavallo, e uma fortaleza á moda europêa mandada fazer pelo Grão Soldão. N'esta cidade diziam começar a Terra Santa, a que os Mouros alli chamam Bextidunia, que quer dizer na nossa lingua paraizo Terrestre.

Caminhando d'aqui para o meio dia por terras ásperas e montuosas, chegaram a um rio chamado alli agua de Ja-

cob, que atravessaram por uma ponte de pedra; e tendo depois andado mais uma legua para o poente, chegaram a uma povoação de Mouros edificada á moderna, e com alguns edificios antigos mui ricos mas destruidos. Disse alli um Judeu Hespanhol que aquella fôra a cidade de Jericó, e que o rio atraz uma legoa era o rio Jordão. E seguindo mais uma legua por uma costa acima, chegaram á cidade chamada Cefete; que é uma villa situada n'um alto, vindo descendo com os edificios para um valle; os habitantes são Mouros Arabios e Judeos Hespanhoes, gente muito pobre, por ser a terra de pouco tracto, e que vivem de esmolas que de fora outros Judeus lhes mandam. Dormiram aqui uma noite em casa d'um Judeu Hespanhol; e vendo os Turcos que Antonio Tenreiro fallava com elle, e que se entendiam, lhe lançaram os ferros aos pés. Disseram que aquella era a cidade de Galilêa na Judêa, e era esta a Terra Santa, e de promessa. E' esta cidade rasa, sómente tendo no alto um castello com cerca por muitas partes derribado. Aqui está um Capitão do Grão Turco, mas com pouca gente.

Seguindo d'esta cidade para o Sudoeste meia legua de caminho, chegaram a uma aldêa povoada de Mouros Arabios, junto da qual está uma casa á maneira de Ermida feita de pedra e cal, com uma cerca que tem um pateo no meio, onde os Turcos se apearam, e entraram, levando Tenreiro comsigo, na caza onde estava um Mouro que tinha ordem de alli não deixar entrar Christão nem Judeu algum. N'esta caza estavam duas sepulturas cobertas com pannos de seda pretos, que os Mouros teem em grande veneração, e que um Judeu disse a Tenreiro, serem, uma de Arou e outra de Hisdros sogro de Moysés. Dentro da dita caza havia uma pedra branca como jaspe, onde estavam assignaladas duas pegadas grandes, que os Mouros teem em grande veneração, dizendo que as deixou Moysés n'aquella pedra, que estava no monte Thabor d'onde veiu

para alli. D'aqui partiram para o poente, ao longo d'uma serra, perto da qual estava um campo onde andavam egoas pastando, e querendo os Mouros, que iam com Tenreiro, tiral-as para se servirem, logo supitamente acudiram muitos frecheiros, que os quizeram matar, e o teriam executado se não fossem uns guias que traziam dados pelo Senhor de Cefete, que sabendo fallar a lingua os poderam apasi-guar. E continuaram pois o caminho nas mesmas cavalga-duras, assaz cansadas.

Chegaram á cidade de Ramala na Judéa, que é cercada de muros modernos sobre outros muito antigos de cantaria, e do mesmo modo são as cazas; está junto do mar, e distante d'este, pelo Sertão dentro umas tres leguas, está uma povoação com uma torre, em que desembarcam os peregrinos que vão a Jerusalem em romaria. Esta cidade habitada por Mouros Arabios dista de Jerusalem uma pequena jornada. Alli diziam estar o templo onde falleceu Samsão, que agora é mesquita muito venerada dos Mouros; que tem um Governador subdito do Grão Turco. D'esta cidade andaram para o Sueste, e do meio dia por diante caminharam por campos e chegaram a outra cidade chamada Gazara na Judéa, onde perguntaram os Turcos que levavam preso Antonio Tenreiro, pelo Baxá e Governador d'aquella provincia, afim de lhes mandar dar mantimentos, guias, e dromedarios para passarem o deserto das aréas; e foi-lhes respondido que andava no campo com tendas para a banda do Oriente, onde o foram logo encontrar, recebendo d'elle mui bom agazalho; e mandou logo passar ordem para que na cidade de Gazara lhes dessem guias, e odres para levarem agoa e biscoito; e com esta ordem voltaram a Gazara. Esta cidade dista do mar umas cinco leguas; tem boa comarca, edificios de alvenaria, muitos campos de lavoura e creações, e só agua de poços. Estava alli um Baxá do Grão Turco por Governador, que immediata-

mente mandou executar a ordem que lhe levaram, fornecendo-lhes tudo o necessario para a passagem do deserto.

Atravessando esta cidade para o lado do meio dia, e tendo andado duas leguas, entraram no dezerto, que é de sete jornadas d'extensão, as quaes atravessaram sem o menor risco, caminhando ao mais quatro leguas por dia, porque era tudo arêa mui solta. No fim do dezerto encontraram uma caza situada entre uma serra mui alta e o mar, logar por onde teem de passar todos os viajantes e cafilas, tanto quando vão para o Egypto como passando para Jerusalem. N'esta caza está sempre um alcaide Mouro, que não deixa passar pessoa alguma sem que lhe diga quem é, e o negocio a que vae. Apearam-se os Turcos que conduziam Tenreiro, e lhe disseram que levavam este prezo ao Senhor Abraem Baxá, o que logo o mouro escreveu n'uma tirinha de papel, e tirando uma pomba d'uma gaiola, lh'o atou de baixo de uma aza, e soltando-a depois, voou mui alto e desapareceu, indo para a cidade do Cairo, onde ha outras pombas assim ensinadas, em caza de um Mouro, que tirando-lhe a tira de papel escripta a levou logo ao Abraem Baxá.

Partindo logo atraz da pomba, caminharam ainda tres jornadas por campos deshabitados, e chegaram depois á cidade de Remaya, que está fóra do dezerto para a parte do meio dia, cercada d'uma velha muralha, habitada de Mouros Arabios, que vivem de lavouras e creações, e está alli um Turco como alcaide com pouca guarnição. Indo ávante chegaram no mesmo dia ainda a outra cidade mui semelhante á antecedente, muito povoada, e de grande tracto.

Caminhando mais chegaram a final á cidade do Cairo, a que os Mouros chamam Mecera; entrando alli por uma porta que está da banda do levante em um muro mui antigo de cantaria lavrada que cerca a cidade, se dirigiram a caza d'um Turco honrado, grande privado de Abraem Baxá, onde estiveram uns doze dias sem poder fallar a este.

O Turco disse que já tivera noticia de que alli iriam, pela pomba, que tinha chegado dois dias e meio antes. Durante estes doze dias tiveram Tenreiro, de dia com ferros, e de noite lh'os tiravam d'uma perna, prendiam um Turco com elle, e lhe lançavam algemas nas mãos, que de manhã lhe tiravam. Um Turco creado d'aquelle Senhor onde estavam, vindo um dia para caza, da cidade, disse a Tenreiro que lhe desse alviçaras, por quanto uma feiticeira lhe tinha dito que o soltariam, do que não fez cazo algum Antonio Tenreiro. No dia seguinte foi este conduzido pelos Turcos á presença de Abraem Baxá, que recebeu tambem as cartas vindas do outro Baxá que alli o mandára. Tendo lido esta correspondencia acenou para Tenreiro que se chegasse, e lhe perguntou se sabia fallar turquesco, ao que elle respondeu que não, mas que sabia o persiano; e logo lhe dirigiu perguntas n'esta lingua ácerca de certos pontos das cartas que eram de avizo, as quaes lhe foram cabalmente satisfeitas. Depois com favoravel semblante acenou para que levassem d'alli Tenreiro, o qual foi conduzido a uma caza publica onde estavam oito Turcos honrados, que faziam de Desembargadores, que lhe perguntaram se sabia a sua lingua, e respondendo-lhe que não, logo mandaram chamar um Judeu Hespanhol, que era physico de Abraem Baxá; e este disse primeiro que tudo a Tenreiro que confessasse a verdade em tudo o que lhe perguntassem, porque Deus o livraria; fizeram-lhe um grande interrogatorio, escrevendo todas as respostas de Tenreiro, e depois de isto acabado o conduziram para caza.

Passados dias vindo do paço um creado da caza onde estava Antonio Tenreiro, lhe perguntaram que novas havia por lá, ao que elle respondeu que no seguinte dia deviam levar Antonio Tenreiro á praça, onde lhe seria cortada a cabeça; facil é de imaginar o medo e confusão em que ficaria Antonio Tenreiro, que tinha entendido isto, por já sa-

ber alguma cousa o turquesco. No dia immediato passou o mais alterado possivel, porém á maneira que foram decorrendo mais alguns dias, se ia seu espirito acalmando cada vez mais, e denunciando-lhe até boas novas. Uma noite antes que lhe deitassem as algemas adormeceu, e quando acordou se viu sem ellas, e sem o Turco prêso a si; passando-se cinco dias sem que o martyrisassem, veiu o dono da casa dar boas esperanças a Tenreiro, depois do que foram os Turcos, que o guardavam, ao paço, onde lhe foi ordenado por um privado de Abraem Baxá, que o soltassem e pozessem em plena liberdade, o que foi executado, tendo Tenreiro de pagar muitas alviças.

A cidade do Cairo é situada ao longo do rio Nilo, tem lindas mesquitas e edificios riquissimos construidos á Hespanhola; tem habitantes Arabios, Turcos, Judeus, Christãos, e mercadores de diversas nações, que alli teem grande tracto; as ruas são mui largas. A posição da cidade é mais elevada para a parte do Oriente, onde existe um castello com grossas muralhas, contendo ricas casas e grandes páteos; distinguindo-se aqui, entre tudo, os aposentos do Grão Soldão, construidos de pedras mui delicadas e lavradas, e onde se vêem ricas pinturas com tintas finissimas, ouro, e marchetes de marfim: era n'este castello que os Turcos tinham a sua artilheria. O principal tracto d'esta terra, provém de se juntarem alli todos os annos na entrada do verão, Mouros e Mouras de toda a Mourisma, onde formam uma cafila para irem á sua casa de Meca, gastando para isto alli muito dinheiro, pois que teem por ponto de honra quem irá mais ricamente vestido; e antes de partirem vão mostrar-se pelas ruas da cidade. É o Cairo mui abastado de trigo, cevada, legumes, carnes, pescados do rio, grandes creações de gallinhas e patos, tudo muito barato. Ha alli um genero de Mouros Arabios, cujo officio é tirarem pintos em montões de esterco, onde para isso abrem

furnas e covas, em que mettem grande quantidade de ovos. De fructas ha romãs, pêcegos, e uvas em pequena quantidade, e ha então em abundancia os figos de Faraó, e patecas, que são como melões, e duram grande parte do anno. Ha aqui uma Judiaria onde habitam muitos Judeus Arabios e d'outras nações da Europa. A uma legoa d'esta cidade está uma horta, que tem dentro uma fonte de agua doce, onde nascem umas arvores que dão o balsamo que se colhe em Maio; estas arvores são como roseiras grandes, teem as folhas como de carrasco, e não se dão em outro local fóra d'esta horta, que está em poder de um Christão. Dizem que foi n'esta fonte que Nossa Senhora lavou os pannos de Seu Bento Filho, e que alli se agasalhava n'uma caverna que está no tronco de uma grande figueira onde está sempre uma alampada aceza em memoria da Virgem.

O rio Nilo, que os Mouros chamam Nil: é grande, nunca pode passar-se a vau, corre de Sul para Norte, tem uma columna de pedra graduada em pollegadas, palmos e medidas, e á maneira que o rio vae crescendo vae chegando ás diferentes gradações, andando pregoeiros pela cidade com bandeiras amarellas na mão, e dizendo «Pela providencia de Deus o rio cresceu hoje tantas medidas» e por alviçaras recebem dinheiro dos mercadores, que dão ao mesmo tempo muitas graças ao Altissimo, porque quando cresce muito o rio ha muitos mantimentos na terra: quando cessa de se elevar o rio, vão os da terra em barcas para abrir boqueirões por onde entram as aguas para os campos.

Antonio Tenreiro demorou-se alguns dias, depois de sua soltura, n'esta cidade do Cairo, por lhe ter sido dito por um judeu que não sabisse d'alli por emquanto; porque elle sempre tinha novas das embarcações que chegavam e que partiam para a Europa; que ao presente não havia embar-

cação, e além d'isto que a cidade d'Alexandria era muito doentia, e n'aquelle tempo morria lá muita gente pelo que não era prudente ir lá esperar. Mas vendo Tenreiro passar o tempo, e desejoso de sair d'aquella terra, se embarcou em uma barca, que ia pelo Nilo abaixo carregada de Mouros e suas mercadorias. Navegando umas cinco legoas, passaram por junto de uma Ilha habitada de lavradores, muito fertil de mantimentos, de gallinhas e patos. N'esta paragem se divide o rio em duas partes, uma que vae para o Levante, e se mette no mediterraneo no porto de Daniata ; a outra vae entrar no mesmo mar a uma legoa do porto da Alexandria para a banda do Levante ; caminhando por este abaixo, depois de seis legoas de caminho chegaram á villa de Fua, edificada nas bordas do rio, que é de bellas casas com janellas para o rio ; é habitada por Mouros Arabios e Mecerins ; tem muitas tamaras, figueiras de Faraó, canas d'assucar e figos da India.

Andando mais quatro legoas pelo rio abaixo, deram com outra villa maior e de mais tracto, chamada Raxite, que fica situada na borda do rio distante vinte legoas da cidade do Cairo ; tem bellas casas, é habitada por Mouros Mecerins, e tem muitos palmares de tamaras. Perto do mar mediterraneo onde o rio vae entrar, cabem por elle navios de setenta e oitenta toneis, que alli descarregam as mercadorias, que depois vão d'alli em barcas para o Cairo. Desembarcou aqui Tenreiro, alugou uma besta, e caminhou para Alexandria com outros Mouros que para lá iam, por arêas e desertos umas cinco ou seis legoas. E passadas umas lagôas de agua salgada, acharam uma casa ou choça de madeira, coberta de rama de palmeira, onde estavãM Mouros que cobravam os tributos de todos os Judeus e Christãos que por alli passavam ; cujo tributo, que elles chamam Gafar, valerá uns vinte e quatro ou vinte e cinco réis. Como por este caminho não ha agua de beber, existem umas ca-

sas abobadadas de distancia em distancia, destinadas a conter vasilhas de barro grandes cheias de agua para os viajantes beberem. Estes edificios mandaram fazer Mouros que já são defuntos, e deixaram rendas para se trazer alli aquella agua, que vem de carroto em camellos, de muito longe.

Continuando por este caminho abordamos á cidade de Alexandria, que é mui grande, situada para o poente, afastada do mar mediterraneo um tiro de béstia para o sertão, junto de uma bahia do mar. E' cercada de muro de pedra, tem edificios muito antigos e ricos; as ruas são mui bem alinhadas e largas. Os habitadores são Christãos e Mouros, os quaes não occupam a decima parte da cidade por ser muito doentia; de modo que se não fosse seu bom porto de mar, talvez fosse deshabitada totalmente: porque mesmo não tem aguas para beber, senão as que veem do Nilo por uma levada no tempo em que enche, e por canos se introduz na cidade, enchendo muitas cisternas. Apenas chegou aqui Tenreiro logo adoeceu com febres. Veem a esta terra muitos navios Europeus e Gregos com mercadorias, Tem um Governador, subdito do Grão Turco, com alguma cavallaria, e um Capitão de Janizaros, n'uma fortaleza que ha no mar, commanda alli alguns bombardeiros. Quando chegou Tenreiro nenhuma embarcação havia prestes a partir para a Europa, por não terem suas mercadorias despachadas. Estava alli então uma armada de Barba Rôxa, onde vinham muitos Christãos em ferros, e maltratados dos Turcos, que vinham fallar aos mercadores d'aquella cidade sobre seus resgates.

Por desejar sair d'esta terra, se embarcou Tenreiro em um navio pequeno prestes a sair para a Ilha de Chipre, que era d'um Grego, que tinha pendencias com os Turcos que estavam n'aquelle porto, em um galeão, e desejavam de o apanhar no mar para se vingarem d'elle. Embarcando-se o mais secretamente que poude, estando levantando

ferro, vieram a elle tres bateis de Turcos armados, que por valentia quiz esperar, fiando-se no vento favoravel que corria, e deixou entrar os de um batel dentro do navio. Houve grande briga, que foi vista do baluarte, d'onde dispararam e deram signal para as galés os perseguirem, ao que fugiram favorecidos pelo vento. E navegando por o dito mar cinco dias e cinco noites, chegaram á Ilha de Chipre a um porto denominado Alamizon, que é uma pequena villa situada junto do mar ao Sul da Ilha. E' habitada por Christãos gregos; o porto é de costa desamparada; ha alli muitos vinhos, alfarrobas, e alguns assucares. Está n'esta villa uma igreja de Christãos europeus, e de beneficiados, que obedecem ao Santo Padre, o que os Gregos não fazem. E' senhoreada pela senhoria de Veneza.

Tenreiro, não achando aqui embarcação para a Europa, foi n'outro navio para um porto mais adeante oito legoas, chamada a villa de Assalinas, que é maior que a de Alamizon; é habitada de Gregos, e tem porto de mar onde veem as Náus em que vão os peregrinos para Jerusalem, havendo alli um hospital destinado para os ditos.

Por não achar tambem aqui embarcação, passou Tenreiro a outro porto mais adeante umas dez legoas e entrou na cidade de Famagosta na Ilha de Chipre, senhoreada pela senhoria de Veneza; com bellos edificios, cercada de fortes muralhas com suas cavas e baluartes; é habitada de Gregos e Christãos Europeus; tem muito tracto com mercadores de diversas Nações. Ao Governador chamam Potestade; tem boa guarnição e muita artilheria. Dentro no Sertão ha outra cidade muito mais nobre, que se chama Nicosia, habitada de Christãos Europeus, e quasi tudo gente muito nobre. Aqui esperou Tenreiro alguns dias por navio para a Europa, onde de novo havia de tornar a peregrinar, e buscar sua vida, pois tendo já consumido alguns annos na India, se achava falto de dinheiro, e em grande

confusão. Por acaso achou alli um mercador Armenio, que sabia o persiano, e a quem dando Tenreiro conta de seu estado, lhe disse : que se quizesse voltar á India bellamente o conseguiria, partindo d'alli para a terra firme, que eram quarenta legoas pelo mar, e d'onde desembarcasse ficaria perto a cidade de Calepe, onde sabia de certo estarem Cafilas para partir para Baçorá pelo deserto, que era perto ; e que em Calepe estava um grande mercador Venesiano, que para lá mandava muitas mercadorias, o qual o favoreceria, e lhe buscaria maneira de o levarem na Cafila. Metteu-se logo Tenreiro em um navio prestes a largar para a terra firme, e atravessando aquellas quarenta legoas de mar foi abordar a uma villa denominada Ajaça.

E' esta uma villa situada junto do mar mediterraneo em a costa de Caramania, habitada de Christãos Armenios e Marenitas, e que parecia ter sido grande cidade pelos restos de casas e muros derribados. Demorou-se aqui Tenreiro alguns dias esperando a partida de alguma Cafila ; e durante estes dias esteve em casa d'um Armenio, o qual lhe procurou um Christão que lhe alugou uma besta, e logo o fez partir na companhia de um almoxarife do Grão Turco, que andava recolhendo dinheiro por aquellas comarcas, trazendo oito espingardeiros comsigo. Chegando á cidade de Calepe foi logo Tenreiro ter a casa do tal Venesiano, que se chamava Micer Andre ; era homem mui rico, e nobre, o qual lhe fez bom agasalho, e lhe disse que já a Cafila principal tinha partido para o deserto, e lá é que ia um seu feitor ; mas que ainda alli estavam mercadores que se lhe deviam ir unir, e então pediria a estes, para o levarem em sua companhia, e além d'isso lhe faria uma carta para ordenar ao seu feitor que lhe fizesse o melhor agasalho e lhe desse tudo o necessario. E passados poucos dias, partiu Tenreiro com dois mercadores mouros Arabios, que levavam alguns caméllos carregados de mercadorias, dos quaes

deram um a Tenreiro, por mandado de Micer Andre. Caminharam umas oito jornadas pelo deserto tendo achado apenas dois poços d'agua mui fundos, e chegaram a um castello situado no deserto, onde junto d'elle, acharam toda a Cafila que tinha partido antes, e que os esperava alli.

Andando mais cinco jornadas chegaram a outro Aduar grande e de muitos habitadores; e avançando depois mais seis jornadas pequenas chegaram junto do rio Eufrates, onde havia muitos pastos para os Camellos e Eguas; alli se demoraram mais de um mez, ladeando ora para um ora para outro lado, sem nada adiantar para o caminho direito de Baçorá. E estando já os mercadores muito agastados, advertiram d'isto os Mouros Alarves, que os acompanhavam, e que lhe tinham fornecido os Camellos alugados; ao que estes Alarves responderam, que não podiam ir d'outra sorte, por lhe terem outros Alarves seus inimigos, os passos, e poços tomados. E gastando-se assim o tempo e os mantimentos, se viram apertados de fome, e andando sempre fugindo ora afastando-se do rio, ora ladeando para a parte d'elle, passando-se n'isto tres mezes, em cujo prazo morreram alguns Camellos pelo muito trabalho, e alguns Mouros mercadores de fome; não lhes restando já para comer senão a carne dos Camellos que morriam, alguns gafanhotos, e alguma gota de leite das Camellas, que os Alarves davam por especial favor.

Vindo a saber Tenreiro, que alguns mouros da Cafila se desejavam d'ella apartar para irem buscar povoado afim de não morrerem á fome, por serem os mais necessitados da Cafila, se juntou a elles, e uma noite se apartaram, levando uma pouca d'agua n'um odre, e apanhando os gafanhotos que encontravam pelo caminho, chegaram afinal, tendo andado tres jornadas, a uma villa chamada Racalaem, no deserto, a tres jornadas do rio Eufrates, cercada de muros fracos, e habitada por Mouros Arabios lavradores. E'

senhoreada pelo Sufi ; e ha alli uns Mouros que recebem para si os tributos da terra; chamam-lhes Ceides, que dizem pertencer a geração de Ale, e de Mafamede; são brancos e Persianos, trazendo as barbas e os cabellos compridos e entrançados. São obrigados a dar de comer ás Cafilas que por alli passem.

Aqui esteve Tenreiro cinco dias deitado sobre rama de palmeira, sem se poder mecher; alli lhe traziam todas as manhãs leite quente, tamaras, e boleimas de cevada, com o que se restabeleceu, bem como os Mouros que o tinham acompanhado, e partindo logo d'aqui, tendo andado duas jornadas, chegaram á villa de Xefeta, situada no deserto, distando duas jornadas do Eufrates; é habitada por Mouros Arabios lavradores, cercada d'um muro, e mais abundante em mantimentos que a antecedente. E' senhoreada pelo Sufi; havendo alli tambem os taes Ceides, que teem por fidalgos e senhores. Aqui se demoraram tres dias, e caminhando depois mais duas jornadas e meia, com os odres de agua ás costas chegaram a uma cidade, que se diz a Mexeta de Ale, que quer dizer a Mesquita de Ale.

Disto do Eufrates uma legua de deserto, e é onde os Mouros teem a sepultura de Ale. E' cercada de muros de tijolo cozido; não ha lavradores n'esta terra, e agua, apenas a que vem em Camellos do Eufrates. Aqui esperou Tenreiro pela Cafila e feitor de Micer André, que alli veio com uma pequena parte da Cafila. Ajuntando-se-lhes alli alguma gente da terra, caminharam, para o Sudoeste, umas oito jornadas por deserto, e entraram em Baçorá. Os Alarves com a maior parte da recova, foram por outro caminho, onde sabiam haverem mais poços d'agua; e os mercadores chegaram a Baçorá pacificamente, posto que mal tratados pela fome, sede, e cansaço. Mettendo-se porém, logo, muito pelos mantimentos e aguas da terra, morreram

muitos alli durante uns quinze dias que se demoraram, esperando navio para Ormuz.

Embarcou então Tenreiro n'uma Náo de Mouros, onde encontrou mais alguns Portuguezes, e chegando a Ormuz, ali se demorou uns cinco ou seis annos ; findos os quaes, tornou a partir para Portugal, em serviço d'El-Rei, pelo deserto, com um Mouro, que tomou para seu guia, levando recados a El-Rei, sobre a armada do Turco.

Quando El-Rei D. João III effeituou, em 19 de Agosto de 1523, a offerta do Reino de Ormuz ao filho mais velho de El-Rei Çafadim Abanader, por nome Mahumede Xaa, augmentou o Rei de Portugal muito o seu dictado na Carta de doação, chamando-se já «Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, e Senhor do Reino e Senhorio de Malaca, e do Reino e Senhorio de Gôa, e do Reino e senhorio de Ormuz, &c.»

Partindo D. Alvaro de Castro, filho do celebre D. João de Castro, com toda a armada junta em soccorro de Adem, como levava os Levantes em popa, fez a viagem breve, e tanto ávante, que aos Ilhéos de Canecanim, lhe saiu ao encontro D. João de Atayde ; do qual soube a perda de Adem, e como lhe correram os Turcos, de cujas galés se livrara com o favor da noite. D. Alvaro, e os fidalgos e soldados da armada, mostraram justo sentimento d'esta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar das armadas Portuguezas, porque das quebras da opinião entre na-

turaes e estranhos, dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado d'El-Rei de Campar, que ía na armada, sentiu vivamente as mortes do cunhado e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficaram devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando n'estas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dôr alheia.

D. Alvaro de Castro com os Cabos da armada poz em conselho o que se devia obrar; e pareceu a todos que, visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do Rei de Caxem, como trazia por instrucção a armada, aquem os Fartaques visinhos tinham tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava ou dominava um porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empreza mais util do que difficil.

Mandou D. Alvaro de Castro governar a Xael, e surgindo á vista do Castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, receberam como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que bastavam para o guarnecer trinta e cinco soldados, que o presidiam. Estes, tanto que viram a armada, lançaram fora uma mulher, que entendia e fallava o Portuguez, a qual perguntando pelo Capitão mór, lhe disse, que os Fartaques eram amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largariam logo. A muitos pareceu, que se lhe acceitasse, por que de inimigos tão poucos e sem nome, não esperavamos gloria, nem despojo; os mais votaram, que por auctoridade de nossas armas, os mandassem render á discrição.

Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberiam defender as vidas e o castello, mal satisfeita da resposta dos Portuguezes. Os Mouros tiraram logo a bandeira branca, e arvoraram outra vermelha, ao que succedeu atirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizeram damno. D. Alvaro rodeou

a fortaleza com todos os seus, e a mandou accometter por escallada em differentes partes; e porque em a carga continuada não ousavam apparecer os Mouros, Fernão Peres foi o primeiro, que começou a subir por uma escada, levando o seu guião, que arvorou e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subiu Pero Botelho com o mesmo risco e fortuna que o primeiro. E depois estes franquearam aos mais a subida.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Atayde, e outros foram demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e não puderam entrar, sem que os Portuguezes fossem por dentro e a desentulhassem. Os Fartaques se retiraram a dois cubellos, d'onde se defendiam com desesperado valor, engeitando as vidas que D. Alvaro lhes offerencia, que parece, queriam perder para vingança, ou para desculpa da força, que não puderam defender, que até entre estes barbaros é o valor a primeira virtude. Pelejaram em fim os Mouros todos ate morrer, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, d'onde não podiam esperar victoria, nem vingança. Dos Portuguezes morreram cinco, e passaram de quarenta os feridos.

Ganha a fortaleza a entregou D. Alvaro ao Embaixador d'El-Rei de Caxem que mostrou a gratidão do beneficio, então, em abastecer a armada, depois, em ter com o Estado fiel correspondencia: e antes que passasse a monção se foi D. Alvaro de Castro invernar a Gôa, onde o receberam com applauso maior que a victoria; festas que o Governador fomentou como pae, e D. Alvaro estimou como soldado.

CAPITULO II

ANNO DE 1524

SUMMARIO

El-Rei D. João III nomeia D. Vasco da Gama, já então Conde da Vidigueira, Governador Geral da India com o titulo de Vice-Rei. O Almirante do Mar Indico, saindo do Tejo com uma esquadra de quinze embarcações ao todo, soffre os effeitos de grandes tormentas, perdendo algumas vellas e gente; toca em Chaul; parte d'aqui para Góá, onde tendo solemne recebimento, se demora algum tempo, até que principiado a adoecer resolveu sair d'alli. Chegando o Almirante a Cochim, manda Jeronymo de Souza guardar a Costa do Malabar. D. Jorge Tello, alcança duas grandes victórias sobre os Mouros de Calecut. Vendo o Vice-Rei que a sua doença progredia, encommenda o governo, que tinha a seu cargo, a Lopo Vaz de Sam Payo Capitão de Cochim. Chega D. Duarte de Menezes a Cochim; e entrega depois a India a Lopo Vaz de Sam Payo em nome do Vice-Rei. Morre o Vice-Rei D. Vasco da Gama em Cochim.

Quando chegou o tempo de D. Duarte de Menezes, que governava a India, regressar a Portugal, o muito alto e muito poderoso Rei de Portugal D. João III, d'este nome, que então reinava, mandou entregar o governo da India a

D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira e Almirante do mar Indico, com o titulo de Vice-Rei; para isto lhe deu uma armada de quinze vellas, a saber: sete Nãos grossas, tres galeões e cinco caravellas.

Os capitães das Nãos foram, (afora D. Vasco da Gama) D. Henrique de Menezes, filho de D. Fernando de Menezes, a que chamaram o Roxo, que ia por capitão de Ormuz, e para succeder ao Vice-Rei da India, que tinha sido nomeado, por morte d'este; Pero Mascarenhas, que ia por segundo successor da governança da India, e levava a capitania de Malaca; Lopo Vaz de Sam Payo, que ia na terceira successão, e levava a capitania de Cochim; Francisco de Sá, que levava a capitania, que havia de ir fazer na Ilha de Sunda; Francisco de Brito, que havia de ser capitão das tres Nãos do tracto de Baticalá para Ormuz; e Antonio da Silveira.

Dos galeões foram capitães, D. Jorge de Menezes, filho de D. Rodrigo de Menezes, D. Fernando de Monroy, e Afonso Mexia, que ia por vedor da Fazenda da India.

Por capitães das caravellas foram, Lopo Lobo, Pedro Velho, Gaspar Malhorquim, Christovão Rosado, e Ruy Gonçalves.

E fornecida esta armada de muita e boa gente, e de armas e mantimentos em grande abundancia, partiu o Vice-Rei do Tejo aos nove dias do mez de Abril do anno de mil quinhentos e vinte e quatro, levando muito ruim viagem, pois que soffreu muitas tormentas, com as quaes se perderam da sua conserva, Francisco de Brito, Christovão Rosado, e Gaspar Malhorquim, que nunca mais appareceram. O galeão onde ia D. Fernando de Monroy se perdeu em Melinde; e das outras embarcações morreu muita gente, e foram sempre espalhadas, mas ajustados de maneira, que, quem chegasse primeiro a Moçambique partia logo para a India.

Perto d'esta costa, na noite de seis de Setembro, tremeu o mar muito rijo, e por espaço bem sensível, julgando os da frota a principio que os navios davam em alguns baixos de penedia, até que finalmente caíram no que era. E d'alli a poucos dias appareceu uma Náo de Mouros, que ia de Adem para a India, a qual D. Jorge de Menezes tomou, sem outra ajuda, quasi á vista da frota; os Mouros se lhe renderam medrosos, e elle a levou ao Vice-Rei, que logo mandou metter n'ella um quadrilheiro e um escrivão, para verem o que tinha e olharem por ella: acharam-lhe sessenta mil cruzados em dinheiro e duzentos mil em mercadorias.

Passados alguns dias foi surgir na barra de Chaul, e ahi se declarou por Vice-Rei, que assim o levava por regimênto: aqui esteve tres dias sem saltar em terra, nem consentir que pessoa alguma o fizesse, á excepção do licenciado João de Soiro do dezembargo na Caza da supplicação, que ia com elle por ouvidor geral da India, e Bastião Luiz, que levava a escrevaninha da matricula de Cochim; aos quaes o Vice-Rei mandou que fossem visitar por elle a fortaleza de Chaul, e que mandassem apregoar em seu nome, que, tirando os fronteiros e cazados todos os outros se embarcassem logo e fossem com elle, sob pena de serem riscados de soldo e mantimento; e ainda mais lhes mandou que dissessem ao Capitão da fortaleza, Christovão de Souza, que quando voltasse por alli de Ormuz D. Duarte de Menezes, o não deixasse desembarcar, nem lhe desse mais mantimento do que para quatro dias: o que tudo foi assim executado.

Não sómente o Vice-Rei prohibiu aos seus que fossem a terra, mas ainda não quiz tão pouco que vendessem a fazenda que traziam, no que fez muita perda a muitos. Não consentiu tambem que alli ficasse algum dos doentes que iam na armada, posto que muitos d'estes o pediram instantemente.

Partiu Vasco da Gama d'aqui para Gôa, onde precisando de saltar em terra, não só para ver a cidade, como para fazer certas couzas que cumpriam ao serviço de El-Rei, antes de se ir para Cochim, encommendou a guarda da frota a D. Jorge de Menezes, que ficou n'ella.

E desembarcando no cães de Gôa foi recebido alli com a costumada solemnidade. Recebeu algumas queixas contra Francisco Pereira Pestana, que estava por Capitão da fortaleza, de muitas injurias que este tinha feito á maior parte dos cidadãos, e de muitas dividas que contraira e não queria pagar. Pelo que, o Vice-Rei, lhe tirou logo a capitania da fortaleza, e a deu a D. Henrique de Menezes, dizendo-lhe que cumpria ao serviço d'El-Rei ficar com aquelle encargo, posto que tivesse sido nomeado para Ormuz. Mandou além d'isto prender a Francisco Pereira para fazer n'elle a justiça devida; obrigando-o a pagar todas as dividas que lhe eram imputadas, sem mais prova do que o juramento prestado pelos credores.

Notando porém Francisco Pereira que muitos individuos lhe pediam mais do que elle effectivamente lhe devia, pegou em todo o dinheiro que possuia, e o remetteu a caza do Vice-Rei, dizendo-lhe que era melhor deixar-se de obrigar a juramento algum os seus credores, bastava que mandasse apregoar pelas ruas, que quem quizesse algum dinheiro do que pertencia a Francisco Pereira, se dirigisse a caza do Vice-Rei, onde logo lhe seria entregue a quantia que exigisse. Todavia D. Vasco da Gama lhe fez pagar muitas dividas, porque era de condição mui justiceiro.

Sabendo depois tambem o Vice-Rei, que tinham ido na frota duas mulheres solteiras, as mandou açoutar, mettidas ambas em uma canga; e isto por se terem mettido a bordo sem sua licença, tendo elle até feito apregoar em Belem, antes de partir para a India, que a nenhuma mulher solteira seria permittido ir na armada, sob pena de levar açou-

tes. Rogaram muitos ao Vice-Rei, para que não fizesse esta justiça, visto que as duas mulheres estavam para çazar, e que não cazariam depois de terem sido açoutadas; porém elle a nada attendeu.

Prohibiu depois ainda que algum dos doentes da frota se recolhesse ao Hospital de Gôa, dizendo que El-Rei de Portugal seu senhor não tinha necessidade de ter na India Hospitales; e mesmo que, havendo-os se fariam muitos sempre doentes para alli ficarem, o que era indispensavel evitar: por estas ordens morreram muitas pessoas á mingoa, e outras andavam pedindo esmolas pelo amor de Deus, o que até alli nunca se tinha visto na India, e por isso o estranharam todos muitissimo.

N'esta detença que o Vice-Rei fez em Gôa, se lhe começou uma enfermidade, (de que depois veio a morrer) e antes que esta fosse em crescimento se partiu para Cochim, deixando por regimento a D. Henrique de Menezes, que todo o homem que ficasse em Gôa não o querendo acompanhar, exceptuando os cazados e addidos á fortaleza, fosse privado de soldo e de mantimento. Além d'isto, que do dia da sua partida a dois mezes, todos os Portuguezes que moravam no arrabalde fossem habitar para a cidade sob pena de morte; mandou tambem aos dispenseiros dos navios da sua armada, que a cada dois homens não dessem mais por dia de um arratel de biscoito: e aos Capitães dos navios d'alto bordo, que não deixassem metter a cada dois homens mais do que uma arca do comprimento d'uma espada.

Mesmo no mar de Gôa encontrou logo Vasco da Gama a D. Luiz de Menezes, que ia para Gôa esperar seu irmão, e o levou comsigo para Cochim, onde chegou no fim de Outubro, sendo recebido ahi com grande pompa e apparatus solemne. Aqui lhe entregou o Douctor Pero Nunes o officio de vedor da Fazenda, cargo que havia já seis annos que servia, porque El-Rei D. Manuel achando-o muito bom, fiel

e dilligente servidor, nunca o quiz substituir, mesmo no fim dos tres annos, que é o tempo costumado, deixando-o ficar mais outros tres. Sabendo o Vice-Rei os innumeraveis serviços que elle tinha prestado n'aquelle cargo, lhe fez muita honra e favor, e entregou o officio de vedor da Fazenda a Affonso Mexia, que para isso ia já destinado de Portugal.

Desembarcando o Vice-Rei em Cochim, como notasse que começava a haver bandos entre os muitos Portuguezes que havia na cidade, mandou, para evitar os males que d'elles se seguem sempre, que ninguem desse meza, do que resultou haver fome entre os soldados, assim por lhes ser mal pago seu soldo e mantimento, como por haver na terra grande carestia d'este; motivo porque se torna indispensavel darem alli, os Capitães e fidalgos, mezas, nem se podem os soldados na India manter sem que os haja. E como já toda a gente andava indisposta com o Vice-Rei, foi bastante esta prohibição das mezas, para que todos ficassem muitissimo indignados contra elle, a ponto de fugirem grande numero de pessoas para Coromandel, e para outras partes, em que andavam fora do serviço de El-Rei, e até mesmo os Mouros tinham tomado tamanho medo a D. Vasco da Gama, que tremiam todas as vezes que o nomeavam, e muitos se retiraram de Cochim por esta causa, havendo immenso tempo que alli habitavam.

Tencionando o Vice-Rei ir sobre Calecut para a destruir, em virtude da guerra aberta que seu Rei tinha com os Portuguezes; em quanto acabava de arranjar algumas couzas, mandou adiante um fidalgo chamado Jeronymo de Souza por Capitão mór de uma armada de navios de remos, onde levou trezentos e tantos Portuguezes, para guardar a Costa do Malabar.

Chegando Jeronymo de Souza a Calecut, achou de dentro do arrecife uns quarenta paraos de Malabares, de que

era Capitão mór um Mouro que se chamava Cutiále de Capocate, os quaes tomavam todos os mantimentos que iam por mar para a fortaleza. E vendo Jeronymo de Souza uma semelhante armada, se dirigiu immediatamente sobre ella, e principiou a batê-la, despedindo-lhe logo algumas bombardadas; ao que tambem os mouros responderam por um modo analogo, sendo tantas as bombardadas da parte d'estes, que nunca algum dos navios da frota de Jeronymo de Souza, ponde aferrar n'um dos contrarios, por mais que para isso trabalharam: estiveram n'esta lucta continuada algumas duas ou tres horas, até que sobrevindo a noite tiveram de se apartar.

Jeronymo de Souza n'aquella noite se deixou estar no mar com determinação firme de, no seguinte dia, aferrar com os inimigos ou então obrigar-os a fugir; e assim o fez communicar aos outros Capitães dos seus navios. Tendo todos concordado nisto, apenas amanheceu logo recommençou a peleja entre os Mouros e os Portuguezes, como no dia antecedente. Porém os Portuguezes, á maneira que disparavam remavam tambem, de modo que se iam aproximando cada vez mais aos Mouros, rompendo por entre aquelles pelouros.

Vendo os Mouros uma semelhante decizão e ousadia, não se atreveram a esperar alli mais tempo, com medo dos Portuguezes, e por isso se foram retirando para Caulete, com as prôas para estes; mas sendo apertados mui fortemente, se viram obrigados a voltar-lhes as poupas, e fugiram, andando quanto mais podiam. Com a pressa e precipitação da fuga, não poderam tomar Caulete, e passaram então a Cananor. Mas os Portuguezes que os seguiram sempre, alli acabaram de desbaratal-os com mui grande damno de mortos, feridos, paráos arrombados, e outros que foram varar na praia, de que a gente fugio toda para a cidade, ficando os Mouros muito tristes por terem persuadido a El-

Rei de Cananor de que cercasse a fortaleza; o qual vendo esta victoria desistiu d'essa resolução.

Desbaratados por este modo os inimigos, ficou Jeronymo de Souza guardando a Costa, como lhe tinha sido determinado, visitando de vez em quando a fortaleza de Calecut, e provendo-a de mantimentos.

Como os Mouros do Reino de Calecut andassem muito dissolutos e atrevidos, em virtude do pouco medo que tinham aos Portuguezes, não se contentavam em levar para Meca toda a pimenta que queriam, mas ainda além d'isto, aquella que lá não podiam consumir a levavam para Cambaya: e todos os dias passavam com mui grande soberba á vista da Ilha de Gôa, onde não havia quem lhes contrariasse a passagem; porque mesmo um tal Luiz Machado, filho do Douctor Lopo d'Arca, que estava encarregado de guardar aquella Costa, tinha sido levado a Cochim pelo Vice-Rei, razão esta porque se não podia oppôr ao transito dos ditos Mouros.

D. Henrique de Menezes ficou muitissimo raivoso, por ver uma semelhante injuria, feita aos Portuguezes, e tão impunemente como estava sendo. N'este meio tempo foi alli ter um mercador em uma fusta, a qual logo D. Henrique de Menezes lhe comprou; e mandando armal-a com artilheria, e fornecê-la de sufficiente gente, nomeou para capitão d'ella a Jorge Tello, seu sobrinho, e filho de D. João Tello, ordenando-lhe que fosse esperar ao caminho os paráos de Malabares que iam com pimenta para Cambaya.

Como D. Jorge Tello era um dos mais esforçados e valentes cavalleiros que n'aquelle tempo andavam na India, mesmo assim com tão pequena cousa como era a tal fusta, e tão poucos recursos por conseguinte, começou no emtanto a fazer sentir aos Mouros que era elle que andava por aquellas paragens. Como sempre iam em quantidade com que se elle atrevia facilmente, perseguia-os ás bombarda-

das, e a uns fazia rumbos ao lume d'agua, a outros desapparelhava de mastros e de enxarcias, matando e ferindo em todos muita gente: e quando queriam virar-se para elle ou acometterem-no, bem depressa se lhes escapava d'entre as mãos pela ligeireza extrema da fusta.

E sabendo os Mouros de Calecut, que D. Jorge Tello alli andava, como lhes contrariava a passagem aos seus paráos, e os grandes prejuizos que já lhes havia feito, determinaram-se a ir ver se o podiam pilhar: para isto fizeram armar uns trinta e oito paráos, os quaes carregaram com pimenta e muita gente; e sendo feito Capitão mór d'esta frota um Mouro chamado China Cutiale, saiu para ir aprisionar D. Jorge Tello, que a este tempo já tinha reunido duas fustas e tres bergantins, trazendo n'estas cinco vellas alguns sessenta e tantos homens, os mais d'elles espingardeiros.

Andava D. Jorge Tello com a sua pequena frota na passagem dos Ilhéos queimados, quando foi ter com el'le, com toda a sua armada, China Cutiale. Depois d'este encontro houve um renhido combate entre os Mouros e os Portuguezes, de que não ha noticia circunstanciada: mas, qualquer que fosse a maneira porque D. Jorge Tello deu a batalha aos Mouros, o que se sabe em summa, é que elle os accometteu com esforço sobrenatural, e com a ajuda de Deus, os desbaratou a todos. Os Portuguezes mataram aqui muitos Mouros, tomaram-lhes sete paráos carregados de pimenta e d'artilheria, fizeram dar á costa dois, e os restantes fugiram, e dos da frota de D. Jorge Tello, não houve um unico morto, tendo apenas sido alguns feridos ligeiramente.

Recolhendo D. Jorge com os sete paráos que tomou, se dirigiu a Gôa, onde deixando a sua preza voltou ao mar. D'alli a alguns dias topou com uma Náo de Mouros de Calecut, em cuja guarda iam nove paráos muito bem armados d'artilheria e fornecidos de gente; pelejou com elles

tão bravamente, que os Portuguezes, tendo já morto muitos Mouros, vararam com os paraos em terra, dos quaes D. Jorge Tello tomou tres. Tambem tomou a Náo, que se não poudo escapar, e tornou com ella e com os paraós aprisionados, a Gôa, onde foi muitissimo festejado e gloriado por ter conseguido duas victorias tão grandes como arriscadas. Desde então tomaram os Mouros de Malabar tamanho medo, que não ousaram sair tão cedo ao mar: e começaram d'alli por diante a temer muitissimo os Portuguezes.

Destinando-se o Vice-Rei para ir a Calecut, augmentou-lhe tanto a doença por esta occasião que lhe entorpeceu muito as faculdades, impossibilitando o totalmente de continuar a tomar conta dos negocios da governança; e por esta razão encarregou d'isso a Lopo Vaz de Sam Payo, Capitão de Cochim, em quem depositava grande confiança; e tambem esperando que elle com a authoridade da sua pessoa e do seu cargo, apaziguasse as dissensões que tinham começado entre D. Luiz e D. Estevão da Gama, filho do Vice-Rei, que era Capitão-mór do mar, debaixo do governo da India, por dizer D. Luiz, que logo que chegasse alli seu irmão D. Duarte, tomaria immediatamente o governo da India, pois que elle era o seu verdadeiro governador, e ninguém mais, e que por tanto se havia de demorar sem ir para Portugal em quanto durasse a doença do Vice-Rei, pois se elle morresse ficaria alli governador como d'antes era.

Mas como a gente da India era muito afeiçoada a D. Luiz, tomava o partido d'este, contra os que tinham ido aquelle anno de Portugal, que eram do partido de D. Estevão da Gama, e sustentavam que não havia de governar a India senão quem o Vice-Rei actual quizesse, e que D. Duarte de Menezes seria mandado partir para Portugal apenas chegasse de Ormuz: e sobre isto haviam ajuntamentos

tumultuosos e porfiadas contendidas, a que Lopo Vaz de Sam Payo acudia, correndo sempre a cidade de dia e de noite, e apartando todas as brigas com a prudencia devida.

Entretanto que isto se passava na India, o Governador D. Duarte de Menezes, que estava então em Ormuz, se partiu para la, e sem lhe ter acontecido cousa digna de mencionar-se aqui, foi ter a Chaul, onde Christovão de Sousa, em consequencia do regimento que lhe tinha sido dado pelo Vice-Rei, o não deixou saltar em terra, mandando-lhe participar o motivo. Em Gôa lhe succedeu outro tanto com D. Henrique de Menezes, que tambem lhe impediu o desembarque: de maneira que D. Duarte de Menezes se dirigiu então a Cochim.

Apenas o Vice-Rei soube que D. Duarte de Menezes tinha chegado áquella barra, enviou immediatamente Lopo Vaz de Sam Payo, para lhe mostrar a provisão do Vice Rei da India, que o privava de poder saltar em terra n'aquelle porto, e lhe remetteu pelo mesmo portador uma carta missiva de El-Rei de Portugal.

Mandou-lhe além d'isto pedir o Vice-Rei em seu nome, que em vista do que se passava, lhe fizesse entrega da India; porque sua doença lhe não permittia que elle proprio fosse receber a entrega d'aquelle governo, e que tambem por outro lado elle D. Duarte de Menezes, não podia ir a terra dar-lh'a por haver ordem expressa de El-Rei de Portugal para que elle não desembarcasse, pois que assim convinha ao seu serviço: e que, não obstante, mesmo do mar onde estava se poderia prover de tudo o que lhe fosse necessario.

Em companhia de Lopo Vaz de Sam Payo, mandou mais, o Vice-Rei, a Affonso Mexia, Védor da Fazenda, e ao Licenciado João de Soiro, Ouvidor Geral da India. E chegados que foram ao navio onde estava D. Duarte de Menezes, Lopo Vaz de Sam Payo lhe entregou a carta missiva de El-

Rei de Portugal, a qual continha as seguintes expressões:

«D. João por graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'alem mar, em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio, de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. Fazemos saber a vós D. Duarte de Menezes, Capitão e Governador da nossa cidade de Tangere, e nosso Capitão-mór, e Governador nas partes da India: que nós vos escrevemos por outra carta, que havemos por bem que vos venhaes embora para estes Reinos n'esta armada. Porém vos mandamos que tanto que esta vos fór apresentada, entregueis a dita Capitania-mór, e governança, a D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, e Almirante do Mar Indico, que enviamos por nosso Vice-Rei a essas partes da India; e não usareis mais da dita Capitania-mór, e governança, nem das cousas da justiça, e de nossa Fazenda, nem de outra alguma de qualquer qualidade e condição que seja, que ao dito cargo toque e pertença, e que d'antes usaveis em virtude do poder, jurisdicção, e alçada que tinheis, porque havemos por bem e nosso serviço, como por outra carta vos escrevemos que o dito Vice-Rei tome logo posse de tudo, e use desde esse momento do poder, jurisdicção, e alçada, que leva por nossa carta patente, sem mais vos entenderdes em cousa alguma.

«Porém declaramos que o tempo que estiverdes na India, até vos embarcardes, possais estar em Cochim ou em Cananôr, segundo o que mais vos aprouver. E que ácerca de vossos creados, e pessoas de vossa casa, e dos creados do Conde vosso Pae que comvosco foram, e dos creados de D. Luiz vosso irmão, e de vossos cunhados e pessoas suas: que o dito Conde não entenda com elles por maneira alguma, nem tenha sobre cada um d'elles mando nem jurisdicção e alçada que tinheis pela carta de vosso poder e alçada: resalvando porém que se vós ou os taes

«por algumas pessoas, assim nossos naturaes, como dos
«mercadores da terra, e quaesquer outros de qualquer es-
«tado e condição que sejam, que lá houverem de ficar, e
«não vierem n'esta armada em que vós deveis vir, fôrdes
«requeridos, citados e demandados, assim em casos civis
«como crimes, vos possam, a vós e a elles, demandar pe-
«rante o dito Conde e Ouvidor que com elle ha de ficar, e
«não perante vós, para se fazer cumprimento de justiça.

«E dando-se o caso que quando o dito Conde chegar á
«India vos não encontre ahi, por terdes sahido a prover
«algumas cousas para o nosso serviço; n'este caso have-
«mos por bem que elle dito Conde, use logo inteiramente
«de todo o poder, jurisdição, e alçada que de nós leva,
«como faria se vos achasse, e vos apresentasse esta carta
«para lhe entregardes a Capitania-mór e Governança, por
«que assim o havemos por nosso serviço.

«E se se der ainda um outro caso imprevisto de que,
«por impedimento d'alguma doença, vós D. Duarte de Me-
«nezes não possais embarcar-vos n'esta armada, e ficardes
«na India: n'estas circumstancias havemos por bem que fi-
«queis, e vos recolhaes com todos os vossos creados e pes-
«soas de vossa casa, bem como os creados dos sobreditos
«vosso irmão e cunhado, em a nossa fortaleza da cidade de
«Cananôr: e que estejaes n'ella até á vossa partida da In-
«dia, e useis de todo o poder, jurisdição, e alçada que ten-
«des de Capitão-mór e Governador da India sobre elles, e
«sobre o Capitão, Alcaide-mór, feitor e escrivães da feito-
«ria da dita fortaleza. E de todos os seus casos civis e cri-
«mes tomareis conhecimento e os julgareis como vos pa-
«recer justiça, sem sobre os ditos, nem sobre cousa sua,
«o dito Conde poder usar do dito Officio de Vice-Rei, nem
«do poder, jurisdição e alçada que lhe temos dado, por-
«que queremos que tudo fique a vós D. Duarte de Mene-
«zes até á vossa partida da India. E mandamos ao Capitão,

«ao Alcaide-mór, feitor e escrivães da feitoria e a todas as
«pessoas que temos ordenadas na dita fortaleza de Cana-
«nôr, que vos obedeam, e cumpram vossos requerimen-
«tos e mandados, como a nosso Capitão-mór e Governador
«sob as penas que lhe puzerdes, assim nos corpos como
«nas fazendas: as quaes havemos por bem que deis á exe-
«cução n'aquelles que n'ellas incorrerem segundo a forma
«do poder, jurisdição e alçada que vos temos dado.

«E assim havemos por bem que se entenda e o façaes
«no caso que sabisseis da India por nosso serviço, e vies-
«seis a ella depois da partida das Nãos para estes Reinos,
«d'esta armada que leva o Vice-Rei para trazerem as espe-
«ciarias, na qual vós haveis de vir. Resalvando porêem que
«o dito poder e alçada, que vos damos sobre todos os aci-
«ma declarados se não entenderá em cousa que diga res-
«peito á nossa Fazenda e tratos da India: porque, no que
«a isto fôr relativo, não déveis tocar, nem usar da dita al-
«çada, e poder que vos deixamos nos casos supraditos,
«pórque isto ha de ficar ao dito Vice-Rei, para a tal res-
«peito praticar como julgar de justiça e de conveniencia
«para o nosso serviço, usando de todo o seu poder e al-
«çada.

«Finalmente, da entrega que ao dito Vice-Rei fizerdes da
«citada Capitania-mór e governança, como por esta vos or-
«denamos, cobrareis instrumento publico, onde se ache de-
«clarado as Nãos e mais navios que lhe entregardes, e a
«artilheria e armamentos que n'elles andam, bem como as
«fortalezas, com todas as armas, artilheria e mantimentos
«que n'ellas houverem; assim como a gente empregada
«n'estas partes do serviço, declarando a qualidade d'ella;
«e todas as outras cousas concernentes ao cargo de Capi-
«tão-mór e Governador, para que tudo possamos vêr e ana-
«lysar. Apenas entregardes a D. Vasco da Gama a dita ca-
«pitania-mór e governança, e cobrardes o dito instrumento

«da entrega pelo modo que fica dito, vos havemos por des-
«obrigado completamente de todos os encargos relativos á
«dita capitania-mór e governança: e vos damos por quite
«e inteiramente livre d'ahi em diante. E esta carta por nós
«assignada e sellada com o sêllo redondo das nossas ar-
«mas, com o dito instrumento tereis para vossa salvaguarda.

«Dada em a nossa cidade de Evora aos vinte e cinco dias
«de Fevereiro. Bartholomeu Fernandes a fez. Anno do nas-
«cimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil quinhentos
«e vinte e quatro.»

Vista que foi por D. Duarte de Menezes esta carta, bem como a outra que El-Rei lhe enviava, Lopo Vaz de Sam Payo lhe deu o recado do Vice-Rei para que não desembarcasse, do que D. Duarte de Menezes se agastou muitissimo; e disse a Lopo Vaz de Sam Payo, que elle não deveria ter sido o mensageiro d'um semelhante recado, visto que tinha sido armado Cavalleiro pelo Conde Prior seu Pae; por cujo facto nunca deveria ser contra elle nem contra cousa que lhe pertencesse. Mas Lopo Vaz de Sam Payo se desculpou dizendo que n'aquillo não mostrava ser-lhe em nada contrario, que era unicamente o cumprimento de um serviço d'El-Rei de Portugal, de quem elle era vassallo.

D. Duarte teve a principio muitas duvidas sobre a entrega da India, parecendo-lhe que por o Vice-Rei estar doente de perigo, poderia morrer e elle ficaria ainda governando a India. E acudindo o Ouvidor geral a estas duvidas como era concernente a seu officio, D. Duarte de Menezes desesperado lhe chamou bacharel. Respondendo-lhe o Ouvidor que Bacharel, Doutor, e Cavalleiro o haviam sempre de achar para tudo o que fosse concernente ao serviço d'El-Rei de Portugal. Lopo Vaz de Sam Payo e o Vêdor da Fazenda, acudiram logo tambem, estranhando muito o procedimento de D. Duarte de Menezes. E finalmente este, depois de muitas duvidas se resolveu a cumprir as determi-

nações de El-Rei, e entregou a India a Lopo Vaz de Sam Payo e ao Vêdor da Fazenda, em nome do Vice-Rei, e então o Vêdor da Fazenda lhe deu um instrumento publico de conhecimento, assignado pelo Vice-Rei e por algumas testemunhas, que era do theor seguinte :

«Saibam quantos este instrumento de conhecimento vi-
«rem; que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus
«Christo de mil quinhentos e vinte e quatro aos quatro dias do
«mez de Dezembro do dito anno, em a Cidade de Santa Cruz
«de Cochim, e na fortaleza de El-Rei nosso Senhor : es-
«tando ahi D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, Al-
«mirante do Mar indico, e Vice-Rei das Indias : disse que
«elle recebia de D. Duarte de Menezes, Governador que ti-
«nha sido antes d'elle, a governança das Indias, desde o
«tempo em que a ellas chegou e as começou logo a gover-
«nar, segundo por suas provisões e patentes lhe era orde-
«nado por El-Rei nosso Senhor. As quaes Indias elle certi-
«ficou ter recebido, e se houve por obrigado a dar conta
«d'ellas a Sua Alteza, e houve por desobrigado ao dito D.
«Duarte de Menezes da obrigação que tinha de dar conta
«d'ellas. E em testemunho de verdade mandou fazer este
«instrumento publico do recebimento d'ellas. Testemunhas
«que estavam presentes:—Lopo Vaz de Sam Payo, Capitão
«d'esta fortaleza, Fernão Martins de Souza, D. Pedro de
«Castello-Branco, Affonso Mexia, Vêdor da fazenda da India,
«Pero Mascarenhas, e o Licenciado João de Soiro, Ouvidor
«Geral da India.—E eu João Nunes, Escrivão Publico, na
«dita cidade, por especial mandado do dito senhor Vice-
«Rei, isto escrevi, e aqui meu signal publico fiz.

Logo que D. Duarte foi entregue d'este conhecimento, voltou Lopo Vaz de Sam Payo, com os que o tinham acompanhado para Cochim ; para onde tambem foi D. Luiz de Menezes, irmão de D. Duarte de Menezes, a titulo de se apromptar para a viagem de Portugal ; mas soube-se que

o seu verdadeiro fim era estar alli e vêr se o Vice-Rei morria, para elle immediatamente se apossar da governança da India, para seu irmão D. Duarte de Menezes, visto que elle não podia lá estar. E sendo Lopo Vaz de Sam Payo certificado d'isto, para prevenir o prejuizo que d'ahi resultaria a El-Rei, se dirigiu a casa de D. Luiz de Menezes com o Védor da Fazenda e o Ouvidor geral, e lhe pediu mui cortezmente que se embarcasse logo, porque assim cumpria a serviço de El-Rei.

Não querendo porém D. Luiz de Menezes obedecer a estes termos docéis, lhe mandou da parte de El-Rei de Portugal, que sem a menor delonga se embarcasse, senão que o faria embarcar á força. Cedeu a final a esta ordem positiva, e então se embarcou; evitando-se assim muitos alvoroços que se preparavam já. Sabendo d'isto o Vice-Rei; vendo ao mesmo tempo que seu mal ia em grande progresso, e que já desesperavam de sua saude e vida, não quiz que, por sua morte houvesse alguma revolta até ao abrir das successões: e por isso pediu a todos os fidalgos e Capitães, que obedecessem, como Governador a Lopo Vaz de Sam Payo, até áquella abertura: o que todos elles lhe prometteram executar.

Pouco tempo depois, succumbindo á doença, falleceu o Vice-Rei D. Vasco da Gama, em vespera de Natal do anno de mil quinhentos e vinte e quatro, fazendo todos os actos de verdadeiro e fiel Christão, e foi depositado na Sé de Cochim.

Os restos mortaes de D. Vasco da Gama foram depois, em 1538, trasladados para Portugal, para o convento de Nossa Senhora das Reliquias, de carmelitas calçados na Villa da Vidigueira, e jazem na capella mor, do lado da

epistola com a seguinte inscripção:—*Aqui jaz o grande argonauta D. Vasco da Gama, 1.º conde da Vidigueira, Almirante da India, e seu famoso descobridor.*

Resumem estas breves palavras que D. Vasco da Gama, para engrandecer a sua patria dobrou cinco vezes o cabo da Boa Esperança, domando a braveza do Oceano, e cortando-o na distancia de mais de tres mil legoas; que descobriu a Angra de Santa Helena, a Terra do Natal, as serras de Calecut, o rio dos Reis, e o dos Bons signaes, com a ilha de Moçambique, e as cidades de Mombaça e Melinde. Fez tributario á coroa de Portugal o rei de Quiloa em 300 miticaes de oiro, (do qual se fez a custodia que el-rei D. Manoel offereceu a N. S. de Belem) estabeleceu o commercio, celebrou pazes e firmou tratados de amizade com os maiores potentados do Oriente.

A sua fama não carece de estatua, subsiste em dois monumentos qual d'elles mais sublime e duradoiro, um é poema «Os Lusíadas», o outro o cabo da Boa Esperança.

Corre por tradicção na villa da Vidigueira que o sino que bate as horas no relógio, é o da embarcação em que D. Vasco da Gama dobrou a primeira vez, o cabo; e na quinta que elle fez no logar da Arrentella, ao sul do Tejo, e que hoje chamam do Salema ainda se conservam objectos trazidos da India pelo proprio D. Vasco, e cedros plantados em sua vida.

D. Vasco da Gama nasceu em Sines, porém foi criado na cidade de Evora, onde viveu e morou nas cazas que chamavam *pintadas*, por elle as ter mandado pintar depois que veio da India em 1499, fazendo alli debuxar arvores e animaes d'aquellas novas terras, o que sendo para outrem objectos de mera curiosidade, para elle eram brazões.

Segundo memorias do tempo era D. Vasco da Gama de estatura meã, algum tanto nutrido, de genio cavalleiroso, ousado para qualquer grande feito, e assaz para temer em

qualquer paixão; soffredor de trabalho, e mui inflexivel no castigo de culpas em satisfação da justiça. Deixou escripta uma relação da sua viagem á India no anno de 1497.

A espada de guerra de que o immortal descobridor da India se serviu nos combates navaes tem 1 metro e 73 centímetros de comprimento, altura de um homem regular, incluindo folha e copos. Davam-lhe o nome de *montante* e pelejava-se com ella agarrando-lhe com ambas as mãos. Pertence esta valiosissima memoria á caza de Niza, nobre descendente do illustre heroe.

CAPITULO III

ANNO DE 1525

SUMMARIO

Jorge d'Albuquerque Capitão de Malaca parte para a India; e o que lhe succede antes de chegar a Cochim. Antonio de Brito Capitão de Ternate, manda uma fusta a resgatar a Ilha dos Celebes. Do que succedeu ao Almojarife da fortaleza de Maluco indo para lá. Refferem-se umas grandes differenças que houveram em Maluco, entre Antonio de Brito e D. Garcia Henriques. Attribuem alguns escriptores estrangeiros a este anno a descoberta da Nova Hollanda, e Malte-Brun affirma com fundamento os direitos dos Portuguezes á honra d'este descobrimento.

Jorge d'Albuquerque depois de ter entregado a fortaleza de Malaca a Pero Mascarenhas, quando chegou a monção favoravel se partiu para a India em um junco seu, armado á portugueza; porque, como era mui zelozo do serviço de El-Rei, não quiz ir em navio portuguez (posto que

lhe foi offerecido por Pero Mascarenhas) por isso que sabia quão necessarios elles eram em Malaca. Foram com elle no dito junco, quarenta e quatro portuguezes, seus amigos uns, e outros por' creados. Quando ia perto de Cochim lhe sahio ao encontro o Arel de Porquá, grande inimigo dos Portuguezes, e que andava de armada contra elles com vinte e cinco catures muito bem armados e equipados; levou atraz de si todos os do logar em almadias, que convidára para o despojo do junco.

Apenas Jorge d'Albuquerque os avistou, tractou logo de se aprestar para a peleja, mandando carregar sua artilleria, que consistia em doze berços e um falcão, e reparando a sua gente pela tolda, pôpa e prôa. Estando prestes, seriam perto das nove horas do dia quando se aproximou o Arel com a sua frota, onde vinham fazendo grande gritaria. Pozeram-se de barlavento para que o junco não podesse arribar sobre elles, e o cercaram d'aquella banda pela popa e prôa; e começando logo a disparar sobre elle suas bombardas, lhe levaram da primeira bombardada a cevadeira com a competente verga e o mastro; seguindo-se tão bastas bombardadas, que parecia um chuveiro d'ellas.

Todavia, como o junco era muito forte e bem forrado por dentro, e as bombardadas eram de tiros miudos, não lhe fizeram damno algum; ao passo que os Portuguezes lhes cauzaram grandes deterioramentos, arrombando-lhes muitos catures, e matando-lhes, segundo depois se soube, perto de trezentos homens, com bombardadas e espingardadas; portaram-se finalmente aqui com grande bravura; principalmente Jorge d'Albuquerque, Antonio de Mello, Gomes do Campo e Ruy Lobo, que mesmo das portinholas da pôpa, mataram muitos inimigos com as espingardas; Francisco Baccarro, Nicoláo de Sá, Contador de El-Rei, e Antonio Carvalho feitor da casa de Ceita, que atiravam da tolda com dois berços e um falcão, com os quaes fizeram grande destrui-

ção nos catures, fazendo-lhes gravissimos rombos e matando-lhes immensa gente; e Francisco Fernandes Leme, Bastião Rodrigues Marufim, e outros cujos nomes se ignora, que occupando o lugar da prôa nunca estiveram ociosos, fazendo antes d'ahi jogar muitos tiros, conseguiram despedaçar grande quantidade de inimigos: os quaes, não obstante a immensa perda que tiveram, nunca cessaram de pelear até ao meio dia, hora esta a que todos se apartaram com a perda supracitada.

A unica desfeita que soffreu Jorge d'Albuquerque, nesta lucta, foi a de lhe matarem um escravo seu, que se descobriu muito. Tendo gasto toda a polvora e pelouros que levava, se partiu depois para Cochim, onde o Governador, que alli estava antes de ir para Gôa, sabendo a fadiga e perigo em que o junco se achava, o mandou soccorrer, mas já o auxilio não foi ao devido tempo. Chegando Jorge d'Albuquerque a Cochim, ahi deu novas do que se tinha passado em Malaca e Maluco neste anno de mil quinhentos vinte e cinco, que é pouco mais ou menos o que se vae tratar em seguida.

Antonio de Brito e D. Garcia Henriques, tendo-se reconciliado, concordaram que Antonio de Brito no seguinte mez d'Agosto entregaria a fortaleza a D. Garcia Henriques e se passaria a um logar distante d'ahi duas leguas, até acabar um junco que alli fazia, e poder leval-o comsigo para Malaca.

Durando pois a amizade entre D. Garcia Henriques capitão de Maluco, e Antonio de Brito que ainda lá estava, accordaram ambos, que seria bom mandarem ás Ilhas dos Celebes, que ficam a sessenta leguas da de Ternate, por que corria fama de lá haver muito ouro. Para se desenganarem pois da verdade, mandaram armar uma fusta, com vinte e tantos Portuguezes, de que fizeram Capitão o Almoxarife da fortaleza, e mettendo-lhe pannos e outras mercadorias

com que commerciassem com os Celebes, partiu na entrada do mez de Julho.

Chegando os Portuguezes a uma das ditas Ilhas foram muito bem recebidos dos seus habitantes, que lhes fizeram muito agasalho; porem quando souberam que os Portuguezes iam alli unicamente para resgatar ouro, receiosos de que, depois de feito o resgate, quizessem roubar, fazer-lhes mal, ou tomar-lhes a sua terra, se determinaram a tomar a fusta, e a matar o Almojarife e quantos iam com elle; de maneira que não ficasse quem podesse levar a nova a Ternate, julgando que não iriam lá outros.

Com effeito, uma noite, estando os Portuguezes dormindo na sua fusta, muito seguros e descansados, os da terra se armaram, e vieram uns á praia, em quanto outros foram a nado, que cortando a amarra da fusta a principiaram a allar para terra: mas apenas o barco a tocou, logo os Portuguezes acordaram, e tomando suas armas, começaram a ferir e matar todos que encontravam diante de si, com o que se puzeram os inimigos em fugida. E tornada a fusta ao mar se foram a outra Ilha, onde os não quizeram agasalhar; passando depois a outras onde lhes aconteceu o mesmo.

Vendo pois os Portuguezes que não podia de modo algum ter effeito a missão de que tinham sido encarregados, se determinaram a voltar a Ternate. Porém sendo-lhes os ventos contrarios, visto que já tinha passado a occasião da monção, se desviaram tanto do seu caminho que foram dar a umas Ilhas chamadas as do Meio: não podendo abordar a nenhuma por causa da grande tormenta que levavam, e das muitas correntes que giravam entre ellas, saíram a um largo golfão de mar, que fica entre o Estreito de Magalhães, as Ilhas de Maluco, e outras muitas. E como aquelle local era muito desabrigado, e os ventos corriam mui bravos, soffreram alli uma medonha tempestade, debaixo da qual

andaram perto de trezentas leguas, vendo-se em muitas ocasiões quasi perdidos. Uma noite com a grande bravura das ondas lhes saltou o leme fóra das fêmeas, e nunca mais o poderam tornar a metter: estiveram por este acontecimento em perigo eminente toda uma noite, até que pela manhã se acharam junto d'uma Ilha, onde saltaram em terra, dando muitos louvores a Nosso Senhor por lh'a ter deparado.

Foram aqui muito bem recebidos pela gente da Ilha, que era de côr baça, mas bem disposta e de lindos rostos, tanto homens como mulheres; os homens tinham as barbas pretas e compridas, e o seu trajo mais uzual era uns pannos cingidos que lhe chegavam até aos artelhos, sendo estes pannos feitos de palhas semelhantes ás dos juncos, só com a differença de serem mais alvas, e fica o panno tão macio como a hollanda; cobriam-se com outro panno tal como este, que lhes chegava até ao umbigo, e traziam tambem uma especie de camizas d'outro mais delgado.

A terra era muito viçosa d'arvoredos, onde se viam muitos coqueiros, figos como os da India, e inhames; haviam tambem muitas gallinhas e algumas cabras; continha esta terra muito bellas e frescas aguas, e produzia alguns legumes.

Os habitantes poderam dizer aos Portuguezes por accenos que havia muito ouro para o Poente d'aquella Ilha; que alli o paiz era tão sadio que nunca apparecia um só doente nem aleijado, havendo por este motivo muita gente velha; tinham cada um seus paráos onde pescavam, e navegavam ao longo da Ilha; cortavam a madeira com as espinhas dos peixes. Alguns dos Portuguezes que iam doentes, se pose-ram perfeitamente sãos apenas chegaram e esta bella terra. E vendo os Portuguezes o bom agazalho que d'aquella gente recebiam, e sendo-lhes por outra parte os ventos contrarios para voltarem a Maluco, se demoraram n'esta Ilha

quatro mezes; mas logo que tiveram monção favoravel, partiram immediatamente, fazendo acreditar aos da terra, que se mostravam muito sentidos da partida dos Portuguezes, que depois brevemente voltariam, por isso que andavam correndo e descobrindo por alli terras; e chegaram a final a Maluco aos vinte do mez de Janeiro do anno de mil quinhentos e vinte e seis, aonde, julgando-ós já a todos mortos, lhes haviam vendido suas fazendas; visto que a viagem d'aqui ás Ilhas Celebes era ao muito de mez e meio para ida e volta, e elles já passava de sete mezes que tinham d'alli partido para as ditas Ilhas.

N'este meio tempo os homens que serviram com Antonio de Brito, que eram muitos, ajuntavam todo o cravo que podiam para suas veniagas; porém receiando que D. Garcia Henriques os não deixasse embarcar, nem lhes mandasse passar os recibos dos seus soldos que lhes deviam, negociaram com Antonio de Brito, que antes de largar o seu cargo lhes mandou tirar os taes recibos secretamente e sem que D. Garcia Henriques o soubesse; e com igual segredo fez conduzir para o seu junco tudo quanto lhe era necessario, para depois não ter que lh'o pedir, e os Officiaes de El-Rei tudo lhe forneciam pela grande amizade que tinham com elle.

Chegando o mez de Agosto, entregou Antonio de Brito a fortaleza a D. Garcia Henriques, tendo algumas obras ainda por acabar, para que não tinham até alli dado lugar os grandes trabalhos da guerra e d'esta maneira se houve D. Garcia por entregue do commando.

Feito isto, logo Antonio de Brito se foi para o lugar aonde tinha o seu junco, onde o esperavam muitos Portuguezes que lhe tinham pedido para o acompanharem, por estarem já muito enfadados da guerra; e tendo antes apanhado bastante cravo, metteram-se no barco todos em forma de acompanharem a Antonio de Brito, sómente n'aquelle caminho, por ter elle sido seu Capitão; mas como já lá ti-

nham todo o seu fato, que fizeram antes levar clandestinamente, não quizeram depois voltar para a fortaleza.

D. Garcia Henriques não reparou n'isto por alguns dias, mas advertindo depois, ou talvez, não faltando quem lh'o lembrasse, escreveu a Antonio de Brito para que lhe enviasse aquella gente de que tinha grande necessidade, ao que elle respondeu, que apenas lançasse ao mar o seu junco, que havia de ser nas aguas vivas, lhe mandaria toda a gente então.

Entendendo porém D. Garcia Henriques, que aquillo não era mais do que uma invenção para não satisfazer ao que lhe pedira, lhe tornou a enviar outro recado com muitos cumprimentos e cortezias, pedindo instantemente que lhe mandasse a gente que elle exigia, e não a levasse comsigo, pois sabia quanto importava ao serviço de El-Rei que aquella fortaleza não ficasse desguarnecida, para sua guarda e defensão. E mandando-lhe apoz este muitos outros recados, sem que nada aproveitasse, lhe enviou ultimamente protestos e requerimentos por escripto, em seu nome e de todos os Officiaes da fortaleza, ao que Antonio de Brito respondeu sempre com as mesmas dilacões.

Estava n'este tempo no porto da fortaleza, o navio em que Antonio de Brito se havia de embarcar, e por conselho de todos lhe mandou D. Garcia tomar as vellas e o leme, e particularmente ainda as bombas, porque não tinha tempo para se munir de outras.

Logo que Antonio de Brito recebeu a noticia d'isto, todos os que estavam para se embarcar com elle e levar suas fazendas, se lhe offereceram para irem dentro da fortaleza com mão armada, buscar as vellas, o leme, e as bombas, e depois metterem se no navio, tendo antes tambem prendido D. Garcia Henriques, e matando todos aquelles que pretendessem defendel-o, porque todos estavam bastante-mente sentidos contra D. Garcia, pelos mandar pedir em

seus requerimentos nomeando-os pelos proprios nomes.

Antonio de Brito, que tambem estava muito encolerizado, lhes aceitou os offerecimentos, e sem attentar no erro que ia commetter, se foi com todos elles armados, e diante da porta da fortaleza se metteram dentro do navio, soltando muitas palavras escandalosas, e dizendo — vejamos quem será capaz de nos prohibir que levemos este navio. O que sendo observado por D. Garcia Henriques, e considerando os males que d'aqui podiam resultar, mandou ao navio o ouvidor com um tabelião para fazer requerimento a Antonio de Brito, e a todos os que estavam com elle, da parte de El-Rei, para que lhe obedecessem, visto que era Capitão d'aquella fortaleza, e alli representava a pessoa do Rei; que por isso saíssem do navio, depozessem as armas, e fossem para a fortaleza; o que elles recusaram, dizendo que Antonio de Brito devia ser commandante d'aquella fortaleza até que seu tempo fosse acabado.

Depois d'esta resposta todos os Officiaes aconselharam a D. Garcia que mandasse fazer de fóra em altas vozes outro requerimento, e protesto, e se então não cedessem mandasse metter no fundo o navio, com a artilheria da fortaleza. Avisado d'isto Cachil d'Arões, que era muito amigo de Antonio de Brito, foi logo ter com D. Garcia Henriques e lhe disse que estranhava muito o que se passava entre elles, sendo ambos vassallos de El-Rei de Portugal e de si tão honrados, e além d'estas lhe apresentou mais algumas razões, a que D. Garcia respondeu narrando-lhe os meios doces que antes tinha buscado. Concordaram a final que levasse Antonio de Brito o navio para onde tinha o seu junco, e que depois lhe mandasse a gente para a fortaleza, e que Antonio de Brito partiria na proxima monção.

N'este anno de 1525 succedeu o caso lastimoso de D.

Luiz de Menezes. Saiu este fidalgo de Gôa na nau *Santa Catharina*, e seu irmão D. Duarte de Menezes na não S. Jorge, com destino a Portugal. Entraram ambos em Moçambique e depois de repararem seus navios de algumas cousas que necessitavam, saíram e navegaram separados. D. Luiz nunca mais appareceu.

Passados annos morreu em França um piloto portuguez que lá residia, deixando ordenado em seu testamento que entregassem a e!-rei de Portugal seis mil crusados, como restituição que elle devia das fazendas que lhe tocaram da não de D. Luiz de Menezes, a qual fôra tomada e saqueada, vindo da India.

Onze annos depois do desaparecimento de D. Luiz de Menezes, andando Diogo da Silveira com uma esquadra guardando a costa, aprisionou um corsario francez, e veio a saber por denuncia de alguns homens da sua equipagem que elle era irmão do pirata que havia tomado a não de D. Luiz de Menezes, na Costa de Portugal, e assassinado toda a gente d'ella. Diogo da Silveira pôz a tratos o corsario francez que ultimamente confessou ser verdade achar-se com seu irmão na tomada da não, dizendo que elle mesmo se havia entregado por fazer tanta agua que em breve iria a pique, e que do melhor que acharam n'ella carregaram o seu navio, e depois deitaram fogo á não com toda a gente dentro.

Silveira ficou tão indignado com esta narração que sem querer conduzir a Lisboa os prisioneiros, como era seu dever, os puniu de morte.

Segundo alguns escriptores estrangeiros, foi tambem n'este anno de mil quinhentos e vinte e cinco, que desco-

briram os portuguezes a grande terra que se chamou Nova Hollanda, a qual tendo por algum tempo ficado no esquecimento, fôra depois reconhecida varias vezes pelos hollandezes desde o anno de mil seiscentos e dezeseis por diante.

O illustre geographo Malte-Brun na Historia da Geographia, diz a este respeito, que ha razões para se acreditar que os primeiros navegadores portuguezes descobriram uma parte das vastas terras do grande Oceano. Em todos os mappas-mundos do seculo 16.^o se vê representada uma grande terra austral, em cuja configuração se reconhecem as partes septentrionaes da Nova Hollanda, particularmente o golpho-de Carpentaria e a ilha consideravel que existe ao Oeste d'este golpho. Mas, como n'estes mappas antigos existe ligada a Nova Hollanda a uma terra austral imaginaria que se estende pelo sul da Africa e da America, os geographos não teem dado attenção áquellas partes, que parecem realmente indicar uma antiga descoberta d'estas terras entre os annos de 1530 e 1540.

No entretanto, os direitos dos portuguezes á honra d'este descobrimento, acabam de receber novas provas por duas cartas antigas, que se acham no museu Britanico. A primeira é um grande rolo de pergaminho com a carta do globo, por Mercator, mas sem longitudes nem latitudes, e toda escripta em francez; os nomes principaes são em letras mui grandes e bem distinctas; o meio dia, que ordinariamente hoje se põe na parte inferior das cartas existe na parte superior. Vé-se n'esta carta, ao meio dia da Asia, uma grande ilha, cuja posição corresponde exactamente á da Nova Hollanda. Nota-se uma passagem estreita entre Java e esta grande ilha; Timor é collocada ao nordeste. E a grande ilha é denominada a *Grande Java*. Entre os nomes que se vêem escriptos ao longo das costas nota-se o de *Costa das Herragens* ou das plantas, nome que se julga corresponder a Botany-Bay, mas que fica muito para o

norte. Ao meio dia da costa das Hervagens, ha tres outros nomes a grandes distancias: o primeiro é *Costa do Gracal*, depois um promontorio extenso e mui saliente chamado *Cabo de Formose*. A linha que termina a carta, corta a grande ilha acima dita, de modo que sua extensão fica indeterminada.

Os nomes *Gracal* e *Formose* parecem ser portuguezes e julga-se que a carta fôra traduzida d'esta lingua. Esta suspeita é confirmada por uma collecção de cartas intitula-
das—*Hydrographia de John Rotz*,—datadas de 1542, e que egualmente existem no museu Britanico. Este interessante manuscripto é em inglez, em pergaminho fino, mas a dedicatoria é em francez; tem mais um calendario e algumas instruções sobre a navegação; e finalmente muitas cartas perfectas e exactas, e um planispherio, que termina a collecção. A Nova Hollanda acha-se aqui desenhada quasi como nas cartas do seculo 17.^o antes da viagem de Abel Tasman, e com o nome de *Terra de Java*.

Comparando esta obra com o mappa-mundo acima citado, vê-se que as cartas de Rotz são os originaes: visto que ellas contêm muitos nomes portuguezes, que se acham na outra traduzidos para o francez. Em ambas se acha situada com exacção a costa Occidental de Borneo, com os nomes de *Porto de Borne* e *Baixos de Borne*. Ao norte de Borneo vê-se *Palouan* ou Palawan, e a leste estão as Molucas. Estes detalhes tornam inadmissivel a opinião d'aquelles que pretendem ser a Nova Hollanda n'estas cartas uma repetição da ilha de Borneo. No mappa-mundo representa-se na verdade Borneo por um mui pequeno parallelogramo, mas este erro é commum a todas as cartas do mesmo seculo.

De todas estas provas se conclue sem a menor duvida, que os portuguezes visitaram as partes septentrionaes da Nova Hollanda mais de um seculo antes da pretendida des-

coberta dos hollandezes. E é mesmo provavel que tambem descobrissem a costa oriental antes da viagem do capitão Cook. Além d'isso, esta asserção deve ser infallivelmente admittida por aquelles, que se lembrarem que a *Nova Guiné* ou a terra dos Papuás foi descoberta por D. Jorge de Menezes em 1526.

CAPITULO IV

ANNO DE 1526

SUMMARIO

Noticia dos estados, e vassallos do imperador da Ethiopia, conhecido pelo supposto nome de Preste João. D. Rodrigo de Lima parte para a côrte do imperador. Morte do embaixador Matheus. Chegada de D. Rodrigo de Lima á côrte, presentes que offereceu, e como o imperador os acceitou. Obtem d'elle audiencia. O imperador fórma alliança com o rei de Portugal, permittindo-lhe logo fundar fortalezas. Entrevista do imperador com o padre Francisco Alvares sobre negocios de religião. Os portuguezes encontram Pero da Covilhã. O imperador fornece a sustentação do embaixador e dos seus. Procedimento d'este com Jorge de Abreu, e Lopo da Gama. O imperador se empenha e toma medidas para evitar maiores desavenças. D. Rodrigo de Lima tem a sua audiencia de despedida, e é acompanhado pelo mordomo-mór, e por outros grandes senhores da côrte. Consegue-se a paz, porém D. Rodrigo de Lima ordena ao seu despenseiro que não dê viveres a Abreu. O principe Ber-

nagais, indignado, o faz reconduzir para a côrte. D. Rodrigo de Lima é avisado por cartas de D. Luiz de Menezes da morte d'el-rei D. Manuel. Luto rigoroso que o imperador ordenou. D. Rodrigo de Lima é de novo despedido com a noticia d'el-rei D. João III, ter substituido a D. Manuel. De novo é obrigado a tornar á presença do imperador. D. Rodrigo de Lima depois de 6 annos obtem audiencia de licença, e chega felizmente a Lisboa. Recepção que lhe fez el-rei D. João em Coimbra. D. Martinho de Portugal é enviado embaixador ao papa Clemente VII. O padre Francisco Alvares acompanha este principe e apresenta em Bolonha a S. Santidade as cartas do imperador.

Ninguém duvida hoje, que este nome de Preste ou padre João seja fundado sobre uma etymologia conhecida, que nos vem dos tempos das cruzadas, e se formou da idéa popular, de que havia um grande monarcha do Oriente, que se chamava João, e era padre da lei de Jesus Christo, da qual elle, e os seus vassallos faziam profissão. Que o christianismo tinha sido espalhado por toda a grande Asia, até ao imperio da China, parece certo pelos vestigios, que ainda hoje se acham, posto que não hajam provado que tenha sido a religião dominante e geral d'um estado em particular. Que tenha havido egualmente na grande Asia um poderoso principe christão, isto parece egualmente seguro. Os soberanos pontifices, e os principes cruzados tiveram com elle algumas relações, mas muitas d'ellas infructiferas. Os que lhe foram enviados, fizeram relações tão pouco exactas, que só servem para nos pôr em confusão; de sorte que é difficil hoje, ou mesmo impossivel, dizer ao justo onde erão os seus estados.

No tempo do primeiro cêrco de Damitta, que foi tomada por João Brienne, se espalhou o rumor, de que o Principe que reinava então, chamado David, vinha na frente d'um poderoso exercito em soccorro das crusadas, em quanto a Rainha de Georgia se dispunha a entrar por outra parte na Palestina; o que obrigou Corrodim, e Seraph, que acodiram a soccorrer Meledim Sultão do Egypto seu irmão, a regressarem promptamente para os seus Estados, a fim de se oppôrem a estas duas Potencias. Porém David não lhe custou pouco a defender-se. Os Tartaros o desbarataram, e desapossaram, ao menos d'uma parte dos seus Estados, ou das suas conquistas. No seculo decimo terceiro, perto do anno de 1240, houve ainda um d'estes Principes, que opprimido pelos Tartaros successores de Genghiskan na Tartaria Occidental, recorreu às potencias da Europa. Depois d'aquelle tempo acham-se muito poucos vestigios.

Comtudo, como a idéa d'este Principe, posto quo confusa, era muito viva no tempo dos primeiros descobrimentos dos Portuguezes, depois dos esforços que os Reis D. João II e D. Manuel tinham feito para o descobrirem, persuadiram-se, não sem algum fundamento, que o Preste-João era o Imperador da Ethiopia, a quem davam tambem os nomes de grande Negus; e de Rei dos Abexins. E' preciso conceder que todos os signaes se assemelhavam. Os nomes d'estes Principes tirados do Testamento velho, a magestade d'estes monarchas, que respeitavam como especie de divindade, as cruces, que elles faziam levar adiante de si, a religião christã, corrompida pelos êrros dos Nestorianos, etc. Só alli ha a differença dos estados d'um, que suppõem terem sido muito remotos na grande Tartaria ou na India, ao mesmo passo que os do outro são na Africa.

O Imperador dos Ethiopes anda a par com todas as outras nações pelas fabulas da sua antiguidade; mas atravez do que se póde desenredar da fabula, parece constante,

principalmente pelo testemunho de Herodoto, que é um dos mais antigos, e maiores imperios do Mundo. Era certamente muito mais extenso do que é hoje: e parece que as Arabias, que teem igualmente tomado os nomes de India, e de Ethiopia, foram antigamente, e por muito tempo, do seu dominio. Sendo assim, não será maravilha, que um principe, que tinha um grande imperio na Asia, tenha podido fazer os progressos d'um conquistador rapido, e soffrido depois na sua pessoa, ou na de seus successores os revezes d'uma fortuna pouco estavel, quando se tracta de conservar estados tão extensos, e pela maior parte novamente conquistados.

Esta nossa opinião é confirmada por uma carta do Gram Senhor de Rhodes, que escrevendo a El-Rei de França Carlos VII, diz expressamente, que o Imperador da Ethiopia era o verdadeiro Preste-João. A mesma carta que o Papa Alexandre III escreveu a um rei da India chamado João, caracteriza bastantemente o Imperador da Ethiopia. Assim, antes dos descobrimentos dos Portuguezes, haviam já noticias muito consideraveis do Rei dos Abexins, e uma especie de persuasão de que elle era effectivamente o Preste-João.

Herodoto, que já citámos, e outros Auctores da antiguidade profana, nos representam os Ethiopes, como um dos primeiros povos do mundo; iguaes, ou anteriores mesmo aos primeiros Egypcios. Os Ethiopes de hoje dizem ser descendentes de Haback neto de Noe, d'onde se formou o nome d'Abassia, e por corrupção o de Abyssinia. Depois d'aquelle tempo contam uma larga serie de Reis, cujos fastos nos parecem fabulas, ou porque com ellas tenham engrossado os seus annaes, assim como o fizeram todos os outros povos, ou porque depois de tantos seculos teem para nós um ar de novidade, que não podemos ajustar com as nossas preocupações. Entre as suas épocas existem duas muito

celebres, a que é difficil negar alguma crença. A primeira é aquella da Rainha de Sabá. A segunda é a da Rainha Caudace.

A primeira a que chamam Maqueda, teve, segundo elles dizem, um filho de Salomão chamado David, ou Menilchek, d'onde descenderam todos os seus Reis por uma longa serie de seculos, não sem alguma interrupção; depois da qual tornaram a subir ao throno, que esta familia occupa ainda hoje. O que fez com que David, que reinava no tempo d'El-Rei D. Manuel, tomasse estes titulos. «David amado de Deus, columna da fé, do sangue, e da linha de Judá, filho de David, filho de Salomão, filho da columna de Sião, filho da semente de Jacob, filho da mão de Maria, filho de Nahú pela carne. Imperador da Grande e Alta Ethiopia, e de todos os Reinos seus dependentes.»

Pretendem que Menilchek tendo sido enviado a seu pae, fôra instruido na Religião dos Hebreus; que tornando aos seus estados com um grande padre filho de Sadoc, e doze mil homens, tomados de cada tribu, se estabeleceram na Ethiopia: que depois d'elle a Ginecocracia antiga fôra mudada, succedendo aos filhos dos Reis no throno, contra a lei immemorial, que estabelecia a successão na linha das filhas. Comtudo custa a comprehender, a serie dos tempos mostrando-nos Rainhas muito celebres entre elles, donde se pôde concluir que elles teem ainda uma especie de Ginecocracia tal como se vê em ambas as Indias, com esta differença não menos que se pôde fazer, que depois d'aquelle tempo os Reis se cazavam nas suas mesmas familias, o que terá mais facilmente conservado a descendencia pela multiplicidade das gerações no mesmo sangue. De lá é que tem ainda conservado muitos usos do Judaismo, entre os quaes se não deve pôr a circumcisão, que elles tinham antes, assim Herodoto o certifica, e que é usado pelo sexo que não era entre os Judeus.

Caudace, que fórma a segunda época, é aquella Rainha celebre, de que S. Filippe Diacono baptizou o eunuco; e é de uma e da outra que elles receberam a Religião Christã. Pretendem que este nome, Caudace, hoje um nome generico, era o que se dava a todas as suas Ramhas, como davam o de Pharaó a todos os Reis do Egypto.

Ignoram-se os limites da Ethyopia antiga. E' quasi certo que ella se estendia, assim como já dissemos, pelas duas Arabias. Isto é o que se pôde conjecturar da natureza mesmo dos presentes que a Rainha de Sabá trouxe a Salomão. As cidades de Saback e d'Axuma, cujas ruinas se vêem ainda na alta Ethyopia, podiam ser capitaes do imperio, mas pôde-se concluir pelas grandes riquezas que julgaram á Rainha de Sabá, que ella tinha um imperio muito extenso.

A Ethyopia d'Africa era limitada, pouco antes que os Portuguezes alli abordassem, ao Septentrião pelo Egypto e pela Nubia, ao Oriente pelo mar Roxo, e a costa de Zanguibar, ao meio dia pelo Monomotapa, e ao Occidente pelo paiz dos negros. Porém quando os Portuguezes alli entraram, os Musulmanos se tinham apoderado de todas as praças maritimas, exceptuando Arquico, que nunca tiveram, e no centro das terras muitos povos barbaros, e os Galles em particular, se têm levantado, e feito como independentes.

O Imperador da Ethyopia era como um idolo, que os seus vassallos mesmos, e os estrangeiros quasi nunca viam; a maior graça que elle fazia aos Reis tributarios era de lhes apresentar a sua mão, ou o seu pé para o beijarem, estando debaixo de um véo que o occultava aos seus olhos. Os Portuguezes o familiarisaram um pouco mais, de sorte que hoje se mostra, e não segue mais a etiqueta rigorosa do ceremonial dos primeiros tempos. Traz uma touca particular coberta de tecido d'ouro e prata, e aderessada com algumas perolas. Tem de ordinario na mão uma pequena

cruz, que é o signal da ordem de Diacono, que elle recebe sempre para commungar debaixo das duas especies, e entrar no sanctuario, o que não podem fazer os leigos.

Este Principe não tem morada fixa. A capital do seu imperio é uma cidade ambulante, e propriamente um campo de quasi 40 para 50 mil homens de guerra, os dois terços de infantaria, e o resto de cavallaria. Além d'isto elle tem mais o duplo ou triplo de outras pessoas do serviço para conservação do campo. Todos moram em barracas, a mesma igreja e o palacio do Imperador o são. Porém a ordem das cousas é tão bella, que não ha cidade mais bem governada, e com melhor policia. Os Abexins não sabem o que são cidades muradas. Elles teem por principio, que a força d'uma praça consiste no valor e na multidão dos homens, e não em baluartes e parapeitos. Teem comtudo quantidade de aldêas, assentadas em planicies immensas, e que fazem maravilhoso effeito á vista pela sua proximidade apparente. As suas casas são de madeira, e com um andar sómente. Em cada provincia não ha mais do que uma casa de pedra, que é da justiça, onde ninguem pôde entrar na auzencia do Governador, posto que esteja sempre aberta. O padre Paes, jesuita, tendo edificado uma casa de muitos andares para lhe servir de habitação, e de igreja, esta casa foi pela sua singularidade um objecto curioso para todo o paiz. Isto não era assim nos primeiros tempos. Acham-se na Ethyopia ruinas de cidades soberbas, e de edificios magnificos, que dizem ser da primeira antiguidade.

A Ethyopia é um paiz cheio de montanhas d'uma excessiva altura, e muito agrestes, porém as planicies são formosas e mui fertes. O que tem de mais curioso são as nascentes do Nilo, tão procuradas, e tão desconhecidas da antiguidade profana. Os jesuitas as descobriram viajando na comitiva do Imperador. O grande Affonso d'Albuquerque

que havia, segundo dizem, formado o projecto, de accordo com o Imperador, de mudar o curso d'este rio, e de o fazer desaguar no mar Roxo. Isto teria feito morrer todo o Egypto, que não recebe outras aguas senão as do Nilo, tão celebre pela fecundidade que alli lhe leva. Porém affirmam que este projecto é absolutamente impossivel na sua execução; mas ainda mesmo que seja chimerico, é bello o tél-o concebido, e faz honra ás idéas d'este heróe.

Os abexins são muito supersticiosos: a sua religião, ainda que christã, corrompida pelas herezias de Nestorio, e de Dioscoro, é além d'isto misturada de judaismo, de paganismo, e da infatuação das adinhações. Teem uma ordem hierarchica todos os gráus do sacerdocio, até ao Abuna, que é o bispo da Côte, e o unico de todo o Imperio. Este Abuna, é enviado pelo patriarcha scismatico d'Alexandria, que elles reconhecem por soberano pastor.

Tem além d'isto uma quantidade prodigiosa de monges, que alli se introduziram antigamente pelo Egypto, e de que a maior parte seguem a regra de Santo Antonio. Todos, tanto seculares como regulares, affectam uma grande auctoridade, e são muito abstinentes. Comtudo são summamente ignorantes, pouco versados nas materias theologicas, obstinados, e preocupados das suas falsas opiniões, como se não pôde expressar, principalmente os ecclesiasticos, e religiosos: e como o povo lhes tem muito grande respeito, porque são em grande numero, o seu estado os livra d'uma especie de escravidão, e o mesmo Imperador tem alguma sorte de dependencia do Abuna; por estes motivos se tem feito a conversão d'estes povos muito difficil, e esgotado em vãos esforços todos os trabalhos dos Missionarios que teem cultivado esta vinha infructifera.

Tornemos entre tanto á viagem de D. Rodrigo de Lima, que Diogo Lopes de Sequeira tinha entregado ao Barnagais, e ao Governador d'Arquico, com as treze pessoas da

comitiva, antes que partisse do porto de Maçua. Pondo-se estes em marcha para irem á Côrte do Imperador, perderam nos primeiros dias o bom Embaixador Matheus, que morreu no mosteiro de Bisau com grandes sentimentos de piedade, e d'uma doce consolação, na esperança das recompensas que teriam suas fadigas pelo bem espiritual, e temporal da Ethyopia, pela união dos dois grandes Príncipes que podiam para isso concorrer.

A morte d'este santo homem foi uma sensível perda para os Portuguezes, a quem elle faltava na maior necessidade. Porque além de que lhes teria servido d'interprete fiel, tinha tido muito credito sobre o espirito de D. Rodrigo de Lima, para lhe fazer conhecer a rasão em muitas occasões, em que elle excedeu todos os limites razoaveis.

Bem differente do Embaixador Galvão que a Côrte tinha enviado, e que morreu na Ilha de Camarão, D. Rodrigo de Lima, em lugar da prudencia, da experiencia e da sagacidade, que Galvão tinha mostrado em tantas negociações, e interesses nas principaes côrtes da Europa, era d'um genio arrebatado, e d'uma impaciencia excessiva que lhe causaram muitos desgostos.

Depois de mui grandes fadigas, e desgostos de viagens, finalmente chegou D. Rodrigo de Lima á côrte com a sua comitiva. Quiz o Imperador dar-lhe audiencia com uma magestade, e magnificencia, cuja descripção, que deu o Padre Francisco Alvares, capelão da Embaixada, faz ver a grandeza d'este Príncipe. E' verdade que teem pretendido depois, que em todo este preparo, havia uma ostentação extraordinaria, conforme á vaidade d'esta nação, cujo fim era então engrandecer os objectos na presença d'estes estrangeiros, para lhes fazer estimar muito a sua alliança. O Embaixador foi muitas vezes com a mesma pompa, até aos pés do throno, sem nunca vêr a pessoa do monarcha; o que lhe deu muito desgosto.

Na primeira audiencia, D. Rodrigo de Lima offereceu seus presentes, que consistiam em uma espada e um punhal ricamente guarnecidos, uma couraça, todas as armas defensivas, duas pequenas peças de canhão de bronze, balas proporcionadas ao calibre das duas pequenas peças, dois barris de polvora, quatro peças de tapeçaria da melhor, um orgão, e um mappa do mundo, a que o Embaixador ajuntou quatro saccos de pimenta, que tinha para seu uso. Este presente, foi mal recebido, porque os domesticos do defuncto Embaixador Matheus tinham feito saber ao Imperador, que não era este o que lhe tinha mandado El-Rei de Portugal. Este accidente causou tambem a D. Rodrigo de Lima novas mortificações, e foi obrigado a conceder para adoçar o espirito do principe, que era verdade, que o presente d'El-Rei estava ainda em poder do Governador Geral da India, e que seria enviado fielmente a Sua Alteza.

O Imperador mostrou comtudo que despresava o presente, e o fez distribuir pelos pobres, e pelas igrejas.

Finalmente depois de terem cançado a paciencia de D. Rodrigo de Lima por mais d'um mez, correu-se o véo que occultava a pessoa do principe. Apareceu este assentado sobre um throno alto, com a corôa na cabeça e o rosto meio coberto com uma graça, que um pagem abaixava, e levantava de tempo em tempo. Parecia ter pouco mais de vinte annos, e tinha muito bom agrado, ainda que moreno como são os Abexins. A audiencia foi de mercês, e o Imperador certificou a satisfação que tinha de entrar em alliança com El-Rei de Portugal, a quem permittiu desde logo fundar fortalezas em Maçua, em Suaquem, e em Zeila, promettendo ajudal-o, para a fundação, com homens, viveres, dinheiro, e materiaes.

Depois d'isto, o Imperador se mostrou muitas vezes, sem este fausto que o cercava, e com mais familiaridade viu, e

conversou muitas vezes em particular com o Padre Francisco Alvares, sobre os negocios da religião. Quiz-lhe ver dizer missa conforme o rito latino, e lhe assistiu a ella com toda a sua Côrte. Mostrou-se contente de vêr as ceremonias da igreja Romana, e concebeu ao mesmo tempo uma alta idéa d'este ecclesiastico, que alli adquiriu a reputação de um Santo. Os Portuguezes tiveram da sua parte a satisfação de verem Pedro da Covilhã, que não podia conter a alegria de encontrar os seus nacionaes, e ao mesmo tempo derramava muitas lagrimas com a lembrança da sua patria, que não devia ver mais por causa da sua idade estar muito adiantada, e das obrigações que tinha tomado.

O Imperador forneceu sempre com abundancia a sustentação do Embaixador, e dos seus que seguíão a Côrte nas differentes marchas que elle fez, e de que o Padre Francisco Alvares nos deixou uma relação magnifica.

Desde a primeira distribuição que se fêz por ordem do Imperador, D Rodrigo de Lima, que julgou que tudo era para si, repartiu pouco com os da sua comitiva; o que escandalizou de modo tal Jorge de Abreu, e Lopo da Gama, que chegaram ás palavras mais injuriosas, em presença mesmo dos primeiros ministros do Imperador, os quaes ficaram muito escandalisados, e relataram tudo a este Principe.

Este procedimento tão indecoroso e até indecente em um homem revestido de certo character, foi seguido por outro ainda peor. Porque tendo-se o Imperador empenhado duas vezes para os reconciliar, e fazer cessar o escandalo, nunca D. Rodrigo de Lima quiz admitir reconciliação alguma; de sorte que na comitiva do Imperador foi obrigado a tomar elle mesmo as medidas convenientes para evitar maiores contendas.

D. Rodrigo de Lima, tendo tido sua audiencia de despedida, e seguido jornada, o Imperador o fez acompanhar

pelo seu Mordomo mór, e por mais outro dos grandes senhores da sua Côrte, e lhe mandou dizer por estes, que queria absolutamente, que elle se reconciliasse com Abreu. Para isto se precisaram muitas conferencias. Comtudo conseguiu-se a paz. Abraçaram-se finalmente, mas desde então se quizeram cada vez peor.

D. Rodrigo de Lima ordenou ao seu despenseiro que não desse viveres a Abreu. De balde o Mordomo mór lhe mostrou a sem razão que fazia, pois que elle persistiu porfiadamente, e Abreu mais irritado que nunca, resolveu fazellos dar por força, e chegou a acções ainda as mais molestas, sem que o Barnagais em pessoa podesse moderar as violencias d'estes dois homens. Indignou-se por modo tal este Principe, que depois de lhes ter tirado as cartas, e o presente que o Imperador enviava a El-Rei de Portugal, os fez reconduzir presos para a côrte, com o fim de allí os fazer castigar.

Os negocios se acomodaram um pouco na côrte, ao menos em quanto ás apparencias. Comtudo D. Rodrigo de Lima recebeu as cartas que lhe escreveu D. Luiz de Menezes, que tinha vindo a Malaca para o reter, e não o achando, lhe assignalou um dia até ao qual o esperaria. Por estas mesmas cartas o avisava da morte d'El-Rei D. Manuel, de que o Imperador mostrou um grande sentimento; pelo que ordenou um jejum rigoroso de tres dias successivos, dentro dos quaes todas as lojas se conservaram fechadas. Não se comprava nem vendia alguma das cousas mais necessarias para a vida. Depois d'este luto, succedeu o acontecimento de saberem que D. Manuel estava substituido pela pessoa d'El-Rei D. João III.

Finalmente depois de seis annos de residencia na Ethiopia, teve D. Rodrigo de Lima audiencia de despedida do Imperador, o qual enviou por seu Embaixador para Portugal *Zagata-Ab*, sacerdote, e bispo (que os nossos escripto-

res commumente chamam *Zagazabo*) com cartas para El-Rei D. João III, e para o Papa Clemente VII.

O Padre Francisco Alvares acompanhou a D. Rodrigo de Lima. Heytor da Silveira recebeu estes seus compatriotos no porto de Maçuã, d'onde os conduziu para as Indias. De lá se embarcaram para Lisboa, onde depois chegaram mui felizmente. El-Rei D. João III, os recebeu em Coimbra com honras extraordinarias, e fez ir esperal-os ao caminho todos os Prelados, e Titulares que alli tinha na sua Corte.

Tendo El-Rei D. João III, enviado depois D. Martinho de Portugal seu sobrinho, com Embaixada ao Papa Clemente VII, o Padre Francisco Alvares seguiu este principe, tendo tambem o character de Embaixador do Imperador da Ethyopia, e n'esta qualidade teve a honra de praticar com Sua Santidade, que se achava em Bolonha, onde devia coroar o Imperador Carlos V.

A assembléa era das mais augustas, e se o Padre Francisco Alvares teve a satisfação de apparecer n'ella, com um character muito superior á sua primeira fortuna, o Soberano Pontifice não o teve menos de receber as cartas, que elle lhe apresentou da parte d'um Principe, de que havia na Europa uma idéa bem superior ao que elle na verdade era; que lhe dava titulos magnificos, e o lisongeava com a esperanza de fazer entrar o seu imperio nos sentimentos de submissão á Igreja Romana.

CAPITULO V

ANNO DE 1527

SUMMARIO

O Rei de Bintam tendo sido restituído pelos Portuguezes, commandados por D. Pedro de Mascarenhas, á posse dos seus Estados, faz-se tributario a El-Rei de Portugal. Nuno da Cunha obriga o Rei de Mombaça a pagar igualmente um tributo á corôa Portugueza. Belchior de Souza Tavares foi em auxilio do Rei de Baçorá contra o de Gizaira; sitio d'aquella cidade.

D. Henrique de Menezes successor do grande Almirante D. Vasco da Gama no governo da India, falleceu em Cananôr em 2 de Fevereiro de 1526. Tanto, que a noticia da sua morte chegou a Cochim, Lopo Vaz de Sam Payo governador da praça, e os principaes officiaes, se ajuntaram na casa de Affonso de Mexia intendente da Fazenda real,

para abrirem a segunda successão com as formalidades prescriptas. Acharam o nome de D. Pedro de Mascarenhas, que era então governador de Malaca; porém como eram necessários muitos mezes para poder chegar á India, abriu-se a terceira successão, e achando-se nomeado Lopo Vaz de Sam Payo, foi este immediatamente reconhecido Governador Geral da India.

No entretanto D. Pedro de Mascarenhas não estava ocioso em Malaca, e reunindo vinte embarcações com 400 Portuguezes, e 600 Malaioes, intentou a conquista de Bintam. Reino n'aquelle tempo de bastante importancia.

A cidade de Bintam dista umas 60 leguas de Malaca, está situada na extremidade do estreito de Singapur, e só é separada da terra firme por um pequeno braço de mar, sobre o qual tinham feito uma ponte para a communicação d'uma e outra praia. A povoação situada n'este logar estava cercada por tres ordens de espinhaes vivos, cujas pontas são envenenadas, e o defendiam melhor do que fossos. O terreno era tão lodoso, que todas as cazas estavam fundadas sobre estacarias, e passavam d'umas para as outras por pontes levadiças. Só o palacio do Rei fundado sobre uma eminencia era d'uma construcção solida. Além do cerco d'uma triplicada ordem de silvado, havia um quarto circuito feito de estacas e taipa, o qual formava uma muralha em torno da praça, que tinha suas portas onde faziam guardas exactas. Sobre esta muralha, e sobre dois baluartes que estavam na frente da ponte, haviam assestadas trezentas peças de artilheria. O canal do braço de mar, além de ser tortuoso por extremo, estava embaraçado pelas traves, e estacas, que alli tinham cravado a toda a força, de modo que só havia passagem para as pequenas embarcações.

D. Pedro de Mascarenhas tendo ancorado ao largo da Ilha, fez logo sondar o rio ou braço de mar, e enviou depois uma embarcação a reboque por dois calallusses, reso-

luto a atacar pela ponte, assim como tinha feito Affonso d'Albuquerque na tomada de Malaca. Francisco Serrão, que commandava este navio, encontrou alli tantas difficuldades, que tudo o que podia fazer no espaço d'um dia, era avançar o comprimento d'um cabo com difficuldades, e perigos extremos, por causa do grande fogo dos inimigos, que a final o obrigaram a desistir da empreza.

Avisado o Rei de Pam do perigo em que estava seu sogro, fez partir de prompto trinta lanchas com dois mil homens, e toda a sorte de provisões. O General não lhes deu tempo de ganharem a Ilha, foi esperal-os, desbaratou-os, afugentou-os, e lhes tomou doze dos barcos. Francisco Serrão tendo tornado ao seu trabalho, o adiantou com tanto esforço e frequencia, que depois de quinze dias d'uma fadiga immensa, chegou até á ponte, e a aferrou; posto que a sua embarcação fôsse tão crivada de tiros, que era um prodigio não ter já ido a pique. Em vão os inimigos de noite cortaram as amarras. Francisco Serrão fez deitar novas espias de cadêas de ferro mui grossas.

Mahamud desesperado de vér que a sua artilheria não tinha podido desfazer a embarcação, ou fazel-a encalhar, mandou a Laczamana, que mettesse sem demora onze lanchas ao mar, e que a fosse atacar com mil e quinhentos homens. A ordem do principe foi logo executada com muito valor, e determinação. Os Portuguezes se defenderam como leões; porém, não obstante a sua valentia, não puderam impedir que os inimigos ganhassem a embarcação, onde subiram pela parte do beque, e os fizeram recuar até ao mastro grande.

Combatendo alli Francisco Serrão como um heroe, caiu quasi morto, abatido pelo muito trabalho. O abatimento do Chefe seria inevitavelmente seguido pelo de todos os mais. se D. Pedro de Mascarenhas, que desde os primeiros tiros de canhão conheceu logo o perigo em que estavam os seus,

tomando consigo Duarte Coelho, e alguns dos mais valerosos e resolutos, não se deitasse em uma balandra para voar a soccorrel-os. Á força de remos alcançou de prompto o lugar do combate, onde abrindo caminho por entre as lanchas, com o favor das granadas, subiu á embarcação, e tomando o posto d'aquelles a quem o trabalho, e as feridas já tinham quasi expulsado da lucta, não deixou alli um unico dos inimigos com vida: os outros foram tambem apartados, e não ousando aproximarem-se ao navio trataram todos de procurar a sua salvação na fugida. O que houve de mais singular n'esta acção, verdadeiramente bella, é que n'este pequeno numero de valerosos, os quaes estavam tão embebidos no combate, que não perceberam o soccorro que lhes tinha vindo, não houve um só d'entre elles que morresse das feridas, que cada um tinha recebido em abundancia.

D. Pedro de Mascarenhas, satisfeito com este successo, não deixou comtudo de se assustar com a vista dos obstaculos que lhe restavam para vencer, quando contemplou e analysou de perto a ordem dos entrincheiramentos que ainda devia expugnar. Todavia considerando que não tinha tempo para perder, se dispoz a atacar de noite pela frente da ponta, que prendia com a terra firme; porém, para chamar a attenção dos inimigos á parte opposta, fez saltar em terra na Ilha, do lado da praça, as tropas Malayesas, commandadas por Sanaia Raya, e Tuam Mahamede, a quem tinha unido quarenta Portuguezes, como se tivera tenção de atacar a praça pelos entrincheiramentos d'aquella banda. D. Pedro de Mascarenhas foi descer uma legua abaixo da ponte sobre a praia opposta, d'onde os inimigos não tinham alguma desconfiança, por ser um paiz todo debaixo d'agua. E posto que com effeito tiveram muito trabalho, principalmente na escuridade da noite, para se tirarem dos lôdos, e da agua, que algumas vezes lhes dava pela cintura, e mes-

mo outras vezes até aos sovacos dos braços, salvaram com tudo os maus passos, e se acharam ainda muito frescos para pelejar.

Duas ou tres horas antes do romper do dia, tendo Francisco Serrão feito os signaes, que tinha ajustado com o General, e deitado granadas, e artificios no baluarte do ataque, Sanaia Raya começou a mover-se com todas as suas tropas, fazendo grande estrondo de clarins, trombetas, tambores, gritos redobrados levantados por toda a multidão á maneira dos Indios, e o jogo da artilheria, que o horror da noite fazia ainda mais medonho. Despertado o inimigo por este ataque inopinado, e enganado por um semelhante fingimento, acudiu á parte d'onde sentia o barulho, assim como o General havia premeditado. Laczamana, que commandava nos entriacheiramentos, dispendo a sua gente o melhor que poude, a animou, e a poz em ordem de pelejar.

Começado o combate de ambos os lados, os tiros vôam aos milheiros de toda a parte. Comtudo D. Pedro de Mascarenhas, que esperava só por este momento, dá o assalto ao primeiro baluarte, e o toma; ganha a ponte, e o segundo baluarte com a mesma facilidade, e se espalha pela cidade com a flôr das tropas, onde seguindo o fogo do ardor militar, e da vingança, encheu tudo de sangue e de mortandade. O inimigo surprehendido, e atemorizado, não sabia para onde corresse ou aonde melhor se poderia defender.

Mahamud, a quem os primeiros fugitivos levaram a triste noticia de que os inimigos já estavam de posse da cidade, não o podia comprehender, e se contentava com desabafar a sua colera pelas reprehensões que lhes deu da sua vergonhosa fraqueza. Só porém acreditou totalmente o que lhe haviam dito, quando o dia lhe mostrou a destruição que lhe tinham feito de noite. Então, pensando elle mesmo só que devia fugir quanto antes, montou em um elephante,

que pouco depois deixou, para melhor occultar a sua marcha salvando-se nos matos; e como lá mesmo não se julgasse seguro, passou para a terra firme, e se retirou para uma cidade onde foi morrer consumido pelas tristezas, e desgostos successivos.

O general tendo-o feito procurar emvão, entregou á pilhagem a cidade, e o proprio palacio, onde achou grandes riquezas. Tendo depois trabalhado quinze dias para destruir todas as fortificações, limpou o rio, tirou a artilheria, e finalmente restituiu a propriedade da Ilha ao seu primeiro senhor, que Mahamud tinha desapossado, com a condição porém, que elle a possuiria debaixo da fê, e homenagem de Portugal, e que não levantaria mais as fortificações derribadas: e depois d'isto voltou para Malaca coberto de honra e de gloria.

Chegado Nuno da Cunha defronte de Mombaça em dezesete de Novembro, a uma ilhota que está fóra da barra, veio alli ter um zambuco carregado de gente, onde vinha um Mouro honrado, que era senhor d'um lugar chamado Tondo, visinho de Mombaça, e vinha offerecer-se a Nuno da Cunha para o acompanhar na sua empreza. Este porém se escusou de o levar, dizendo que bastava a gente portugueza, e que se levava a que elle via de Melinde, era em consideração de elles serem tambem offendidos pelo Rei de Mombaça e serem subditos de El-Rei de Portugal.

O senhor de Tondo replicou porém, que em quanto a elle não ser subdito de El-Rei de Portugal, não era isso por falta de vontade sua, mas que fóra sempre de tão humilde fortuna que nunca os Pórtuguezés se quizeram servir de sua terra. E por outra parte, pelo que respeita ás offensas do Rei de Mombaça, ninguem tinha recebido mais do que elle, por o dito Rei lhe conhecer vontade de se

avassalar a Portugal. Que o Rei de Mombaça tinha ido contra elle, e depois de vêr que por armas o não vencia, assentára paz com elle; e estando seguro pelas condições estabelecidas e juramento de paz, o prendera, indo a sua caza uma vez de visita, onde o teve muito tempo clausurado; até que os povos Sapangas, em razão de parentesco e amizade que com elle tinham, fizeram por sua cauza guerra a El-Rei de Mombaça; e que a final, por condição de pazes que assentaram com o Rei, fôra elle solto e tornára para o seu senhorio. Que finalmente por memoria da injuria recebida do Rei de Mombaça, elle trazia aquella cadea de prata que lhe viam aos pés, a qual nunca mais tiraria em quanto não conseguisse prender a El-Rei de Mombaça. Concluindo que, pelos motivos expendidos, seria de muita justiça que o deixasse ir em companhia com os Portuguezes; o que Nuno da Cunha lhe concedeu, vendo a grande dôr e magoa com que o senhor de Tondo contava esta offensa.

Quando o Vice-Rei D. Francisco de Almeida destruiu a cidade de Mombaça, já esta tinha um baluarte em uma das bocas do estreito; o qual então estava ainda muito mais forte e bem provido de artilheria, pois que o Rei tinha feito recolher toda a que poderam haver das Náos Portuguezas, que se perderam n'aquella paragem, de que eram capitães D. Fernando de Monroy e Francisco de Souza Mancias; e fez tambem o Rei de Mombaça metter alli muitas munições de toda a especie, porque já estava avizado por Mouros de Melinde, de que Nuno da Cunha ia sobre elle. A qual nova, não sómente o fez prover de toda a defensão n'esta entrada, onde tinha a sua maior força, mas ainda da terra firme tinha mettido na cidade uns cinco ou seis mil frecheiros, dos negros a que elles chamam Cafres, que é gente mui ligeira em seu modo de pelejar, e muitissimo ousada em accommetter.

Depois que Nuno da Cunha chegou á barra d'este rio, posto que trazia comsigo Mouros de Melinde, os quaes sabiam mui bem aquella entrada, por não confiar d'elles um negocio de tanta importancia, mandou adiante Pero Vaz da Cunha, seu irmão, em um batel grande, e Diogo Botelho Pereira no seu, com alguns dos pilotos da armada, e alguns dos Mouros; com ordem de entrarem pelo rio, e irem sondando, até defronte da cidade; de onde lhe deviam fazer signal, se havia alli sufficiente fundo para entrarem as Náos. Foi isto pontualmente executado, ainda que, com bastante perigo de suas vidas, porque tanto na entrada como na sahida foram bem servidos pela artilheria que dava para sobre o rio no baluarte de que fallámos; mas permittiu Deus que não soffressem damno algum.

Recebido o signal porque Nuno da Cunha esperava, deu logo á vella: pelo caminho iam tocando muitas trombetas e todo o genero de instrumentos appropriados, juntamente com uma enorme gritaria, que era uzo fazerem, invocando S. Thiago, quando accommettiam os inimigos.

Caminhando os navios n'esta ordem, Jordão de Freitas que ia adiante em um zambuco logo recebeu do baluarte duas grandes bombardas, uma das quaes levou a perna a um Antonio Dias, natural de Crato, de que pouco depois morreu. Atraz ia Jordão de Freitas, que seguia Leonel de Taide em seu navio, e posto que as obras mortas lhe foram desfeitas com pelouros, no entanto não perigou pessoa alguma. Seguia-se depois o navio onde ia Diogo Botelho Pereira; a este mataram-lhe o dispenseiro, e destruíram-lhe uma peça de artilheria.

No zambuco em que iam os Mouros, quebraram a mão direita a Cid Bubac, sobrinho de El-Rei de Melinde. E as Náos que levavam Nuno da Cunha e D. Fernando de Lima, como faziam melhores pontarias, e d'ellas ao baluarte não havia maior distancia que a de um tiro de pedra, foram

muito bem varejadas pela artilheria; mas tambem succedeu, em compensação d'isto, que um tiro despedido da Nao de Nuno da Cunha, quebrou uma peça de grosso calibre, do baluarte, o que poz os inimigos em grande embaraço, e fez com que se moderassem um pouco mais, em quanto as Nãos passaram. Finalmente, não ficou uma unica das embarcações Portuguezas onde não houvesse lenha e sangue, tudo produzido pelo tal baluarte.

Nuno da Cunha, posto que a seu pezar, foi tomar pouzo defronte da cidade, era já quasi sol posto, em umas oito braças de fundo. Como fosse já muito limitado o espaço que havia de dia, para mesmo assim o aproveitar, se meteu o proprio Nuno da Cunha immediatamente em um esquife, com mais algumas pessoas que para isso chamou, e andou rodeando a cidade, e analysando-a por todos os lados, afim de ver porque parte a poderia melhor accommetter. Chegando a uma ponta, onde os Mouros tinham uns zambucos varados, que foi por onde o Vice-Rei D. Francisco entrou quando destruiu aquella cidade, achou alli por resguardo de uma porta de muro, que era baixo, uns andaimes construidos de madeira com algumas deffensas para evitar que os Portuguezes por alli podessem entrar.

Como Nuno da Cunha não ficasse satisfeito e bem informado do que tinha visto, em razão de ser já escuro; esperando depois a saída do luar, mandou D. Fernando de Lima, no seu esquife, para que fosse analysar minuciosamente o circuito da cidade, e visse se os Mouros faziam alguma obra nos logares que elle notou: n'esta descoberta lhe feriram o Mestre em uma mão com uma frecha ervada, e ainda outro individuo com outra, os quaes foi um grande milagre o escaparem da morte, em razão da força do veneno de que usam commummente.

Os Mouros, como tivessem vigias sobre tudo o que os

Portuguezes faziam, não deixaram de sentir a ida do batel, e toda a noite estiveram lançando settas perdidas sobre as Nãos, sendo tantas e tão amiudadas que parecia um chuveiro d'ellas. E como das Nãos lhes dirigiam de vez em quando alguns tiros de canhão, o clarão d'estes lhes servia mui bem para fazerem as suas pontarias mais certas.

Quando D. Fernando de Lima voltou reuniu immediatamente Nuno da Cunha conselho, onde se tratou de combinar o modo menos arriscado como poderiam conseguir o saltarem em terra na manhã seguinte. O restante da noite foi passado por uns a concertarem e arranjamem suas armas para lhes servirem bem no dia seguinte; outros faziam confissões, e testamentos; e muitos finalmente passaram aquelle bocado de noite em grandes folias e cantatas, mostrando o ancioso desejo que tinham de ver chegada a manhã para ter logar o ataque.

Ao romper do dia já Nuno da Cunha estava em terra, n'um logar um pouco affastado da frente da cidade, o qual elle considerava como a melhor parte por onde podia dirigir o assalto (*). A gente com que elle contou, n'esta empreza, foram uns quatrocentos e cincoenta homens, em que haveriam talvez não mais de sessenta espingardeiros. Tanto que se viu com esta gente em terra, tratou logo de apartar cento e cincoenta homens todos fidalgões e nobres, e trinta espingardeiros, com os quaes mandou ir na frente, em direitura ás muralhas da cidade, que distariam d'aquelle logar mais de mil passos, a seu irmão Pero Vaz da Cunha. E Nuno da Cunha o seguiu tambem com todo o restante da gente.

(*) *Escreve Francisco de Andrade*, que Nuno da Cunha desembarcou junto de uma mesquita, pouco abaixo da cidade a assaltar, aonde havia um bom desembarcadouro ou cáes, o qual lhe foi indicado por um Mouro piloto, que tinha vindo com Jordão de Freitas. *E Diogo do Couto diz*, que este Mouro veio, a nado, fugido da cidade: E outro tanto diz *Castanheda*.

Pero Vaz da Cunha, como desejava ganhar a honra da dianteira, que lhe fôra concedida, posto que topou com alguns Mouros, que estavam fora das portas da cidade embuscados por entre valles e sepulturas, os quaes lhe frechavam a gente, não curou comtudo de se embaraçar com elles, e seguiu sempre ávante até topar com o muro da cidade. Aqui já os Mouros eram em grande multidão, e tinham ferido alguns Portuguezes com as frechas ervadas.

Apenas, porém, sentiram os Mouros as nossas descargas, que eram mais estrondosas, e os effeitos tanto d'estas, ou das espingardas, como das lançadas, que estiravam d'elles aos centos, trataram de encommendar a vida aos pés, e se affastavam do perigo quanto mais podiam. E o que os fez retirar mais desordenados, foi o aviso que tinham recebido de Melinde de que Nuno da Cunha ia sobre elles, em resultado do que haviam posto suas mulheres, e filhos, e as suas melhores fazendas, a salvo, entre o arvoredo da Ilha, e sómente deixaram alguns frecheiros que trabalharam quanto puderam para entreter os Portuguezes.

Mas, quando viram estes subirem por cima das muralhas como aves, largaram e abandonaram totalmente a cidade; de maneira que, Pero Vaz da Cunha, mandou arvorar uma bandeira em uma caza alta, para servir de signal da sua entrada, tanto para seu irmão, que para alli caminhava, como para os que tinham ficado a bordo dos navios; os quaes, tanto que avistaram a tal bandeira, responderam logo a este signal de victoria com grandes gritarias e tiros d'artilheria, que ainda produziram maior terror nos Mouros. Caminharam depois todos, direitos aos paços de El-Rei, que ficavam em um alto onde se deviam juntar, mandando tambem abrir as portas da ribeira á gente do mar, para que entrassem na ordem que elle tinha assentado.

Posto que Deus permittisse que a entrada dos Portugue-

zes n'esta cidade fosse concluida sem custo, e por consequencia sem derramamento de sangue, n'aquelle acto, todavia correram alguns grande perigo, entre os quaes se nota D. Fernando de Lima, com um mancebo Mouro, filho de Munho Mototo parente d'El-Rei, e seu Regedor. Era este mancebo bem disposto, e andava namorado d'uma sobrinha d'El-Rei. No dia antecedente ao da entrada na cidade, quando esta se despejava, saindo esta donzella com mais mulheres, aconteceu encontrar o seu servidor na companhia d'outros homens, nobres como elle, e quando ella passou por junto d'elles lhes dirigiu estas palavras:— *Que fraqueza é esta cavalleiros de Mombaça, que consentis que nós outras mulheres sejamos assim expulsas de nossas cazas para nos irmos metter em poder dos Negros Cafres?*— Estas expressões de tal modo envergonharam o seu servidor, que chegando-se a ella, lhe disse em voz bem alta:— *Pois que assim me affrontas em minha face, eu juro pelo amor que te tenho, que antes de dois dias me hão-de chorar aquelles que me querem bem, e tu, se é que m'o queres, não me terás mais para me daves o premio do teu amor.*

Tendo, assim este como os mais mancebos que o acompanhavam, feito voto de morrerem pela gloria de algum honroso e saliente feito, cada um se conloiou, para o desejado fin, com certos parceiros que os ajudassem; o ardid que aquelle mancebo tramou, foi ir introduzir-se n'uma caza, por onde passando D. Fernando de Lima, que elle reconheceu, pelas armas e companhia que levava, ser pessoa notavel, saltou-lhe de dentro como um leão que esperava a presa, e levantando-o nos braços o derribou no chão. D. Fernando de Lima, ainda que era moço de bella estatura e bastante reforçado, teve um sobresalto tal, que n'aquelle momento não poude fazer mais do que abraçar-se com o antagonista e prender-lhe as mãos; o que deu tempo a que acudissem muitos pelas partes de ambos; e

ninguem n'aquelle conflicto se portou melhor do que um creado de D. Fernando de Lima, com cuja ajuda foi o tal Mouro aggressor logo morto; bem como succedeu a outros Mouros, que n'outras partes commetteram attentados d'esta mesma natureza, com a tenção premeditada de se sacrificarem.

Finalmente a cidade foi de todo despejada dos vivos, porque os mortos ficaram estendidos pelas ruas. Quiz Deus que dos Portuguezes, tendo tido vinte e cinco feridos; não houvesse um unico morto, nem algum corresse perigo de morte, senão Luiz Falcão filho de João Falcão, e Antonio da Fonseca filho de João da Fonseca, Escrivão da Fazenda Real, por causa da erva. E quem observasse a grandeza d'esta cidade, a multidão do seu povo, a sua agreste situação, e a estreiteza de suas ruas, que as proprias mu'heres poderiam defender das janellas com pedras, parecer-lhes-hia, com razão, que milagrosamente Deus a quiz entregar nas nossas mãos, cegando aquelles Mouros para que a despejassem sem apreciavei resistencia. (*)

Tanto que Nuno da Cunha tomou posse de Mombaça, mandou arvorar a bandeira da Cruz de Christo, na mais alta torre das cazas de El-Rei. Deu licença aos Capitães para que fossem, com a sua gente de armas, buscar alguns mantimentos pela cidade, de que tinham soffrido muita necessidade depois da perdição da Náo que os levava. Nuno da Cunha ficou aquelle dia nas cazas do Rei; distribuindo os Capitães por diversas estancias nas bôcas das ruas, que para alli davam entrada, bem como n'outros logares por onde se julgava que os Mouros poderiam accommetter.

No dia seguinte que foi Domingo, mandou Nuno da Cunha

(*) Barros Dec. 4, Liv. 3, Cap. 5.

a D. Fernando de Lima (*) que fosse com duzentos homens ao baluarte da entrada do rio, para trazer-lhe as peças d'artilheria com que os Mouros os tinham incommodado tanto; das quaes já elles tinham algumas enterradas, que não appareceram; entre as que estavam no baluarte, e n'outros pontos da cidade assestadas em partes por onde parecia aos Mouros que os Portuguezes poderiam entrar, seriam ao todo umas vinte peças, a maior parte de metal, algumas de grosso calibre, e com as armas Reaes de Portugal, por serem das Nãos que alli se perderam como dissemos atraz.

À volta vindo D. Fernando de Lima por fora da cidade, por entre umas moitas, onde poderiam estar milhares d'homens embuscados, lhe saiu ao encontro um grande golpe de Mouros ás frechadas; e como o logar ou o terreno lhes era favoravel, pois que eram muito leves no saltar, e os Portuguezes vinham cansados do pêsso das suas armas e do caminho, por a grande calma que fazia, frecharam elles á sua vontade. Aqui levou D. Fernando de Lima tres frechadas, seu irmão D. Rodrigo de Lima uma, e assim muitos outros que foram gravemente feridos, chegando talvez a mais de vinte; dos quaes logo ficou alli morto um João Ribeiro, creado do Cardeal Infante D. Affonso. Nuno da Cunha sabendo da embuscada, mandou seu irmão Pero Vaz para acudir, e posto que ao tempo que elle chegou, já D. Fernando estava dentro dos muros da cidade, andavam ainda os Mouros tão ousados, que foram encontrar Pero Vaz, e lhe feriram muita gente; mas acudindo logo os nossos espingardeiros, começaram por derribar alguns, e pozeram os outros em fugida.

(*) *Francisco de Andrade, Diogo do Couto, e Castanheda*, dizem que foi D. Rodrigo de Lima irmão de D. Fernando de Lima, e que na entrada do baluarte fôra ferido d'uma frechada, de que morreu. E *João de Barros* diz no Capitulo 7 que elle foi ferido na peleja da Náo de Méca, de cujo ferimento morreu depois em *Calaiate*.

No dia seguinte, chegaram-se outra vez os Mouros muito perto das cazas onde estava Nuno da Cunha, e começaram a frechal-as, como quem provocava os Portuguezes para sahirem a campo, custou-lhe porém este atrevimento bastante sangue, e algumas vidas; sendo depois obrigados a retirar-se, soffrendo os nossos duas mortes, ficando Pero Vaz da Cunha com uma perna atravessada de lado a lado, e feridos D. Simão filho de D. Diogo de Lima com mais alguns.

Continuando todavia os Mouros, quasi diariamente, a fazerem rebates, nos quaes os Portuguezes soffriam muito damno, pois que os inimigos tinham grandes arvoredos, tanto de fóra como de dentro da cidade, onde se encobriam; mandou Nuno da Cunha a Leonel de Taide com alguma gente, queimar certas cazas pela Ilha; para a despejar o mais possivel dos Mouros, e decepar algum arvoredo onde elles se podiam embuscar; não consentindo ao mesmo tempo que a sua gente sabbisse fóra da cidade. Vendo os Mouros este receio manifestado pelos Portuguezes, como a cidade era grande, com mais atrevimento saltavam dentro aos magotes e iam furtar alguns mantimentos; continuando assim por uns tres dias, e ficando-lhes sempre muita gente morta pelas ruas da cidade.

N'este meio tempo chegou alli Aleixo de Souza, que Nuno da Cunha deixára com a gente doente em Zanzibar, e que depois mandara chamar para com a gente sã, se achar na tomada d'aquella cidade, o que elle não poudo cumprir no devido praso, em consequencia de ter tido sempre tempo contrario; mas veiu ainda em occasião de ganhar muita honra. Com effeito, saindo Nuno da Cunha a derribar uns laranjaes, onde se costumavam acoitar os mouros, deram-lhe noticia de que pela outra banda da cidade estavam entrando muitos a roubar. Mandou immediatamente lá Aleixo de Souza com alguma gente da sua, D. Rodrigo de Lima

que ia ainda ferido da frechada do dia antecedente, e Diogo Botelho; os quaes mataram alguns Mouros e feriram muitos, que depois morreram; por cuja cauza houve grande pranto entre elles, principalmente por um que era dos principaes, e se veiu offerecer á morte de proposito, julgando que se salvaria sua alma se morresse n'esta contenda; e a sorte que para este fim fez foi chegar-se tanto a Aleixo de Souza, que lhe deu uma cutilada n'um braço e outra acima da sobrançelha, por paga de cujo atrevimento ficou morto ás mãos do proprio Aleixo de Souza ajudado de Luiz Doria que alli accudiu.

D'ahi em diante nunca mais os Mouros voltaram á cidade; não sómente pela tristeza e terror que entre elles produziu a morte acima citada, mas ainda porque Nuno da Cunha lhes mandara queimar quantos barcos havia ao redor da Ilha, pelos quaes elles para esta se passavam da terra firme.

Vendo Nuno da Cunha que a cidade de Mombaça era muito grande, que tinha mui pouca gente, e que os naturaes da terra eram mais destros em accommetter e fugir, uzando além d'isso da erva nas frechas, que fazia tanto damno; determinou mandar vir gente da terra, costumada áquelle seu modo de pelejar, para que em harmonia com os nossos podessem expulsar de todo os Mouros d'aquella Ilha. Escreveu sobre isto a El-Rei de Melinde, o qual logo mandou um sobrinho seu, irmão do Principe herdeiro, com uns quinhentos Mouros honrados, o que foi depois uma nova de muito contentamento. Nuno da Cunha os recebeu com muitas festividades e grande estrondo de trombetas e atabales, para entristecer e amedrontar os habitantes de Mombaça. E como a cidade estava quasi despejada aquartelaram-se estes novos hospedes muito á sua vontade.

Da mesma maneira e com a mesma boa vontade, por recado de Nuno da Cunha, veiu El-Rei de Montangane, que

é uma pequena terra visinha de Mombaça e mui vexada por ella, trazendo duzentos homens comsigo. El-Rei da Ilha de Pemba, que fica fronteira a Mombaça, e é mui abastada em carnes e refrescos da terra, mandou grandes presentes a Nuno da Cunha; e outro tanto practicou El-Rei de Zanzibar, bem como todo o contorno de Mombaça, por todos estarem muito offendidos do Rei d'esta terra, como de um tyranno poderoso, que os queria subjugar; mostrando-se todos por esta cauza mui contentes pela sua destruição, e muito nossos amigos.

Com estes visinhos costumados ao modo de pelejar e aos ares da terra, em companhia dos Portuguezes, que lhes davam animo, os Mouros de Mombaça foram forçados a despejarem a Ilha, passando-se á terra firme, defronte de uma passagem, que de maré vazia podiam atravessar a vau, e por onde vinham alguns de noite buscar algumas couzas que lhes tinham ficado em suas cazas, bem como alguns mantimentos para não morrerem de fome. A este lugar, que tinha forma de arraial, mandou Nuno da Cunha a Leonel de Taide, e D. Fernando de Lima, os quaes posto que fossem logo apercebidos pelos Mouros que tinham boas vigias, todavia de caminho sempre queimaram algumas cazas na Ilha.

N'estas entradas ou especies de sortidas, que os Mouros faziam á Ilha, mais com fome do que com vontade de pelejar, vieram a descarar-se tanto, que queriam já entrar na cidade; então saiu, para se oppor a isto, Pero Vaz da Cunha; e posto que ficassem estirados no campo alguns vinte e cinco Mouros, tambem Pero Vaz foi ferido d'uma frecha que lhe atravessou a perna a baixo do joelho, por milagre de Deus não foi esta ferida de morte; apenas foi envenenado pela erva um tal Figueiredo, creado de D. Luiz da Silveira Conde da Sortelha. Nuno da Cunha, além da ordem para pelejar e saquear a cidade, que deu aos Mouros

de Melinde e a todos os mais, tambem lhes determinou que derribassem as cazas e destruissem tudo, porque a sua tenção era não deixar couza alguma em pé, para se pagar de tantos damnos que tinha recebido dos d'aquella terra.

Quando El-Rei de Mombaça se certificou de que Nuno da Cunha estava na firme determinação de alli invernar; e viu que os Mouros seus visinhos, lhe derribavam as cazas, e cortavam seus palmares, que era o mesmo que destruir-lhe parte da existencia, visto ser quasi aquelle o seu unico sustento; mandou dizer a Nuno da Cunha que lhe pedia, folgasse antes de o reconhecer como vassallo de El-Rei de Portugal do que destruir-lhe as cazas de sua vivenda e berço de seus filhos: que finalmente lhe dêsse licença e segurança para lhe poder mandar uma pessoa de qualidade afim de fazer ajustes de paz.

Depois de passados mais alguns recados de parte a parte, veiu primeiro ter com Nuno da Cunha um Mouro honrado, por nome Munho Mototo, que era parente de El-Rei. Este assentou com Nuno da Cunha que El-Rei de Mombaça se avassallava á Corôa de Portugal, com o tributo de mil e quinhentos meticaes d'ouro cada anno, (1) e que logo pagaria tres annos adiantados. E que além d'isto, pelo resgate da cidade, e para a não queimarem e devastarem, daria ainda doze mil meticaes; ficando obrigado a servir El-Rei de Portugal, e a não recolher Turcos nem alguns outros inimigos dos Portuguezes em suas terras. Voltando depois o mesmo Mouro a dar noticia de que o Rei de Mombaça ficava contente com aquellas condições, trouxe logo a Nuno da Cunha mil e quinhentos meticaes em prata e ouro, dizendo-lhe que o restante viria depois, por quanto se estava rateando por todos os habitantes da cidade, visto que todos elles participavam d'esta mercê e beneficio.

(1) Valle cada metical d'ouro trezentos e sessenta reaes.

Despachou immediatamente Nuno da Cunha a Diogo Botelho Pereira para Portugal, com recados a El-Rei do que havia passado em sua viagem, o estado em que ficava, e como determinava ir invernar a Ormuz. Partiu Diogo Botelho Pereira a vinte e sete de Dezembro de mil quinhentos vinte e oito; e chegou a Lisboa em Junho do seguinte anno.

Estava já Nuno da Cunha em Ormuz quando Belchior de Souza Tavares alli chegou tambem, vindo de Baçorá por ter sido mandado a Ormuz com dois bergantins e quarenta homens de peleja, pelo Capitão Christovão de Mendonça, a pedido de Ale Mogemez Rei d'aquella cidade, para o ajudarem a defender do Rei de Gizaira seu visinho, que lhe fazia continua guerra. Como Belchior de Souza Tavares foi o primeiro Capitão, que com mão armada entrou pelos dois rios Tigres e Eufrates, onde nunca poudé entrar o poder dos Gregos e Romanos com seus grandes exercitos, quando contendiam com os Reis de Babylonia e da Persia; não será de pouca importância escrevermos alguma cousa ácerca da jornada de Belchior de Souza, que assentou paz entre os dois Reis de Ormuz e de Baçorá; e fez depois guerra a este por não cumprir com as condições ajustadas.

Tão temido era o nome Portuguez n'aquellas partes, que adiante se verá o que fez um Capitão de dois bergantins apenas com quarenta homens, e não entre os negros barbaros da Costa de Guiné, mas na mais celebrada terra de que as escripturas fazem menção, que é nas correntes dos dois illustres rios Eufrates e Tigres, onde elles dão de beber aos povos Babylonios e Chaldeus, e onde hoje os Mouros teem a celebre cidade de Bagdad, e as sepulturas de

Ali (*), e de alguns filhos seus, que são a cabeça de sua seita. Para mais clareza do que temos a dizer será necessario tratar primeiro da situação de Baçorá.

Distá esta cidade quazi trinta leguas da barra dos rios Tigres e Eufrates. Esta povoação segundo se diz, se fundou ha poucos annos, e agora a teem os Turcós mui forte com temor de nossas armadas. Junto d'ella está uma cidade despovoada, mettida mais pelo sertão, onde existe uma mesquita sumptuosa de Ali, sem haver n'ella mais do que um Mouro com tres filhos e tres filhas, que tinha a seu cargo duas alampadas que haviam na mesquita. As cazas que havia eram todas terreas e construidas de pedra e cal, as pedras eram muito grandes e engastadas com ferro e cobre, que diziam ser por cauza dos tremores de terra que são alli mui frequentes; os telhados eram ladrilhados e planos por chover raramente. Dizia o Mouro que aqui vivia que esta cidade se chamava Baçorá a velha. Um Geographo Persa escreveu, que esta cidade foi fundada em tempo de Ali, tio e genro de Mafamede, por um Mouro chamado Atabad, filho de Garvan; e que no tempo de Bibal filho de Abibardá, haviam n'ella cento e vinte mil esteiros, que se derivavam dos rios Eufrates e Tigres por virem ambos alli concorrer. Sendo tão grande esta cidade que diziam ter o dobro da do Cairo, era comtudo despovoada por não ter agua de beber, que vinha para alli de mui longe, e tambem por ser a terra muito calmosa no verão, e no inverno excessivamente fria, não havendo lenha para se aquentarem.

A Ilha de Gizaira é feita pelos dois rios Tigres e Eufra-

(*) Ali, foi filho de Abiltaleph, com cuja ajuda e conselho promulgou Mafamede a sua seita, e o cazou com sua filha Fatima, nomeando-o por successor no Reino e Caliphado; a qual dignidade lhe usurpou depois, como mais poderoso, outro conselheiro e companheiro de Mafamede chamado Abubecher. Ali foi o quinto Calipha, e auctor d'outra nova seita, que professam os Persas. Teve por seu contrario a Moavia, com o qual pelejou; e ultimamente foi morto, por ordem de Moavia, perto de Cufá, cidade da Arabia, ao entrar n'uma mesquita.

tes. Este nasce na Turcomania e o primeiro em Adilbergiam (*), e fazendo ambos aquelle grande cerco a que os Geographos chamam Mesopotamia, que quer dizer, terra entre dois rios; quando o Eufrates vem dar na provincia a que Ptolomeu chama Babylonia, lança-se do Sul para o Norte, e faz um agudo cotovêlo defronte da cidade de Bagdad, por onde passa o Tigres, e entre um e outro rio fica apenas um espaço de sete leguas, que nas grandes enchentes se cobre d'agua. D'este cotovêlo volta o Eufrates ao Sul, com grande impeto, se parte em dois braços, um entra no Tigres, e o outro vae passar por Baçorá, e se junta ao Tigres em Corna, fortaleza alli feita pelos Turcos. D'aqui vão ambos os rios em um corpo entrar no mar Perseu, por duas boccas que formam a Ilha chamada Murzique, em cujo lugar Ptolomeu e Plinio sitiam Teredon (**); ha aqui muitos canaveaes, e vivem alguns pescadores. O Eufrates

(*) O Eufrates nasce na parte da Armenia maior chamada Turcomania, do monte Pariades, d'onde tambem nasce o rio Araxes. Este corre a Levante e entra no mar Caspio, e o Eufrates segue ao Poente, e depois volta ao meio dia, atravessa o monte Tauro e se junta com o Tigres. Antes de passar aquelle celebre monte se chamava antigamente Pyxirato, e depois de passado Omira, como escreve Plinio no Cap. 24 do Liv. 5. E no Cap. 26 do Liv. 6, diz que os Assyrios lhe chamavam Armalchar, ou antes Naarmalcha, que significa rio real, que é o mesmo que Basilio, nome que pela mesma cauza lhe dá Ptolomeu na 4 Tab. da Asia; e por ella consta ser um braço do mesmo Eufrates, que rega Babylonia. O nome Hebreu que tem na Sagrada Escripura é Pharath, que quer dizer Fortificativo: e Josepho no Cap. 2. das Antiquidades lhe chama Phora; e hoje os Armenios Frat, e os Turcos Murat.—O Tigres nasce n'uma provincia da Armenia maior, que Ptolomeu chama Gordene ou Gurdi. No seu nascimento onde corre vagarosamente, se chamou Diglito, como escreve Plinio no Cap. 27 do Liv. 6; e onde correm com impeto suas aguas lhe pozeram os Medas o nome de Tigres, que significa entre elles setta; pela mesma cauza tem na Sagrada Escripura o nome de Hide Hel, que é Siriaco. Josepho lhe chama Diglath; e os nomes modernos são muitos segundo as provincias por onde passa; assim lhe chamam Hidecel, Derghel, Sir, Set, &c.

(**) Mercator e Ortelio querem que este lugar seja Baçorá; no que se enganam; porque Teredon situa Ptolomeu no meio da Ilha, e Baçorá fica a umas trinta leguas das bocas do rio, á mão direita da sua corrente, e não á esquerda, como estes auctores a põem em suas Taboas Geographicas.

depois que a primeira vez se junta com o Tigres, ambos retalham toda aquella terra. A' que é assim cercada e cortada pelos rios, chamam os Persas Gizera, e os Arabes Lézirias, vocabulo que d'elles nos ficou do tempo que senhorearam a Hespanha. E a principal e maior d'ellas, a que os naturaes chamam Vacet, e nós Ilha de Gizaira, que é visinha de Baçorá, e a ultima que estes rios fazem, onde está a fortaleza de Córna, terá de circuito mais de quarenta leguas, e é toda cheia de castellos pela maior parte de madeira. N'estas povoações o Rei é pouco obedecido, e a justiça alli é a da força. E' gente bem disposta e ligeira; sómente o Rei anda a cavallo; suas armas principaes são as frechas, havendo em Gizaira uns quarenta mil frecheiros. Antigamente obedeciam todos ao senhor de Bagdad; mas depois que o Turco começou a contender com Xiah Ismael, um Mouro poderoso alli assistente se intitulou por Rei n'aquellas differenças, e poz n'aquelle lugar por seu feitor a Ale Mogemez para lhe cobrar os direitos; este, em quanto que o senhor de Gizaira contendia com o de Bagdad, se fortificou, e como era Arabe da seita de Mahamed e inimigo dos de Ali, que são aquelles de Gizaira, levantando-lhe de todo a obediencia, se intitulou Rei, como este de Gizaira fez ao senhor de Bagdad. Todavia por obediencia e signal de subjeição pagava Ale Mogemez certas páreas ao Rei de Gizaira passado. E a unica causa porque agora o de Gizaira lhe fazia guerra, era que, além de já ha annos Ale Mogemez lhe não querer pagar este tributo, ainda lhe mandou matar um filho seu, que andava á caça na terra firme da parte da Arabia, onde elle tinha tomado dois logares a Ale Mogemez: e foi pois por mêdo do Rei de Gizaira que Ale Mogemez mandou pedir auxilio a Christovão de Mendonça.

Quando Belchior de Sousa Tavares chegou a Baçorá, andava o Rei á caça, e os dois dias que por lá tardou esteve

Belchior de Sousa no Bergantim distante meia legua da cidade, cujo Governador o foi visitar, levando-lhe muitos refrescos e fructas da Europa. Vindo El-Rei, mandou ao Governador, e aos principaes da sua caza que fossem acompanhar a Belchior de Sousa, e o Rei o ficou esperando em um terreiro grande em frente de suas cazas, assentado n'um cochim de seda, sobre uma alcatifa de ouro, e junto d'elle mandára collocar outra de lã para Belchior de Sousa. Ao longo das paredes do pateo estava tudo esteirado, onde estavam assentados de cócoras mais de dois mil homens. No meio do terriro andava um estribeiro d'El-Rei passeando em cima de um formoso cavallo, dez ou doze homens a pé traziam outros tantos cavallos pela rêdea, para mostrar ao Embaixador os cavallos pertencentes ao Rei, o que era uma grande honra; e para um lado do terreiro andavam outros homens esgrimindo com lanças de canna: tudo isto ao som de umas doçainas ao seu modo. Junto do Rei estavam uns oito musicos cantando por solfa, o que foi para os Portuguezes novidade, porque os Arabes da nossa Barberia não uzam d'ella; d'onde parece que estes habitantes de Baçorá o aprenderam dos Persas.

El-Rei assentado sobre a almofada, com as pernas cruzadas, tinha vestida uma camiza de linho azul, uma alge revia de lã, e uma touca mui grande na cabeça. Chegando Belchior de Sousa Tavares, acompanhado do aguazil, foi até onde se achava El-Rei, que saindo fóra da sua alcatifa o tomou pela mão e o conduziu ao lugar que lhe estava destinado. Depois da pratica dos cumprimentos, mandou El-Rei aproximar dois homens, unicos que iam armados com Belchior de Sousa, e apalpando todas as armas, chamou um dos seus armeiros e lhe perguntou se seria capaz de fazer outras semelhantes, porque lhe pareciam muito boas; e pediu ao mesmo tempo a Belchior de Sousa que os mandasse jogar com as espadas, o que elles lindamente des-

empenharam, ficando El-Rei muito satisfeito de os vêr.

Despediu-se Belchior de Sousa de El-Rei, para ir tomar repouzo; ao outro dia foi chamado á presença de El-Rei pelo mesmo aguazil, e então o Rei lhe deu conta completa dos seus trabalhos, e da guerra que El-Rei de Gizaira havia dez annos lhe fazia; que quanto á morte de seu filho, de que elle tanto se queixava, jurava na verdade que lh'o não tinha mandado matar, que aquella morte fôra occasionada por um desastre, pois a unica cousa que elle tinha feito fôra mandar áquelle seu Capitão que trabalhasse por aprisional-o, afim de que depois sobre seu resgate podesse fazer algumas negociações de paz.

Belchior de Sousa, que trazia instrucções ácerca do que havia de requerer a El-Rei de Baçorá, depois de o consolar e dizer-lhe que para lhe valer em seus trabalhos é que o Capitão de Ormuz alli o mandára; começou a culpalo por ter comsigo Turcos inimigos dos Portuguezes, que os recolhia sabendo que n'isso offendia a Portugal, e que tinha fustas que iam ao mar da Persia fazer algumas prezas nos navios que levavam mantimentos e mercadorias para Ormuz.

Depois d'esta pratica, e d'outras couzas que Belchior de Sousa propoz ao Rei, sobre amizades, e boa vizinhança que com os Portuguezes em Ormuz lhe cumpria ter, visto que tanto bem recebia d'elles; Ale Mogemez lhe prometeu, que em reconhecimento do soccorro que vinha prestar, lhe entregaria as fustas que lá tinha, as quaes seriam umas sete, visto que dizia estar o Capitão de Ormuz descontente d'elle as alli ter. E que nunca mais consentiria em sua terra Rumes, senão os que ao presente alli existiam, que passada aquella época de necessidade tambem os despediria. Mas que, o que d'elle Belchior de Sousa sómente exigia, era que fizesse com que El-Rei de Gizaira assentasse pazes com elle; ou então o ajudasse a recobrar duas

fortalezas, que lhe tinha tomado na terra da Arabia ao longo do rio Eufrates.

Concordaram em ir contra El-Rei de Gizaira; o de Baçorá se pôz prestes no espaço de quinze dias, e partiu com duzentas dalaças (*), onde levou cinco mil homens de pé, sendo seiscentos espiogardeiros; e as sete fustas mui bem artilhadas, das quaes a menor levava sete bombardas, e iam n'ellas cincoenta Rumes vestidos todos de vermelho, e outros tantos dos mais principaes homens da terra, entre os quaes ia tambem o Rei. Por terra, ao longo do rio, mandou um sobrinho seu com trez mil homens montados em eguas (porque os cavallo vendiam-n'os para Ormuz), dos quaes uns quatrocentos iam vestidos á persiana e mui bem armados ao seu uzo. E assentando El-Rei, a final, o seu arraial na terra firme da banda da Arabia, defronte de onde o Rei de Gizaira tinha o seu, que diziam montava a doze mil homens, a maior parte frecheiros, estiveram alli por espaço de nove dias, sem que de parte a parte houvesse a mais pequena escaramuça.

Vendo Belchior de Sousa esta dilação, e que n'estes dias nada mais tinham feito do que mostrarem-se ao Rei de Gizaira, apertou com El-Rei Ale Mogemez para que não deixasse passar mais tempo, porém elle lhe respondeu que se não enfadasse, e o deixasse obrar assim, pois que sabia mui bem como as couzas d'aquella terra deviam tratar-se.

El-Rei de Baçorá veiu um dia ter á fusta de Belchior de Sousa, e lhe disse que seria necessario que elle escrevesse uma carta ao Rei de Gizaira, cuja norma lhe daria, afim de que o negocio tivesse bom exito. Foi com effeito escripta esta carta em linguagem Arabe, cuja substancia era: que Belchior de Sousa Tavares tinha vindo alli por mandado do Capitão de Ormuz, por saber que elle e o Rei de Baçorá andavam em desavenças; e que sendo ambos visinhos de

(*) Barcas mui grandes, largas e razas.

Ormuz, se lembrara de uzar do officio de bom visinho, intervindo para que se consolidasse a paz e amizade entre os dous Reis; que trazia Belchior de Sousa, além d'isto, ordem para que considerasse como inimigo declarado aquelle que se negasse áquella conciliação, e lhe fizesse então todo o mal possível, bem como a todos os seus naturaes. Que para effectuar esta paz trouxera logo consigo El-Rei de Baçorá, o qual já se tinha submettido ao que elle Belchior de Sousa fizesse como medianeiro.

Mandada esta carta a El-Rei de Gizaira, por um Mouro mercador, trouxe este mesmo promptamente a resposta, em que El-Rei de Gizaira dizia: que, visto ter sido elle o offendido, lhe parecia mais razoavel ter ido primeiramente fallar-lhe, do que dirigir-se logo a Ale Mogemez, que o teria informado a seu modo a respeito de suas desavenças. Porém mesmo assim, que attendendo á pessoa de Belchior de Sousa, a ser elle o primeiro Portuguez que tinha ido a seu Reino, e por ser aquelle o primeiro requerimento que recebia do Capitão de Ormuz, com quem muito desejava ter amizade, elle faria pazes com o Rei Ale Mogemez; que para esse fim mandaria dous subditos seus competentemente auctorisados para tratarem a tal respeito, e que depois se compromettia a assignar tudo aquillo que lá concordassem.

No fim de quatro ou cinco dias que os enviados de El-Rei de Gizaira estiveram com o Rei de Baçorá, assentaram com este pazes, debaixo das seguintes condições: Que El-Rei de Gizaira entregaria ao de Baçorá as duas fortalezas que lhe havia tomado na terra firme; que por ellas lhe daria logo El-Rei de Baçorá cinco mil cruzados, cincoenta covados de veludo preto e doze cavallos; e finalmente, que em cada anno lhe pagaria este mesmo tributo.

Quando Belchior de Sousa soube dos ajustes de paz em que tinham concordado, disse a El-Rei de Baçorá que elle

viera alli para fazer pazes francamente e com honra sua, e não por tão excessivo preço; mas El-Rei de Baçorá que desejava vêr-se seguro no Reino que usurpára, pediu a Belchior de Sousa, encarecidamente, se contentasse com aquella concordata, que não era mau o partido, e que elle nunca esperára que o Rei de Gizaira viesse a um accordo com elle; que só lhe pedia um Portuguez para ir em companhia dos seus a assignar o tratado que se tinha feito. Belchior de Sousa mandou para este fim a um Gaspar do Casal, que foi em companhia do filho do Rei de Baçorá para acabar de confirmar o negocio.

Fixada que foi a paz e El-Rei Ale Mogomez posto em sua casa socegradamente, resolveu-se a não cumprir a promessa que havia feito a Belchior de Sousa, de lhe dar as fustas que tinha, e temendo que este lh'as tomasse á força, mandou-as metter pelos esteiros em parte onde os Portuguezes não podessem ir, nem Belchior de Sousa dêsse com ellas. Requerendo este que cumprisse o promettido, escusou-se de o fazer, dizendo-lhe ser cousa mui afrontosa o dar-lhe elle as suas fustas, que em logar d'ellas, se quizesse lhe daria antes mil xerafins, que é o que podiam valer. E vendo por fim Belchior de Sousa que por modo algum lh'as podia haver á mão, mandou dissimuladamente recolher um tal Fernão Mendes, que alli estava feitorizando algumas fazendas do Capitão de Ormuz, bem como o fez a outros Portuguezes que lá estavam; e apenas os teve a todos comsigo, saiu para o rio, onde tomou uma dalaça, e por um dos marinheiros d'esta mandou dizer ao Rei de Baçorá, que visto elle faltar á sua palavra não cumprindo o que promettêra, considerasse d'alli em diante como quebrada a paz que tinha com Ormuz, e mandasse guardar bem sua terra, porque tencionava fazer-lhe todo o mal e damnos que podesse.

Denunciada esta inimizade, e sem o Rei lhe mandar res-

posta alguma, veio Belchior de Sousa pelo rio abaixo, e foi dar a um logar, onde vieram recebel-os á praia, mas quando viram tres ou quatro derribados recolheram-se e fugiram, indo em seguimento d'elles os Portuguezes até despejarem o lugar, ao qual Belchior de Souza mandou lançar fogo. Queimado este lugar que seria de uns trezentos visinhos, foi dar a outro de pouco mais de cem, que tambem queimou. Feito isto, voltou a Baçorá, e andou alli bordejando tres ou quatro dias, para não se persuadirem os Mouros que elle fugia ás suas fustas.

Achando-se porém sem polvora para alli andar mais tempo, caminhou em direitura a Ormuz ao longo da Costa da Persia para dar uma vista á villa de Rexet, que seria de dois mil visinhos, cercada por muros de pedra e cal, e com cazas mui nobres como é costume na Persia. O Senhor d'esta, tinha, havia pouco, morto seu pae ás frechadas para poder ficar em seu logar. Concordou com elle Belchior de Sousa, em prejuizo do Rei de Baçorá, de mandar d'alli a Ormuz directamente os cavalloos que iam por via de Baçorá; o que elle de boa vontade aceitou pelo muito proveito que d'ahi lhe resultava; e naquelle anno foram por sua ordem mais de trezentos cavalloos para Ormuz.

Chegando finalmente Belchior de Sousa a Ormuz deu conta a Nuno da Cunha do que tinha deixado feito, ficando este muito contente por ver quão bem se tinham cumprido todas as determinações de Christovão de Mendonça, e assim por aquelle serviço como pelas bellas qualidades de Belchior de Sousa, o fez Capitão mór do mar de Ormuz. (*)

(*) Barros Dec. 4. Liv. 3. Cap. 13, 14, e 15.

CAPITULO VI

ANNO DE 1528

SUMMARIO

Parte d'Ormuz Antonio Tenreiro por mandado do Governador Christovão de Mendonça com cartas para El-Rei de Portugal, participando-lhe o haver desarmado em Suez a Esquadra Turca, bem como as desordens civis que Rais Xaraffo promovia em Ormuz. Saindo d'aqui, navega pelo Sino persico, entra no rio Eufrates, e desembarca em Baçorá, d'onde começa a atravessar o deserto. Descripção d'alguns logares e costumes que encontra em sua viagem. Chega finalmente a Italia á cidade de Ferrara, d'onde parte pela posta, atravessa a Lombardia, chega a Genova, onde embarca para Hespanha, e chegando a Valença parte por terra para Toledo e d'ahi para Portugal.

Tinham-se passado uns cinco ou seis annos depois que Antonio Tenreiro estava em Ormuz, quando entrou Christovão de Mendonça por Capitão da fortaleza e Governador do Reino de Ormuz. E sabendo este que Tenreiro tinha vindo d'aquellas partes do Egypto e passara pelos desertos,

lhe rogou repetidas vezes, que quizesse vir por terra a Portugal com cartas para El-Rei dizendo que lhe afiançava com a maior certeza, que El-Rei lhe faria grandes mercês, porque o Governador Lopo Vaz de Sam Payo lhe recomendará muito, que buscasse um homem, que fosse por terra a Portugal, e indagasse no caminho, passando pelas terras do Grão Turco, se havia alguma noticia de passarem os rumes á India, levasse esta nova ao Rei de Portugal, bem como de muitas outras que cumpriam ao serviço d'este, tanto em Ormuz como na India.

Fez Antonio Tenreiro todo o possivel para se escusar d'esta viagem, lembrando-se dos trabalhos e riscos que tinha passado na antecedente; porém tanto o Governador de Ormuz apertou com elle, fallando mesmo a homens seus amigos para que lhe fallassem, e o aconselhassem n'este sentido, e vendo Tenreiro este grande empenho de Christovão de Mendonça, e os immensos promettimentos que lhe fazia por escripturas publicas, que elle nunca quiz acceitar; cedeu finalmente e se promptificou para a dita viagem por terra, com tanto que elle Governador lhe desse aviamento e cartas para o Rei de Baçorá lhe dar guia e tudo o mais que lhe fosse necessario.

Como já tinha passado a maior parte do verão, e as cafilas já haviam partido ha muitos dias, a viagem se tornava mui perigosa; e o que fez com que Antonio Tenreiro a emprehendesse foi dizer-lhe Christovão de Mendonça quanto ella seria importante para o serviço d'El-Rei de Portugal. Por tanto depois de Antonio Tenreiro ter feito os seus preparativos, esperou ainda por uma Náo que devia dirigir-se a Baçorá; e dando-lhe Christovão de Mendonça muito limitada ajuda para suas despesas, e algumas cartas de credito para onde lhe fossem necessarias, embarcou por fim na dita Náo, e partiu para Baçorá, aos vinte de Setembro de mil quinhentos e vinte e oito.

Dando á vella a Náo, começou a navegar por aquelle estreito do mar, a que os Cosmographos chamam o sino persico, que se mette por entre a Persia e a Arabia perto de duzentas leguas, corre ao Noroeste, saindo da Ilha d'Ormuz, e no fim d'elle entra o rio Eufrates. Pelo meio d'este estreito ha algumas Ilhas habitadas por Mouros Arabios, onde não ha outros mantimentos que não sejam tamaras; de que elles se sustentam, e alli se faz a pescaria do aljofre. A principal d'ellas é uma Ilha chamada Baharem, que é a maior e a mais viçosa que ha no dito mar, e onde se pescam todos os annos perolas, que são as mais finas que se encontram para as partes do Oriente e na India. Esta Ilha está no fim do citado mar para a banda da Arabia defronte d'uma cidade denominada Catifa; tudo isto é senho-reado pelo Rei de Ormuz.

Talvez não deixe de ser curioso darmos aqui uma idéa passageira acérca da pesca do aljofre n'este mar, que se faz em todas as Ilhas que n'elle existem, nos mezes de Junho, Julho, e Agosto. Quando ha grandes calmarias, amarram uma barca no mar defronte d'alguma terra, onde vêem certos signaes porque elles conhecem haver alli ostras no fundo; e n'uma altura que não exceda de doze braças, atam um Meuro por debaixo dos braços com uma corda comprida, e lhe penduram uma pedra aos pés para o levar ao fundo rapidamente; leva além d'isto uma talla no nariz que lh'o aperta para que não lhe entre por elle alguma agua. Leva um balde na mão, e se acha ostras, o enche mui breve d'ellas, puxando logo pela corda para que o allem com a maior diligencia. Muitas vezes succede virem já mortos debaixo d'agua. As ostras são do tamanho da palma da mão, pretas por fóra e muito luzidias por dentro; abrem-se ao sol sobre lençoes, e deitam de si o aljofre e perolas que teem dentro. Como n'aquelle anno cursaram os ventos Noroestes mais cedo do que nos anteriores, e sendo estes

ventos contrarios, resultou andar muito tempo a Náo fazendo bordos e voltas para uma e outra costa, lançando de vez em quando ancora e esperando por marés que algum tanto a levassem ávante; de modo que se demoraram tanto, a ponto de gastarem mais de quarenta dias n'esta viagem até uma Ilha, que está junto da bôca do rio Eufrates, denominada Cargem.

Esta Ilha é pequena, raza com o mar, e talvez não tendo uma legua de volta; fica para a banda da Persia junto da foz do rio que fica dito; e é habitada por Mouros, que são todos pilotos, os quaes guiam os navios pela barra dentro até Baçorá, que serão umas quarenta leguas ou mais. Tomaram aqui um piloto que conduziu a Náo para dentro do rio; o qual é tão largo na sua entrada que se não distingue a terra para nenhuma das bandas, e só depois de se ter navegado dentro d'elle meio dia com vento mui favoravel, é que se vae descobrindo terra das duas margens com grandes arvoredos de palmeiras, que muito as embelezam. E mais para diante se não pode navegar com embarcações grandes senão durante a maré cheia, cuja occasião esperam no meio do canal as Náos que teem de navegar com carga até Baçorá. Antonio Tenreiro vendo a demora que tinham em esperar pela enchente da maré, saltou allíem terra; e caminhando por entre grandes palmares de tamaras, pelas povoações e aldêas habitadas por Christãos, Mouros, e Judens Arabios, chegou n'aquelle mesmo dia a Baçorá, por ter atalhado muito mais caminho por terra do que se fosse pelo rio.

A cidade de Baçorá, de que já demos idéa no capitulo antecedente, é cercada de muro de taipas muito forte e espesso, e as cazas são feitas de barro; concorrem allí muitos Mouros Arabios do deserto, para venderem certas mercadorias; tem bella comarca. Sustentam-se os habitantes de tamaras, em que abunda, creações de gados miudos, e bufalos.

Chegando Antonio Tenreiro a esta cidade, e sabendo que

as cafilas que d'alli partem todos os annos para Alepo e Damasco, já tinham sahido havia dias, dirigiu-se logo á presença do Rei d'aquella terra, que era um velho Mouro Arabio, muito pratico, visto haver poucos annos ainda que deixara de ser mercador e andara com camellos no trato em viagens de Damasco para Baçorá, e lhe entregou as cartas que para alli trazia do Capitão Ormuz, onde lhe recommendava que o favorecesse em tudo, quanto fosse possivel, e que sem falta lhe desse um Mouro, que soubesse muito bem o deserto, para lhe servir de guia. O Rei lendo as cartas não respondeu de prompto; mas passados alguns dias mandou chamar Antonio Tenreiro, e lhe disse: que nunca vira homem tão affouto como elle, pois se aventurava a passar pelo deserto só com um guia; e que de mais a mais, não achava Mouro algum que se atrevesse a isso, com receio das muitas feras que por alli ha, taes como Leões, Onças, Lobos, etc., que indo dois homens sós muito facilmente os accommetteriam, e seriam infallivelmente estragulados por estes animaes ferozes. Que por este motivo se tinha acordado que ninguem passasse por aquelles caminhos senão em Cafilas de muita gente. Por conseguinte, que devia desistir d'aquella empreza, que se tornava, como lhe acabava de mostrar, de tamanho risco.

Todavia, tendo-lhe fallado Antonio Tenreiro mais algumas vezes, dizendo que queria ir á viagem corresse por onde corresse; passados, finalmente, uns quinze dias tornou o Rei a mandal-o chamar, e lhe disse: que já tinha buscado um Mouro, o qual se promptificava a ir com elle, que visse ainda o que fazia pois lhe não assegurava a vida pelo perigo eminente por que tinha a passar, mas se assim mesmo quizesse podia tratar de ajustar com o Mouro por quanto o havia de levar; e logo mandou chamar o tal Mouro, que andava n'um aduar de Alarves junto d'aquella cidade no deserto,

Apenas elle chegou, tratou logo Tenreiro do ajuste, e ficou de lhe dar oitenta cruzados; comprou depois dois Dromedarios para irem ambos, bem como odres para levarem agua, biscoito, tamaras, passas, e farinha para mantimento dos ditos Dromedarios, de que se lhe fazem uns pelouros de massa rija para comerem, e sustentam-se oito e dez dias sem beber agua; caminhando n'um dia e noite vinte e cinco até trinta legoas, sem comerem mais do que aquelles pelouros de massa, que não chegam a ter uma quarta de farinha.

Passados trez dias, que gastou Antonio Tenreiro nos arranjos para a jornada, partiram ás dez horas da noite para um aduar, que estava no deserto, onde o Mouro guia tinha sua mulher, filhos e mais parentes; aqui se demorou outros trez dias em despedidas, durante os quaes houve-ram muitas lagrimas, dizendo todos ao guia que era aventurar-se demasiado, e que talvez nunca mais o vissem.

Partiram finalmente á meia noite, para não serem presentidos nem se saber que derrota levavam, por cauza dos alarves, que são muito ladrões; foram por fóra do caminho que deviam seguir, por deserto mui esteril e sem aguas, caminhando trez dias e trez noites, sem repousar mais que duas ou trez horas cada dia, andando seguidamente de noite. Quando se viram livres de maior perigo, tornaram a ladear para o Poente, e caminharam pelo deserto, de noite e dia continuamente, com o unico repouzo de trez ou quatro horas por dia. Em lugares mais descobertos, pelo receio que tinham tanto de ladrões como das feras, um dos dous vigiava em quanto o outro dormia. Viram differentes vezes Leões, Ursos, e Onças; mas uma vez que se lhe aproximaram mais, e os quizeram accommetter, desviaram-se d'elles, e tocaram mui rijo os Dromedarios até que os perderam de vista.

Um dia de madrugada se espantaram de tal sorte os Dro-

medarios, que correram á redea solta mais de duas leguas, estando Tenreiro por vezes quasi caindo pelos grandes saltos do Dromedario. Quando poderam parar, olhavam espantados e como insensatos um para o outro, sem poderem dar palavra; mas depois de tomarem alento, perguntou Tenreiro ao alarve, o que tinha sido aquillo, ao que este lhe respondeu que nada vira, porém que talvez fosse algum leão que os Dromedarios vissem embuscado n'umas moitas por onde haviam passado. N'esta corrida se metteu um estrepe pela mão do Dromedario em que ia Antonio Tenreiro, de que ficou tão manco que não podia dar passo, de maneira que estiveram seis dias sem nada caminharem, durante os quaes o Mouro curava a ferida do Dromedario.

N'este caminho do deserto não encontraram homem nem mulher alguma; unicamente viram muitas casas, e vaccas bravas, que são de cabello prateado e mui luzidio, teem rabos como os dos cavallos e tão finos que parecem seda, a cabeça é semelhante tambem á dos cavallos com uns pequenos chifres direitos e verticaes, viram tambem grandes manadas de burros, que são todos ruivos, e que vinham beber agua a uns charcos que haviam entre umas serras. Tinham já passado uns vinte e dous dias desde que partiram do aduar onde o Mouro guia deixára sua mulher, que era a uma pequena jornada de Baçorá, durante os quaes não fizeram aguada nem deram de beber aos Dromedarios mais que quatro vezes, n'uns poços mui fundos e antigos, d'onde tiraram agua com um balde de couro que para esse fim levavam.

Chegaram depois a uma cidade chamada Cocana situada no deserto vindo de Baçorá para Calepe, ou Damasco, oito jornadas affastada do povoado. E' cercada de muralhas de pedra e gesso, habitada por Mouros Arabios lavradores, que vivem de suas lavouras de trigo, cevada, e

legumes, e d'umas poucas de palmeiras de tamaras que ha n'um pedaço de terra regado por um olho d'agua dôce nascida junto d'ella; sendo este o unico bocado de terra que alli se aproveita pois todo o resto é terra totalmente esteril e deserta. E' senhoreada por um Cheque de alarves chamado Metileche, nomeado por grande senhor entre elles, e grande cavalleiro, que tem um Governador seu.

Chegados a esta cidade depois da meia noite, por receio de que mais cedo fossem atacados por ladrões nos contornos, e lhes roubassem os Dromedarios, que teem alli em muito valor e estima; acharam as portas fechadas, e a muralha guarneçada de Mouros que a guardavam; aos quaes o guia de Tenreiro fallou, dizendo-lhes que vinham de Baçorá, d'onde traziam uma carta do Rei para o Cheque alli residente; e que então lhe viessem abrir a porta para entrar: porém elles, não annuindo ao pedido, os deixaram ficar de fóra da muralha até ao amanhecer, com grande receio de ladrões.

Apenas raiou o dia logo foram abertas as portas, e Tenreiro entrando com o seu guia, foram levar uma carta, que traziam d'El-Rei de Baçorá, ao Cheque d'aquella cidade pela qual este lhes fez muito bom agasalho; e mandando de prompto fazer boas comidas, se poz com elles ambos á meza, dizendo-lhes que n'aquelle mesmo dia deveriam partir d'alli, para poderem ir de companhia com uns poucos de mercadores e parte d'uma Cafila, que sabiam então, e se deviam ir juntar com outros que estavam n'outra cidade distante meia jornada.

Em quanto estiveram comendo, saiu a tal parte de Cafila da cidade; mas logo que acabaram, Tenreiro se preparou repentinamente, despediu-se do Cheque, e do Mouro que até alli lhe tinha servido de guia, ao qual entregou duas cartas, uma para levar ao Governador de Ormuz, e outra para o Rei de Baçorá; nas quaes dava uma conta exacta de

como tinha chegado áquella terra em paz e livre de todo o perigo. O Mouro se despediu d'elle com muita saudade e lagrimas, e lhe disse que agora tinha na volta de passar por muito maiores sustos e perigos, visto que ia só.

Cavalgou logo Tenreiro no seu Dromedario, com mais quatro Mouros, que o Cheque mandou para o acompanharem até á outra cidade, e aos quaes encommendou, que da sua parte dessem recommendação ao principal Mouro da Cafila a respeito de Tenreiro. N'aquelle mesmo dia chegaram á dita cidade, que se denominava Taybe, de que se deu idéa já no Capitulo 1.º d'este volume, e onde se demorou Tenreiro dois dias sem que a Cafila d'alli saísse, porque esperava mais alguns Mouros que tambem n'ella haviam de ir; porém apenas chegaram logo d'alli sabiram com toda a Cafila, que já os esperava com impaciencia.

N'esta Cafila passou Antonio Tenreiro muitos sustos porque em oito jornadas que andaram pelo deserto até chegarem a Calepe, todos estes oito dias, os Mouros que iam n'ella, não fallavam n'outro assumpto senão em Tenreiro; perguntando-se uns aos outros quem era aquelle individuo, e de onde vinha; chegando-se muitos junto d'elle, que o analysavam com espanto. Valendo-lhe pois muito n'esta occasião um Mouro da Cafila, a quem o Cheque o mandára recomendar, porque sempre o agasalhou e o favoreceu quanto poudes.

Dirigindo-se sempre ao Poente, chegaram ao primeiro lugar povoado, e comarca da cidade de Calepe, isto é, a uma aldéa, onde deram gratuitamente de comer a toda a gente da Cafila, em consequencia de ter esta pratica ficado instituida alli desde a morte d'um Mouro senhor d'aquella terra, o qual deixou determinado que as rendas da aldéa fossem todas applicadas para se dar de comer ás cafilas que por alli passassem, bem como lhe tinha ainda destinado uma caza mui grande para poderem descansar das fadigas de

uma jornada. Passaram depois junto d'uma villa, cercada de muro e deshabitada, onde havia igrejas com torres e campanarios de sinos.

Caminhando mais ávante sempre por terras povoadas de muitas aldéas e lugares, chegaram a final á cidade de Calepe, em que era ja a terceira vez que Antonio Tenreiro entrava, e de que ja se deu noticia no capitulo 4º d'este volume. Perto d'esta cidade se dividiu toda a cafila em pequenas secções, que entraram alli por diferentes portas. Entregou Tenreiro o seu Dromedario a um Mouro, que ia na cafila, e com quem tinha tido alguma conversação no caminho, entrando depois a pé pela cidade, sem perguntar a pessoa alguma, se foi guiando o melhor que poudé, até que conseguiu chegar ao apozeno dos Venezianos que alli habitavam, de que era consul e principal authoridade um micer Andre, para quem Tenreiro levava uma carta do capitão d'Ormuz, escripta em latim. Não o encontrando porém em caza, foi comtudo muito bem agasalhado por outro Veneziano que o ficara substituindo, o qual lhe disse que micer Andre tinha sido chamado pelo Grão Turco, que estava em Constantinopla.

Esteve Antonio Tenreiro perto de dous mezes hospedado em caza do dito micer Andre sem soffrer o menor incommodo; pois, posto que o Baxá e Governador da cidade soubesse perfeitamente que elle alli tinha chegado depois de ter atravessado o deserto, que era portuguez, e se demorava alli publicamente, nunca tratou de o perseguir por modo algum. Apressou-se logo Tenreiro a queimar a carta que trazia, por a grande suspeita e prova que com ella podia dar-se; e teria, sem mais delonga, partido d'aquella terra, a não ser impedido pelas grandes inverneiras, que o não deixaram caminhar: porém apenas o tempo deu lugar, e achou uma cafila a que se aggregar, onde iam dous mercadores Venezianos, saiu com elles da cidade.

Tendo andado duas leguas para a banda do Poente, mostraram a Tenreiro uma covã redonda, muito funda, e com grande largura na bocca, onde diziam que era o chamado poço dos leões, em que fôra mettido o propheta Daniel. Andando todo aquelle dia, foram pernoitar a uma aldêa de Christãos Arabios e Jacobitas. No dia seguinte tendo caminhado tambem seguidamente, foram á noite dormir a uma caravançara que encontraram deshabitada. Na seguinte madrugada, se metteram de novo a caminho, e tendo passado por terras habitadas de muitas aldêas, chegaram a uma passagem do caminho, onde lhes pediram o gafar, que é um tributo que no tempo do Grão Soldão e Mamelucos, a que aquella terra tinha pertencido, todos geralmente pagavam, quer fossem Mouros ou Christãos; mas depois que passou ao poder do Grão Turco, só ficaram obrigados ao tal tributo os Christãos e Judeus que por alli passassem; tendo de darem cada um uma moeda chamada cata. (*)

Aquella noite foram passar a uma villa raza denominada Doraceta, que fica a uma legua da cidade de Ama para o Norte. E' habitada por Mouros, e Christãos Maronitas e Jacobitas, que vivem de lavouras e creações. Partiram outra vez no dia seguinte, porém começando-lhes a chover tiveram de atravessar duas grandes ribeiras a vau, onde correram muito perigo, e ahí se perderam alguns Mouros que iam na companhia, por levarem bestas muito pequenas e fracas. Continuando depois a andarem debaixo de violento frio e chuva, chegaram á noite a uma caravançara deshabitada que ficava ao pé d'uma serra, onde estiveram até ao outro dia, sem nada poderem descaoçar, tanto por irem muito molhados e grande frio que fazia, como pelo receio em que estavam de verem cair aquella noite sobre elles a caravançara, por causa do horroroso temporal que fazia.

Quando foi manhã, principiaram a caminhar para o poente

(*) Moeda de prata, que tem o valor de dous vintens.

pela serra acima, onde logo lhes começou a nevar, o que muito agradou aos mercadores Venezianos, pois que quando faz bom tempo está sempre aquelle local inundado de ladrões, que andam continuamente no cimo d'aquella serra, e em cujo sitio mostraram a Tenreiro algumas sepulturas de Mouros recoveiros, que por quererem deffender as bestas que levavam foram alli assassinados pelos ladrões. Esta serra tem muitas mattas de azinhaes e bosques, sendo cortada por muitas estradas em diversas direcções. Depois de a terem atravessado, desceram a uma terra povoada de aldêas de Christãos; passaram uma pequena ribeira, que corre do Sul para o Norte, e foram dormir aquella noite a uma grande aldêa habitada por Christãos Nestoris, n'uma ermida que alli chamam Cadrilias, que na nossa linguagem quer dizer de Sam Jorge; dentro da qual se viu uma sepultura com um retabulo, onde estava pintada a imagem do dito Santo a cavallo.

Partindo depois d'aqui para o Sul-sudoeste, e tendo passado por muitas aldêas, onde não repousaram, chegaram á Costa do mar mediterraneo; e seguindo o caminho ao longo d'este mar, passaram uma ribeira que diziam vir da cidade de Damasco, e chegaram á cidade de Tripoli de Soria, porto de mar em Caramania.

Esta cidade é cercada de muros de cantaria lavrada, sobre os quaes se vêem muitas torres, que pareciam ser obra dos Christãos; tem bellas ruas, mui largas, e com magnificas cazas. Está situada junto do mar mediterraneo, affastada do porto e bahia onde ancoram os navios, quasi um tiro de béstia pelo sertão dentro. E' habitada por Mouros Arabios, Christãos Nestoris e Jacobitas, e Gregos. Aqui os mercadores Venezianos levaram Antonio Tenreiro a caza de um Italiano natural de Bolonha, que se chamava micer Domenico Maria, onde recebeu muito bom agasalho e honra; e se demorou ahi trez dias sem sair para ver a cidade. Esta

terra pareceu a Tenreiro ter um clima mais temperado do que a antecedente. Havia alli muitos arvoredos, laranjas, limões, e muito bellas aguas. Tem um Governador e Baxá, que é escravo do Grão Turco, com alguma gente de guarnição.

Disseram a Tenreiro que estava no porto um esquiraco d'um mercador Mouro para partir para a Ilha de Chipre, onde lhe annunciaram que estava uma Não preparando-se para sair para Veneza. Sabendo isto Tenreiro, logo dilligenciou embarcar-se no tal esquiraco; o que conseguiu com o auxilio do dito Italiano e dos mercadores Venezianos, pois que ha n'aquella terra decretada a pena de morte para todo o estrangeiro ou qualquer mercador, que se embarque n'aquelle porto sem mostrar uma licença do Governador; havendo além d'isto vigias para esta fiscalisação, feitas por muitos Turcos, aos quaes, por conselho dos mercadores Venezianos, deu Tenreiro dez ou doze cruzados a cada um, para que se calassem e o deixassem embarcar.

Embarcou com effeito uma noite, e pouco depois se fizeram de vella com bom vento; mas quando chegaram a umas cinco leguas distantes do porto de que tinham saído, lhes soprou vento contrario, e sobreveiu uma furiosa tormenta, da qual escapando milagrosamente, chegaram no dia immediato ao porto e cidade de Famagosta, primeiro porto que se encontra na derrota para a Ilha de Chipre; onde logo desembarcou Tenreiro, assaz enjoado e maltratado do temporal que soffrêra no mar; e foi dormir aquella noite a caza de um Grego.

Avisaram alli a Tenreiro que n'um porto, denominado Calamisom, distante tres jornadas d'aquelle logar, para a parte do poente, se achava uma Não carregando de vinhos para partir para Veneza. Logo no seguinte dia alugou Tenreiro um bordonel, (*) que o levou aquella caminho, du-

(*) Na nossa lingua se pôde traduzir por almocreve.

rante o qual correu bastante risco, porque, havendo então n'aquella Ilha grandes fomes e carestias, o quizeram os Gregos roubar no caminho, do que tambem Deus o livrou. E chegando á villa de Calamisom, de que ja démos succinta idéa no Capitulo 1.º d'este volume, bem como da cidade de Famagosta, foi immediatamente fallar com o Patrão da tal Não a quem entregou uma carta que trazia de Tripoli de um mercador seu amigo, e onde lhe recommendava que fizesse bom agasalho a Antonio Tenreiro, que o admittisse a sua meza, e lhe não levasse nada de fretes; o que tudo foi cumprido pelo dito Patrão pontualmente, tratando a Tenreiro com a maior attenção possível.

Passado algum tempo, em dia de Nossa Senhora de Fevereiro do anno de mil quinhentos e vinte e nove, partiram do dito porto e villa de Calamisom da Ilha de Chipre; e navegando cinco ou seis dias com muito bom vento, este se lhes tornou contrario e os fez arribar de novo ao citado porto, onde ainda se demoraram mais dez dias, findos os quaes partiram outra vez. Navegaram com muito custo, por ser então inverno rigoroso, mas com boa fortuna chegaram á Ilha de Candia, a um porto da banda do Sul em que está situada uma villa, que se chama Ruvinho.

E' esta toda murada, e fica no extremo da costa d'Istria, onde as Naos, que vão para a cidade de Veneza tomam pilotos para as levar a este porto, por cauza de certos baixos que se encontram nas quinze leguas que vão d'alli até Veneza. Tenreiro se demorou alguns dias, esperando por uma barca que devia passar por alli para Italia; na qual effectivamente se embarcou depois, e em um dia e uma noite chegaram á foz do rio chamado Poom; navegaram umas cinco ou seis leguas por este rio acima, e chegaram a uma villa que denominam Riam, a qual pertence ao ducado e senhorio de Ferrara.

Na villa de Riam situada á entrada do rio Poom, do du-

cado de Ferrara, esteve Tenreiro alguns cinco dias demorado, por se achar mal de saude; mas logo que se achou com bastante vigor, caminhou de novo pelo rio acima, até que, tendo navegado quasi oito leguas, chegou á cidade de Ferrara na Italia.

Esta cidade é toda murada, e circumdada de fossos mui profundos, permanentemente aquaticos. Terá dous ou trez mil habitantes, tudo gente nobre. Aqui alugou Tenreiro cavallo e guia, e caminhou pela posta; atravessou a Lombardia, passou por Modena, cidade do Ducado de Ferrara, depois por Reso tambem do mesmo senhorio, foi a Parma e a Plazença; e tendo atravessado toda aquella parte da Lombardia, chegou a cidade de Genova, onde esteve quinze dias esperando uma Nao que havia de por alli vir para Hespanha. Embarcou-se n'esta Náo, e chegou depois a um porto, a que chamam Donas em o Reino de Valença. Partiu então d'aqui por terra, atravessou a mancha d'Aragão, e chegou á cidade de Toledo, d'onde pela posta entrou finalmente em Portugal na cidade de Lisboa, no anno de mil quinhentos vinte e nove. (*)

Dirigindo-se logo á presença de El-Rei com o mesmo vestido da jornada, se demorou com elle largo tempo, por ser homem muito instruído nas couzas do Oriente; e saindo do Paço já de noite, o atacaram no Rocio alguns homens desconhecidos, que o deixaram por morto com dezeseite cutiladas e estocadas. Sentiu muito El-Rei, como é de presumir, um tão atroz attentado, e ordenou ao Cirurgião Mór que o tratasse como a sua propria Pessoa. As maiores diligencias da justiça nunca poderam descobrir os aggressores. Antonio Tenreiro escapou das feridas que recebêra, posto que ficou sempre enfermo os annos que viveu, gozando das mercês, que El-Rei lhe fez.

(*) Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, Tomo 4.º, Itinerario de Antonio Tenreiro. capitulos 58 e 62.

Logo depois da sua chegada, entraram em Lisboa as Nãos de torna-viagem da India, onde vinha Manuel de Macedo, que El-Rei tinha por homem valoroso, e determinado, e mandando armar um Galeão lhe deu o commando, com ordem de se dirigir ao Estreito Persico, e logo que o embocasse, abrir uma Instrucção sellada, para executar o que n'elle se continha. Esta Instrucção era para prender Rais Xarafa, e conduzil-o a Lisboa. Tristão da Cunha, pae de Nuno da Cunha, assustado do objecto da commissão de Manuel de Macedo, empregou todos os meios possiveis para penetrar o segredo; porêm vendo-os baldados, escreveu ao filho a notavel carta que traz Diogo de Couto. (*)

Manuel de Macedo saiu de Lisboa em Outubro e sem lhe acontecer na viagem novidade alguma, entrou no Estreito da Persia, fez aguada dentro do Cabo Rosalgate, onde abriu a sua Instrucção, e alli soube estar Nuno da Cunha em Ormuz, para onde partiu logo. (**)

(*) Filho Nuno, lá vai um mancebo n'uma Náo mui apressado por mandado d'El-Rei, nunca pude saber ao que vai, deixa-lhe fazer tudo o que El-Rei manda, sem lhe irés á mão a couza alguma: manda pimenta, e deita-te a dormir.—Couto, Decada 4. Liv. 5. Cap. 8.

(**) Annaes da Marinha Portugueza por A. da C. Quintella. Anno de 1528.

CAPITULO VII

ANNO DE 1528

SUMMARIO

Sabendo El-Rei D. João III dos grandes preparativos que os Turcos faziam em Suez, para invadirem as terras Orientaes, nomeia Governador dos Estados da India a Nuno da Cunha; o qual, tendo recebido em Belem das mãos do Rei um regimento, sae de Lisboa com uma poderosa armada. Perde-se uma das Náos, onde morre muita gente. Correm varios perigos na viagem, tanto pelas tormentas como por falta de agua e de mantimentos. Chegados a Mombaca, pede Nuno da Cunha licença ao Rei para lá invernar, mas não lhe sendo esta concedida, reúne conselho, onde se determina entrar allí á força, o que de prompto se effeituou. Vae Nuno da Cunha para Ormuz com duas Náos da esquadra, deixando o resto no porto de Mascate; e manda depois sair a Simão da Cunha com alguns navios, para reduzir a Ilha de Baharem á obediencia do Rei d'Ormuz, em cuja expedição houve immensa mortandade.

Constando a El-Rei D. João III, por via de Veneza, que os Turcos preparavam uma grande armada em Suez para invadirem o Oriente, elegeu por Governador Geral da India a Nuno da Cunha, Vedor da Fazenda, de quem fazia a maior

confiança; e fez aprestar uma forte esquadra, capaz de arrostar os perigosos inimigos que se esperavam na Asia.

Constava esta esquadra de nove Nãos, um Galeão, um navio ligeiro para expedição de ordens, e duas Caravellas carregadas de viveres, e munições de sobrecellente. Embarcaram-se duzentos mil cruzados em moeda de ouro para despezas da India. As tropas de transporte, que deviam ficar alli servindo, excediam a tres mil homens, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da Caza Real, que concorreram a alistar-se, logo que souberam da guerra que se esperava com os Túrcos. Ia tambem um certo numero de marinheiros para guarnecerem os navios da India. (*)

Em março estava ancorada a esquadra em Belem, esperando tempo conveniente para partir. Nuno da Cunha embarcou em a Náo Flôr de Roza; os demais Commandantes eram Simão da Cunha, seu irmão, na Náo Castello, que devia exercer na India o posto de General do Mar; Pedro Vaz da Cunha, outro seu irmão, na Santa Catharina; Garcia de Sá, na Victoria; D. Fernando de Lima, na Espinheiro, D. Francisco d'Eça, na S. Thiago; Francisco de Mendonça, na Monserrate; João de Freitas, na Biscainha; Antonio de Saldanha, na Ajuda (**); Bernardim da Silveira, no Galeão; e Affonso Vaz Sambujo, no navio Ligeiro, de que era tambem Piloto. Commandavam as duas caravellas, Gaspar Moreira, e Luiz de Araujo.

Determinou-se El-Rei a ir assistir alguns dias em Belem, afim de alli concluir os ultimos despachos, e deu um longo

(*) Pedro Barreto, que teve boas informações das cousas do Oriente, diz que foram quatro mil homens; o mesmo diz Couto; Castanheda falla sómente em trez mil, e outros Escriptores ainda em menos.

(**) Ia embarcado n'esta Náo, Diogo Fernandes de Castanheda, primeiro Ouvidor da Cidade de Goa, que levava comsigo a Fernão Lopes de Castanheda, seu filho, ao qual El-Rei mandava viajar na India, para depois escrever a Historia; e se demorou no Oriente perto de dez annos, correndo quasi todos aquelles Paizes até ás Molucas, como escreve Diogo do Couto.

regimento a Nuno da Cunha, no qual lhe mandava, alem de muitas outras cousas, que fizesse logo uma fortaleza em Diu, visto que era da maior importancia occupar aquelle posto, antes que os Turcos se apoderassem d'elle, por ficar a barlavento da India, e construisse tambem outra fortaleza nos Estados do Çamorim, onde lhe parecesse mais conveniente. Que no caso dos Turcos entrarem na India reunisse em Goa todas as forças maritimas do Estado, e os fosse buscar aonde estivessem, para lhes dar batalha. Igualmente lhe determinava, que remetteste prezo para Portugal, a Lopo Vaz de Sam Payo, pondo todos os seus bens em deposito.

Saiu Nuno da Cunha de Lisboa no dia dezoito de abril, e navegou a esquadra toda reunida, a excepção do Galeão, que se apartou, saída a barra, um dia pelas dez horas da manhã, antes de chegar ás Canarias. Estando a Náo de Simão da Cunha na esteira da Biscainha, seguiu tanto ávante, que lhe deu duas fortes pancadas na pôpa, com que a abriu logo, porque era muito velha; e em menos de uma hora foi a pique, sem dar mais tempo que a deitar fóra o escaler, onde se metteu o Commandante João de Freitas com onze homens, abandonando fracamente a sua guarnição, que no espanto e consternação de tão subito desastre, se poz em desordem, tentando uns desempachar a lancha para a poderem deitar fóra, outros lançando ao mar todos os paus, caixas, e capoeiras de que podiam lançar mão; e como todos queriam para si estas poucas boias de salvação, travaram lucta entre si e houveram muitos mortos e feridos. Simão da Cunha logo atravessou, e acudiu com a sua lancha e escaler. Semelhantemente praticaram os outros Commandantes quando viram submergir-se a Náo, e ainda conseguiram salvar muita gente, affogando-se comtudo cento e cincoenta pessoas.

O Piloto da Náo Biscainha, que foi um dos que escapa-

ram, não foi castigado, posto que se lhe attribuia toda a culpa d'aquelle naufragio, por não ceder o passo a Simão da Cunha, que era official de mais representação do que João de Freitas. (*)

Seguindo Nuno da Cunha a sua viagem, ancorou na Ilha de S. Thiago, onde fez aguada, e descarregou as Caravelas, que remetteu para Lisboa, escrevendo a El-Rei os successos occorridos até alli. Esperava elle achar n'esta Ilha o Galeão, que sem motivo apparente se tinha separado da esquadra; mas não aconteceu assim, porque o seu Commandante Bernardim da Silveira, seguindo o pernicioso exemplo de outros muitos, queria chegar primeiro á India; e continuando a sua derrota, dobrou o Cabo da Boa Esperança, e indo buscar Moçambique, o seu piloto ignorante varou no parcel de Sofala, em que se affogou muita gente, e os Cafres assassinaram o resto.

Saindo Nuno da Cunha da Ilha de S. Thiago, achou grandes calmarias na Costa de Guiné; e como a Náo de Antonio de Saldanha caminhava pouco, requereram-lhe os pilotos que a deixasse, o que elle fez. Os Officiaes de Antonio de Saldanha, vendo-se assim abandonados, tanto trabalharam com a Náo, que conseguiram fazel-a andar bem, ajudada por continuada força de velle; e encontrando-se depois com D. Francisco d'Eça, foram de conserva.

N'esta derrota acharam o Governador acompanhado das Náos de seu irmão Pedro Vaz da Cunha, e D. Fernando de Lima, e do navio de Affonso Vaz Zambujo. O Governador folgou muito com o encontro d'estas duas Náos, e indo na volta do Cabo da Boa Esperança lhe deu um temporal

(*) Ambos os pilotos mereciam severo castigo, por quanto, ainda que o da Biscainha, pela sua ignorancia e insubordinação, fosse a cauza primaria de tão funesto acontecimento, o seu erro de modo algum auctorisava o piloto da Náo de Simão da Cunha para abordar a outra Náo, fazendo-se assim responsavel por todas as mortes e perigos, que d'alli se seguiram.

do Sul, que durou uma noite e um dia, fazendo espalhar a esquadra. Mas acalmado o vento tornou a reunir-se; e a seis de julho, achando-se na altura do Cabo, sobreveiu outro tempo do Sul, que durou umas vinte e quatro horas; durante as quaes ficaram as Nãos á capa. No quarto d'alva, crescendo cada vez mais o mar e o vento, arribaram todos, excepto Antonio de Saldanha, por ser novo o seu navio; e passada a furia da tormenta continuou a sua navegação. Tendo dobrado o cabo da Boa Esperança, achou tempos mui ruins, e foi avistar a Ilha de S. Lourenço na paragem do Rio de S. Thiago. D'este rio continuou a derrota com tantos trabalhos, fomes, e sedes, que lhe adoeceu quasi toda a gente, morrendo perto de sessenta pessoas: e chegou por ultimo a Cochim nos fins d'outubro.

O mesmo aconteceu a Garcia de Sá, que se apartou do seu Chefe ao sair de S. Thiago; e navegando então só, esteve quasi perdido, com um furioso temporal, no Cabo da Boa Esperança. Fazendo o seu caminho por fóra da Ilha de S. Lourenço, padeceu crueis fomes, e sedes, de que lhe morreu muita gente; e chegou á Costa de Malabar a dese-sete de outubro, tendo a bordo uma unica pipa d'agua.

D. Francisco d'Eça, Francisco de Mendonça, e Affonso Vaz Zambujo, chegaram juntos a Moçambique, e á entrada no Ilheo de S. Jorge, se perdeu o navio de Zambujo, salvando-se a gente toda. Estava tambem n'este porto Simão da Cunha, e alli invernaram todos.

O Governador, quando amainou o temporal, achou-se com as Nãos de Pedro Vaz da Cunha, e D. Fernando de Lima; e navegando com maus tempos, e calmarias, nos fins de outubro avistou a Ilha de S. Lourenço, e para fazer aguada, de que tinha necessidade, surgiu na bôca do rio de S. Thiago.

Passados quatro dias, estando as lanchas em terra sobreveiu um vento de travessia, com o qual, a Náo do Gover-

nador, que estava ancorada, começou a garrar, e ainda que largou seis ferros que tinha, de nada lhe aproveitaram, por ser o fundo mais para a terra cheio de ratos de pedra, que cortavam as amarras; e assim foi encalhar em uma reslinga, e abriu pelo fundo, enchendo-se logo d'agua até á coberta. As outras duas Nãos aguentaram-se melhor, por estarem sobre fundo limpo, e terem boas amarras de Cairo, que por serem muito elasticas teem vantagem sobre as de linho em certas occasiões.

Por haver muito mar, não poderam as lanchas sair do rio senão no dia seguinte, em que o vento abonançou: e o Governador passou a noite sobre a tolda e castellos da Náo, com toda a guarnição, onde fez depositar tambem o cofre do dinheiro, e tudo quanto se poudo tirar da coberta; e quando chegaram as lanchas, e escaléres, passou para bordo do navio de seu irmão com parte da gente, e o resto mandou para a Náo de D. Fernando de Lima. Salvaram-se igualmente as antenas, aparelho, e artilheria da tolda e convéz, e queimou-se toda a parte do casco aonde o fogo poudo chegar.

Completada que foi a aguada, partiu d'este funesto rio a dez de Novembro, resoluta a seguir o Canal de Moçambique, contra a sua primeira idéa de rodear por fóra de S. Lourenço; uma noite, sentindo-se perto de terra surgiram logo; e ao amanhecer se viram mettidos entre a Ilha de Zanzibar e muitos baixos, de maneira que não podiam distinguir por onde tinham entrado, nem por onde poderiam sair, arrebetando em torno das Nãos por toda a parte, o mar com grande força. Os pilotos emmudeceram, e n'esta extremidade mandou o Governador, em um escaler, á Ilha, o Capitão da sua Guarda Manuel Machado, a fim de alli diligenciar um practico; porém os negros os receberam ás pedradas e frechadas, com que mataram um grumete, e feriram mais dois individuos.

O Governador enviou então na lancha a Pedro Vaz da Cunha com vinte e cinco homens, todos Fidalgos e Cavalheiros, os quaes entraram na aldêa, sem que n'ella encontrassem pessoa alguma, porque os negros apenas os viram trataram logo de fugir para os matos. Pedro Vaz da Cunha determinou armar-lhes uma cilada, para a qual se offereceram os dois irmãos Diogo de Mello, e Tristão de Mello, que, com um creado seu chamado João Rodrigues se deixaram ficar emboscados proximos da aldêa; e Pedro Vaz da Cunha se retirou na lancha para bordo, tendo ajustado com elles de vir á noite buscal-os.

Com effeito os negros ao anoitecer, vendo que a lancha já se tinha retirado, vieram metter-se na aldêa, julgando já não encontrarem alli portuguez algum; e quiz a Providencia, que viesse esbarrar com os tres da embuscada, um Mouro velho, que era o melhor piloto d'aquella Costa, ao qual Diogo de Mello tomou nos braços, e tapando lhe os outros dois a bôca, o levaram assim até á praia, onde se embarcaram na lancha que já os esperava. O Governador, louvando muito a intrepidez de Diogo de Mello, e seus companheiros, e o relevante serviço que acabavam de fazer, animou o Mouro, que no dia seguinte conduziu as Nãos seguramente por um estreito e tortuoso canal, e as foi ancorar no porto de Zanzibar; recebendo por isso tantas dadivas do Governador, que se lhe offereceu para levar a esquadra a Mombaça, onde queriam invernar, por ser já tarde para passarem á India, e a invernada em Melinde ser muito arriscada, por falta de porto.

Em Zanzibar, por ser terra muito sadia e abundante, deixou o Governador duzentos doentes entregues a Aleixo de Sousa Chichorro, com todos os aprovisionamentos necessarios; e fazendo-se de vela com duas Nãos, foi dar fundo em Melinde, cujo monarcha o recebeu com o bom agasalho que costumava fazer a todos os Portugezes.

Mandou o governador pedir licença ao Rei de Mombaça para invernar no seu porto, por não haver outro logar seguro em toda aquella Costa; porém elle se escusou d'isto, por medo que fosse algum artificio de que se queriam servir para se apoderarem da cidade. Então o Governador escandalizado por semelhante desconfiança, determinou por conselho de todos, entrar á força em Mombaça. Participando a sua resolução ao Rei de Melinde, este lhe deu oitocentos Mouros para servirem n'aquella empresa, e uma Naveta para levar parte d'elles; embarcando os outros no navio de Diogo Botelho Pereira que alli tinha encontrado. Montavam os soldados d'este Official e os das Náus a oitocentos homens, tudo gente limpa e bem disposta. Com esta esquadra saiu Nuno da Cunha de Melinde, e no dia seguinte pela manhã surgiu fóra da barra de Mombaça, a qual mandou logo sondar por seu irmão, em uma lancha armada. Estê, entrando pelo caual, achou bom fundo, e na parte mais estreita d'elle estava um baluarte com uns oito canhões, d'onde lhe fizeram activo fogo, que felizmente lhe não causou damno algum; e seguindo para avante foi ancorar em frente da cidade, e d'alli fez signal á esquadra de que tinha bom ancoradouro.

Quando Nuno da Cunha viu que começava a viração, levantou ancora, e foi surgir onde estava a lancha, recebendo tambem de passagem um vivo fogo do baluarte, ao qual elle não respondeu para dar mostras de que vinha com intenções de paz. Demorou-se assim o resto do dia e a noite toda, na esperanza de que lhe viesse alguma mensagem do Rei, com que ajustasse amigavelmente a sua invernada n'aquelle porto. Mas o Rei, mui longe de semelhante pensamento, aproveitou-se d'aquella demora para despejar a cidade, ficando n'ella apenas com a gente de guerra, e recolhendo-se o resto dos habitantes com o mais que poderam levar, para um sitio distante d'alli uma legoa.

Desenganado o Governador Nuno da Cunha de que lhe cumpria uzar das armas para obter quarteis de inverno seguros, tornou a mandar, de noite, seu irmão, a fim de reconhecer os lugares opportunos para o desembarque: o que este fez com a maior diligencia e boa vontade; e posto que fosse presentido pelos Mouros que lhe feriram alguns homens com frechadas, correu com tudo toda a frontaria da cidade e encontrou uma praia, que lhe pareceu bella para o intento, posto que seria necessario desembarcar com agua pela cintura. Porém Nuno da Cunha teve logo outra melhor informação por um Mouro, que veio de terra a nado, e que lhe indicou um local abaixo da cidade, onde as lanchas poderiam chegar muito bem á terra: além d'isso, noticiou-lhe, que estavam alli mais de trez mil homens, com uma unica bateria de seis peças, diante d'uma das portas, commandada por um Portuguez renegado; e que mesmo assim era tal o terror de que os Mouros estavam possuidos, que lhe affiançava, que apenas elles vissem os Portuguezes em terra, fugiriam immediatamente todos.

Sobre estas noticias resolveu o Governador desembarcar no dia seguinte, no ponto que o Mouro lhe indicara, e servindo-lhes elle mesmo de guia. Formando toda a tropa em dous corpos, o primeiro de seiscentos Portuguezes, em que entravam duzentos espingardeiros, commandados por Fernão Coutinho, a que se aggregaram trezentos Mouros de Melinde; e o segundo do resto da gente. Deu o commando d'aquelle a Pedro Vaz da Cunha, acompanhado de Manuel d'Albuquerque, e dos dous irmãos apellidados Mellos; e tomou para si a direcção do outro corpo em que iam, D. Fernando de Lima, e Diogo Botelho Pereira.

Logo ao amanhecer desembarcaram as tropas, sem o menor perigo nem resistencia, no ponto que o Mouro indicou, e ao som de pifanos e tambores, com as bandeiras desenroladas, marcharam para a cidade, dirigindo-se á ba-

teria avançada, onde estava o renegado, que disparando alguns tiros sem pontaria determinada, tratou de fugir o mais breve que poude, e seguindo o Rei o seu exemplo ficou a cidade deserta.

O Governador foi aposentar-se nos Paços, cercando com entrincheiramentos e fosso, aquella parte da cidade, em que podiam alojar-se commodamente as tropas, estabelecendo os necessarios postos avançados; e dando-se depois busca às cazas, se achou muito ouro e dinheiro enterrado, com que alguns se fizeram ricos. O Baluarte do mar foi tomado por assalto, e todos os seus defensores mortos, ou captivos, em cuja acção ficou mortalmente ferido de uma setta ervada, D. Rodrigo de Lima, irmão de D. Fernando de Lima.

Quando isto se concluiu era já nos fins de dezembro, e então escreveu o Governador a El-Rei, por Diogo Botelho Pereira, que expediu para Portugal, onde chegou em junho do anno seguinte.

O Rei de Mombaça tinha tomado posição a meia legua da cidade, e d'alli fazia correrias para incommodar os quartéis dos Portuguezes, os quaes não deixaram de lhe sair ao encontro; ficando ferido n'uma d'estas escaramuças D. Fernando de Lima. Havia o Governador determinado atacar o campo dos Mouros, e para saber quaes eram as forças de que elles dispunham, encommendou a Diogo de Mello de apanhar algum prisioneiro. Para este fim, saíram á noite da cidade Diogo de Mello, Christovão de Mello, e mais dous soldados, e se foram embuscar muito perto do alojamento dos inimigos, onde, tendo encontrado alguns, quizeram trazer vivo um que tinham agarrado, porém não lhes foi possível, por causa dos grandes brados que elle dava, com o que todo o campo inimigo se alvoroçou; e então Diogo de Mello, matando o Mouro, lhe cortou um braço, que trouxe ao Governador para testemunho do que fi-

zera. Este rebate atemorizou os Mouros por maneira tal, que nunca mais tornaram a inquietar os Portuguezes em quanto alli se demoraram, que foi só até ao fim de março de mil quinhentos e vinte e nove; em cujo espaço de tempo, morreram de febras, trezentos e setenta Portuguezes; entrando n'este numero Pedro Vaz da Cunha, que deixou seu irmão inconsolavel.

As trez Náus da esquadra, que tinham invernado em Moçambique, de que eram Commandantes, Simão da Cunha, D. Francisco d'Eça, e Francis co de Mendonça, fizeram-se de vella, com intenção de correrem a Costa até Mombaça, para saberem novas do Governador, deixando enterrados em Moçambique mais de quatrocentos homens, que falleceram de enfermidades; e nos fins d'este mez de março surgiram fóra da barra de Mombaça, trazendo a seu bordo Aleixo de Sousa Chichorro, e a gente toda que com elle ficára em Zanzibar. Folgou muito o Governador com a sua vinda, mas sentiu ao mesmo tempo a noticia que lhe deram da perda dos navios de Bernardim da Silveira, e de Affonso Vaz Zambujo; e chamando a conselho todos os Commandantes e pilotos da esquadra, assentou em que não era conveniente arriscarem-se, com tamanhas embarcações, a atravessar o golfo da India no inverno d'aquelle clima; e que seria mais seguro que passassem os mezes de mau tempo em Ormuz, e no mez de setembro, que é quando alli começa o verão, sairem então para Goa.

Estando o Governador para partir, recebeu cartas de Lopo Vaz de Sam Payo, que lhe trouxe Sebastião Freire, Commandante d'uma pequena embarcação; ao qual expediu logo com a resposta: e saindo de Mombaça com a esquadra, chegou a Mascate, onde desembarcou os muitos enfermos que levava, e foi a Ormuz só com as Náos de Simão da Cunha (para a qual se havia mudado,) e de D. Fernando de Lima, deixando as outras n'aquelle porto.

Para finalizar os acontecimentos d'esta infeliz viagem, diremos em summa, que de Ormuz mandou depois o Governador a Simão da Cunha com alguns navios, em que levava uns trezentos homens, para reduzir a ilha de Baharem á obediencia do Rei de Ormuz; em cuja expedição morreu grande numero de Portuguezes das enfermidades d'aquelles climas; e Simão da Cunha, ainda que escapou, falleceu comtudo em breves dias, da forte paixão que este mau successo lhe cauou.

De maneira que esta esquadra de Nuno da Cunha, antes de chegar a Goa, perdeu quatro navios, e alguns mil e seiscentos homens.

— 711 —

CAPITULO VIII

ANNO DE 1530

SUMMARIO

El-Rei D. João III ordena que Martim Affonso de Sousa saia com uma esquadra a investigar as Costas e terras do Brazil, authorisando-o desde logo para repartir terrenos pelas pessoas, que alli se quizessem estabelecer; e dando-se por este modo principio á Colonisação d'esta importante e vasta região.

El-Rei D. João III deve ser considerado como o povoador do Brazil, que, até á epoca em que este Monarcha subiu ao throno, estava sómente reconhecido em partes, e em nenhuma d'ellas era ainda povoado, porque n'aquelle tempo as guerras da India e as altas esperanças que dava o seu commercio, attrahiam toda a attenção dos Portuguezes para o Oriente. As especulações mercantis formavam então o espirito dominante do seculo; visto que cada seculo tem seu espirito particular, e que o distingue dos outros. El-Rei pensou pois mui sabiamente, que um paiz tão fertil, extenso, e cheio de bons portos, como era o Brazil, cuja navegação alem d'isso se tornava muito menos longa, e difficil que a da India, merecia toda a sua consideração, e o emprego das providencias mais promptas e convenientes para

estabelecer n'elle Colonias, que, pouco a pouco, fossem domesticando os seus selvagens habitantes, e pondo alli em pratica a agricultura, se utilisassem dos productos de uma terra virgem, e das preciosissimas madeiras de toda a especie, que forneciam os seus antiquissimos bosques, em muitas partes á beira d'agua.

Como era impossivel que o Erario podesse fazer face a um projecto tão gigantesco, que exigia enormes despezas, formou-se pelos annos de 1531, pouco mais ou menos, um plano geral de Colonisação, que abrangia desde Pernambuco até ao Rio da Prata, demarcando e dividindo toda aquella immensa Costa em Capitánias de cincoenta legoas de frente cada uma (houve n'isto algumas alteraçõs), com um fundo illimitado, por não ser ainda conhecido o Continente. Estas Capitánias foram depois dadas por El-Rei em diferentes épochas, desde o anno de 1532 em diante, de baixo de certas condições, e de juro, e herdade, ás pessoas que tinham meios para alli estabelecerem Colonias á sua propria custa. (*)

Para dar principio a este systema mandou El-Rei, n'este anno de mil quinhentos e trinta, a Martim Affonso de Sousa, do seu Conselho, de cuja capacidade fazia grande estimação, por Commandante d'uma esquadra, com a qual parece que elle incorporou alguns navios afretados á sua propria custa, em que se embarcaram algumas pessoas, que se offereceram para povoarem o primeiro estabelecimento Colonial, que se ia crear no Brazil; attendendo a que Martim Affonso de Sousa levava instrucções para examinar a Costa, que corre do Cabo Frio ao Rio da Prata, e erigir uma Colonia onde melhor lhe parecesse, com ampla autho-

(*) Assim nos consta da Carta de El-Rei a Martim Affonso de Sousa, datada de Lisboa a 28 de Setembro de 1532. Provas á Historia Genealogica, Tomo 6.º pag. 318.

ridade de conceder terras de Sesmaria áquelles que as quizessem cultivar. (*)

A esquadra saiu de Lisboa depois de vinte de novembro, e na sua viagem encontrou alguns navios de Corsarios Francezes, dos quaes tomou um. No primeiro de janeiro de mil quinhentos e trinta e um chegou á bôca de uma vasta Bahia, a que deu o nome de Rio de Janeiro; e Martim Affonso de Sousa, não ousando aventurar a esquadra em um porto desconhecido, surgiu fóra, e desembarcando em uma praia adjacente a um notavel penhasco (o Pão d'Assucar), explorou o paiz, e fez por mar outro reconhecimento com lanchas armadas, em que veiu a conhecer, que lhe não convinha arriscar uma pequena Colonia em terra tão povoada de Indios mui ferozes e guerreiros.

Deixando pois o ancoradouro, proseguiu costeando para Oeste; viu as barras de Tijuca e Guaratiba, descobriu a Ilha da Marambaia, e logo outra, a que chamou Ilha Grande; e adiante d'esta entrou n'uma grande enseada, a que deu o nome de *Angra dos Reis*, por alli entrar no dia seis de janeiro. Saindo d'esta Enseada, continuou a examinar a Costa, até que no dia vinte do supradito mez, chegou a uma Ilha, a que chamou, referindo-se tambem ao dia, de *S. Sebastião*; a vinte e dous, descobriu um Porto, onde entrou, e o appellidou *Rio de S. Vicente*, por cuidar que o era; e desembarcando em uma Ilha, construiu ahi um forte para sua deffensa. Este porto é o que hoje se designa pelo nome de *Porto de Santos*; e a Capitania, que por muitos annos conservou a denominação de *S. Vicente*, tomou em 1710 o nome de *S. Paulo*.

Como nos não pertence tratar aqui da Historia formal das Colonias do Brazil, diremos unicamente, que Martim

(*) Vejam se as Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, pelo socio correspondente da Academia Real das Sciencias, Fr. Gaspar da Madre de Deus.

Affonso de Sousa teve a fortuna de achar estabelecido n'este paiz um Portuguez chamado João Ramalho, o qual havia muitos annos que habitava entre os Indios Guaianazes, e tinha cazado com a filha de Tebyreça, poderoso Cacique dos Campos de Paratininga, com o favor do qual alcançou Martim Affonso de Sousa, fazer paz, e alliança com este Cacique, a qual foi depois extensiva aos Indios de outras Aldéas.

Ficando a Colonia em segurança por este tratado; expediu Martim Affonso de Sousa para Portugal o navio francez que aprezara, escrevendo a El-Rei para lhe narrar quanto lhe havia succedido até alli; e saiu depois com a esquadra, a reconhecer a Costa do Sul, segundo lhe ordenavam as suas Instrucções; em cuja derrota, descobriu todas as Ilhas, Cabos, e Bahias, pondo padrões onde melhor lhe pareceu, como signal da posse que tomara d'aquelles paizes para a Corôa de Portugal.

O primeiro padrão foi collocado na pequena Ilha do *Cardozo*, defronte de Cananéa; e tendo-se perdido a lembrança d'elle, se descobriu em janeiro de 1767. Em 30º de latitude Sul, achou um Rio, que se ficou chamando do seu nome; na Ilha de Maldonado, situada na bôca do Rio da Prata, assentou o ultimo padrão; e entrando por este Rio perdeu uma das embarcações, que foi dar em um baixo.

Concluiu Martim Affonso de Sousa este reconhecimento, que se não sabe com certeza até onde se estendeu; voltou depois para S. Vicente, onde, por duas caravellas chegadas de Lisboa, soube que El-Rei lhe havia dado uma Capitania de cem leguas de Costa, bem como outra d'umas cincoenta leguas a seu irmão Pedro Lopes de Sousa. Partiu, logo depois, elle mesmo em pessoa, para reconhecer o paiz onde se achava, e subiu a grande serra de Paranapiacaba, em cujos campos, mais de vinte annos depois, se construiu a Cidade de S. Paulo. E por ultimo, deixando a Colonia bem guarnecida, regressou a Portugal no anno de 1533.

CAPITULO IX

ANNO DE 1533

SUMMARIO

O Imperador Carlos V intenta a conquista de Tunes, e fazendo extraordinarios preparativos para o fim de levar a effeito esta empresa, sollicita o auxilio de seus Alliados. El-Rei D. João III, como o mais poderoso e interessado d'estes, envia uma forte esquadra, commandada em chefe por Antonio de Saldanha, para coadjuvar o Imperador. Entrada da esquadra no porto de Barcelona, que era o centro das forças maritimas. O Infante D. Luiz, irmão d'El-Rei de Portugal, desejoso de se achar n'uma empresa de tal ordem, parte occultamente da cidade d'Evora acompanhado de alguns creados; El-Rei, sabendo isto, lhe envia pela posta a sua licença; e chega, finalmente, o Infante a Barcelona, onde lhe faz o Imperador as honras devidas. Pormenores mais importantes d'esta memoravel conquista em que os Portuguezes se cobriram de gloria.

Constituido Rei de Tunes o temido Barba Rôxa, depois de ter expulsado do throno a Moley Hassan, resolveu o Imperador Carlos V, ir em pessoa restabelecer este Principe nos seus Estados, afim de desassombrar a Italia da visinhança

d'um inimigo terrível pela sua natural audacia, e pelos socorros que a Porta lhe fornecia. Começou pois a prevenir o necessario para a formidavel invasão, que meditava, fazendo armar quantos navios se acharam pelos portos de Hespanha e de Italia, abastecendo-os ao mesmo tempo de todos os aprovisionamentos de viveres, munições de guerra, e navaes; para o que se organisaram immensos depositos em Barcelona, porto escolhido, pelas vantagens da sua localidade, para servir de centro de reunião de todas as forças de mar e terra, da vasta Monarchia Hespanhola, e dos seus Alliados.

Era El-Rei D. João III o mais poderoso d'estes, pelas suas riquezas e forças maritimas, bem como o mais interessado no feliz resultado d'aquella empreza, em razão da posição topographica de Portugal, e extensão do seu commercio. Já desde o anno antecedente que o Imperador lhe pedira o auxilio de uma esquadra de vinte caravellas, e alguns navios grandes, indicando-lhe expressamente o Galeão S. João (*), ou Bota-fogo, que era a maior embarcação que então se conhecia na Europa.

Annuindo finalmente El-Rei aos rōgos do Imperador, mandou armar uma esquadra composta do Galeão S. João, duas Nãos, e vinte das melhores caravellas, com alguns transportes de munições, tudo guarnecido com dous mil e

(*) Fr. Manuel Homem, diz, que este Galeão continha 366 peças d'artilheria de bronze, contando com as que guarneciam dous altos castellos na pôpa e prôa. O Folheto attribuido ao Doutor Jorge Coelho, que parece ter sido escripto no reinado de D. João III, diz, que o tal Galeão fôra construido nas Portas do Mar, em Lisboa, pelo Mestre João Gallego, que empregou na sua construção 230 operarios, e só poudo deitar-se ao mar d'ahi a dez mezes; que a sua quilha tinha comprimento e meio da maior Náo da India; e tambem que tinha cinco baterias com 366 bôcas de fogo. Finalmente, diz I. da C. Quintella nos seus Annaes da Marinha Portugueza, que o celebre Galeão não seria provavelmente maior do que a Náo Hespanhola Santissima Trindade, de 140 peças, tomada pelos Inglezes na batalha de Trafalgar. De resto o dito Galeão existia ainda no anno de 1580, e esteve ancorado em Belem, com outros navios, para embarçar que a Armada de D. Filippe II chegasse a Lisboa.

quatrocentos soldados, além de muitos Fidalgos dos principaes, que foram como voluntários, movidos pela nobre ambição de ganhar honra em uma empresa, onde o maior Potentado do seculo arriscava a sua gloria.

Nomeou El-Rei por General da expedição a Antonio de Saldanha, o velho, Official muito experiente e de relevantes serviços; o qual embarcou no Galeão com uns seiscentos mosqueteiros, quatrocentos homens de espada e rodella, e trezentos artilheiros. Foram Commandantes das embarcações de guerra, Pedro Lopes de Sousa, D. João de Castro, Simão de Mello, Jorge Velho, Henrique de Macedo, Simão da Veiga, Francisco Rodrigues Barba, Ignacio de Bulhões, Antonio de Mansellos, Henrique de Sousa Chichorro, Francisco Mendes de Vasconcellos, Gaspar Tibão, Manuel de Brito, Balthasar Lobo Teixeira, Manuel Brandão, Nuno Vaz de Castello Branco, Thomaz de Barros, Francisco Homem, Antonio de Azambuja, Francisco Chamorro Garcez, D. Henrique de Sá e Balthasar Banha.

El-Rei deu a Antonio de Saldanha grandes poderes, tanto no criminal como no civil, sobre todos os individuos, que servissem n'aquella esquadra; e ordenou, que no caso de seu fallecimento lhe succedesse no Commando geral da frota, Simão de Mello, de quem El-Rei fazia bello conceito e que tinha na maior estima.

Saiu a esquadra de Lisboa em fins de março, e chegou a Barcelona n'uma noite dos fins de abril. Na seguinte manhã entrou no Porto, em linha de marcha, muito embandeirada, dando longas salvas d'artilheria e mosqueteria; e navegou ao som de todos os instrumentos bellicos uzados n'aquelle tempo, até que deu fundo. O Imperador, que tinha ido vér a entrada d'Armada para caza do Embaixador de Portugal, Alvaro Mendes de Vasconcellos, cujas janelas caíam sobre o mar, ficou por extremo setisfeito com tão estrondoso apparato.

Antonio de Saldanha desembarcou logo, acompanhado de todos os Commandantes das embarcações, e das pessoas mais distinctas, com ricos trajos e adornos, levando uma guarda de trinta arcabuseiros fardados de verde e branco. Apenas saltou em terra, logo encontrou os Duques de Alva e Cardona, com mais alguns Grandes de Hespanha, que tendo-o cumprimentado, o conduziram até ao palacio do Bispo, para onde o Imperador tinha ido esperal-os. Este Monarcha recebeu a Antonio de Saldanha e a toda a sua comitiva com as maiores honras e obsequios.

Poucos dias depois entrou em Barcelona o Principe Andre Doria, com vinte e duas Galés mui bem preparadas, e ao passar pela esquadra Portugueza, salvou com toda e sua artilheria e mosqueteria, sendo tambem correspondida do com outra salva semelhante. Occorreu aqui uma etiqueta militar: o Principe Doria, como General em Chefe de todas as forças navaes empregadas na expedição que se preparava, tinha o exclusivo privilegio de uzar do Estandarte Real; mas a mesma insignia levava tambem Antonio de Saldanha, o qual não era homem de ceder o campo a pessoa alguma. O Imperador decidiu então que o Estandarte de ElRei de Portugal, seu irmão, se conservasse tambem arvorado (*).

O Imperador embarcou-se na Galé do Principe Doria, e seguido de todas as outras Galés, foi passar revista a toda a Armada; em cuja occasião a esquadra Portugueza lhe deu uma salva geral, á qual responderam todos os mais navios surtos n'aquelle porto.

O celebre Infante D. Luiz, um dos Principes mais completos do seu seculo, sempre desejoso de achar-se em grandes empregos, para o que nunca tinha obtido licença de

(*) O general em chefe da Armada trazia então Bandeira no tope grande, e o Estandarte Real içado na pópa. Hoje largam-se nos topes todas as insignias. Couto, Memorias Militares. Tomo 2, pag. 154.

El-Rei seu Irmão, resolveu não perder uma tão bella occasião de satisfazer os seus desejos, e logo depois que a esquadra saiu de Lisboa, partiu elle secretamente da cidade de Evora, onde estava então a Côrte, acompanhado de André Telles de Menezes, Manuel de Sousa Chichorro, D. Fernando, Francisco Pereira, e Pedro Botelho, todos seus creados.

Como fosse brevemente divulgada a partida subita do Infante, expediu El-Rei de prompto pela posta o Conde da Castanheira D. Antonio de Atayde, que o ponde alcançar, e lhe entregou uma licença do Rei para continuar sua jornada, bem como um credito de cem mil cruzados. Deu igualmente El-Rei faculdade, e fez muitas mercês para o acompanharem, a D. Pedro de Mascarenhas, Lourenço Pires de Tavora, Ruy Lourenço de Tavora, Luiz Gonsalves de Atayde, D. João D'Eça, Tristão Vaz da Veiga, D. Garcia de Castro, Antonio de Albuquerque, Fernando da Silveira, D. Diogo de Castro, D. Francisco Coutinho, Belchior de Brito, Pedro da Fonseca, D. Affonso de Portugal, filho do Conde de Vimioso, D. Affonso de Castello-Branco, D. Antonio de Almeida, Ruy Mendes de Mesquita, e João de Sepulveda. Mais alguns Fidalgos se ausentaram sem licença para o mesmo fim, como foram, um outro filho do Conde de Vimioso, Luiz Alvares de Tavora, D. João Pereira, filho do Conde da Feira, Tristão de Mendonça, e João Freire de Andrade.

O duque de Bragança D. Theodosio tinha tambem partido em seguida do Infante, e o foi encontrar em Arronches, porém El-Rei o chamou logo á Côrte por uma carta de seu proprio punho, á qual o Duque se viu obrigado a ceder, ainda que com grande repugnancia; e começou a sua retirada com uma acção propria de seu nobre coração, distribuindo por pessoas necessitadas toda a sua bagagem, armas, e cavallo (*), e quioze mil cruzados em

(*) Historia Genealogica. Tomo 6, pag. 9.

dinheiro, que lhe restavam na mão do seu thesoureiro. Escreveu pelo mesmo tempo El-Rei a Antonio de Saldanha, recommendando-lhe que obedecesse em tudo ao Infante como se fosse á sua propria pessoa.

Chegando a Barcelona o Infante D. Luiz, o Imperador o esperou nas escadas do Paço, e o hospedou com todas as demonstrações e festas devidas a tão alto personagem.

Uns seis ou sete dias depois da chegada do Infante, embarcou o Imperador na Galé Bastarda, de tres mastros e vinte e seis bancos de quatro remos, toda dourada, e soberbamente mobilada e adornada, a qual mandára fazer o Príncipe André Doria, em Genova, para este mesmo fim. O Infante D. Luiz tambem aqui se embarcou com o Imperador, levando comsigo D. Pedro Mascarenhas e André Telles de Menezes.

Logo depois saiu de Barcelona toda a Armada, e apezar das ordens mais apertadas para se não receberem a bordo pessoas inuteis, nem mulheres, ao desembarcar em Tunes, se acharam d'estas ultimas mais de quatro mil. Sobrevindo um forte vento, fez espalhar os navios. As Galés tomaram guarida em Malhorca, e as embarcações grandes em Porto Mahom. Abonanzando o tempo, seguiu o Imperador sua viagem, e proximo do meado de Junho, ancorou na Bahía de Calhari, onde chegou da Italia o Marquez del Vasto, General da Infanteria, com um reforço de navios, e tropas d'aquelle paiz. Finalmente, por alguns captivos, fugidos de Tunes, soube o Imperador o estado das fortificações da Goleta, bem como os preparativos de deffensa de Barba Roxa.

Depois d'este ultimo acrescimo, ficou constando a Armada total, de quarenta Galeões, com navios redondos, sessenta Urcas, vinte e cinco Caravellas, e oitenta e duas Galés; não contando ainda com muitas embarcações ligeiras, que fariam chegar então a totalidade a mais de quatrocentas vellas. Era General das Galés Hespanholas D. Alvaro

Baçan. O Exercito, que recebia soldo, subia a vinte e seis mil infantes, e dois mil de cavallo, em que entravam uns oito mil Alemães, e cinco mil Italianos. Na Cavallaria haviam apenas uns oitocentos homens cobertos de completa armadura: o resto era armado á ligeira de couraças, capacetes, lanças e adagas. Os Voluntarios, ou Aventureiros (nome que se dava aos que não recebiam soldo) chegavam a dezeseis mil homens, dos quaes, uns serviam a pé, outros a cavallo.

Dois dias depois d'aquelle em que a Armada ancorou em Calhari, saiu d'esta Bahia em duas Divisões, a primeira composta da esquadra Portugueza e das Galés de D. Alvaro Baçan; e na segunda se comprehendia o resto dos navios de guerra; sendo n'esta que iam o Imperador e o General em Chefe Principe André Doria.

Tendo navegado dois dias, entrou na Bahia de Tunes, e no mesmo dia surgiu toda em Cabo Carthago, a cinco milhas da Goleta. (*)

Não tinha escapado, á perspicaz vigilancia de Barba Roxa, o armamento do Imperador, nem o seu verdadeiro destino; e pedindo auxilio ao Sultão, o qual embaraçado com as guerras da Asia, não pode conceder-lh'o obteve muita gente dos Governos da Barberia: e como a sua Armada não podia medir-se com a do Imperador, tomou a resolução de defender a todo o risco o Castello da Goleta, que fez fortificar o melhor que as circumstancias permittiam. O seu Exer-

(*) O Castello da Goleta tomou o nome do estreito Canal (em Hespanhol Goleta) em cuja entrada está situado, o qual se fechava todos os dias ao pôr do Sol, com uma grande viga atravessada da ponta, em que elle está fundado, para outra ponta fronteira, onde se acha o Banho ou prisão dos Escravos, a fim de evitar de noite a passagem de embarcações pequenas. O Canal tem bom fundo na entrada, mas espraia-se logo em um lagamar de doze milhas de comprimento e nove de largo, que vae acabar na cidade de Tunes, com tão pouca altura de agua, que só podem transitar por elle embarcações de remos, e ainda para isso é necessario ter alguma pratica das localidades, porque é cheio de alfaques.

cito compunha-se de oitenta mil Turcos, oitocentos Janisaros, oito mil Arabes de cavallo, e quatorze mil Mouros, uns lanceiros, outros frecheiros, sem disciplina: e querendo assegurar antes de tudo os seus thesouros, carregou vinte e seis Galês, em que os remetteu para Bona, e Argel. Entregou o Governo da Goleta, ao famoso Sinan, Renegado Judeu, com a flôr dos Janisaros e Turcos, e grande quantidade de manições; e elle se estabeleceu em Tunes, para d'alli inquietar o Exercito Imperial, e enviar soccorros ao Castello cuja communicação tinha franca, porque a sua Marinha occupava o Lago.

Depois do meado de Junho, tendo o Imperador mandado reconhecer o Castello pelo Marquez del Vasto, com vinte e duas Galês, fez desembarcar parte da Infanteria, e elle saltou tambem em terra no seguinte dia com o resto do Exercito. Ganhou-se facilmente uma Torre distante uma milha da Goleta; e o Exercito se alojou junto ás ruinas de Carthago.

Não sendo do objecto da nossa competencia a narração circumstanciada do cêrco, relataremos em summa os principaes acontecimentos. Barba Rôxa inquietava continuamente o campo do Imperador, aproveitando se das vantagens que lhe davam as localidades, por ser todo o paiz coberto de ruinas dos antigos edificios de Carthago, e de muitas vinhas, olivae, e valados, que offereciam milhares de posições favoraveis á pequena guerra, que elle mui bem sabia fazer; e Sinan não estava ocioso no Castello, d'onde fazia frequentes sortidas, o que dava occasião a uma multidão de combates, que causavam consideraveis perdas ao Exercito, sobre as que alem d'isso recebia das doenças procedidas do calor do clima, da ruindade e mesmo falta de agua, da má qualidade dos viveres, e das continuas fadigas. O Imperador accudia frequentes vezes aos rebates, sempre acompanhado do Infante D. Luiz, que era inseparavel do seu lado, e

dirigia o trabalho das trincheiras, que avançavam com difficuldade, por ser necessario acarretar de fora, nas Galés, todos os materiaes que alli tinham de ser empregados.

Pelo fim do mez de Junho chegou D. Francisco de Alarcão, General Veterano de grande reputação, a quem o Imperador chamava *Pae*, e que logo começou a fazer mudanças na distribuição e disciplina do Exército, e a adiantar muito os aproxes; prohibindo ao mesmo tempo as sortidas, que faziam com frequencia alguns destacamentos, para atacar os Mouros, que vinham escaramuçar, as quaes custavam sangue, sem que produzissem fructo algum.

Finalmente, apenas estiveram promptas tres baterias, nos lugares mais vantajosos para bater em brechia o Castello, com dezeseite canhões de mui grosso calibre, romperam o fogo no dia vinte e cinco de Julho (*) ao amanhecer, e ao mesmo tempo os melhores navios da Armada, em que entravam as Caravellas Portuguezes, atacaram da banda do mar, onde attraiu a attenção de todos o Galeão S. João, pela actividade do seu fogo, mui superior, e a cavalleiro de todos os outros navios. Os sitiados responderam com bastante valor a esta espantosa bateria de fogos cruzados, em que, da parte dos atacantes, se dispararam mais de quatro mil ballas d'artilheria.

No fim de seis horas já se viram largas brechas em todos os lados batidos; e o Imperador que esperava este momento, á testa do seu Exercito debaixo de armas, mandou fazer o signal para assalto, ao qual logo marcharam na vanguarda as tropas Hespanholas, a quem sempre dava a preferencia nas occasiões criticas, e que eram sem contradicção n'aquelle seculo as melhores da Europa.

(*) Francisco de Andrade traz o assalto a 25 de julho, a quem segue o Conde de Vimioso; Acenheiro diz, que foi a 21; o Anno Historico a 12; e Ignacio da Costa Quintella, nos seus Annaes da Marinha Portugueza, diz, (seguinto a Sandoval que lhe pareceu bem informado dos particulares do cerco) ter sido no dia 14.

Assim a Praça foi n'este mesmo dia entrada sem grande perda; e desembarcando ao mesmo tempo D. Alvaro Baçan com os soldados da guarnição dos navios, penetraram n'ella por outras brechas.

Sinan, depois de fazer os maiores esforços para rechegar os Christãos, vendo mortos mais de duzentos Janisaros, cada um no posto que occupava vivo, se recolheu por mara Tunes, tendo perdido ao total nas mil e quatrocentos homens.

Acharam-se no Castello quarenta canhões; e foram tomadas no lago todas as embarcações de Barba Rôxa, cujas equipagens tinham fugido com tal precipitação, que se esqueceram de lhes por fogo. Constava esta Armada de quarenta e duas Galês Reaes, muitas d'ellas de 26 a 28 bancos; entre estas a sua soberba Capitania; quarenta e quatro Galeotas, Fustas, e Bergantins; e vinte e sete navios redondos, além d'outros vazos mais pequenos, com setecentas peças d'artilheria, entre as quaes se contavam trezentas de bronze.

Trez dias depois da tomada do Castello, apresentou o Imperador á opinião do seu Conselho, se devia marchar sobre Tunes, para expulsar completamente a Barba Rôxa d'aquelle Estado, ou voltar para Hespanha, deixando a competente guarnição no Castello da Goleta? O Infante D. Luiz, e o Duque de Alva foram de voto que se marchasse á Conquista de Tunes, que era igualmente a opinião do Imperador; sendo esta a que se pôz em pratica, apezar de soffrer a opposição do maior numero de votantes.

Em consequencia d'esta deliberação do Conselho, marchou o Exercito, no dia immediato, para Tunes, e ainda que a distancia era de poucas milhas, o caminho offerencia terriveis obstaculos, tanto pela natureza dos terrenos, como tambem pelo insupportavel calor da estação n'aquelles climas, e pela falta de agua. Além d'isto, Barba Rôxa tinha reunido a uns seis mil Turcos, Janisaros, e Renegados, que

lhe restavam, um Exercito de Arabes, e Mouros, de mais de sessenta mil homens, onde se contavam vinte mil de cavallaria, e treze mil arcabuzeiros, com alguma artilheria ligeira; e estava maravilhosamente postado, ficando-lhe na sua rectagnarda os unicos poços, que por aquelles sitios se encontravam: era por tanto forçoso, que o Exercito Imperial os ganhasse do primeiro impulso, ou morresse á sêde, por se lhe haver já acabado totalmente a agua.

No terceiro dia depois que o Exercito tinha rompido a marcha sobre Tunes, parece que o Imperador, tendo reconhecido bem a posição vantajosa de Barba Rôxa, ficou perplexo, e perguntou a D. Fernando de Alarcão *o que faria em tão criticas circumstancias? Accometter já sem a menor delonga*, lhe respondeu este sabio General. O Imperador assim o fez, e logo á primeira carga das suas tropas se debandou toda a multidão dos inimigos, quasi sem combaterem, e com muito pouca perda, porque os vencedores estavam tão acabrunhados pela sêde e pelo calôr, que mal podiam mover-se, quanto mais irem-lhes no alcance. Barba Rôxa, desesperado pela infame cobardia dos Africanos, saiu aquella noite de Tunes, com os seus Turcos, e Renegados, e tratou de buscar salvação em Bona.

No dia seguinte, entrou o Imperador em Tunes sem o menor indicio de resistencia, tratando logo de pôr em liberdade perto de vinte mil captivos de diferentes Nações, que alli existiam então; mas os seus soldados commetteram ao mesmo passo alguns attentados, que n'aquelle primeiro impeto se não poderam evitar.

Logo no principio do mez de Agosto, assignou-se um Tratado entre o Imperador e Moley Hassan (que o havia acompanhado), pelo qual foi este Principe restabelecido no seu throno, cedendo á Hespanha o Castello da Goleta, e mais outras Praças maritimas, com varias clausulas que não vem aqui a proposito notarem-se.

Convoçou o Imperador outra vez o seu Conselho para saber se devia passar á conquista de Argel, empreza que parecia então da maior facilidade; mas infelizmente foi reprovada esta sua proposta.

Assim se concluiu pois esta brilhante campanha; e deixando o Imperador na Goleta, por Governador, a D. Bernardino de Mendonça, com mil soldados Hespanhoes, despediu mui dignamente a Esquadra de Portugal; mandando n'esta occasião entregar dois mil cruzados a cada um dos Commandantes Portuguezes; dos quaes foi D. João de Castro o unico que não quiz aceitar esta offerta.

Partiu então Antonio de Saldanha para Lisboa a dez de Agosto do citado anno de mil quinhentos trinta e tres, levando em sua companhia o Infante D. Luiz. Ancorou na Bahia de Calhari, onde se deteve cinco dias, e querendo sair d'alli, soffreu uma tão perigosa tempestade no Golfo de Leão, que o obrigou a arribar outra vez a Calhari. Quando veio a bonança seguiu de novo sua viagem, até que no dia trinta teve outro mau tempo, com que foi forçado a entrar em Palamos com seis caravellas. Aqui desembarcou o Infante D. Luiz, e proseguiu depois por terra a sua jornada.

Antonio de Saldanha, depois de ter reunido toda a sua esquadra, seguiu viagem para Portugal, e veio entrar no porto de Lisboa em o mez de Outubro.

CAPITULO X

ANNOS DE 1534 A 1537

SUMMARIO

Lançam os Portuguezes os principaes fundamentos á fortaleza de Diu, que foi logo depois governada por Nuno da Cunha. O ousado Diogo Botelho emprehende a sua viagem da India a Portugal n'uma pequena fusta; trama-se a bordo uma conjuração contra elle, em que ficou gravemente ferido; soffre ainda no mar alguns contratempos, que o obrigaram a vir ancorar na Ilha do Faial, d'onde parte a final para Lisboa. Começa o celebre Fernão Mendes Pinto as suas extensas peregrinações, que duraram até ao anno de 1559, em que recolheu a Portugal.

A vinte de Novembro do anno de mil quinhentos e trinta e quatro, foram lançado os primeiros fundamentos para a fortaleza de Diu, magnifico theatro das victorias Portuguezas, com licença do Rei de Cambaya Soltão Badhur, cuja obra foi concluida totalmente no curto espaço de tres mezes, e se lhe poz o nome de S. Thomé, sendo nomeado Nuno da Cunha para seu Governador. Estabelecida pois a fortaleza de Diu, ficou sendo da mais alta importancia, por isso que ella era a chave da India, e com a qual Nuno da Cunha seguiu aquelle Estado, coarctando ao Turco a navegação por aquelles mares.

Logo que El-Rei D. João III, recebeu a noticia de tão vantajosa fundação, rendeu graças a Deus com solemnes Procissões, e o participou ao Papa Paulo III, que igualmente o festejou com o Sacro Collegio dos Cardeaes, na Basilica do Príncipe dos Apostolos, com uma solemne e apparatusa Procissão; e pregando n'esta occasião o Mestre Theophilo, Eremita de Santo Agostinho, e Napolitano de nascimento, engrandeceu o zêlo da Religião d'El-Rei, e o que a Santa Sé Apostolica devia ao valor dos Portuguezes, os quaes com seus incansaveis esforços e penosissimos trabalhos tinham aberto tão largas portas para entrar a Christandade na Asia.

Foi Diu celebre theatro das incriveis proezas dos Portuguezes, tanto no primeiro sitio, que defendeu Antonio da Silveira, como no segundo de D. João de Mascarenhas, que D. João de Castro fez depois acabar; os quaes cêrcos serão sempre admirados pelo valor, e constancia dos sitiados. Estes, e outros insignes Capitães, fizeram nos Estados da India gloriosas as Armas d'El-Rei D. João III, e feliz o seu reinado; e ainda se fez muito mais com as Missões da Ethiopia, China, e Japão; e em outras remotas partes, onde mandou Ministros do Evangelho, entre elles a S. Francisco Xavier, que pelo seu zêlo, e virtudes mereceu o titulo de Apostolo do Oriente.

Foi no anno de mil quinhentos e trinta e cinco que Diogo Botelho (*) emprehendeu a sua tão arriscada viagem da India a Portugal; viagem que deve entrar em linha com as mais atrevidas acções do espirito humano.

(*) Esta viagem de Diogo Botelho é contada diversamente pelos nossos melhores Escriptores, acrescentando uns certas circumstancias, que outros omittem, e variando todos nas datas. Seguimos pois o que nos pareceu mais provavel.

Este Official, nascido na India (**) era filho natural de Antonio Real, Governador de Cochim, no tempo do Vice-Rei D. Franciscó de Almeida, e de Iria Pereira, que elle levára comsigo de Portugal; a qual tendo ficado rica, o educou com grande mimo. A inclinação natural o levou ao estudo da Geographia e das Artes Nauticas, em que fez admiraveis progressos pelo seu raro talento, constituindo-se um habil Piloto, e bello Artifice de Cartas Maritimas, emendando mesmo muitos erros dos antigos Mappas; sem que todavia estes estudos o arredassem do uzo das armas, a que o arrastava o seu genio audaz e emprehendedor.

Tendo assim adquirido uma bôa reputação, veio a Portugal, onde El-Rei lhe concedeu o Foro de Fidalgo, e o tratou com a maior distincção. Mas não lhe deferindo a um requerimento em que elle pedia o governo de Chaul, teve a grande imprudencia, Diogo Botelho, de soltar algumas palavras equivocas, em presença de D. Antonio de Noronha, Escrivão de Puridade, dando n'ellas a entender que tinha desejos de mudar de Reino; o que sendo sabido por El-Rei, lembrando-se do acontecido com Fernão de Magalhães, a quem Diogo Botelho nada cedia em valor, e ainda sobrepujava em conhecimentos, o mandou immediatamente prender no Castello de Lisboa, onde o conservou em bom recato até á época em que o Conde Almirante D. Vasco da Gama foi nomeado Vice-Rei da India; o qual então sendo importunado por alguns Fidalgos, a que desejava servir, pediu licença a El-Rei para levar comsigo a Diogo Botelho, o que lhe foi concedido, debaixo da condição unica que este não tornaria mais a Portugal sem uma ordem expressa do mesmo Rei.

(**) Vede a Chronica de D. João III, por Francisco de Andrade, Parte 3. Capitulos 13 e 14.—Castanheda. Liv. 8, Capitulo 52.—Couto, Decada 5. Liv. 1, Capitulo 20.—João de Barros, Decada 4, Liv. 6, Capitulo 14.

Chegando pois Diogo Botelho a Gôa, continuou a servir alli, indo passar os invernos para Cochim, onde tinha bons amigos; os quaes lhe faziam pagar com a maior pontualidade os seus soldos.

Andava elle espreitando sempre alguma occasião opportuna de poder vir a Portugal, porém d'um modo tão extraordinario, que claramente demonstrasse a El-Rei a sua pura fidelidade, e desmentisse ao mesmo tempo a quem lhe tinha ido dizer que elle queria deixar o Real Serviço do seu paiz. Com semelhante intento ponde obter faculdade do Governador Nuno da Cunha, para armar uma Fusta, em que fosse servir ao Estado, e a construiu em Cochim, (*) munindo-a logo de tudo quanto julgou necessario para uma comprida viagem. Era isto passado na occasião em que o Governador Nuno da Cunha estava tratando de negociar com o Sultão Badhur a construcção de uma fortaleza em Diu; e devendo sem duvida uma tão importante novidade ser promptamente communicada a El-Rei por via de um expresso, intentava Diogo Botelho ser o mensageiro d'uma semelhante nova. Com estas idéas foi a Baçaim, onde tendo deixado a sua Fusta, passou logo a Diu em outro navio.

Principiada a Fortaleza, saiu Diogo Botelho mui occultamente de Diu, e chegando a Baçaim espalhou alli que o Governador o havia mandado a Chaul; e fez-se de vella nos primeiros dias do mez de Novembro de mil quinhentos e trinta e cinco, levando apenas de equipagem cinco Portuguezes, que vinham a ser, tres creados seus, o Mestre, e um Manuel Moreno, com mais oito escravos marinheiros; e de carga uns quarenta quintaes de cravo, e os viveres e agua-da, que podia accomodar tão limitada embarcação. Partindo depois com maravilhosa monção abordou á Costa de Me-

(*) Castanheda diz que esta embarcação tinha vinte e dois palmos de extensão de quilha, doze palmos de bocca, e uns seis de pontal; mas estas dimensões parecem-nos algum tanto extraordinarias!

linde para se refazer de agua e mantimentos. N'esta travessia descobriu, tanto ao Mestre como aos outros Portuguezes o verdadeiro objecto da sua viagem, distribuindo logo a cada um d'elles certa porção de dinheiro, com promessas de mais ampla recompensa na sua chegada a Portugal: e como se não fiava dos escravos trazia constantemente vestida uma saia de malha, e uma espada curta á cinta.

Os seus receios, com effeito, não eram vãos, porque temendo elles os perigos, e trabalhos da navegação, se conjuraram para o matar, bem como aos mais Portuguezes, dos quaes vinham alguns bastante doentes; e um dia, que sobreveiu um subito aguaceiro, com o qual arreando as velas de pancada, estas cahiram ao mar accudiu toda a equipagem para as recolher; aproveitando este momento de confusão e de embarço, se levantaram os escravos, armando-se todos de fiskas, espetos, e machados, e uma espada que tinham furtado; atacaram o Commandante Diogo Botelho, e bem assim os cinco Portuguezes que iam, os quaes apesar de terem sido tomados de surpresa, se defenderam como uns leões, matando dois dos escravos e forçando o resto a deitarem-se ao mar, em que morreram tres afogados. Os outros tendo pedido perdão ao Commandante, este lh'o concedeu, recolhendo-se então para bordo da Fusta.

Morreu n'esta briga, tanto mais perigosa por isso que era sobre as aguas do mar, um Portuguez; ficou o Mestre ferido levemente, e Diogo Botelho mui gravemente, pois recebeu um formidavel golpe na cabeça, em consequencia do qual perdeu bastante quantidade de sangue, e esteve durante muitos dias sem falla; de maneira que sómente podia dar as suas ordens por acênos ou por escripto.

Antes de ter dobrado o Cabo da Bôa Esperança, o que verificou em Janeiro do anno de mil quinhentos e trinta e seis, soffreu Diogo Botelho algumas borrascas, que por duas

vezes chegaram a fazê-lo arribar; dirigindo a sua derrota para a Ilha de Santa Helena, não a poudo ver por causa da grande escuridão do tempo; e depois de padecerem por este transtorno muitas fomes e sêdes, chegou a Fusta á altura dos Açôres. A necessidade obrigou Diogo Botelho a ancorar na Ilha chamada do Faial, aonde recebeu agua e todos os necessarios mantimentos; e tendo mui habilmente enganado ao Commandante da Ilha (outros dizem Corregedor), que mostrava intenções sinistras e reservadas a seu respeito, se fez á vella para Lisboa, em cujo porto entrou, finalmente, no dia vinte e um de maio do ultimo anno acima citado.

Passados ainda bastantes dias é que chegou da India Simão Ferreira, que tinha saído pouco depois de Diogo Botelho, com as cartas, para El-Rei, do Governador Nuno da Cunha.

Posto que El-Rei de Portugal estimasse sobremaneira a noticia importantissima da construcção da Fortaleza de Diu, perdoou comtudo com difficuldade a Diogo Botelho, a sua deserção, e a falta de obediencia. Depois de examinar pessoalmente a Fusta, a mandou recolher em Sacavem; onde concorriam todos os Nacionaes, e Estrangeiros a verem, e admirarem um tão pequeno barco, que atravessára tantas mil leguas de um a outro Oceano. (*)

Foi no dia onze de março do anno de mil quinhentos trinta e sete que partiu d'este Reino de Portugal o celebre Fernão Mendes Pinto, levando uma Armada composta de cinco Náus. Chegaram a Moçambique, onde, depois de terem sido despachadas as embarcações, para poderem sair

(*) Já em nossos dias houve um caso mui semelhante a este, o qual tambem dá mostras de demasiado arrojo. Manuel de Oliveira Nobre, embarcando-se em um pequeno Cahique, teve a admiravel ousadia de fazer a viagem d'aqui ao Rio de Janeiro, para levar a El-Rei D. João VI, que então alli residia, a noticia da restauração do Algarve

d'aquelle porto, o Capitão da Fortaleza, Vicente Pegado, apresentou uma provisão do Governador Nuno da Cunha, para que as trez Náus de El-Rei de Portugal fossem d'alli a Dia, a fim de deixarem toda a gente da Fortaleza, por causa da suspeita em que estavam ácerca da Armada do Turco, que se esperava com brevidade; e por isso estava determinado que todas as embarcações que alli chegassem iriam a Diu deixar a gente que trouxessem. Sómte pois as duas Náus de mercadores obtiveram permissão de irem logo em direitura a Goa, depois de ter sido exigido um protesto dos que n'ellas iam debaixo de sua palavra de honra. As outras trez Náus tiveram que se dirigir a Diu, em cumprimento das ordens do Governador.

Tendo saído do porto de Diu, os trez navios que lá foram, depois de alli terem deixado toda a gente, excepto a tripulação e a officialidade, caminharam para Goa, onde pouco depois de terem chegado, foram despachados para Cochim, e tomando ali as competentes cargas voltaram immediatamente para Portugal, trazendo uma Náo nova intitulada S. Pedro, que tinha sido construída na India, e que conduziu um tal Basilisco, que depois se chamou o tiro de Diu.

Fernão Mendes partiu, no entretanto, de Diu para o Estreito de Méca, em umas fustas que d'alli saíram para irem saber ao certo o que havia a respeito da Armada do Turco. Estiveram quazi perdidos perto das Ilhas de Curia, Muria, e Abedalcuria; mas caminhando com bastante difficuldade para Sudoeste, conseguiram poder afferrar a uma ponta da Ilha de Socotará, onde repararam o que foi preciso nos navios, e tendo-se posto prestes, navegaram para Maçuá, chegando lá no curto espaço de nove dias; e encontrando perto d'esta paragem uma embarcação que havia vindo de Judá, a foram reconhecer, mas tendo-lhe despedido d'ella alguns tiros, se resolveram a responder-lhe

com outros, até que chegaram a mettel-a no fundo, depois de terem feito uma horrivel carnagem, a ponto de escaparem, de oitenta individuos que eram, apenas o Capitão e mais quatro. Pozeram então o dito Capitão em fortes torturas, par vêr se podiam colher d'elle algumas noticias das que buscavam, e conseguiram saber que a Armada do Turco já tinha saido de Suez. Continuando ainda a opprimil-o, disse-lhes que era portuguez renegado, e ainda mais algumas particularidades: depois do que o quizeram obrigar a voltar á fé de Christão; mas não tendo podido conseguir por modo algum, lhe ataram com cordas os pés e as mãos, e pondo-lhe um grande pezo ao pescoço o deitaram ao mar.

Desembarcaram logo depois em Maçuá, e d'ahi caminharam por terra até chegarem á fortaleza de Gileyor em que existia a Mãe de Preste João, com quem fallaram. Voltaram d'aqui para Arquico, aonde tinham deixado as suas fustas, e apenas lá chegaram logo se pozeram a bordo d'ellas.

Sairam d'este porto aos seis dias do mez de novembro de mil quinhentos trinta e sete, e encontraram no caminho trez navios Turcos, que os aprisionaram e os levaram debaixo de ferros para a cidade de Mecca; trouxeram-os alli um dia inteiro pelas ruas, soffrendo bofetadas da immensa multidão do povo, especialmente das mulheres, até que chegando a noite os metteram n'um subterraneo, depois de terem soffrido toda a especie de vituperio; alli jazeram dezesete dias, e durante este tempo tendo morrido dous d'elles, foram tirados da masmorra, arrastados por todas as ruas em signal de desprezo, e a final lançados ao mar.

Passados perto de tres mezes foram os sete Portuguezes restantes postos em leilão publico, sendo Fernão Mendes Pinto comprado por um Judeu, natural de Toro, pelo va-

lor de doze mil reis, a troco de tamaras. Depois o dito Judeu o levou para Ormuz, onde o vendeu ao Capitão da Fortaleza pelo preço de duzentos pardãos. D'aqui embarcou então Fernão Mendes Pinto para a India; fez depois muitas analyzes e curiosissimas descobertas, tendo para esse fim viajado bastante, e passado grandes perigos e trabalhos, até que veio ter a Malaca, onde deu conta a Pero de Faria de muitas cousas do maior interesse; e este depois fez de tudo sciente a El-Rei D. João III.

Saindo Fernão Mendes Pinto de Malaca, foi ter com El-Rei de Aru com uma carta, para lhe entregar, de Pero de Faria. Partiu d'este Reino, e depois de ter soffrido varios e desastrosos successos, o tomaram como escravo, e n'esta qualidade foi levado á cidade de Siacca. Alli se demorou até que ponde libertar-se e tornar para Malaca. Sendo, algum tempo depois, mandado por Pero de Faria ao Reino de Pam, para vêr se lá poderia obter alguma felicidade, no decurso da viagem encontrou perdidos no mar uns vinte e trez Christãos, que elle conduziu consigo para Pam. Quando voltou depois para ir a Malaca dar conta a Pero de Faria do que havia passado, foi-lhe tomada no caminho toda a fazenda da lancha onde ia, com o que Pero de Faria ficou bastantemente magoado.

Pouco depois, indo Antonio de Faria, á Ilha de Aynão em busca do Mouro Corsario Coje Acem, Fernão Mendes Pinto o quiz acompanhar; soffreram na viagem grandes transtornos e contratempos, chegando depois d'isto ao porto do Laylo; ao qual tendo abordado, fizeram alli todos os preparos necessarios, para irem pelejar a Coje Acem. Effectivamente depois de terem completado n'aquella paragem os precisos arranjos, foram encontrar o tal Mouro Corsario, e tendo-o batido fortemente, obtiveram por fim a victoria.

Partiram, em seguida d'isto, do Rio de Tirláu para irem a Lampô; mas supportando na viagem grandissimos peri-

gos, viram-se forçados ainda a irem accommetter a cidade de Nouday, por cauza de trez captivos Portuguezes que n'aquella terrase achavam; e chegando ás portas de Liampó, obtiveram alli novas da China, sendo, ao mesmo tempo maravilhosamente recebidos pelos Portuguezes que existiam n'esta cidade; os quaes até fizeram um grandioso banquete para festejarem a chegada d'aquelles hospedes.

De Liampó saíram depois em busca da Ilha de Calempui; tendo chegado á Serra de Gangitanou, fallaram alli com gente admiravelmente disforme, e exotica. Continuando seu caminho, navegaram até a Enseada de Nanquim, em cuja passagem soffreram tambem muito, mas livrando-se de todos os perigos poderam felizmente chegar á Ilha que procuravam.

Na volta, tendo naufragado perto de Nanquim, depois dos mais arriscados trabalhos e fadigas, foram dar a uma terra intitulada a villa de Taypor, onde lhes succedeu serem prezos, levados d'aqui á cidade de Nanqini, e em seguida, por cauza de appelação para a de Pequim. Bastantes incommodos passaram ainda antes de chegarem á cidade de Pocasser; d'onde tendo saído, navegaram para uma cidade a que chamavam Sampitay, entraram n'ella, e demorando-se apenas em curiosidades, foram d'alli analysar diversos outros portos Chinezes, desembarcando mesmo em alguns d'aquelles que ao simples aspecto lhes pareciam mais curiosos e importantes.

Em seguida chegaram á grande cidade de Pequim, já eram nove de outubro de mil quinientos quarenta e um, onde residia o Bei da China; estiveram alli prezos tempo mui sufficiente para terem notado os bellos uzos e costumes d'aquelle paiz, e foram depois levados em degredo para Quanzi. Mas pouco tempo se tinha passado, quando entrando os Tartaros n'aquella terra, os quizeram levar á presença do seu Rei que estava na cidade de Lançame,

onde effectivamente os conduziram; e d'alli ainda foram á de Tuymicão para onde o Rei fôra. Estiveram tambem na cidade de Quangináo, d'esta passaram á de Xolor, em que estava El-Rei de Cauchenchina. Com este partiram então d'alli para Huzangué; indo d'esta cidade á Ilha de Tanixumá, que vem a ser a primeira terra do Japão, ficaram aqui os habitantes muitissimo admirados por os verem atirar com as espingardas, e levaram a Fernão Mendes Pinto para o apresentarem ao Rei de Bungo.

Passado isto, embarcou-se Fernão Mendes Pinto para Tanixumá, e depois d'aqui outra vez para Liampó; porém sobrevindo-lhe um furioso temporal n'esta ultima viagem, soffreram um lastimosissimo naufragio, aonde morreram mais de sessenta pessoas da sua comitiva, de maneira que apenas uns vinte e quatro se poderam salvar em certo porto, o qual na seguinte manhã reconheceram ser da terra do Lequio Grande: e ainda passaram por terriveis embarços e apuros, antes que podessem aportar a Liampó.

D'esta terra se passou Fernão Mendes Pinto para Malaca, d'onde foi brevemente enviado pelo Capitão da Fortaleza a Martavão. Depois de andar correndo mais algumas terras, chegou ao Pegú, onde se achava então o Rei de Bramá. Mandando este sair alguma gente para ir sobre a cidade de Savadi, tambem foram na expedição os nove Portuguezes, que acompanhavam Fernão Mendes Pinto. Este foi ainda da India para Sunda, aonde se demorou um inverno inteiro; e d'aqui passou a Sião, de cuja terra saiu em companhia d'outros Portuguezes para ir com o Rei á guerra de Chiamay. Chegando outra vez ao Pegú, se embarcou Fernão Mendes Pinto n'aquelle porto, para Malaca, ainda mais uma vez; d'aqui passou ao Japão, e depois de novo para a China, em cuja viagem soffreu uma horrorosa tormenta. Ultimamente foi Fernão Mendes Pinto encarregado de uma embaixada ao Rei de Bungo; e depois de chegar á India

veiu d'ahi para Portugal, tendo-se já passado vinte e um annos desde o dia em que d'aqui havia partido. (*)

(*) Isto é unicamente um esboço muitissimo geral, das Peregrinações, que o proprio Fernão Mendes Pinto escreveu, e que foram publicadas pela imprensa a primeira vez no anno de 1614; tiveram varias reimpressões, de que a ultima se deu a publico em Lisboa no anno de 1829, 4 vol. in 12. Constando d'uma narração mui longa, onde elle conta as immensas couzas notaveis e estranhas que viu e ouviu, nos Reinos da China, Tartaria, Pegú, Martavam &c. &c; e em outros muitos Reinos e Senhorios das partes Orientaes; bem como todos os incommodos, privações, e desastres de que foi victima.

CAPITULO XI

ANNO DE 1538

SUMMARIO

Noticia relativa ao primeiro Cerco de Diu, que teve logar na época em que era Nuno da Cunha Governador Geral da India. O Rei de Cambaia pede soccorro ao Grão Senhor Selim, que lh'o concede, e manda forças sobre a India. Antonio da Silveira Menezes, Governador de Diu, se prepara para o Cerco, que logo começa. Valor incrível das mulheres Portuguezas. Retiram-se a final os sitiante e finda o Cerco, que é celebrado em toda a Europa.

Este memoravel cerco teve logar em o anno de mil quinhentos e trinta e oito, quando Nuno da Cunha era Governador Geral da India; mas a principal gloria d'esta grande acção coube a Antonio da Silveira Menezes, cunhado de Nuno da Cunha e Governador de Diu n'aquelle época.

Badhur, Rei de Cambaya, implorou soccorros contra os Portuguezes ao Grão Senhor Selim, e lhe enviou como excitante magnificos presentes. Ainda que o Sultão soube em pouco tempo o desgraçado fim de Badhur, não deixou por isso de tomar a deliberação de mandar forças sobre a India, persuadido de que o pequeno numero de Portuguezes que alli se achavam, mal poderia resistir ás suas armas.

Nomeou Chefe d'esta empreza, Solimão, Bachá do Cairo. Jámais escolha alguma pareceu tão singular. Este homem era Eunuco, de nascimento Grego, e de uma espantosa fealdade. Tinha oitenta annos de idade, e era mais grosso do que alto; de maneira que não podia andar sem o auxilio de quatro homens que o amparassem. Este bello chefe, tão agil como se vê, era alem d'isso dotado de um espirito muito limitado, e de uma crueldade horrivel. Foi pelo emprego da violencia, e supplicios que elle adquiriu os soccorros necessarios para uma expedição, que elle havia afiançado não se tornar onerosa ao Grão Senhor.

Tendo mergulhado em lucto, por suas atrocidades, as principaes familias do Egypto, partiu de Suez com uma esquadra de setenta e seis galês, sobre a qual trazia sete mil Janisaros, ou Mamelucos. As equipagens d'estes navios eram compostas de escravos christãos, e principalmente de venezianos, que elle fizera apprehender em Alexandria, em consequencia da ruptura do Sultão com aquelle Governo, sem contemplar e respeitar jámais o direito das nações.

Apenas se achou no mar, elle mandou metter em o numero dos remadores quatrocentos soldados; e sabendo que elles murmuravam d'isto, mandou cortar a cabeça a duzentos, meio seguro de obter dos outros uma silenciosa obediencia. O Chefe de Gidda sabia que elle tinha feito enforcar Mir Daul, Principe da Thebaida, afim de lhe reconhecer os serviços que este lhe havia feito prestando-lhe honras, e dinheiro: elle fugiu para o interior das suas terras, e escapou assim ao barbaro Solimão; porém o Soberano de Zebil teve a cabeça cortada. Aquelle de Adem lhe offereceu ricos presentes, Solimão tomou-lhe a cidade por surpresa, empregando n'esta acção os soldados, que por supplica sua tinham sido recebidos n'ella como enfermos. Este Rei, e os principaes Senhores da sua Côrte, chamados a uma conferencia, foram enforcados por ordem de Solimão. Tal era o

homem, ou antes o animal feroz com quem os portuguezes de Diu tinham a combater.

A Côrte de Cambaya, governada por Coge Çofar, tinha já começado hostilidades; elle habitava em Diu, e os Portuguezes tinham confiança em sua pessoa: mas tendo noticia que o Bachá se aproximava, elle fugiu com toda a sua familia.

Querendo, porém Coge Çofar encobrir a Antonio da Silveira Menezes o avizo que recebêra da vinda dos Turcos á India com uma grande Armada, porque lhe parecia que deitariam fóra d'alli os Portuguezes, cõusa que elle muito desejava, pois lhes tinha um odio mortal, posto que aparentemente se mostrasse seu amigo, determinou-se a sair secretamente com toda a sua caza e fazenda, tendo mesmo dito a Antonio da Silveira Menezes que lhe parecia pêta a vinda dos Turcos, por isso que El-Rei de Caxem e mesmo alguns mercadores de Meca lhe haviam escripto, dizendo-lhe que não sabiam de semelhante nova.

Para melhor dissimulação, fez constar que carregava uma Náu nova, que fizera havia pouco tempo, afim de a mandar a Tenaçarim, e em quanto executava esta apparencia da partida da Náu, mandou suas mulheres para Surrate, em companhia das de um Mouro honrado, que para lá se dirigia com toda a sua caza, descontente por o Governador lhe ter tirado a xabandaria de Diu; foram assim as mulheres de Coge Çofar, sem que ninguem tivesse a menor desconfiança de tal, visto que os Mouros tinham immensidade de mulheres. Depois d'isto passado, carregou uma noite, toda a sua bagagem em a Náu que elle dizia queria mandar a Tenaçarim, e aos vinte e seis de Abril de mil quinhentos e trinta e oito, dando mostras de ir ao bota-fóra da Náu, se escapou n'essa occasião propicia.

Esta desaparição subita de Coge Çofar, de Diu, produziu grandissimo espanto na cidade, especialmente entre os na-

turaes da terra, que logo começaram a conjecturar, que a retirada de Coge Çofar tinha sido para o fim de vir depois fazer guerra aos Portuguezes. Sabendo Antonio da Silveira Menezes, d'alli a pouco, que elle se achava em Surrate, escreveu-lhe algumas cartas, onde lhe mandava dizer, que se a sua precipitada saida de Diu, tinha sido motivada por alguns agravos, que lh'os mandasse declarar, pois estava muito prompto a desagraval-o, pedindo-lhe ao mesmo tempo mui instantemente, que tornasse para Diu, ao que elle nunca deu resposta; por cujo facto se produziram em Antonio da Silveira Menezes alguns receios de guerra, como pensava a gente d'alli, e empregou grandes diligencias no prompto acabamento de todas as disposições para a defenza.

Logo no Domingo immediato á partida de Coge Sofar aconteceu em Diu uma cousa, que pareceu como um prognostico das guerras, que os Mouros e Turcos fizeram n'aquelle anno á fortaleza: e foi que, os moços captivos tanto Christãos como Mouros, se dividiram em dous bandos, e por brincadeira, tendo-se armado de páus, pelejaram uns contra os outros; mas ficando os moços Christãos victoriosos, se resentiram tanto d'isto os Mouros, que logo protestaram que se haviam de vingar; no meado d'aquelle mesma semana tornaram pois a pelejar, já então ao sério, levando uns e outros artificios de fogo, mesmo preparados por elles; e além d'isso levavam os Christãos uma bandeira, com a Cruz de Christo, e os Mouros outra com a imagem de Mafamede: porém, ainda n'esta segunda lucta levaram os moços Christãos a palma da victoria; e por se fazerem muitissimo mal uns aos outros, lhes foi prohibido que continuassem n'aquellas pelejas.

Chegou então a Diu, a dezesseis de Maio, Fernão de Moraes, que aquelle anno foi de Portugal por Capitão d'uma Náu de carga, e por elle escreveu El-Rei ao Governador,

manifestando-lhe a certeza que havia da passagem dos Turcos á India. Esta noticia, porém, já Antonio da Silveira Menezes tinha tido por um tal Tristão Gomes, natural de Cezimbra, que sendo feito captivo por Barba Roxa, lhe fugiu, foi ter a Baçorá, e depois á India. Não podendo Fernão de Moraes navegar na sua Náu pela costa da India, visto que era inverno, se quiz dirigir a Gôa em um catur, mas quando chegou a Chaul já não pôde continuar a ir no catur, e caminhando então d'alli em diante por terra, levou finalmente as cartas d'El-Rei ao Governador de Diu, o qual logo se começou a fazer prestes, para no proximo futuro mez de setembro partir para Diu.

Antonio da Silveira Menezes conheceu então, que era inevitavel a guerra. Antes da sua partida de Diu, Nuno da Cunha tinha arrazado a quarta parte da cidade para estabelecer fortificações; isto em resultado da deliberação de um conselho, que elle tinha convocado, apenas soube, quando chegou a Diu, da bôca de Coge Sofar, que os Turcos vinham á India; e se accordou que se fizesse na praia um baluarte, e uma caza forte para morada do capitão do baluarte; o qual logo foi começado, tendo as paredes mais de vinte pés de largo; e cuja Capitania deu o Governador a um Francisco Pacheco, Juiz da Alfandega de Diu; tambem foi começada uma cisterna dentro da fortaleza, tão larga, que cada palmo de altura devia conter cincoenta toneis d'agua, tendo a dita cisterna ao total uns vinte palmos d'altura.

Ainda que o Governador esperava pelos Turcos, todavia, não quiz invernar em Diu, e foi para Goa, deixando a Antonio da Silveira Menezes, apenas seiscentos homens, dos quaes quatrocentos eram mal armados, e os duzentos restantes não estavam em circumstancias de poder pelejar; e levou toda a melhor gente comsigo; ficando assim a fortaleza de Diu em um eminente risco. De Goa, despachou

a Vasco Pires de Sam Payo para ir a Bengala com gente em soccorro do Rei, indo por Capitão de nove vellas, de que foram Commandantes, afóra elle, Antonio de Mello, Francisco de Barros e Paiva, Manuel de Mascarenhas, Christovão Doria, Diogo Rebello, e outros, mandando n'esta frota o Embaixador d'El-Rei de Bengala. Vasco Pires se dirigiu primeiramente a Cochim, d'onde partiu no mez de maio para Bengala.

Antonio da Silveira Menezes aperfeiçoou o melhor que poudes as fortificações. Fez tambem encher de agua a grande cisterna mandada construir por Nuno da Cunha, e que levava mil pipas de liquido. Reuniu provisões bastantes, desarmou os Mouros que alli se achavam, publicou ordens e ameaças severas contra aquelles dos habitantes que fugissem temendo o perigo, e fez mesmo enforcar alguns a quem estas ameaças não tinham podido embaraçar de se escaparem, e que foram apanhados na tentativa; em fim depois de haver feito uma bóa escolha de Officiaes, distribuiu pelos postos os seus soldados que eram bem pouco numerosos.

Coge Çofar, que desejava muito tomar a fortaleza de Diu, e por saber que mal provida estava de gente e de agua, foi-se a Champaner, onde se achava a Mãe do Sultão Badur, assim como seu neto o Sultão Mahamud, então Rei de Cambaya, que era ainda muito moço, e os trez Capitães, que governavam o Reino; e deu-lhes conta da disposição em que estava a fortaleza de Diu, affirmando-lhes ao mesmo tempo, que nunca mais teriam uma occasião tão bella para a tomarem.

Mahamud, então Rei de Cambaya, e que era sobrinho do Sultão Badhur, pôz em campo quinze mil homens escolhidos, entre os quaes se contavam cinco mil de cavallo. O exercito mencionado tinha por Chefe Lur-Khan, debaixo de cujas ordens Coge Çofar commandava. Este ultimo veiu

arreatadamente com trez mil homens de infantaria, e quatro mil cavalleiros, atacar as fortificações, que ainda não estavam acabadas. Desde logo se viu demonstrado de que os portuguezes seriam capazes durante aquelle cerco. Francisco Pacheco, que só tinha consigo quatorze homens, se defendeu com um vigor extremo, e deu lugar a que Antonio da Silveira Menezes pudesse auxiliá-lo. Coge Çofar foi ferido por uma balla em uma das mãos. Bem depressa reunido a Lur-Khan, espalhou as suas tropas na Ilha. Antonio da Silveira Menezes se viu obrigado não sómente a não se oppôr, mas até a abandonar a cidade aos inimigos, aos quaes o povo recebeu debaixo do titulo de seus libertadores.

Antonio da Silveira Menezes não podendo defender mais de que os lugares fortificados, viu ainda além d'isto apparecer no dia 14 de setembro a esquadra Ottomana, que vinha reforçar os inimigos, já tão numerosos em comparação das suas poucas tropas. O aspecto de semelhante frota era terrivel. Quatorze galéras reaes, chamadas Sultanas por causa da sua grandeza, formavam a ala direita ordenadas em esquadrão, e sete a esquerda; estas vinham da banda de terra e as primeiras da do mar; após estas seguiam-se todas as outras galéras e navios de peleja da Armada, e finalmente no centro vinham as Náus de carga. Logo se conheceu ser esta a frota dos Turcos pelo grande numero de navios de remos que trazia. Se os Portuguezes foram tocados d'uma grande surpresa, os Indios puderam pensar que armados tão formidavelmente, os Turcos eram senhores de lhes dar as leis, bem como aos seus inimigos.

Coge Çofar annunciou ao Bachá que o Cerco seria terminado em breve; e Solimão, por primeiro expediente, fez desembarcar setecentos Janisaros, que se espalharam pela cidade, commettendo excessos tão grandes e atrozes como se a tivessem tomado por assalto. Reunindo o insulto á fe-

rocidade, muitos pediram para vêr o General, e o insultaram puxando-lhe até pela barba. Alucán suspendeu o resentimento dos Officiaes, dizendo-lhes: «São estrangeiros, e é provavel que seja no seu paiz este o modo de sandar as pessoas.» Mas este veneravel ancião não tardou muito a se retirar do exercito para não ser objecto de tanta civilidade. Os Janisaros foram então, por uma fanfarronada, dar tiros de arcabuz, e atirar frechas, com que mataram seis dos Portuguezes; mas o fogo da praça lhes fez perder cincoenta homens mortos, alem de um grande numero de feridos.

Antonio da Silveira Menezes, tinha ordenado a Miguel Vaz que reconhecesse a Esquadra Turca de passagem, dirigindo-se depois a Goa para representar ao Governador de Diu, Nuno da Cunha, o aperto em que a fortaleza se achava, á vista de semelhante frota, e este Official executou a sua commissão com tanta intrepidez como ventura. Uma terrivel tempestade foi então mui vantajosa aos Portuguezes; o Bachá vio-se obrigado a procurar asylo em o porto de Madrefabat, aonde quatro de seus navios de carga se perderam. Os caixotes foram ter á praia, e os naturaes do paiz viram com susto que elles estavam cheios de sellas, e arreios de cavallo. Concluíram que os Turcos vinham com deliberação de se estabelecer n'aquellas terras, e tremeram recordando-se das crueldades por elles commettidas, durante a sua viagem, em Adem, e em muitos outros lugares. Então começaram a tomar por estes perigosos alliados sentimentos, de que os Portuguezes tiraram muitas vantagens.

Antonio da Silveira, como habil Capitão, se aproveitou da ausencia da Esquadra, que durou vinte dias, para pôr em bom estado as situações da praça menos fortes. As tropas de terra Turcas começaram tambem os seus trabalhos, levantaram baterias, e fizeram conduzir com muita diffi-

culdade de Madrefabat, um basilisco de uma grandeza extraordinaria. Construíram sobre uma barca de mais de oitenta covados de comprimento, (que pertencera ao Sultão Badhur, e que por sua extrema grandeza não podia navegar,) uma especie de torre de madeira, accrescentando-lhe a altura a ponto de ficar, como a do baluarte portuguez, e a mandaram encher com lenha, salitre, enxofre, e alcatrão, mistura esta que produz, depois de inflammada, muita fumaça; levaram-na depois para o meio do rio, onde a amarraram a quatro ancoras, duas do lado da montante e duas de jusante, para que alli ficasse bem segura até chegarem as aguas vivas, com que podesse boiar facilmente, o que por seu grande pêso não podia fazer com as aguas mortas; e isto com tenção de encostarem a machina ao baluarte, e ahi lhe lançarem fogo, para que o fumo suffocasse os Portuguezes, ou ao menos dêsse logar a podêl-os bater impunemente; o que, se tivesse sido levado a effeito, lhes produziria grande mal, sem duvida.

Antonio da Silveira Menezes os deixou continuar em seu trabalho, até que a machina incendiaria esteve prompta; então, julgando de conveniencia lançar-lhe fogo antes das aguas vivas, sobre isto reuniu conselho no baluarte S. Thomé, com os Capitães das differentes estações defensivas, a quem, tendo proposto o caso, pediu pareceres, relativamente á maneira porque se deveria lançar fogo á machina, e a pessoa que d'isso conviria encarregar-se. Francisco de Gouvêa, Capitão mór do mar, que estava presente, e a quem por seu officio competia a dita queima, foi o primeiro que fallou, e disse a Antonio da Silveira Menezes, que elle se promptificava a ir arriscar-se áquella perigosa empreza, visto que era em serviço d'El-Rei de Portugal. Antonio da Silveira Menezes lhe respondeu, que todos elles seriam testemunhas da mercê, que mereceria em o fazer; e ordenou, que n'aquella mesma noite fosse Francisco de

Gouvêa no catur de Miguel Vaz, que já tinha vindo de Goa, e que o acompanhassem Bartholomeu Fernandes, e Bastião Dias, Capitães de dous catures, para que todos trez simultaneamente largassem fogo á machina com panellas de polvora, levando nos catures espingardeiros, que em cazo de necessidade se deffendessem dos inimigos.

Assentado isto, quando foi noite, partiu Francisco de Gouvêa a fazer a obra que lhe fôra encommendada; mas apezar da grande escuridão, como o rio era estreito, foi logo presentido dos inimigos que vigiavam na margem, os quaes apenas o sentiram dispararam a artilheria que alli tinham assentada, e como reinava o maior silencio, tornou-se muito espantoso o estrondo subito da artilheria. Comtudo os remeiros dos catures, apertavam com tamanha força os remos, que parecia que voavam, e assim poderam, com a ajuda de Deus, escapar-se á nuvem de pelouros, que os inimigos sobre elles despediam, abordando á machina, que estava guardada por uns vinte Mouros, apresentando a perspectiva de uma alta e grande torre. Começaram logo a arremeçar-lhe para dentro muitas panellas de polvora, rocas, e outros artificios de fogo, que em breve incendiaram o alcatrão, passando d'este aos outros materiaes inflammaveis; e começando as chammas a levantarem-se, os Mouros trataram de se lançarem á agua para escaparem da morte, porém os Portuguezes os mataram todos na agua. Francisco de Gouvêa e os da sua comitiva, se conservaram sempre sobre rêmos, até que o fogo se ateou de maneira que já se não podia apagar; o que foi feito com grandissimo perigo dos que estavam nos catures, em razão de serem, durante todo este tempo, tão bastas as bombardadas e espingardadas, que sobre elles choviam, que só por um grande milagre escaparam a ellas. E consumida que foi totalmente a tal machina incendiaria, voltou Francisco de Gouvêa, debaixo ainda de vivo fogo dos inimigos, para o

logar d'onde tinha partido para aquella empreza, que tão cabalmente desempenhou, recebendo por isso os maiores louvores.

Quando a esquadra regressou, Solimão fez dirigir a artilheria contra o baluarte separado da fortaleza, e aonde Pacheco estava sempre. Com um punhado de gente, elle sustentou um assalto dado por setecentos Janisaros, e treze mil Indianos. Dois moços Portuguezes se assignalaram sobre tudo, e os Turcos tiveram a vergonha de, por fim, se verem obrigados a fazer uma triste retirada. Comtudo, Pacheco, não tendo esperanças de soccorro, e de se poder sustentar por mais algum tempo, capitulou. No dia immediato, se viu fluctuar sobre aquelle baluarte o estandarte Mahometano.

Um velho Portuguez, chamado João Pires, correu acompanhado de cinco outros valorosos, e tres vezes o arrojou por terra, erguendo outras tantas vezes o estandarte da Cruz. Em fim, estes guerreiros, dignos de melhor destino, pereceram debaixo do immenso numero, vendendo a grande preço as suas vidas. Os seus corpos foram lançados ao rio, e vieram parar junto da fortaleza. Houve todo o cuidado em dar-lhes uma sepultura christã; e os sitiados reputaram como milagre este acontecimento, pois que vieram alli aquelles corpos contra a corrente da maré. Quanto a Pacheco, e seus soldados, em breve tempo, depois de todas as humilhações, foram victimas do furor de Solimão.

Antonio da Silveira Menezes intimado para render-se, respondeu com bravura, deliberado a soffrer todos os males antes do que renunciar á sua gloria. Então o Bachá fez levantar seis baterias, em as quaes se montaram cem peças de artilheria, nove basiliscos, que lançavam balas de noventa a cem libras, e cinco morteiros, que se carregavam com pedras de seis, e sete pés de circumferencia. Estas relações não parecerão jámais exaggeradas a todos aquelles que tive-

rem conhecimento de que os Turcos usaram sempre de assás grossa artilheria, e que ainda hoje mesmo as baterias que defendem a passagem dos Dardanelios, teem muitos morteiros que lançam enormes balas de marmore. Pelo espaço de vinte e cinco dias fizeram successivo fogo as baterias levantadas em frente da fortaleza de Diu; logo desde os primeiros a maior parte da artilheria da praça foi desmontada, e as ameias das torres, e os parapeitos abatidos. Em quanto os Turcos alcançavam taes vantagens, foram estabelecendo trincheiras até ao fosso, que passaram, começando então a minar o baluarte, aonde Gaspar de Souza commandava.

Mas o intrepido Antonio da Silveira Menezes de nada se temia, pois que todos os seus postos podiam reciprocamente defender-se. Elle disputava o terreno passo a passo, e comparecia sempre nos lugares aonde o fogo era mais vivo. Debaixo de um tal chefe, erão todos os soldados heróes, e sem excepção lhes competem elogios, que nas acções militares, quasi sempre, só aos maiores, ou ao menor numero se concedem. Os combates, e as sortidas, diminuiam todos os dias a já tão limitada porção d'estes famosos guerreiros; e bem depressa lhes faltaram viveres, armas, e munições; até a agua da cisterna, sua unica bebida, corrompendo-se-lhes, occasionou entre elles o escorbuto. Os deveres que tinham a tributar aos mortos, e os cuidados para com os feridos, multiplicavam infinitamente seus trabalhos. Por fim já elles haviam perdido toda a esperança de soccorro, e comtudo o seu valor, a sua constancia não se desmentiram um unico momento. Faltam as expressões para se poder fazer completa justiça a tanta heroicidade.

Tem devido a historia conservar muitos rasgos dignos de admiração: eis-aqui alguns.

Um moço Hespanhol, nascido em Galliza, da idade de dezenove annos, e além d'isso de muito pequena estatura, ti-

nha, em uma sortida, acommettido um Mouro de estatura bastante gigantesca. Elle o perseguiu até ao mar, aonde entraram ambos. A sua pequenez lhe fez faltar o pé, e o Mouro aproveitou esta occasião para diligenciar afogal-o. O Hespanhol lhe deu então fortes e repetidos golpes, e depois de o haver morto, saiu d'agua, dirigindo-se com passos lentos á fortaleza, apesar de uma nuvem de balas, e frechas, dirigidas contra elle, as quaes lhe não fizeram damno algum.

João da Fonseca, ferido no braço direito, com que elle manejava dilligentemente a sua meia lança, mudou esta arma para a outra mão, e continuou a combater. Elle patenteou mesmo o seu descontentamento a Mendes de Vasconcellos, que duas vezes o exhortára para que se retirasse.

Penteado, perigosamente ferido na cabeça, fugio do Cirurgião no meio do curativo, para se ir metter no combate onde recebeu segundo golpe, mas voltou ainda a campo e não se retirou antes de ser ferido uma terceira vez.

João Rodrigues, homem cheio de vigor, e de coragem, foi sem duvida aquelle que durante este Cêrco memoravel fez mais damno aos inimigos; porque, arriscando-se a morrer, lhes arrojava panelas, e barris de polvora incendiados, que matavam, e feriam um numero consideravel de contrarios.

A estes rasgos de bravura se reune ainda o que praticou um soldado, que no calor da acção, falto de balas, arrancou um dente, e com elle carregou a espingarda.

O que é porém bem authenticado, e que jámais se deverá remetter ao silencio, é o valor das mulheres Portuguezas, igualando sem exaggeração alguma aquelle dos homens. Uma d'ellas, D. Izabel da Veiga, era esposa d'um honrado Official, que antes de começar o Cêrco quiz envial-a a seu pae, o qual existia em Gôa. Mas ella jurou que havia de viver, ou acabar em sua companhia. Quando os ataques co-

meçaram, ella, e Anna Fernandes, mulher do Cirurgião Mór, reuniram todas as outras mulheres, e lhes communicaram a deliberação de que estavam animadas. Então debaixo da conducta d'estas duas heroínas, as quaes a antiguidade teria elevado altares, ellas corrêram todos os perigos dos sitiados, envolvendo-se entre os combatentes, animando-os, e conduzindo-lhes em os lugares mais arriscados as munições, e armas.

Desde que as brechas foram praticaveis, e que as minas produziram os seus effeitos desastrosos, os sitiadores assaltaram ora o baluarte de Gaspar de Sousa, que já havia expirado, ora o de Lopes de Sousa que era muito mais fraco; mas por toda a parte as novas trincheiras que Antonio da Silveira Menezes mandava construir lhes obstavam, e a bravura dos soldados Portuguezes, mais do que tudo, contribuia para isso n'aquella occasião.

Um soccorro chegou n'este tempo aos sitiados. Foram vinte e oito homens em quatro pequenas embarcações, os quaes vieram resolvidos a correr a sorte dos seus companheiros de armas; elles communicaram, que D. Garcia de Noronha, mandado para succeder a Nuno da Cunha em o Governo, devia chegar em breve, e se disporia a combater a esquadra dos inimigos. O Bachá se indignou de que estas pequenas embarcações tivessem ousado passar por entre as suas, e querendo prevenir a chegada de D. Garcia de Noronha, fez dar um assalto ao baluarte do mar, de que Antonio de Sousa era o habil Commandante. De cincoenta barcos, que formavam o ataque, muitos foram mettidos a pique por tiros de artilheria, e os outros obrigados a fugir.

Mais irritado do que nunca, o Bachá se determinou a dar um vigoroso assalto geral; mas julgou que era melhor fingir que intentava retirar-se. O fogo das baterias cessou no dia trinta de outubro, e mil homens se embarcaram nas

galéras; mas na seguinte noite elle fez transportar aos fossos um grande numero de escadas.

Antonio da Silveira Menezes tinha conhecido o stratagemma, e se havia preparado para tudo o que podesse acontecer. Pela madrugada, quatorze mil homens foram divididos em tres corpos para formar o ataque, e a artilheria fez um terrivel fogo. O primeiro d'estes corpos correu a uma parte da casa do Governador, então quasi em total ruina; mas foi recebido com a maior resolução, e em uma tão cerrada turba todos os golpes infallivelmente se empregavam. Comtudo, duzentos homens com uma bandeira ganharam o alto do baluarte. Mas trinta Portuguezes unicamente, entre os quaes se distinguiram os dois amigos Martim Vaz, e Gabriel Pacheco, foram sufficientes para os rechaçar; expirando porém estes dois bravos mancebos no seio da victoria. Quatorze galeras não tiveram mais vantagem: Fernando Gouvêa as forçou a dirigirem-se ao largo depois de haverem desamparado duas.

O segundo corpo do exercito atacante chegou a arvorar quatro estandartes sobre a brecha; mas o apuro do mesmo risco fez que os sitiados se excedessem em bravura, e alli sobre todos se assignalou João Rodrigues. A artilheria do baluarte principal, e aquella do forte de S. Thomé, fizeram um terrivel estrago em as fileiras inimigas, e o terceiro corpo se viu depressa obrigado a substituir o segundo.

Elle não se comportou com o mesmo ardor dos dois primeiros, de que tinha presenciado as mui pequenas vantagens, e perdeu sobre tudo a coragem quando viu o genro de Coge Çofar envolvido, e abrazado vivo por uma panela de fogo artificial. Os Portuguezes pelo contrario fizeram esforços ainda mais prodigiosos do que d'antes, e emfim os inimigos foram obrigados a tomar por ultimo recurso a retirada, com perda de mil e quinhentos homens, entre mortos e feridos.

Seiscentos homens tinham resistido a vinte e dois mil; porém dos vencedores não restavam mais do que quarenta em estado de combater. Faltava-lhes polvora, as suas armas estavam em grande parte inutilizadas; mas não obstante tudo isto elles haviam jurado antes morrer, do que entregarem-se.

Qual teria sido o seu fatal destino se o inimigo tivesse conhecido a sua situação! Facilmente ganharia a praça, que os Portuguezes mal podiam defender; porém um acontecimento bem digno de coroar o sublime heroismo dos cercados, veio reanimar-os. O Bachá tomou, sem fingimento d'esta vez, a deliberação de levantar o sitio. Antonio da Silveira Menezes, que temeu um novo laço, fez subir ás muralhas até os proprios feridos que ainda podiam levantar-se, e mesmo muitas mulheres vestidas de homens, para impôr aos inimigos a apparencia de terem muita gente. D'este estratagem resultou que uma alegria viva e pura veio succeder ao abatimento em que se achavam os sitiados, os inimigos cada vez mais se afastaram.

A Côte de Cambaya havia poderosamente contribuido para esta tão vergonhosa retirada dos sitiados; pois ainda que o Bachá não tinha jámais deixado a sua embarcação, havia comtudo dado ordens com tanta brutalidade, e feito conhecer tão claramente as suas intenções, de subjugar aquelles que o haviam chamado em seu auxilio, que os Indianos começaram a temel-o muito mais do que temiam o dominio Portuguez. Coge Çofar, elle mesmo, presumindo, depois do ataque geral, que Antonio da Silveira Menezes, e seus bravos guerreiros não poderiam sustentar outro d'aquella natureza, escreveu uma carta em nome de um amigo seu, e a fez cair astuciosamente em o poder do Bachá. Parecia annunciar-lhe a proxima chegada de D. Garcia de Noronha com uma formidavel esquadra, e o Bachá não tratou de mais nada do que fugir o mais breve que lhe foi possivel.

Comtudo, o que restava do exercito de Coge Çofar, era, apesar das suas repetidas perdas, e da retirada dos Turcos, mais do que sufficiente para reduzir e derrotar os Portuguezes, e o risco portanto subsistia sempre; mas Coge Çofar viu entrar em o porto duas fustas de Antonio da Silveira Menezes. Conjecturou d'aqui que o resto das embarcações d'este Official não estavam longe; por outro lado elle se achava satisfeito de ter-se visto livre do Bachá: retirou-se finalmente depois de haver incendiado alguns bairros da cidade.

Solimão, sempre barbaro, deixou sobre a costa da Arabia um grande numero de feridos. Uns quarenta desgraçados Portuguezes caíram em seu poder durante a sua retirada. Mandou cortar-lhes primeiramente o nariz, depois as orelhas, e a final a cabeça, assim como áquelles que trazia prisioneiros; e fazendo salgar estes hediondos penhores da sua ferocidade, os enviou ao Grão Senhor. E' de consolação saber-se que este malvado, perseguido por uma Sultana favorita, e accusado de violencias, foi pouco tempo depois obrigado a enforcar-se para evitar o fatalissimo cordão.

O Cérco de Diu foi celebrado não sómente em Portugal, mas em toda a Europa. Quando Antonio da Silveira Menezes voltou á sua patria, o Rei de França, Francisco I, mui digno apreciador da virtude guerreira, mandou a Portugal buscar o seu retrato, e o collocou na sua galeria de varões illustres. A gloria de Antonio da Silveira Menezes era com effeito bem pura, e toda lhe pertencia; porque D. Garcia de Noronha nada fez, durante todo o sitio, em seu auxilio. Um escravo Portuguez, fugido de Constantinopla, tinha trazido a Lisboa a noticia das disposições hostis dos Turcos contra os Estabelecimentos Portuguezes em a India, dos preparativos consideraveis que se estavam fazendo em Suez, e da forte armada que elles alli preparavam para a invasão da India; e como era de necessidade enviar de prompto um

grande reforço áquelle Estado, El-Rei D. João III nomeou para Vice-Rei a D. Garcia de Noronha, Fidalgo de muita idade, sobrinho do Grande Affonso d'Albuquerque. O Conde da Castanheira empregou a maior actividade no aprestamento dos navios escolhidos (*) para formarem a esquadra do Vice-Rei; e havendo falta de gente para preencher o numero de soldados determinado em Conselho, publicou El-Rei um perdão para varias classes de criminosos, e commutou em degredo para a India as penas (inclusive a ultima) a que os outros estavam sentenciados.

Constava a esquadra de doze Náus completamente armadas; todas com os seus respectivos Commandantes, (**) e levando trez mil homens escolhidos, força a mais consideravel que os Portuguezes tinham mandado á India.

D. Garcia de Noronha chegou a Gôa em o começo do sitio. Nada o impedia de auxiliar Antonio da Silveira Menezes; mas não querendo ouvir os conselhos de Nuno da Cunha seu predecessor, contemporisou até que soube haverem-se retirado os sitiadores. Elle obrou mesmo como se fosse inimigo de Antonio da Silveira Menezes, porque, de baixo do pretexto de ir em pessoa soccorrel-o, começou por deter oitenta embarcações com gente, e provimentos que Nuno da Cunha havia preparado para enviar aos defensores de Diu.

(*) Gastaram-se n'esta esquadra trezentos mil cruzados sobre a despezas que custaria uma esquadra ordinaria de cinco Náus. Chronica de D. Sebastião attribuida a D. Manuel de Menezes.

(**) Em o numero d'estes se contava D. João de Castro, um dos heroes de Portugal, que era mui versado nas Mathematicas. De uma carta que este escreveu de Moçambique ao Infante D. Luiz, seu admirador, e amigo, em data de 3 de agosto, cheia de observações sobre a navegação e da resposta do Infante, se infere que elle levava alguns novos instrumentos nauticos de que queria fazer o ensaio.

Tempo depois Antonio da Silveira Menezes foi nomeado Governador Geral da India, mas esta nomeação não teve effeito, em o que Portugal de certo perdera muito. O bravo defensor de Diu, não teria talvez sido menos util em estes distanciados paizes, que elle tão exactamente conhecia, do que fôra o Grande, e incomparavel Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO XII

ANNOS DE 1539 A 1541

SUMMARIO

Concedendo El-Rei de Portugal a capitania do Maranhão a João de Barros, este se associa com mais dous individuos armando á sua custa dez navios, onde se embarcaram. Sofrem depois um naufragio mui fatal na Costa do Maranhão, que era então muito perigosa por não ser bem conhecida. Os naufragados voltam por fim a Portugal. Breve noticia de D. Estevão da Gama; até que chegando a ser Governador Geral da India, intentou fazer uma viagem ao Mar Vermelho, com desejo de destruir a armada dos Turcos, o que El-Rei tambem desejava. Navega com effeito com uma grande frota por todo o Golfo Arabico até Suez. Salta em terra em frente do Monte Sinai, onde arma alguns cavalleiros.

El-Rei de Portugal, havendo concedido a Capitania do Maranhão (*) de juro e herdade ao celebre Historiador João de Barros, associou-se este com Aires da Cunha, e Fernão Alvares de Andrade, e armando á sua propria custa dez embarcações, n'ellas embarcaram uns novecentos homens, e cento e trinta cavallos, saindo Aires da Cunha do porto de Lisboa, com a supracitada esquadra no anno de mil qui-

(*) Annaes Historicos do Maranhão Livro 1.º

nhentos e trinta e noye; e levando em sua companhia dois filhos de João Barros.

Todavia esta bella expedição foi muitissimo infeliz, por que, quando chegou ao Maranhão, cuja costa n'aquelles tempos, era quasi totalmente desconhecida, supportaram um horrivel naufragio todos os navios da frota quasi a um tempo, indo dar nos baixos que alli havia, e salvando-se apenas algumas pessoas na Ilha do Mêdo, proxima á grande Ilha, a que se deu depois o nome de S. Luiz. Os que puderam escapar da morte no naufragio, tomaram amizade com os Indios, e com elles conviveram perfeitamente; mas como não tinham meios para formar um estabelecimento solido, regressaram ultimamente a Portugal, d'onde tinham saído, a bordo dos navios aventureiros, que ás vezes appareciam n'aquellas Costas.

Antes d'esta expedição já o hespanhol Diogo de Ordaz tinha apprehendido outra, em mil quinhentos e trinta e um, na qual perdeu um dos seus navios, o que o obrigou a abandonar aquellas paragens perigosas. Cumpre ainda advertir que, n'aquelles tempos se denominava Rio Maranhão o das Amazonas, até que, no anno de mil quinhentos e quarenta e dois, o capitão Francisco de Orelhana, tambem hespanhol, fez a sua descoberta e lhe deu o nome, fundado n'uma historia fabulosa, de Amazonas, o qual ficou conservando.

D. Estevão da Gama foi o segundo filho de D. Vasco da Gama, primeiro Conde Almirante, o qual descobriu a India. Seguiu a carreira das armas, e serviu muito tempo nos Estados da India, onde adquiriu uma grande reputação tanto de valor como de probidade. No anno de mil quinhentos e vinte e quatro, quando seu pae foi pela terceira vez á India, a fim de ser seu Governador Geral com o titulo de Vice-Rei, D. Estevão da Gama o acompanhou, já no posto

de Capitão mór dos mares da India, que era um dos mais importantes cargos depois do de Governador Geral, e que sómente se confiava a pessoas d'uma honradez e capacidade a toda a prova.

No anno de mil quinhentos e trinta e oito, voltou áquelles Estados em companhia do Vice-Rei, que então para lá ia, D. Garcia de Noronha, indo elle por Capitão da Náo Santo Antonio, e D. João de Castro como Commandante da Náo Grifo. Ia provido por El-Rei na Capitania de Malaca, onde d'esta vez serviu pelo espaço de tres annos, tendo-a já antes d'isto servido o tempo de dois annos, que restavam do tempo por que a teve seu irmão mais moço D. Paulo da Gama. Achava-se em Gôa, depois de ter acabado de funcionar como Capitão de Malaca, quando morreu o Vice-Rei D. Garcia de Noronha. Falecido o qual, e estando seu corpo depositado na Capella mór da Sé de Goa, antes que tratassem de o enterrar, abriu o Vedor da Fazenda o Cofre em que existiam as successões da Governança da India, estando presentes todos os Fidalgos, bem como os Officiaes, e sendo aberta a primeira successão, n'ella se achou o nome de Martim Affonso de Souza, o qual já tinha ido para o Reino. Tirou-se a segunda successão, que sendo igualmente aberta, se achou n'ella D. Estevão da Gama, o qual estava presente, e que por isso foi immediatamente levado nos braços de todos, e logo alli mesmo lhe fez o Vedor da Fazenda entrega de toda a governança da India, pela ordem e regimento do Estado, dando d'ella a menagem nas mãos do Capitão da cidade, e finalmente prestou depois o juramento de cumprir todas as obrigações inherentes ao seu novo cargo.

Logo que D. Estevão da Gama começou a entrar no amago das cousas do governo do Estado, que lhe fôra incumbido, bem depressa levantou seu pensamento a uma cousa, que já tinha sido intentada por seu pai, e que demais

d'isso, elle achou muitissimo recomendada nos papeis do fallecido Vice-Rei D. Garcia de Noronha, por repetidas communicações e cartas de El-Rei de Portugal, e que vinha a ser o fazer uma viagem ao Mar Vermelho, com o fim de queimar, se lhe fosse possível, as náus dos Turcos, que andavam por aquellas paragens, especialmente as galés que se achavam surtas no porto de Suez.

Para semelhantes intentos começou por preparar e equipar completamente uma grossa armada; e depois de a ter já prompta, apparentando um dia que queria ir dar uma vista d'olhos á fortaleza de Diu, saiu da barra de Gôa, dobrou em seguida para o seio da Arabia, e chegando perto do Monte Sinai, saiu em terra ao pé d'elle, onde armou alguns Cavalleiros, segundo o costume e grandeza de todos os Governadores d'aquelle Imperio. Foram dos principaes D. Alvaro de Castro, filho primogenito do grande D. João de Castro, e D. Luiz de Atayde, que depois veio a ser por duas vezes Vice-Rei da India.

Governou durante o período de dous annos e um mez, no fim dos quaes, depois de ter entregado o Governo Geral da India a Martim Affonso de Sousa, seu successor, se retirou para Pangim: embarcando na entrada do mez de Janeiro de 1542 em a Náo Bargaleza, e chegando a Portugal com mui prospera viagem, foi desembarcado por todos os grandes senhores, os quaes o levaram á presença d'El-Rei, que o recebeu com o melhor agrado possível.

Já nos ultimos annos da sua vida lhe foi offerecido o Governo Geral da India, que elle não quiz acceitar. Serviu o cargo de Governador da Cidade de Lisboa; sendo sempre tido por um Fidalgo muitissimo liberal.

Nunca foi cazado: teve apenas um filho natural unico, chamado D. Vasco da Gama, o qual deixou por seu herdeiro, e que, depois da morte de seu pae D. Estevão da Gama, contrahiu matrimonio com uma filha de André Telles, que era Mordomo mor do Infante D. Luiz.

Terminaremos esta noticia muito geral a respeito de D. Estevão da Gama, dizendo, que este honrado heróe Portuguez, jaz enterrado na Vidigueira em um Convento de Carmelitas que existe, com o titulo de Nossa Senhora das Reliquias, onde tem uma capella dotada, e um letreiro sobre a sepultura que diz:—*O que armou Cavalleiros no Monte Sinai, veio acabar aqui.*—Este epitafio, que se escreveu sobre a sepultura de D. Estevão da Gama, alludia a ter elle na sua viagem por todo o Golfo Arabico, saltado em terra proximo do Monte Sinai, e armado alli varios Cavalleiros.

FIM DO IV VOLUME